DOMESTICANDO
O
DRAGÃO

"APRENDIZAGEM ACELERADA
de LÍNGUAS ESTRANGEIRAS"

"Open Learning Language System – OLeLaS"
Walther Hermann
1.999

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este livro é um programa de aprendizado de idiomas interativo. Serve para reativar aquelas formas de aprender língua que possui uma criança e tornar mais fácil e natural a conquista deste desafio.

Metaforicamente, pode ser compreendido como um "LUBRIFICANTE" para a aprendizagem de línguas estrangeiras, servindo para desbloquear a conversação e ativar o vocabulário já adquirido anteriormente em outros cursos convencionais. Na prática é a transcrição do seminário "Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras" (que possui 19 horas de duração e, normalmente, acontece em um único final de semana) cujo nível de satisfação dos participantes tem permanecido entre 90% e 95%.

Para compreender melhor este programa que possui como conceito central a conquista de AUTONOMIA na aprendizagem, podemos compará-lo ao "aprender a pescar" em vez de passar anos "comprando peixes". Corresponde a até dois anos de estudo em um curso convencional e chega a economizar até 50% do tempo necessário para se falar outras línguas.

Considerando a natureza prática deste programa e a linguagem circular de apresentação das experiências propostas, este livro pode ser também considerado como um manual básico de aplicação de hipnose generativa à educação. Não obstante, sua linguagem serve para iniciantes e leigos.

Simplificadamente, a tecnologia aplicada, Flexibilização de Estados de Excelência em Aprendizagem (F.E.E.A.), pode ser entendida como uma estruturação da linguagem que estimule a aprendizagem por "insight", por descoberta e pela intuição, ou seja, a própria aprendizagem profunda. Desta hiperestimulação do estilo de processamento predominantemente de hemisfério cerebral direito decorrem uma série de "ganhos secundários" tais como: dinamização da criatividade, melhora de concentração e memória, gerenciamento inconsciente do estresse, melhora na comunicação interpessoal e intrapessoal, maior facilidade de falar em público, além do aprendizado da língua estrangeira escolhida.

É um livro simples, porém profundo em seus efeitos. Possui partes complementares que podem ser lidas fora da ordem dos "capítulos", de acordo com o interesse do leitor e proporciona uma nova compreensão dos processos de aprendizagem num contexto que transcende a aprendizagem de idiomas.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

Todos os agradecimentos, como de costume, são muito especiais:

Àquele(s) Cujos Nomes são vários e que torna(m) a Existência possível;

a você, leitor, para quem a obra foi empreendida;

aos muitos mestres: Richard Bandler, Ernest Rossi, Stephen Gilligan, Jeffrey Zeig, Bradford Keeney, Robert Dilts, Ruy Cézar do Espírito Santo, Eliezer C. Mendes, Meyr Ben-Hur, Dr. Chen Guo Suo, John Grinder, Lama Padma Samten (Alfredo Aveline), Nestor Reinoldo Müller e muitos outros;

ao meu assistente e amigo Odair José Comin;

aos irmãos e amigos que participaram deste empreendimento das mais diversas formas, conscientemente ou não: Kátia Regina Monteiro, Miriam e Hélio Torrano, Luiz Modesto e Beatriz Barboza, Célio Antônio da Silva, Betânia e Eduardo Benithe, Gilson da Silva Domingues, Rodolfo Lepri, Marisa Guerreiro, Sônia Maria Bonici, Andréa Cassemiro, Amir Zoschke, Fernando Sheldon Fº., Laudenir Braccialli, Valter V. Ribeiro, Edson L. Chaerki, Luiz Alberto Sanchez, Renata Borges, Lorene Soares, amigos do Projeto IDEAL e muitos outros.

PREFÁCIO

Quando Walther me convidou para escrever este prefácio, confesso que fiquei em dúvida se aceitaria essa incumbência, pois pouco conhecia sobre o Programa de Treinamento de Estratégias de Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Mas o convite muito me lisonjeou e conhecer a proposta e os fundamentos do método de trabalho contido em "Domesticando o Dragão" foi o passo inicial de um caminho repleto de descobertas e aprendizagens significativas.

Quem me conhece mais de perto sabe que minha atividade profissional e o meu trabalho como editor da Revista T&D me obrigam a estar em contato com o "estado da arte" da ciência do conhecimento humano. E, sem dúvida, essa incessante busca por informações e novos conhecimentos tem me proporcionado, ao longo desses anos, critérios muito objetivos para avaliar o que vale a pena ser lido, aprendido, utilizado e publicado.

Por tudo isso eu me sinto seguro ao afirmar que "Domesticando o Dragão" é uma obra que vale ser lida e praticada.

Conhecer o método foi um processo instigante que me permitiu trabalhar percepções e idéias que estavam adormecidas e inoperantes. A leitura, a cada momento, mais e mais me motivou para um aprofundamento do conteúdo bem trabalhado e cuidadosamente estruturado.

Gradativamente comecei a descobrir neste livro uma ferramenta poderosa para a eliminação de obstáculos que tão comumente nos auto-impomos em processos de aprendizagem vivenciada, principalmente nas questões relacionadas à aprendizagem de um novo idioma.

Entretanto, a proposta deste livro vai muito além da simples (e complicada) aprendizagem de uma língua estrangeira. Nele, o autor cria oportunidades de operarmos melhor todas as nossas potencialidades, fazendo com que possamos atingir mais rapidamente nossos objetivos.

Claro que cada pessoa vai tirar um proveito diferente de sua leitura e é exatamente sobre essa premissa que o livro se apóia no seu propósito de ensinar. Ele respeita e potencializa os recursos pessoais, respeitando as diferenças e potencializando o que cada um de nós tem de melhor.

Marcos A. Baumgartner

DEDICAÇÃO

À Natureza, ao Universo,
à universalidade e à Grande Obra
da qual fazemos parte mesmo antes de saber.

Percebemos que existe vento ao observar os movimentos das folhas e das árvores através da janela. Concluímos que choveu durante a noite ao observarmos as plantas, os carros e as ruas molhados pela manhã.

Da mesma forma, percebo a presença de meu Mestre. Não porque o vejo ou escuto conscientemente, mas pelas evidências ao longo da minha existência. Nos momentos de dúvida ou de desamparo, Ele aparece como uma criança, dentro de mim mesmo, de repente, indicando a beleza do mundo e das coisas simples, apontando para a poesia dos sentimentos, às vezes contraditórios ou melancólicos, que se sucedem, seguidos de profunda convicção e fé no caminho natural das coisas e de uma esperança de poder presenciar e participar da construção de um mundo melhor para todos.

Esses instantes de expressividade cristalina, em algumas ocasiões, fizeram parte de um dia de trabalho transcrevendo as histórias e as vivências dos workshops. Também estiveram presentes naquelas ocasiões e oportunidades de introspecção que precedem o adormecer. Momentos que, para muitos de nós, só não nos comovem mais profundamente devido ao torpor do sono aproximando-se e pelo fato de, comumente, serem esquecidos ou ignorados por aquela identidade social e normal que incorporamos durante a atividade diária.

De fato, com grande naturalidade, podemos nos surpreender com os pensamentos, os sentimentos e as impressões que nos assaltam a vaga consciência que antecede o adormecer e que, apesar de tudo, são provenientes de nós mesmos, quem sabe... E nos indicam que somos muito mais do que aquilo que acreditamos. Observe os sonhos, os ideais e as motivações interiores que temos oportunidade de identificar até como se fôssemos, eventualmente, outra pessoa, nos momentos em que abrimos mão da ação e nos oferecemos à sabedoria do descansar. Como é doce confiarmos no fato de acordarmos após um período de repouso ao qual nos abandonamos de forma tão natural e conhecida.

Ainda assim, para alcançar, identificar e aceitar essas diferentes formas de existir que convivem dentro de cada um de nós, passaram-se muitos anos de árduo trabalho de libertação por meio do conhecimento, do convívio e da prática de desaprender todos aqueles hábitos necessários ao processo de ambientação, sociabilização e aculturação que acabam moldando nossa percepção e nossa identidade. Há muito experimentamos diferentes dimensões de nosso ser mas, para chegarmos a aceitá-las como parte de nós, algum tempo será investido para nos libertarmos de nossa própria crença a respeito de quem somos (considere que os seres humanos ainda não se utilizam e não expressam integralmente a completa dimensão de suas potencialidades e que sua identidade e auto-imagem são estruturadas a partir de uma pequena parcela de possibilidades).

PRÓLOGO

Este empreendimento, que se transformou em livro, é a transcrição adaptada de um **seminário intensivo instrumental** de **Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras**, realizado a partir da utilização de uma metodologia de aprendizagem denominada **Flexibilização de Estados de Excelência em Aprendizagem (FEEA)**.

A principal finalidade dessa iniciativa é desmistificar e desobstruir o caminho para que as pessoas possam obter, finalmente, competência para falar fluentemente outros idiomas.

Se eu pudesse afirmar, diria que, hoje, em nosso país, talvez entre 80% e 90% das pessoas que se iniciam no aprendizado de idiomas em algum método convencional não conseguem atingir com sucesso os objetivos que, inicialmente, as conduziram a essas escolas. A quantidade de insucessos dos cursos tradicionais de línguas tem levado a maioria dos candidatos a aprender a falar outros idiomas a acreditar que é bloqueada ou que possui alguma dificuldade.

Porém, sabemos que, em outros países, por exemplo, na Europa, dominar um idioma já é parte da cultura, e cada indivíduo sabe, em média, três ou quatro deles. Certamente, também a quantidade de escolas de línguas, nesses países, não se aproxima da nossa densidade populacional de cursos.

O programa **Open Learning Language System (OLeLaS)** tem por objetivo principal "lubrificar" nossas "ferramentas" mentais para resgatar a competência de aprender naturalmente – afinal, cada um de nós, provavelmente, conhece alguém que aprende um outro idioma com facilidade.

Quando iniciei a divulgação desta tecnologia junto a escolas de idiomas, buscava despertar o interesse dos empresários e coordenadores dessa área de ensino para a importância do aprendizado natural. Propunha-me a fazer um trabalho específico, com os "piores alunos". Não encontrei interesse. Concluí que aquelas instituições não estavam dispostas a modificar o status dessa realidade – triste.

Então, por uma questão conceitual e mercadológica, escolhi uma forma de apresentar os conteúdos aqui expressos de forma bastante agressiva: "Aprenda Inglês Através da Hipnose". Minhas intenções eram diferenciar, definitivamente, meus trabalhos, pesquisas e descobertas do que havia disponível no mercado até então.

Evidentemente, essa "embalagem" do produto atraía uma pequena parcela da população insatisfeita com os resultados obtidos nos métodos convencionais: aqueles que, tendo acesso às informações divulgadas, integravam o grupo dos 5% de pessoas disponíveis, receptivas, curiosas ou já beneficiadas pelas práticas relacionadas à utilização da Hipnose.

A julgar pelas experiências de vida presentes em minha educação, afirmo que a hipnose é uma prática bem mais sofisticada do que aquela divulgada pela imprensa. De início, graças à minha formação básica acadêmica exata, tive muitos preconceitos. Iniciei-me nessas práticas sem saber que integravam o corpo de práticas de hipnose, como atleta. Tinha como principais objetivos melhorar o meu desempenho esportivo. Por essas razões, concluí que essa ciência, a Hipnose, é

muito mais do que consideram, individualmente apenas, os modelos médico, terapêutico, de demonstrações de palco, esportivo, místico ou religioso. Hipnose é apenas uma das possíveis formas de se cultivar os diferentes estados de consciência nos quais existimos, o transe – parte das mais universais experiências humanas. Por intermédio dessas considerações, fica evidente a grande dificuldade de definir o que é Hipnose – ciência e prática com a qual convivo já há vinte anos.

A própria escolha do título deste livro foi povoada de dúvidas. Principalmente considerando os mais diversos resultados obtidos e descritos pelos clientes participantes deste programa.

Atualmente, entretanto, evito uma menção muito explícita a esta palavra tão controvertida que é a Hipnose, para poder proporcionar os seus resultados a uma quantidade maior de pessoas. Não obstante, ficaria muito feliz se este empreendimento pudesse também ser reconhecido como um manual de Hipnose Aplicada à Educação. Enfim, estaria concretizando um dos meus sonhos: desmistificar essa ciência que conquistou uma fama tão ruim, em minha opinião, graças às demonstrações de palco – em geral, apresentações de poderes e influências que não acrescentam nenhum resultado positivo ao sujeito, exceto o temor de ser manipulado ou de ser ridicularizado.

Assim, o presente desafio ainda me encoraja a permanecer nesse caminho, especialmente pelo índice de aproveitamento do programa. O seminário **Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras – OLeLaS** mantém até hoje, início de 1.999, um grau de satisfação dos participantes que permanece entre 90% e 95% – atestados, em geral, pelos depoimentos de acompanhamento dos resultados obtidos por esses clientes, uma ou duas semanas depois de concluído o seminário. Desde a primeira turma experimental, foram realizadas aproximadamente quarenta turmas com quase quinhentos alunos no total. Naturalmente, algumas adaptações foram feitas, incluindo-se contribuições de muitos de meus clientes numa dimensão cognitiva e experimental e, com certeza, de todos os participantes numa dimensão inconsciente – desde os mais atuantes até os menos participativos aparentemente, incluindo os que desafiaram e transgrediram os limites do meu conhecimento e experiência profissional. Sou grato a todos. Aqui estão os resultados de todas essas relações e interações.

Enquanto educador de profissão, não de formação, tenho convivido já, há quase vinte anos, com muitas experiências que me conduziram a formular algumas conclusões. Vivências, livros e incontáveis horas de cursos, seminários e conversas me levaram, através da observação, intuição, experimentação, raciocínio e quem sabe o que mais, a formular muitas idéias e pensamentos já existentes, talvez, há muito tempo nas mentes e corações de outros cientistas. Quem sabe essas contribuições sejam tão antigas quanto o anseio humano de se comunicar. Não obstante, lembrando os comentários de um colega, também acredito ser um cientista – há muitos anos pesquiso **ciência**, cons**ciência**, pratico pa**ciência**, obed**iência**, "et**ciência**".

Não sou representante do pensamento acadêmico. Também não tenho participado da construção de nenhum modelo científico ou conhecimento formal academicamente constituído. Sou um **explorador**. Dessa forma, muitos dados precisos podem ter-me escapado e as citações de fontes científicas, com certeza, deixam muito a desejar – alguns dados esperaram em minha memória por talvez quinze ou vinte anos para serem registrados. Se tivesse me ocupado com o rigor e a precisão, possivelmente a publicação desta obra estaria consideravelmente atrasada no tempo. Além disso, lembro uma resposta de Niels Bohr que, ao ser argüido sobre o conceito

complementar ao de clareza, respondera, depois de alguns instantes de meditação, que “era a precisão: para conseguir-se clareza, importa ser simples, logo, a precisão se perde; para ser preciso, a complexidade e o rigor são o caminho; invariavelmente, a clareza é sacrificada”. Neste caso, escolhi a clareza.

Certamente, se este programa oferecer os mesmos resultados práticos aos leitores, da mesma forma que o seminário vivencial tem proporcionado aos seus participantes, então pesquisadores e cientistas se encarregarão de fazer os ajustes que a ciência formal e o meio universitário exigem. Perdoem-me, portanto, as eventuais falhas ou imprecisão nos dados.

INTRODUÇÃO

A elaboração deste livro tem a finalidade de divulgar e popularizar uma maneira mais simples e coerente de aprender outros idiomas, além de solucionar e equacionar algumas contradições evidentes na abordagem tradicional. Os objetivos principais deste programa são resgatar percepções e conhecimentos aprisionados pelo nosso atual sistema educacional e cultural da aprendizagem. Uma criança, até os sete anos de idade, escuta aproximadamente cem mil vezes a palavra "não". Seja verdadeira ou não essa afirmação, talvez sejam nove "nãos" para cada "sim"! Ao freqüentar a escola, na maior parte das vezes, além das dificuldades comuns da educação formal, sua auto-estima é permanentemente bombardeada com observações e ênfases dadas aos erros e limites, poucas vezes aos acertos e sucessos, principalmente aquelas soluções criativas das crianças que, via de regra, fogem dos padrões do mundo adulto e são classificadas como subversões.

Ainda mais. Essas poucas formas de educar, espero que também antigas e desatualizadas, têm sido utilizadas para crianças de diferentes sensibilidades e níveis de percepção. Já conhecemos os resultados mais comuns ou possíveis: dependendo do nível socioeconômico, podem demandar uma série de programações de apoio escolar e adaptação infantil ao sistema, como aulas particulares, psicopedagogia, psicoterapia, acompanhamento escolar, fonoaudiologia, ludoterapia etc.

Nesse panorama educacional, a instrumentalização dos jovens e adultos com poderosas estratégias e recursos torna-se uma busca, muitas vezes até obsessiva, para uma melhor adaptação pessoal e profissional do indivíduo. No âmbito das empresas, por exemplo, os programas de reciclagem e capacitação em comunicação profissional, gerenciamento eficaz do tempo, liderança etc. Ocupam horas e horas, dias e dias e, parece-me, nunca cumprem o objetivo: o de realmente instalar tais habilidades nos executivos ou colaboradores de ambientes organizacionais. Se essa baixa eficiência nos programas de treinamento empresarial fosse observada pela ótica das crianças, talvez os alunos adultos fossem considerados repetentes ou reprovados em testes de proficiência. Muitos paradoxos, não?

Voltando-nos para questões mais essenciais de aprendizagem, tais como propor algumas soluções específicas, poucos adultos ou jovens talvez se lembrem do processo natural pelo qual passaram ao aprender a língua materna. Mesmo antes disso, o de reconhecer seu próprio corpo ou o aprendizado do processo da visão.

Essas potencialidades humanas, já instaladas em nossos genes, são excelentes ferramentas para lidarmos com a realidade. No caso especial da necessidade de um indivíduo aprender uma segunda língua, estrangeira, na maioria das vezes ele ignora os instrumentos que estão ao seu dispor. Que diríamos, então, de **falar** uma língua estrangeira? É fato, porém, que todas as metodologias disponíveis no mercado conduzem as pessoas a um processo artificial, e até bastante complicado, de aprendizado. Se pelo menos déssemos crédito às nossas percepções e constatações ao observarmos as crianças em redor, talvez tivéssemos mais segurança para afirmar que os processos pedagógicos e educativos formais de nossa época ainda são "pré-históricos" em vista do potencial de aprendizagem das crianças!

Observe uma criança e perceba como ela coleta impressões do ambiente. Se você se dispuser a esse exercício, perceberá o quão rápido entrará em estado de devaneio e resgatará lembranças de suas oportunidades de experimentação. Agradeça ao seu coração. Ele, certamente, anseia com vigor por oferecer muitas evidências de que talvez tenha aprendido ou aceitado muitos limites e, isto sim, possivelmente retarde sua habilidade de aprender fácil e naturalmente.

Observe um adulto, daqueles que ainda se consideram limitados quanto à habilidade de se comunicar em língua estrangeira. Provavelmente, na medida em que se dirija a uma criança de três ou quatro anos, cuja língua mãe seja aquela que ele gostaria de ou precisaria saber, ele talvez diga que essa criança teve uma oportunidade diferente, pois aprendeu desde pequena e, de fato, fala aquela língua. Entretanto, se avaliarmos seus recursos detalhadamente, é possível que esse adulto possua um vocabulário, naquela língua, até maior que o vocabulário da criança. Como ele faz essa distinção? Quais são os critérios que ele escolhe para diferenciar o que é falar, de fato, do que ele pensa que é falar?

Então, considerando-se esse desafio, pergunto: o que seria melhor do que *redespertar* sua disponibilidade, sua flexibilidade, sua criatividade, sua curiosidade, sua excitação, sua motivação e interesses básicos para conseguir comunicar-se efetivamente em uma língua estrangeira?

Salta-me aos olhos que essas categorias de capacidades essenciais sejam infinitamente mais significativas, visto que, no ser humano, nada existe sem elas! Entretanto, poucas vezes são percebidas como tão fundamentais por uma cultura, na qual os “porquês” e as técnicas tornaram-se mais importantes que as pessoas.

Neste programa de treinamento, as questões abordadas com maior ênfase, portanto, serão a ativação e a recuperação de poderosos recursos e estratégias de aprendizagem (já conhecidas em algum nível de percepção). Será tornar conscientes algumas coisas que sabemos, mas, ou não lembramos, ou não sabemos que sabemos.

Uma olhadela nos fatos nos mostra, talvez, um mundo de fantasias reais: era uma vez um mundo que ficou pequeno... Uma chamada telefônica daqui para o Japão, no outro lado do planeta, pode ser realizada em segundos. Uma viagem de avião, em menos de vinte e quatro horas!

Também houve um dia em que alguém teve a feliz idéia de construir uma língua universal, através da qual todos os seres humanos, de diferentes raças e culturas, poderiam se comunicar: o Esperanto. Hoje, já podemos observar a natural formação de uma língua mais universal (sintetizada pela necessidade, na América Central) chamada Papeamento – mera conseqüência da universalização. Houve também um dia em que homens e mulheres sonharam com as máquinas cumprindo seus deveres. Chegou esse dia! E agora? A busca de novos instrumentos, equipamentos e tecnologia de conhecimento reflete um anseio humano de capacitação para lidar com as mais profundas transformações e mudanças de nossa época.

Neste cenário de mudanças cada vez mais rápidas e globalizantes, a habilidade de se comunicar bem se tornou extremamente rentável, isto é, informação que flui vale muito. Enfim, os motivos podem ser inúmeros.

Quero convidá-lo agora a iniciar este empreendimento informando-o sobre questões de estilo de apresentação. Muitas pessoas dizem que os primeiros minutos de reconhecimento de um novo ambiente ou uma nova pessoa são muito significativos. Particularmente, em cursos e palestras, uso esses primeiros momentos para ativar a curiosidade dos participantes: "O que será que você está querendo de nós?" (essa é a pergunta que eu gostaria de ouvir após os primeiros minutos de um evento). Geralmente, portanto, inicio minhas palestras e cursos contando algumas histórias para criar um ambiente onde acontecerão as coisas.

Esse breve mosaico de informações eventualmente pode provocar um certo estado de... Confusão. Não se preocupe. Confie neste conselho de Milton H. Erickson, o grande mestre da aprendizagem inconsciente:

"Em toda vida deveria entrar um tanto de confusão... e também um tanto de esclarecimento."

APRESENTAÇÃO

Aprendizagem Acelerada de Línguas é um programa de treinamento rápido para desbloquear o aprendizado de outros idiomas. Seu principal objetivo é reativar aquela curiosidade natural, a motivação e as formas espontâneas e agradáveis que uma criança possui ao aprender a falar.

Este programa foi especialmente desenvolvido para pessoas que querem aprender de forma mais simples, rápida e agradável ou para aquelas que não têm se adaptado às metodologias convencionais de estudo de idiomas.

O público principal deste programa constitui-se de pessoas que desejam ou necessitam falar outras línguas, sejam iniciantes absolutos, pessoas que já lêem e escrevem ou mesmo aquelas que já falam outros idiomas, mas ainda não aprenderam a pensar na própria língua estrangeira. Também tem sido útil para muitos professores de idiomas que se interessam por uma familiaridade maior com os obstáculos de aprendizagem mais comuns enfrentados por seus alunos.

A característica mais marcante deste método, no princípio desenvolvido para o ensino de adultos, é tratá-los realmente como adultos durante o aprendizado, levando-se em consideração suas habilidades já desenvolvidas e oferecendo-lhes, ao mesmo tempo, a aprendizagem da linguagem concreta e abstrata (níveis objetivo e metafórico).

O caminho mais curto para compreender este programa é por comparação com um curso convencional de idiomas. Quando uma pessoa se matricula em um curso tradicional de línguas, metaforicamente, podemos compará-la a quem compra um "peixe". Este seminário possui como objetivo "ensinar a pescar".

Muitos de nós já ouvimos falar em pessoas que possuem uma grande facilidade de aprender outros idiomas, pessoas que aprendem sem esforço algum. É possível também já termos ouvido falar da existência de alguns professores de línguas estrangeiras que nunca freqüentaram um curso formal de idiomas: são autodidatas. Essas pessoas não possuem, de fato, "um olho a mais" nem "dois ouvidos adicionais"! Apenas usam seu aparato sensorial de forma mais útil e efetiva para essas aprendizagens específicas. Cada um de nós, um dia, já fez parte de pelo menos um desses grupos.

Efetivamente, todos nós já fomos muito bem-sucedidos na mais complexa das tarefas: aprender a "primeira grande língua estrangeira". Antes dela, nem sabíamos falar, nem sequer tínhamos o pensamento lógico estruturado. É a nossa língua mãe. Considerando esse sucesso precoce, podemos nos perguntar: por que deixamos de nos utilizar daquela forma natural e simples de aprender?

Um dado interessante é que 93% da comunicação interpessoal humana é não-verbal (não efetivada pelas palavras!). Tanto quanto saber que 99,9% da matéria física é espaço vazio, essa é uma informação que poucas vezes encontra ressonância em nossa percepção. Porém, grande parte das pessoas que se considera inapta para comunicação em língua estrangeira trata os 7% da

comunicação verbal como se fossem os 93% da comunicação integral (esses índices são mágicos, se acreditarmos neles).

Portanto, é muito simples: somente 7% da comunicação deve ser reaprendida pelo hemisfério cerebral esquerdo, objetivando conhecer outras palavras para expressão em língua estrangeira. Observação: os 93% de mensagens não-verbais são divididos em padrões de linguagem não-verbais sonoras – 36% (ritmos, entonações e padrões sonoros) – e padrões de linguagem não-verbais de expressão corporal – 57% (gestos, movimentos etc). Necessariamente, ao aprendermos a expressão em língua estrangeira, aprenderemos menos de 50% de novidades, porém, aqueles 36% não demandam esforço, pois não precisam ser conscientes.

Dessa forma, o programa pretende instalar e ativar esses "instrumentos" e "ferramentas" de alto desempenho, próprios de processos naturais e inconscientes de aprendizagem, para que o indivíduo adquira **autonomia** para se orientar durante o seu processo de aprendizagem de idiomas.

As habilidades ativadas neste curso também permitem aos participantes a descoberta de significativos ganhos secundários que incluem as aprendizagens inconscientes, soluções terapêuticas, planejamento pessoal e a descoberta do infinito manancial de conhecimento que reside dentro de cada um de nós. Graças a essa outra dimensão, o curso também se destina a pessoas que querem melhorar a comunicação em público, sua concentração, sua criatividade, sua automotivação e aprender a gerenciar o estresse decorrente dos processos de aprendizagem e mudança.

As tecnologias utilizadas incluem o uso da Hipnose na Educação, Aprendizado com o Hemisfério Cerebral Direito, Programação Neurolingüística, PEI – Programa de Enriquecimento Instrumental do Dr. Reuven Feuerstein, Aprendizagem Acelerada, Sugestopedia e outros. Em geral, o seminário prático possui dezenove horas de duração.

"Encontre um ponto de apoio e será possível levantar o mundo!" é uma frase célebre de um filósofo do passado que havia descoberto como realizar grandes tarefas com pequenos esforços – o princípio da alavancagem. Em educação, o valor e aplicação desse princípio nos oferece ganhos inestimáveis.

Faço parte de um grupo de educadores e cientistas da aprendizagem que acredita que, quando essas tecnologias tiverem equiparado o seu desenvolvimento ao de nossas tecnologias de vanguarda, como Engenharia Eletrônica, Engenharia Genética, Engenharia Micromecânica e Nanorrobótica, então muito provavelmente uma criança com onze ou doze anos terá completado sua formação técnica correspondente a um grau de doutoramento. O comentário de um grande amigo, consultor de empresas, que foi diretor de uma grande montadora, ilustra bem esse futuro: "Walther, quando eu era criança, meus heróis eram soldadinhos de chumbo e *cowboys*. Hoje, as crianças e adolescentes possuem heróis e têm como modelo seres com habilidades super-humanas. Seres que voam, vêem através da matéria, têm forças sobrenaturais. Pense que isso representa uma nova categoria de indivíduos. Uma transformação na humanidade nunca antes sonhada. Está sendo projetada uma nova realidade, imagine!"

O Programa de Treinamento **Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras** é uma moderna tecnologia elaborada com o objetivo de instrumentalizar pessoas para a aprendizagem rápida e efetiva de comunicação e expressão em línguas estrangeiras. É um curso direcionado a pessoas que ainda não conhecem o potencial de recursos de aprendizagem que reside em suas mentes não conscientes – dizem que um humano mediano utiliza apenas cinco por cento de suas capacidades mentais! Também resulta da participação neste curso a abertura da percepção para utilizar uma parte bastante maior do potencial inconsciente de discernir e aprender.

Há dois anos publiquei um livro cuja apresentação e formato foram um pouco incomuns, alguns diriam estranho. Na apresentação, alertei os leitores que a obra não fora escrita para ser entendida, mas sim para ser sentida; também informei que era um conjunto de artigos e ensaios ordenados, em dois índices diferentes: um cronológico e outro por áreas de interesse. Percebi, de acordo com alguns comentários, que isso era incômodo para algumas pessoas, ou seja, a liberdade de leitura em seqüência aleatória não é algo que muitas pessoas esperam da proposta de um livro (afinal de contas, esses são os arquivos do conhecimento e nos informam o que é certo e o que é errado!).

No caso deste exemplar, as coisas parecem estar um pouco mais ordenadas... Só parecem! Apesar desta iniciativa ter um único índice e uma seqüência mais explícita, a linguagem é circular. Os próprios mapas mentais apresentados servem para auxiliar o entendimento do processo sistêmico de aprendizagem. Não estranhe, portanto. A maior parte deste empreendimento foi arquitetada e construída com base na intenção de gerar o aprendizado profundo e ativar a compreensão da lógica não linear das percepções – características próprias do processamento do hemisfério cerebral direito, para a grande maioria das pessoas (de acordo com alguns modelos de funcionamento do cérebro humano). Assim, sinta-se à vontade para improvisar e divirta-se!

Quanto à forma de ler este livro, quero apresentar algumas sugestões. Está dividido em partes complementares que podem ser abordadas em qualquer seqüência, de acordo com o estilo predominante de aprendizagem de cada um. Isto é, há pessoas que gostam de um roteiro definido – mentes mais lógicas e seqüenciais; há pessoas que preferem ter, primeiramente, uma noção do todo, para, posteriormente, ir detalhando a percepção – mentes mais intuitivas e de pensamento circular ou “mosaico”; há pessoas que gostam mais do aspecto prático e técnico – mentes mais objetivas e pragmáticas. A estrutura básica deste programa é sistêmica: cada parte é uma dimensão da representação do mesmo todo – a linguagem e o esqueleto são essencialmente circulares, sendo indiferente por onde começar. Sugiro, portanto, iniciar a leitura na dimensão mais habitual e familiar a cada leitor. Aqui está a descrição básica de cada parte:

- **Considerações Iniciais, Prólogo e Introdução** definem os cenários iniciais da elaboração deste empreendimento para o princípio da organização das informações e percepções por parte do leitor; graças à natureza circular da linguagem, tais entes serão progressivamente mais detalhados no decorrer das outras partes;
- **Apresentação** é exatamente onde você, leitor, está. Descreve um pouco da estrutura do livro e o contexto no qual os resultados dessa arquitetura serão mais efetivos;
- **Preparação** é a parte inicial de desenvolvimento do programa e corresponde à abertura do seminário prático. Aqui também é delineada a atitude inconsciente útil para desenvolver este programa, seja na definição de objetivos, seja na apreensão dos cenários de referência;

- **Abordagem Cognitiva** é a parte em que estão registradas as evidências e os “porquês”, especialmente construída para mentes mais racionais e inquiridoras;
- **Abordagem Intuitiva** é para despertar o interesse inconsciente de aprender e apreender. É também um bom “aperitivo” para se familiarizar confortavelmente com essas dimensões de compreensão – interessante para mentes de mesma natureza. Pode ser bastante atraente ler alguns dos Apêndices após esta parte (escolha de acordo com sua própria intuição);
- **Abordagem Experiencial** é onde se encontram os exercícios e experiências que ativam nossas percepções e “ferramentas”; as mentes mais práticas e objetivas devem encontrar aqui seus maiores pilares de apoio – uma compreensão mais visceral da metodologia;
- **Apêndices** contêm informações e percepções úteis relacionadas ao texto, porém, foram apresentados dessa forma para não desviar a seqüência dos “capítulos”, obscurecendo a clareza. Não obstante, servem para criar maior precisão.

Neste livro, a liberdade de ir e vir, de iniciar a leitura em locais diferentes conforme o interesse e estilo de aprendizagem, serve para proporcionar um conforto, talvez, bastante maior que no seminário, onde os participantes geralmente têm que administrar a aparente desordem no roteiro do curso. Por outro lado, o impacto inconsciente ou emocional de algumas seqüências de experiências também pode ser atenuado graças a essa liberdade.

Atualmente, tenho formulado algumas perguntas aos participantes das minhas palestras de apresentação destas novas tecnologias de aprendizagem – um extenso trabalho missionário de conscientização para novas oportunidades e necessidades. Em geral, me utilizo de uma abordagem adaptada de uma palestra de John Kao, um consultor sino-americano de criatividade e gestão empresarial. São as seguintes:

- Quantos de vocês acreditam que criatividade é e será um importante fator diferencial competitivo para a vida no próximo século? 95% a 100% dos presentes usualmente levantam a mão;
- Quem se considera criativo? Até 20% das pessoas levantam a mão;
- Quem possui uma forma organizada de criar e consegue resultados criativos sempre que precisa? Até 5% se manifesta;
- E concentração... determinação... flexibilidade... percepção... boa memória... organização... boa comunicação... etc.? A cada uma dessas habilidades, em geral, 90% ou mais se manifesta. Pasme!!! Normalmente, ninguém nos ensina essas habilidades na educação formal.

Assim, agora podemos oferecer uma definição: **Flexibilização de Estados de Excelência em Aprendizagem (FEEA)** é uma metodologia educacional que possui como premissa fundamental a crença de que **“EXISTE PELO MENOS UM AMBIENTE, EM NOSSAS VIDAS, NO QUAL SOMOS EXCELENTES”**. Analisemos o contexto no qual isso é possível.

A Jornalista Preguiçosa

Como palestrante, é comum ser convidado para dar entrevistas. Sejam elas na mídia impressa ou eletrônica, sempre tomo muito cuidado com a linguagem para evitar, na medida do possível,

muitas distorções decorrentes do rápido estudo de conceitos tão complexos por parte dos jornalistas. Não obstante, possuo um estilo circular de organizar o discurso – isso já é mais que suficiente para gerar confusão. Então, o cuidado é redobrado quando a entrevista é ao vivo. Chego o mais cedo possível para encontrar e conversar com o entrevistador para que possa aproveitar melhor as perguntas. Quando as entrevistas são sobre Hipnose, é bastante freqüente que a pergunta da pauta que encabece a entrevista seja: "O que é Hipnose?" Essa é a primeira que peço que retirem – estudo essa ciência há vinte anos e ainda não consigo defini-la em poucas palavras (evidentemente, abomino esta resposta: "Hipnose vem da palavra grega Hypnos, que quer dizer sono", *zzzzzzz*...).

Mais cedo ou mais tarde, nessas prévias conversas com entrevistadores, geralmente algum deles acaba por fazer a seguinte colocação: "Sabe, Walther, estou achando muito interessante esse seu trabalho. Eu mesmo tenho o seguinte problema... Acho que você pode me ajudar..." Comparo isso àquelas consultas que se faz ao médico quando encontramos um no elevador: "Doutor, eu tenho uma dorzinha aqui, o que o senhor acha que pode ser? Será que é sério? E se..."

Enfim, numa dessas ocasiões, a entrevistadora disse-me que tinha uma dificuldade muito séria: "Walther, eu tenho uma p-r-e-g-u-i-ç-a de fazer as coisas..." Nas empresas, esse problema chama-se, muitas vezes, procrastinação.

Mudei de assunto, sem que ela percebesse. Quando já estava suficientemente distraída daquela questão, perguntei-lhe: "Diga-me uma coisa, afinal de contas, o que você gosta de fazer?" Ainda um pouco confusa, precisei repetir a pergunta para obter a seguinte resposta: "Ah, eu gosto de ir à praia, gosto de dançar, ouvir música, encontrar meus amigos e tomar um chopinho..." Então disparei o tiro de misericórdia: "E você tem preguiça de fazer essas coisas?" *Touché!!!* "Não, não, não!!!" Plenamente convicta! Não tinha preguiça de pegar o carro, viajar duzentos quilômetros até o litoral norte no final de semana, "torrar" debaixo do sol e ainda viajar mais duzentos quilômetros de volta! Ela não tinha preguiça de sair de casa às 23 h, dançar a noite inteira, às vezes, beber um pouco a mais, retornar às 6 h ou 7 h e amargar uma ressaca! Também não tinha preguiça de ouvir músicas o dia todo!

Flexibilização de Estados de Excelência em Aprendizagem (FEEA) é uma tecnologia de transferência de competências e habilidades inconscientes. É um método para construir o **Aprendizado Profundo**, isto é, uma forma de expandir e transferir os nossos estados de excelência para outros ambientes em nossa vida: **"existe pelo menos um ambiente, em nossas vidas, no qual somos excelentes".**

Pense bem, existe pelo menos um ambiente em sua vida no qual você possui uma excelente memória: talvez na forma de se lembrar de piadas, de locais, capítulos da novela. Talvez na forma de se lembrar de receitas de doces ou salgados. Talvez na forma de se lembrar de problemas – e não os esquecer jamais!

Existe pelo menos um ambiente em nossas vidas onde temos a concentração de um mestre – e não conheço nenhuma definição melhor para a boa concentração do que o estado de atenção de uma criança brincando! Sensibilidade? Talvez na maneira de tocar alguém e transmitir bons sentimentos, talvez na forma de provocar ou ironizar algum fato. Talvez na cozinha, no campo de futebol ou na forma de combinar as roupas. Quem sabe ao apreciar música.

Excelência é um atributo da natureza humana. É só procurar para encontrar. Acredite nisso, mesmo que todas as evidências e comentários, ou mesmo nossa educação, tenham inadvertidamente querido nos adestrar contra essas observações. Ao proferir tais afirmações em público, até hoje, ninguém conseguiu negar essa realidade. Não obstante, a ativação e expansão dessas condições de excelência (em geral restritas a alguns ambientes de nossas vidas) dependem de outras considerações.

Ciclo do Aprendizado Profundo

Peter Senge, um reconhecido autor e consultor americano de aprendizagem nas empresas, define em seu livro "A Quinta Disciplina – Caderno de Campo" um esquema muito interessante, apresentado a seguir (adaptado para nossos fins):

Esse modelo explica as razões pelas quais muitas de nossas aprendizagens, inúmeras vezes, não se disponibilizam em nosso comportamento natural ou em nossa consciência: qualquer mudança efetiva deve estar fundamentada nessas três dimensões, caso contrário, as interações sistêmicas entre elas tendem a reverter o quadro da aprendizagem e estabilizar o sistema em uma condição de equilíbrio já conhecida e estruturada. Por essa razão, também, este programa está subdividido naquelas três abordagens já mencionadas: **Intuitiva**, **Cognitiva** e **Experiencial**.

Resumo

O sistema **OLeLaS – FEEA** é uma metodologia que serve como um **"lubrificante"** no aprendizado de idiomas com a finalidade de poupar até 60% do tempo total necessário para desenvolver a competência de falar outras línguas. Os principais fatores diferenciais correspondem à abordagem estratégica da aprendizagem, podendo ser comparada ao "aprender a pescar" em vez de, apenas, comprar "peixes". O conceito central desta tecnologia é a **AUTONOMIA** decorrente da ativação de habilidades de aprendizagem inconsciente.

Tarefas

Daquilo que leu até aqui, proponho que relacione a principais idéias com as quais você:

a) concorda; se possível, justifique;

b) discorda; idem.

Mantenha por perto essa breve classificação, para colaborar no processo de equacionamento de suas percepções de uma forma integrada com suas experiências anteriores.

PREPARAÇÃO

Esta etapa, subdividida em partes complementares, representa uma área de convergência na qual os capítulos seguintes ganham unidade e transcendência. Em geral, esta talvez seja a dimensão mais esquecida de nossa educação formal.

Seu desenho, porém, acompanha parcialmente a arquitetura de todo o programa, isto é, possui uma apresentação intuitiva (os cenários de referência), uma apresentação cognitiva (algumas explicações sobre aspectos técnicos e filosóficos), uma apresentação prática (a construção de objetivos para percorrer o sistema **OLeLaS – FEEA**) e, finalmente, as atitudes e formas de ler o livro.

Caso você inicie sua leitura por aqui e tenha uma certa "pressa" de compreender este sistema, sugiro que passe rapidamente os olhos pelos cenários de referência e pelos aspectos técnicos, não obstante se absorva um pouco mais demoradamente na construção de objetivos.

Cenários de Referência

A importância desta dimensão neste curso está muito relacionada ao Aprendizado Integral: um método que proporcione a estimulação e ativação de ambos os hemisférios cerebrais e a colocação das "sementes" de aprendizado em solos mais férteis para seu "germinar".

Não se afastando desses objetivos, se justapõe um certo temperamento de contador de histórias do autor – conhecido entre alguns de seus amigos como amante da confusão. Não desanime, foram vários anos aprendendo e percorrendo esse caminho. Ao abraçar o desafio de elaborar um livro, em algumas ocasiões se confunde o estilo do escritor com o trabalho técnico de estimular a expressividade de dimensões mais criativas e curiosas da mente inconsciente.

Eventualmente, você pode chegar à conclusão de que este livro parece um pouco incompleto. Se isso acontecer, sugiro que termine a leitura das partes complementares. Se essa impressão persistir, receito uma segunda "dose" completa. Entretanto, se ainda permanecer aquela percepção, saiba que me sentirei satisfeito, pois estará na hora de você fazer a sua parte: consciente e inconscientemente. Afinal de contas, aprender é trilharmos por nós mesmos os caminhos que escolhemos consciente ou inconscientemente.

Enquanto *aprendedor*, tenho sido um cientista do aprendizado mesmo antes de tomar conhecimento dessa trilha que se mostrou em minha vida pessoal e profissional. Essas habilidades vêm sendo esculpidas nas mais diversas áreas do conhecimento: formação acadêmica, prática e ensino do tênis, prática e ensino do Tai Chi Chuan, Hipnose, educação, *empreendedorismo*, comportamento, música, comércio, relacionamento etc. Por essas razões, essencialmente pragmáticas, tenho uma grande preocupação em não oferecer conhecimento sem sua dimensão vivencial.

A Palestra sobre Gerenciamento do Estresse

Certo dia, realizei uma palestra sobre gerenciamento de estresse para um grupo de jovens empresários. Também tenho essa experiência de ser empreendedor e sabia que qualquer apresentação de uma teoria formal sobre estresse não os comoveria, nem os ajudaria a solucionar os seus problemas. Assim, após ter sido apresentado como palestrante lá na frente, sentei na cadeira e fiquei em silêncio por alguns minutos. Alguns? Acredito terem transcorrido, talvez, noventa segundos, embora tivesse planejado aproximadamente três ou quatro minutos. Porém, foram os mais longos da minha vida. Posteriormente, descobri que, também para eles, foram bastante extensos. Meu compromisso como palestrante era "palestrar", óbvio. A expectativa deles, certamente, era participar de mais uma palestra. Porém, o inusitado e inesperado desse artifício realmente os comoveu e abriu uma fresta em seus habituais pensamentos para perceber que grande parte do **estresse negativo** é gerado internamente.

Sim, durante aqueles intermináveis noventa segundos eles ficaram impacientes e até irritados com o palestrante, lá na frente, apenas olhando para eles! Entre os participantes havia um senhor que abriu um jornal: sábia decisão. Ele provavelmente, por maior que fosse a tensão externa, já aprendera que poderia se sentir tão bem quanto quisesse em qualquer ambiente.

A Outra Aula

Há alguns anos tive uma experiência muito interessante. Ao comentar com algumas pessoas, entretanto, nem todas compartilham da mesma opinião. Como pequeno empresário, coletei uma série de aprendizados, experiências e convivências no Sebrae-SP, numa época em que havia caído a demanda pelo meu produto e eu optara por manter a minha equipe profissional intacta. Logo, tinha uma certa ociosidade que me conduziu para as salas de aula de cursos especialmente construídos para formação de micro e pequenos empresários.

Após ter freqüentado vários pequenos seminários naquela instituição, chegou a ocasião de mudar meus métodos de escolha de outros cursos, pois os seguintes não mais se relacionavam com minhas necessidades profissionais imediatas. Já havia participado de todos os que me interessavam. Porém, mantinha meu interesse de continuar a conviver com aquele tipo de colega, alunos, professores e consultores. Assim, meus critérios de escolha de um novo programa de treinamento foram ponderar o conselho de algum outro colega ou a determinação aleatória do próximo evento. Graças a coincidentes indicações, acabei por inscrever-me num programa de Administração de Compras.

Esse curso se relacionava muito pouco com minhas necessidades profissionais na época. Eu atuava no ramo de serviços e seguramente meus fornecedores eram os melhores: tinham o melhor produto, melhor preço, melhor prazo e ainda atuavam na economia formal. Apesar das baixas expectativas de resultados, a experiência de ter participado desse seminário foi muito enriquecedora.

Estudo aprendizagem já há muitos anos e garanto, existem formas não ortodoxas de estudar e aprender que muitas pessoas praticam de maneira intuitiva. Funcionam muito bem, mas algumas delas são veementemente condenadas por representantes do sistema educacional mais antigo.

Sem desejar qualquer discussão a esse respeito, o que está em pauta aqui são os resultados – é de uma forma não convencional que obtenho os meus.

Imagino que se você, leitor, está lendo este livro, provavelmente não esteja completamente satisfeito com os resultados que obteve até aqui, portanto convido você, pelo menos a título de curiosidade ou de experimentação, a caminhar por estas trilhas. Pois, se continuar a fazer tudo exatamente da forma que sempre fez, provavelmente estará fadado a continuar exatamente com os mesmos resultados, ou menos, dizem os profissionais das áreas de marketing e tecnologia.

Ao chegar atrasado no primeiro dia do seminário, não pude presenciar a abertura e as apresentações dos participantes. A aula já se desenrolava. Não quis sequer escolher um bom assento na sala, para não tumultuar excessivamente aquele ambiente bastante apertado e pouco ventilado. Sentei-me na primeira fileira. Tomei alguns minutos para abrir a apostila e localizar-me no curso, até que, naturalmente, minha atenção se voltou para o palestrante. Conforme comecei a acompanhar o seu discurso, passaram-se alguns instantes e... "apaguei". Muitas pessoas têm espontaneamente essa experiência, normalmente chamada "dormir em aula".

Apesar da grande freqüência com que isso ocorre com as mais diversas pessoas, os estudos desse fenômeno ainda não foram suficientemente divulgados para tranqüilizar os professores e colegas dos praticantes do transe em aprendizagem. Tecnicamente, se forem medidos os padrões das freqüências de ondas cerebrais dessas pessoas que dizem dormir em sala de aula, observarão que incluem ondas tipicamente associadas a transes ou estados alterados de consciência – uma boa evidência disso é quando ocorre qualquer mínima mudança na tonalidade de voz do palestrante, alteração de alguma dinâmica ou encerramento do discurso, caso em que o despertar é tão rápido quanto o apagamento. E, em geral, sem todas aquelas manifestações e sensações que acompanham o despertar do sono fisiológico.

Essas alterações de estados de consciência são corriqueiras na minha prática de estudo e também enquanto participo de seminários. Levo isso em consideração quando escolho sentar-me nas fileiras do meio e, sempre que possível, comunico ao palestrante que estou ali por livre e espontânea vontade, "pagando o curso do meu próprio bolso" e bastante interessado em seus ensinamentos. Isso porque, em geral, as pessoas acreditam ser melhor dormir em casa!

Retornando. Naquela data, então, eu me sentara na primeira fileira e não tinha ainda avisado o instrutor e nem algum colega vizinho que porventura quisesse informar-me da importância de algum assunto e que pudesse porventura interferir, como é comum, no meu "esquisito" estilo de participar da aula. Dos meus estudos sobre aprendizagem em estados alterados de consciência, inferira uma série de conclusões que permaneciam, até então, como idéias de possibilidades e boas crenças. Desta vez, porém, a minha percepção finalmente me contemplara com suas evidências.

Após algum tempo naquele estado, despertei. Quando voltei à consciência, consegui trazer em mente quatro certezas muito significativas: 1) eu estivera assistindo à aula com aquele mesmo professor; 2) eu estivera naquela mesma sala de aula, porém, sem nenhum outro colega presente; 3) o assunto não se relacionava em nada com Administração de Compras; 4) eu tinha convicção, embora não me lembrasse exatamente do assunto tratado, de que era uma aula sobre algo muito importante para mim naquela época.

Ao ouvir essa história, muitas pessoas sugeriram que eu estivera dormindo a ponto de sonhar... Discordo dessa conclusão. Despertara, enfim, assistira ao curso durante mais alguns minutos e constatara que as percepções daquele ambiente diferiam totalmente daquelas captadas na “outra aula”. Transcorrido mais algum tempo, “apaguei” novamente.

Não tenho o hábito de avaliar quanto tempo permaneço em cada um desses estados de percepção – tudo ocorre com espontaneidade, atualmente. Quando despertei pela segunda vez, então, possuía cinco certezas: as quatro anteriores mais uma vez tinham se confirmado. A quinta conduzia-me a crer que tivera retornado, precisamente, ao momento no qual se interrompera a “outra aula”, para dar-lhe seqüência. De acordo com aquilo que comentei anteriormente, até esse fato ocorrer, não tivera evidências perceptuais que comprovassem minhas crenças, exceto o bom desempenho de aprendizado e estudo em aulas nas quais “dormira”.

As decorrências desse fato, além disso, me convidavam a acreditar também que, em cada comunicação ou interação humana, existe mais de um nível de compreensão possível e simultâneo. Em resumo, descobrira que, dentro de cada aula, existe pelo menos mais uma “outra aula” se desenrolando. Pairou então a seguinte questão: nunca, até aquela data, havia percebido algo além da realidade objetiva; agora percebera que existia pelo menos mais uma realidade interpenetrando minhas percepções. Quantas mais seriam possíveis coexistir?

No universo da aprendizagem, conhecimento e compreensão inconscientes (cuja ativação e resgate temos a intenção de efetivar, no mínimo parcialmente), as regras, leis de funcionamento e estruturação são um tanto quanto diferentes do mundo lógico e racional. Portanto, explorar essas realidades depende de algumas decisões e escolhas em que pesem nossa satisfação (plena ou parcial) com os nossos atuais resultados. Esse é um caminho de muitas descobertas e novidades, mas também de muitas mudanças, reflexões e decisões.

Naturalmente, essa história anterior pode não mobilizar interiormente você, leitor, exceto no caso de já ter vivido alguma experiência semelhante. Não obstante, a inferência dessa multidimensionalidade de nossa mente é, para este empreendimento, extremamente importante de ser constatada. A estruturação de nossa percepção e compreensão em diferentes níveis poderá ser também abstraída de outros exemplos.

Estive proferindo uma palestra sobre mudanças comportamentais em uma empresa estatal cujo tema era “Hipnose aplicada a mudanças organizacionais”. Após uma preleção de aproximadamente duas horas, abri a palestra para debates e perguntas. Entre as várias questões apresentadas por um público de mais de cem pessoas, quero destacar duas especialmente importantes para nós.

O Homem que Acreditava em Deus

Um senhor pediu a palavra e propôs uma reflexão a respeito de certos métodos de conduzir determinadas práticas de caráter religioso. Em síntese, queria saber se a Hipnose tem sido utilizada nesses conhecidos cultos fundamentalistas evangélicos. Afirmei que, descartando-se aqueles modelos arcaicos de compreensão dos processos hipnóticos, certamente a maior parte dos fenômenos presentes naqueles cultos religiosos tinham suas bases em estados de consciência

induzidos hipnoticamente. Transes, curas, fantasias dirigidas, persuasão à colaboração financeira, grandes comoções etc. Então ele finalmente considerou que, afinal de contas: "...em Deus, ou se acredita ou não se acredita!"

Eu lembrei-lhe de que esquecera uma outra alternativa. Porém, ele reforçou: "Não existe outra opção, ou se acredita ou não se acredita. Da mesma forma, não existe mulher meio grávida, ou está ou não está!!!" Repeti seu esquecimento. Ele mais uma vez enfatizou que não poderia haver outra possibilidade (concluí que ele estava hipnotizado por sua crença, a ponto de não conseguir ver além dela). Então, já tendo atingido o estado ideal de ativação, finalizei dizendo que existem pessoas que nem acreditam nem desacreditam em Deus: "Elas sentem ou percebem Sua Presença!" Existe um outro caminho, ele concordou, completamente.

O Menino que Quebrava Brinquedos

Na mesma palestra, uma senhora se apresentou, disse que gostara muito de algumas colocações e que queria ouvir minha opinião sobre a seguinte questão:

"Tenho um filho de nove anos. Não sei mais o que fazer com ele. Ele destrói todos os seus brinquedos! O que você me aconselha a fazer? Já lhe disse, várias vezes, que não lhe daria mais nenhum brinquedo até que aprendesse a cuidar dos que possuía. Ele acaba ganhando de outras pessoas... Além disso, quando percebo que não tem com o que brincar, acabo me comovendo e comprando-lhe um novo. Então novamente ele o quebra. Isso me deixa bastante irritada e repito que não vou mais lhe dar brinquedos. Mas você sabe como a gente é, eu não agüento e acabo comprando novamente. O que você acha que deve ser feito?"

A longa apresentação do problema me proporcionou tempo para pensar, então lhe disse o seguinte:

"Eu tenho pelo menos três respostas diferentes para considerar... A primeira delas talvez seja a mais significativa dos pontos de vista de seu filho e meu. Eu também fui uma criança que quebrava muitos brinquedos. Na verdade, eu não os jogava no chão para ver se quebravam ou os incendiava. Tampouco os arremessava pela janela... Eu brincava, explorava, experimentava e, muitas vezes, eles se quebravam. Ocasionalmente, fazia comboios de carrinhos de ferro amarrados por fios de linha que bloqueavam as rodinhas ao se embaraçar nelas. Muitas vezes desmontava um brinquedo para entender como funcionava. Inicialmente, ao remontá-los, talvez sobrassem algumas peças e, certamente, não funcionavam mais. Na verdade, eu apenas brincava.

Passou-se algum tempo e, cada vez que remontava um brinquedo, até por vezes sobrava uma ou outra peça, mas voltavam a funcionar. Mais algum tempo, então, quando tinha dois ou três brinquedos quebrados, conseguia, reunindo partes de cada um, montar ou construir um que funcionasse. E assim foi com brinquedos de plástico, madeira, metal, mecânicos, eletromecânicos e até eletrônicos.

Percebo, hoje em dia, que essa foi uma longa e importante etapa de desenvolvimento de algumas habilidades que considero de valor inestimável. Habilidades de manipular o mundo da realidade concreta. O mundo material. O desenvolvimento dessas competências me proporciona, no

presente, uma grande desenvoltura em gerenciar e administrar **ferramentas** e consertar alguns diferentes tipos de utensílios domésticos e eletrodomésticos, eletricidade, alguma coisa de eletrônicos, hidráulica, mecânica, marcenaria etc.

Portanto, nesse caso, no seu lugar, eu não me preocuparia com o dinheiro que estivesse sendo gasto em brinquedos condenados à destruição. Estaria, sim, muito interessado em financiar e investir o quanto fosse possível e racional no desenvolvimento de algumas dessas habilidades de compreender, perceber e manipular o mundo das coisas materiais. Isso para qualquer criança. Também me interessaria em proporcionar-lhe autonomia nessas competências – serão de muito valor para ele. Além disso, esse ímpeto talvez chamado de destruidor, quando orientado para construir, acaba por justificar muitos contratempos.

A segunda resposta será a mais incômoda e, no entanto, valiosa para você como mãe. Pense bem, no relacionamento com seu filho, nessas questões de brinquedos, o único padrão repetitivo é sua atitude incoerente como mãe. Observe: brinquedos diferentes quebrados, brinquedos diferentes comprados, dias diferentes, até mesmo em locais diferentes; o único fator constante e repetitivo é o seu comportamento incongruente. Aquilo que você realmente está ensinando a seu filho, inconscientemente, é que ele pode manipulá-la quando precisar. Imperceptivelmente, você está ensinando-o a desrespeitá-la e a não acreditar em você. Está mostrando-lhe, desde pequeno, a grande fantasia do mundo dos adultos: os adultos não fazem o que falam e também não falam o que fazem!

Assim, sugiro que, no futuro, nunca mais lhe dê um brinquedo se continuar a afirmar que não lhe dará mais enquanto ele não aprender a conservá-los. Ou nunca mais lhe diga que não dará se não tiver forças para cumprir sua palavra. Caso contrário, daqui por diante, saiba que, cada vez que ele desrespeitá-la ou mentir para você, você mesma ensinou isso a ele! A incongruência.

A terceira resposta talvez seja a mais importante das três: eu, se fosse você, não acreditaria em nada do que acabei de dizer, pois não tenho filhos e, além disso, fui filho único, criado entre adultos. Minha mais completa experiência com crianças foi como educador em um ambiente esportivo. Logo, conclua você aquilo que pode ser útil no seu caso.”

Infelizmente, quando nascemos, não nos é dado o manual de instruções para sabermos como operar melhor todas as nossas potencialidades. Sequer alguém nos diz quais são elas. Da mesma forma, nossos pais, tendo a melhor e mais pura das intenções, acabam por fazer o melhor que podem com as “ferramentas” das quais dispõem. Entretanto, isso não garante completo sucesso.

Ao iniciarmos nossas vidas, é natural que pelos estímulos mais comuns, aprendamos inconscientemente uma série de hábitos de comportamento, integrados e incorporados à nossa forma de ser, de agir, de sentir, de pensar, de argumentar e de explorar o mundo. Muitas vezes, também, nossa forma de sonhar, de criticar ou abrir mão de nossos planos. Graças a esta grande revolução atual nos modelos de trabalho, produção e construção do conhecimento, muitas famílias tiveram os pais compromissados com a captação de recursos para a sobrevivência. Por isso, uma influência muito significativa na nossa formação tem sido a televisão. O conhecimento e a informação cada vez mais democratizados têm sido selecionados de formas diferentes das anteriores, das nossas gerações. Configura-se, assim, um certo hiato na transmissão direta de uma cultura comportamental bastante antiga e já anacrônica.

Neste momento, essas ponderações são muito importantes, pois muitas vezes estabelecemos alguns objetivos em nossas vidas que se tornam fardos ou obstáculos em nosso caminho. Pense bem, passamos anos lenta e esforçadamente subindo degrau por degrau de uma longa escada – uma metáfora de nossa vida. Quando atingimos uma determinada altura, já podemos olhar a realidade de um ponto de vista mais privilegiado. Ocasionalmente, descobrimos, para nossa surpresa, que encostamos nossa escada na parede errada!

Portanto, para seguir adiante neste livro, reflita sobre a necessidade de definir adequadamente os seus objetivos. Escolha um bom motivo para desenvolver a habilidade de falar fluentemente outro(s) idioma(s), caso contrário, aproveite melhor seu tempo! Próximo, muito próximo no tempo, talvez no ano 2.010 ou 2.015, ninguém mais terá necessidade de aprender outros idiomas. Os equipamentos eletrônicos (ou outros) se encarregarão, com eficácia e qualidade, de nos proporcionar comunicação fluente com nativos de qualquer outra língua, sem que necessariamente tenhamos de falar a mesma.

Eu conheço pelo menos três bons motivos para se estudar outras línguas. São eles:

1. Fale outro(s) idioma(s) porque você gosta de aprender a falar línguas;

2. Aprenda a falar outra língua porque algum(s) objetivo(s) seu(s), na dimensão profissional, pessoal ou social, de curto ou médio prazo, depende(m) disso;

3. Faça isso pelo aspecto transcendente do aprendizado. Aprender outros idiomas também é uma forma de “abrir janelas mentais e emocionais”, cultivar novas percepções, identidades, auto-conhecimento e desenvolver muito mais flexibilidade.

Criando Objetivos para Trilhar o Caminho

As considerações a seguir são importantes para que você se organize interiormente e armazene estas aprendizagens em locais úteis, consciente e inconscientemente. Servirão também para melhor orientação durante o programa:

- **Sistema de Aprendizado Aberto de Línguas (OLeLaS – FEEA)** tem por **objetivo**, entre outros, **oferecer evidências** para que o leitor responda às seguintes questões:
- Qual é a diferença entre aqueles palestrantes, professores ou pessoas que falam, falam, falam e não dizem nada e aquelas pessoas que, independentemente da quantidade de palavras que usam, nos transmitem idéias e pensamentos (através da linguagem) “quase vivos”? E, normalmente, nos estimulam e proporcionam uma torrente de pensamentos, sentimentos e novas idéias, “insights” (introvisões) e soluções criativas.
- Qual é a diferença entre aqueles planos e objetivos que estabelecemos e que, de fato, se realizam, e aqueles que, embora nos esforcemos e trabalhemos, nunca se materializam?
- Como nós, em cada momento, escolhemos o que perceber? Pense bem, se nós, daqui em diante, consciente e inconscientemente, escolhermos perceber os estímulos de sons e palavras do idioma que intencionamos aprender... então, talvez nos tornemos uma daquelas pessoas que desenvolvem a habilidade de falar e se comunicar nessa língua de forma espontânea, natural e sem esforço!

- Como nós escolhemos do que nos lembrar? Reflita, de tantas e tantas aprendizagens já efetivadas ao longo de todo o processo educacional pelo qual passamos, se começássemos a nos lembrar das mais úteis, provavelmente, também, pouparíamos muito tempo!
- Como você sabe que você é você, pela manhã quando acorda? Se existe algo que devemos lembrar espontaneamente são as coisas que nos são úteis; se existe uma boa razão para ter-se amnésia, seria para esquecer nossas lembranças inconvenientes ("Por que ser quem somos se podemos ser ainda melhores?" – Richard Bandler).

Por gerações e gerações temos aprendido que o nosso presente é conseqüência do nosso passado. Acreditamos tão profundamente nessa consideração que agimos como se a Lei da Causa e Efeito fosse algo definitivo. Observando, porém, as grandes realizações humanas, talvez possamos formular uma outra grande lei: a Lei do Efeito e Causa. Isso mesmo! Para nós, seres humanos, essa lei é mais valiosa que a anterior: ela diz que o **presente** também é conseqüência do **futuro**! Escolha um novo sonho ou plano e observe como mudam suas sensações, percepções e sentimentos. Perceba também que suas ações passam a se adequar ao futuro!

- As **metas explícitas** ou, para nós, educadores, as estimativas de resultados e expectativas mais comumente atingidas durante e após o programa. Na verdade, são os principais fatores que atraem os participantes ao seminário:
- Melhorar a **comunicação e expressão interpessoal** e tornar mais natural e agradável a comunicação em público.
- Melhorar a **comunicação e a expressão intrapessoal**.
- **Gerenciar o estresse**, consciente e inconscientemente.
- Ativar e desenvolver a **criatividade**, a **concentração** e a **automotivação**.
- **Aprender a aprender**, desenvolver potentes **estratégias de aprendizagem,** entender e desenvolver a capacidade de **aprender de forma mais natural**.
- Estimular uma reestruturação subjetiva e melhorar **algumas estratégias de tomada de decisão**.
- **Falar outros idiomas**, melhorar o **discernimento auditivo** e aprender a formular pensamentos (**pensar**) **em outras línguas**.

Esses são os resultados mais freqüentemente observados após o seminário. Nas turmas realizadas em finais de semana, a melhora do discernimento auditivo, por exemplo, em média, é estimada em 40%, dependendo do nível original de proficiência no idioma. Uma semana após o curso, a diminuição no nível de tensão e estresse negativos atinge, em média, 50%. Em relação à tomada de decisão, algumas pessoas mais impulsivas atestam que se tornaram um pouco mais reflexivas; não obstante, algumas pessoas mais reflexivas acabam por se utilizar um pouco mais da intuição para decidir.

- Curiosamente, pela própria natureza desta metodologia, **Flexibilização de Estados de Excelência em Aprendizagem (FEEA)**, para que cada pessoa atinja de uma forma mais rápida e efetiva os seus resultados, **os ambientes de trabalho** durante o programa estão relacionados a seguir:
- **A comunicação não-verbal**: tornar mais visceral a evidência de que **93%** da comunicação humana não se constitui de palavras (dados experimentais comprovados em laboratórios de pesquisa comportamental e comunicação humana).

- **Os estados mentais próprios da aprendizagem acelerada**: proporcionar percepções e mais evidências da importância e da necessidade de se desenvolver uma **forma mais integral e flexível de processar** informações e conhecimentos por **ambos os hemisférios cerebrais,** ativada e estimulada pela metodologia **FEEA**.
- **As identidades do falante de línguas estrangeiras:** reconstruir e resgatar padrões mais efetivos e naturais de **expressividade** consciente e inconsciente para uso em outros idiomas.
- Finalmente, as dimensões, os objetivos, intenções e habilidades a serem estimuladas mais importantes para nós, educadores, ainda pertencem a uma outra categoria que costumo denominar de **metas implícitas**. Magicamente, se você efetivamente atingir os objetivos que definiu para serem alcançados com o apoio deste livro, ficará registrado o valor e a importância do **Princípio da Alavancagem** bem aplicado à **Educação.** Ele está sustentado pelos seguintes pilares:
- **Disponibilidade**: construção de um "solo fértil" para aprender outros idiomas e lembrar-se deles quando necessário, desbloqueio e ruptura de sistemas de crenças limitantes.
- **Sentido**: a dimensão na qual resgatamos níveis mais essenciais de curiosidade natural (ao ativar nossa orientação inconsciente) e a nossa automotivação.
- **Procedimentos**: técnicas e estratégias de alto desempenho, aquelas formas de agir cujas pessoas muito bem-sucedidas utilizaram, consciente ou inconscientemente, para atingir o sucesso nessas aprendizagens.
- **Discernimento**: o necessário desenvolvimento da percepção e sensibilidade para que as técnicas não fiquem "guardadas na prateleira", e comecem a funcionar naturalmente.
- **Fé**: um estado de espírito confiante decorrente de termos reconhecido uma parte maior de nosso potencial inconsciente de aprendizagem rápida e natural. Nesta dimensão, resgatamos nossa autoconfiança; metaforicamente, pode também ser considerado o resgate de nossa "noção de centro".

Neste momento, se fosse novamente apresentada a pergunta "O que é **FEEA**?", a resposta seria um pouco diferente. Observe a próxima figura com cuidado e responda: o que você está vendo?

A maior parte das pessoas responde que percebe um triângulo. Alguns dizem "packmans", outros, um pedaço de pizza etc. Considere: se você vê um triângulo neste desenho, infelizmente tenho que afirmar que não existe nenhum! Porém, podemos perceber um... Existe ou não existe algum triângulo? A resposta é: "Existe e não existe o triângulo!" Isso, evidentemente, do ponto de vista desta tecnologia **FEEA**.

A nova definição será: **Flexibilização de Estados de Excelência em Aprendizagem**, uma metodologia que nos estimula o aprendizado de como estabilizar na consciência pontos de vista contraditórios ou paradoxos.

As tensões decorrentes do esforço de manter em mente os paradoxos criam energia mental suficiente para projetar nossa mente para níveis mais profundos de síntese e compreensão. Essa é a verdadeira natureza desta metodologia **FEEA**. Essa é a natureza da Hipnose Aplicada à Educação: criar oportunidades de confinamento mental em paradoxos – o "combustível" da energia de síntese criativa. Este livro tem a finalidade de, repetidamente, provocar essas situações.

Por outro lado, o seu próprio papel de leitor, complementar ao do livro, será melhor representado pelo desafio contido na ilustração da página seguinte.

Saiba que neste desenho existe uma estrela de cinco pontas geometricamente perfeita. Seu trabalho, durante o desenrolar do livro, é encontrá-la. Essa será uma metáfora interessante que representa mais visceralmente a qualidade de sua participação e seu investimento neste programa: aprender a decodificar a ordem subjacente ao caos, desenvolver a habilidade de juntar evidências e sintetizar percepções capturadas num ambiente descontínuo. Essa será apenas mais uma experiência para estimular a consolidação do seu "faro" para oportunidades.

Finalmente, ao definir de uma forma íntegra os seus objetivos, você chegará a experimentar uma condição de sentimentos e de sucessão de eventos muito curiosa em sua vida. Uma determinada certeza e ritmo nos acontecimentos talvez, até então, desconhecida. Será perceptível para algumas pessoas, dessa forma, a assertiva de que "os grandes mestres não têm paciência... De fato, eles não precisam dela!". Isso também fará sentido...

... Emagrecer sem Dieta

Uma amiga, certa vez, participando de um seminário meu que durava seis noites, de segunda a quarta-feira, durante duas semanas, contou-me o seguinte acontecimento: há três meses, vinha fazendo noventa minutos diários de exercícios com o objetivo de emagrecer e entrar em forma para o verão próximo. Após esses três meses de atividades físicas regulares, desanimara ao descobrir que seu peso tinha se rebaixado apenas em meio quilo e que, duas semanas antes, num sábado, tinha recuperado o peso anterior num jantar de final de ano.

No final de semana durante o curso, entretanto, faltara ao compromisso de jogar tênis comigo, pois um antigo namorado chileno havia chegado ao Brasil com um amigo. Ela, os convidados, a filha e a mãe viajaram para o litoral a fim de aproveitar o feriado prolongado. Durante quatro dias, estivera à beira da praia comendo salgadinhos, camarão, petiscos etc.; bebendo caipirinha, chope, cerveja, refrigerantes etc.; tomando sol, vento, mar etc.; conversando, descansando etc.; e constatara, finalmente, ao retornar para São Paulo, que seu peso tinha se reduzido em dois quilos. Afinal de contas, "qual foi a diferença que fez a diferença"?

Uma Oriental Caminhando na Avenida Paulista

Certa vez, caminhava pela Avenida Paulista, em São Paulo, em direção a um banco (não era um dia de descanso, tampouco um dia de extrema agitação), num ritmo regido pela idéia de que "tempo é dinheiro". Aproveito essas caminhadas para refletir sobre várias coisas do dia-a-dia e do trabalho. Num dado momento, percebi que se aproximava alguém pelas minhas costas; mantive-me atento. Conforme ia caminhando, num certo estreitamento da área de circulação de pedestres na calçada, percebi que tal pessoa começava a se emparelhar comigo na caminhada.

Olhei para o lado e, ligeiramente atrás, observei que era uma moça, oriental, possivelmente coreana, e que tinha aproximadamente um metro e quarenta de estatura. Surpreendi-me com seu jeito de caminhar. Tinha um ritmo bastante característico e um certo oscilar de altura, como se dançasse, subindo e descendo a cada passo. Sem alterar o meu próprio ritmo nem o tamanho dos

meus passos, apesar de possuir um metro e oitenta e cinco centímetros, ela progressivamente me ultrapassou e começou a se distanciar. Ao observá-la pelas costas, ainda notei que tinha um biotipo comum aos orientais, com o tronco maior que as pernas e a coluna particularmente reta. Fui atleta, treinador de atletas e pratico Tai Chi Chuan há muitos anos – o movimento corporal e a harmonia dos gestos são as primeiras referências que capturo ao observar uma pessoa. Também fica evidente aos olhos treinados quando uma pessoa está fazendo mais esforço do que o necessário durante um gesto ou movimento.

Garanto, aquela moça caminhava com grande rendimento, naturalidade, coordenação e ritmo. Pensei: se eu tivesse aquela forma de caminhar, considerando que minhas pernas eram quase 30% maiores que as dela, provavelmente caminharia duas vezes mais rápido com o mesmo esforço que eu estava utilizando! Creio que não era apenas uma questão de aptidão ou predisposição genética. Acredito que poderia aprender e treinar aquela forma de caminhar. Possivelmente, entretanto, isso representaria uma mudança mais significativa em termos de hábitos musculares, coordenação e postura geral do meu corpo. Uma mudança dessas deveria então ser dividida em várias dimensões e estágios.

Cinco Maridos

Um grande mestre contou-me uma história bastante esclarecedora para concluirmos, finalmente, as atitudes importantes para continuarmos nosso caminho. Era sobre um amigo seu, americano, também cientista do comportamento e divorciado há alguns anos. Há algum tempo vinha se relacionando com uma moça pela qual se apaixonara. Como terapeuta, observava em seu consultório que seus clientes, individuais ou casais, traziam um conjunto de evidências de que, ao se casarem novamente, após uma separação anterior, muitas vezes "mudava-se apenas a carteira de identidade" do(a) novo(a) companheiro(a); os dramas e dificuldades de relacionamento permaneciam, apesar de terem escolhido um novo par.

Isso, cedo ou tarde, condenava uma nova relação, conduzindo-a a um antigo problema e mais um impasse. Sabia, no entanto, que também tinha contribuído para o fracasso de seu primeiro casamento. Tinha medo de que agora, ao casar-se novamente, repetisse os mesmos erros. Seu dilema contrapunha seu interesse presente pela moça à sua experiência profissional, que lhe indicava a possibilidade de um novo fracasso por antigos problemas.

Confidenciara seu drama a alguns amigos dispostos a convencê-lo a arriscar-se novamente. Um desses, ao convidá-lo para uma festa, oportunamente, durante a reunião, mostrou-lhe, entre os presentes, um casal que já comemorara bodas de trinta e cinco anos. Interessado e curioso a respeito dos segredos de tal sucesso no casamento, aguardara ansiosamente uma oportunidade de se aproximar e conhecer o casal, ou um dos dois, e descobrir-lhes a receita do sucesso.

Finalmente surgiu a ocasião propícia; aproximou-se no momento em que a senhora fora se servir à mesa, ao afastar-se do marido. Iniciou uma conversa, apresentou-se e contou-lhe a curiosidade. Quando aquela senhora ouviu que, supostamente, estava casada havia trinta e cinco anos, franziu a testa e negou: "Não, não, não. Nesses anos todos eu tive cinco maridos!"

Desconcertado e surpreso, tentou desculpar-se pelo mal-entendido, enquanto a senhora, sem perder o ritmo, começou a contar-lhe, mantendo a elegância, como tivera sido sua vida:

"O meu primeiro marido... Éramos jovens, apaixonados, ele me trazia flores, passeávamos muito, viajávamos..." Contou várias aventuras e episódios. "... Até que, um dia, nasceu meu primeiro filho. Então tudo mudou e... Meu marido me abandonou..."

Chocado com o acontecido, porém, o terapeuta não teve tempo de expressar sua surpresa. A senhora prosseguiu:

"O meu segundo marido era um homem muito sério, estudava muito, passava horas e horas trancado em seu escritório, muitas noites nem sequer dormia... Eu aprendi a amá-lo e respeitá-lo. Aprendi muito com sua disciplina e determinação. Um dia, porém, ele também me abandonou...

Meu terceiro marido era um homem muito trabalhador, muito honesto e também muito reconhecido profissionalmente. Tinha muitos amigos e viajava muito. Eu tive que me desdobrar para dar conta de todas as atribuições que me sobravam enquanto ele estava fora. Nessa época, eu já tinha três filhos. Mas ele, um dia, também se foi...

Meu quarto marido era um homem muito famoso, muito sociável, vivíamos em jantares, festas, coquetéis e reuniões. Muitas vezes eu recebi convidados e pessoas em casa. Aprendi a conviver com ele e também a amá-lo muito. Era um homem muito distinto e elegante... Um dia, porém, ele também me deixou..."

O cientista, já desconfiado ao ouvir esta última parte da história, teve então plena certeza quando a senhora começou a contar sua vida com o seu quinto marido... Sim, ela estivera, o tempo todo, falando da mesma pessoa. Tivera "cinco maridos", porém apenas um casamento! De uma forma sábia, entretanto, percebera que seu caminho se delineava a partir de uma sucessão de fases e papéis diferentes de acordo com o momento da vida. E cabe a nós identificá-los, aceitá-los e assumi-los ao percorrermos nossa jornada.

Espero que até aqui, caso você tenha iniciado por esta parte do livro, tenham ficado registradas algumas percepções subjetivas que o acompanhem pelo caminho adiante. Se, entretanto, você está chegando aqui, tendo começado por "outras paragens", então muitos "insights" provavelmente estarão já se apresentando. Neste segundo caso, estas últimas linhas apenas confirmarão suas descobertas. Precisamos somente de mais um acordo...

Leitura criativa

A linguagem informal deste livro consiste numa estratégia que tem por intenção e pretensão criar um clima de **leitura criativa**. Aqui reside um dos mais importantes aspectos desta metodologia.

Contraditoriamente, **quanto menos esforço fizermos neste processo, maiores serão os resultados!** Estaremos, ao longo deste programa, investindo tempo e energia na integração e no resgate de muitas habilidades e percepções que, **por alguma razão muito importante, até aqui não têm estado em uso**.

Quero exemplificar melhor a observação anterior, para que possamos compreender o significado e a importância da adequação cultural e social para cada indivíduo. Três exemplos servirão para coordenarmos, sem prévios julgamentos e de uma maneira mais respeitosa, nossos interesses de mudança, crescimento e transformação com nossos antigos programas de "sobrevivência" e adequação social, profissional e pessoal – condições que, efetivamente, nos destacam e compõem os atributos de nossa própria identidade.

Peter Senge, reconhecido cientista americano, conta uma história muito interessante em seu livro mais recente, traduzido para o português, "A Quinta Disciplina – Caderno de Campo". Diz algo a respeito de um povo africano cuja saudação entre as pessoas era: "Te vejo". A reposta correspondente era: "Eu estou aqui". Nessa cultura, um indivíduo ficaria muito ofendido caso alguém lhe encontrasse sem cumprimentá-lo, pois estaria negando-lhe a existência e, conseqüentemente, retirando-lhe a própria identidade. É claro, essa é "uma outra cultura". Em nossa civilização, conquistamos respeito, reconhecimento e identidade pelo que sabemos repetir e reproduzir dos conhecimentos culturalmente aceitos como verdadeiros. Ou através da representação de ações ou frases observadas nos programas de televisão. Parte da noção de realidade e dos significados são estabelecidos pelos personagens em evidência em cada época – grandes personalidades e artistas nos oferecem os padrões de conduta adequados.

Outra ocasião interessante de ser observada: tive oportunidade de participar de um encontro de atualização profissional de Recursos Humanos em agosto de 1.996. Eu faria a palestra de abertura do terceiro e último dia do evento. Assim, aproveitei os dois primeiros dias para reconhecer a linguagem dos outros palestrantes e adaptar o meu discurso. Na abertura do segundo dia, houve uma dinâmica com musicoterapia. Percebi que o palestrante estava realmente empenhado em obter a participação do grupo. Mas seus esforços davam poucos resultados. Num dado momento, solicitou aos presentes, sentados ao longo do auditório, que se levantassem e que trocassem de posição: quem se sentava à frente deveria se encaminhar para trás e vice-versa.

Quando a movimentação se iniciou, pediu ainda que, no momento em que duas pessoas se cruzassem, olhassem nos olhos uma da outra, se cumprimentassem e trocassem um sorriso. Observei fatos interessantes: 85% dos homens que encontrei não me olharam nos olhos; 40% das mulheres também não! Alguns, ao dar a mão, rapidamente, sequer paravam de caminhar. Percebi que, em todo o auditório, que continha umas cem ou cento e cinquenta pessoas, apenas um senhor "engravatado" não se levantara para participar dessa vivência. Pensei comigo: "Talvez esse seja um dos poucos honestos em todo este grupo, pois, não querendo participar, teve coragem de boicotar abertamente a dinâmica".

Também pensei: "Estes são os profissionais que cuidam das pessoas nas empresas? Que desastre!" Felizmente, entretanto, há uma minoria, porém crescente, de profissionais dessa área não só interessados mas também empenhados e comprometidos em contribuir para a construção de um novo modelo de gestão do potencial humano. Tive a felicidade de encontrar outras instituições nas quais o principal papel dos executivos é o de gestor do potencial humano: "Uma empresa não vale absolutamente quase nada no fim-de-semana, ou seja, sem os seus profissionais" (adaptado do Sr. João Roberto Benites).

Por muitos anos, o conflito aparente entre o processo criativo e os limites de expressão dessa força criativa (comumente conhecidos como bloqueios) tem sido apresentado como algo a ser

vencido por um dos personagens: a chamada criatividade. Mas essa é essencialmente uma conclusão do mundo adulto. No universo infantil, de alguma forma, esse conflito parece ser construído e ativado para que os bloqueios perseverem. Contraditório, não?

De alguma estranha forma, parece que as crianças, criativamente, aprendem a não utilizar sua criatividade! De fato, uma outra forma de entender os chamados bloqueios mentais ou emocionais é percebê-los como construções criativas de nossa própria mente inconsciente para lidar com os regulares problemas causados pela expressão descontrolada de nossos impulsos criativos.

Certamente, então, **qualquer recurso, comportamento ou estratégia** que tivemos ou usamos em alguma época de nossa vida e, conscientemente ou não, escolhemos deixar de utilizá-la para assumir uma identidade reconhecida profissional ou socialmente, **poderá ser reativada**. Agora, entretanto, não devemos nos condenar ou mesmo julgar algumas decisões, sejam elas inconscientes ou não. Naquela época, talvez tenha sido muito mais importante a conquista do processo de sociabilização e a construção de uma identidade socialmente reconhecida. No presente, porém, poderá ser muito importante para nossa expressividade e realização que resgatemos aqueles potenciais que acabaram por adormecer em nosso interior.

Para que ocorra aquele fenômeno que chamo de **leitura criativa**, convoco a participação daquela dimensão de existência na qual ocorre a intensa maioria de nossas percepções e ações: a nossa mente inconsciente. Afinal de contas, **como você escolhe o que perceber?** Enquanto você lê estas linhas, pode não estar totalmente consciente de uma série de eventos que coexistem ao mesmo tempo: suas sensações corporais de contato e calor, o resto de suas impressões visuais periféricas que abarcam, pelo menos, um cenário muito maior que estas páginas e várias impressões sonoras que lhe invadem os ouvidos, seja por dentro ou por fora e, mesmo assim, são desviadas de sua consciência, processo este que podemos chamar, no momento, simplificadamente, de percepção periférica.

Também, especialmente, devemos considerar nossas memórias e nossos pensamentos – **como eles são ordenados?**

Então repito, convoco **todas** aquelas dimensões da nossa existência que realmente **escolhem o que perceber**, aquelas que **escolhem o que lembrar** e também **aquelas que escolhem o que pensar, entre outras,** e que, na maioria das vezes, nos orientam e nos apontam os caminhos para as experiências de vida. Convoco-as todas para contribuir e participar deste empreendimento que pode gerar aprendizagens e percepções que transcendam os limites dos objetivos conscientes. Essa convocação tem um nobre objetivo que partilhamos todos juntos: sentir-nos melhor e promover melhores formas de expressão de nossa condição mais essencial, o fator humano.

Nesse processo, que chamei de **leitura criativa**, espero que a mente inconsciente de cada um de nós esteja presente, a oferecer-nos as mais significativas percepções, conscientes ou não, transformando a nossa consciência apenas num palco e num cenário de um espetáculo em que estejam presentes, simultânea e/ou sucessivamente, impressões internas e externas, para que possamos realizar, o mais efetivamente possível, nosso intento íntimo com este programa.

Não se oponha se, então, ao acompanhar estas palavras durante a leitura, acontecerem reações como: desconcentração ou concentração absolutas, não-entendimento ou entendimentos únicos, sonolência ou intenso impulso de movimentação e, principalmente, uma série incomum de sensações pelo corpo, imagens conexas ou desconexas, ou mesmo um discurso paralelo dentro de sua mente ou percepções. Não existe certo ou errado nesta proposta, são apenas sinais e mensagens de sua mente inconsciente.

Todos esses efeitos, sejam conscientes ou não, apenas indicam uma intensa atividade interior de integração de percepções e ruptura de algumas crenças de limites instaladas ao longo de anos pela nossa adequação, sociabilização e educação formais.

Não obstante, **permita que isso aconteça e divirta-se com isso.** Quando perceber algum impulso de movimento, vontade de espreguiçar-se, bocejar ou adormecer, deixe acontecer. Não se preocupe, nem se *pré-ocupe*. Ceda aos impulsos espontâneos. Poderemos reaprender coisas interessantes nesse caminho. Os diferentes estilos de aprendizagem estão sendo estudados e nós, acadêmicos ou não, ainda temos muito a aprender com aquelas crianças que "dormem" na aula, que estudam vendo televisão ou mesmo conversando, ou desenham enquanto assistem às aulas na escola – e comumente são excelentes alunos.

Quaisquer sensações, sejam incomuns ou não, durante a leitura deste livro, deverão ser entendidas como mensagens. Mensagens e informações de nossa(s) mente(s) não consciente(s). Sendo assim, **leitura criativa** é um processo que se desenrola em nossa consciência, no qual, simultânea ou sucessivamente, estamos sensíveis, receptivos e perceptíveis a estímulos externos (informações e representações dos objetos de observação, estudo ou leitura) e sensíveis e atentos às impressões subjetivas que nos são oferecidas, tais como: percepções sensoriais, viscerais, visuais, auditivas, idéias, memórias e intuições. Não esqueça as instintivas também, no caso de ocorrer sono, fome, uma vontade de se movimentar ou ir ao banheiro. Acima de tudo, divirta-se!

Estes foram os principais acordos necessários para continuarmos nosso empreendimento: abrir novos caminhos e desbravar fronteiras. Assim, supondo que, realmente, nosso "coração" possua como um valor elevado a coleta de experiências e aprendizagens, agora passaremos à frente para discutir soluções, após termos definido um cenário inicial que inclui experiências típicas de nossa cultura. Neste programa, propriamente, serão propostas soluções em um ambiente específico: como falar línguas estrangeiras mais rapidamente e com menos esforço. Esse é um objetivo que pode ser considerado bem formulado se possuir um prazo. Em contrapartida, deve-se ter em mente que: aprender língua estrangeira ou aprender a falar língua estrangeira é tão indefinido quanto querer emagrecer, e não, escolher um determinado peso. Se definirmos como objetivo um processo (aprender, emagrecer etc.), obteremos como resultado a conquista do processo, e não necessariamente do fato! É o caso daqueles que aprendem línguas a vida toda mas não falam, ou dos que estão sempre em dieta mas nunca estão magros.

Resumo

Esta é uma parte muito importante deste programa de aprendizagem inconsciente para construir a atitude adequada para ter acesso a canais de comunicação com a nossa própria mente inconsciente. Romper alguns protocolos sociais que nos moldam a percepção e flexibilizar algumas crenças nos permitirão encontrar um sentido mais profundo para desenvolver o processo, agregando ainda alguns ganhos secundários interessantes, próprios da estimulação dessas dimensões de nossa existência.

O encadeamento de múltiplos níveis de sentido e significação ainda nos mostra o valor e a elegância da utilização do **Princípio da Alavancagem** aplicado neste contexto. Serve ainda para convidá-lo(a) a vivenciar um processo de aprendizagem mais profundo e integral, incorporando todos os aspectos mentais, emocionais e corporais que se apresentam durante a leitura deste livro.

Tarefa

- Pense por alguns momentos e defina pelo menos três objetivos para serem alcançados durante ou após este programa.
- Após definir os três objetivos, resuma cada um deles em uma frase curta ou uma palavra que sintetize os pensamentos e sentimentos presentes durante esta etapa.

ABORDAGEM COGNITIVA

Esta dimensão do Programa **OLeLaS – FEEA**, como explicado anteriormente, tem a finalidade de expor as razões e a estrutura de funcionamento aparente de todo o processo de aprendizagem e efetivação da habilidade de falar em outros idiomas. Naturalmente, algumas outras questões podem ser suscitadas pela reflexão detalhada sobre esses assuntos relacionados com a compreensão dos processos de aprendizagem e as contradições que motivaram a construção desse programa.

Na medida do possível, acredito que a maior parte das soluções serão encontradas através de modelos teóricos que estejam fundamentados na observação do processo natural, até que, um dia, algum novo modelo científico possa nos oferecer um atalho não intuído a partir da observação, porém mais efetivo em resultados.

Até esse dia, quando e se ele chegar, proponho uma meditação sobre as idéias apresentadas nesta parte do programa, com o objetivo de construir uma atitude essencial para compreender mais visceralmente as evidências. Algumas informações desta parte já foram, ou serão, novamente apresentadas com maior ou menor detalhe. Faz parte da linguagem circular.

Nesta parte, considero útil, também, apresentar algumas experiências que serviram de referência para a arquitetura desta metodologia. De um modo geral, são fatos que vivenciei, completamente esparsos e desconexos no tempo, e que, ao tomar consciência, eram somente curiosas percepções. Num belo dia, ao sintetizar os objetivos para este curso, percebi que aquelas memórias eram os tijolos básicos para a concepção deste projeto. Chamo-as de experiências de referência.

Durante meus seminários, tenho o hábito de apresentar, inicialmente, os objetivos e a arquitetura básica do programa. Diferente da estrutura do livro, que pode ser lido de qualquer maneira, um treinamento tem início, meio e fim. Reservo sempre para o início a abordagem cognitiva para persuadir e motivar as pessoas a aceitar as experiências e convites ao trabalho. Após o contato inicial, costumo me apresentar profissionalmente (os detalhes mais pessoais estão no fim do livro). Não obstante, falando sobre as origens essenciais das minhas buscas e pesquisas, necessariamente, acabo me remetendo às fontes nas quais saciei parte da minha sede. A experiência relatada a seguir, considero, talvez, a mais fundamental para compreender este programa.

Uma Atitude Importante

Nos anos de 1.984 e 1.985, enquanto freqüentava o Instituto de Física, tive a oportunidade de conhecer um grande mestre, um dos poucos que restam na universidade. Ouvira falar de sua habilidade e competência – por isso me matriculei em uma matéria optativa. Ele só lecionava uma matéria por semestre no curso de graduação – o foco de seu trabalho estava na pós-graduação. No início, não sabia exatamente o que seria abordado naquela disciplina (cujo nome era bastante complexo: "Sínteses e Aplicações de Processadores Digitais"). Interessava-me conhecê-lo. Pela estrutura curricular, ao nos matricularmos em uma cadeira eletiva, automaticamente ela se torna obrigatória em nosso histórico escolar.

Graças a isso, tive que cursá-la outra vez, pois fora reprovado por faltas na primeira ocasião. Isso me proporcionou a oportunidade de assistir pela segunda vez à aula de apresentação do curso de um semestre. Acredito que, somente então, tenha identificado a profunda importância daquele início de relacionamento.

Depois de apresentar o programa do semestre, critérios de avaliação e dinâmica do curso, num dado momento parava, olhava para cada um de nós e dizia, compassadamente: "Nós, da comunidade científica, que acreditamos que o homem pisou a Lua..."

Mais uma vez, durante um longo silêncio, percorria seu olhar fixo por nós, alunos, e, ao ter observado cada um, quebrava o silêncio: "Sim, pessoal... Eu digo isso, 'nós, da comunidade científica, que acreditamos que o homem pisou a Lua...', porque, até hoje, eu não consegui convencer minha tia de que o homem realmente realizou essa conquista".

Sua frustração era evidente. Entretanto, sua serenidade, muito presente. Era um doutor em ciências da informação, um físico extremamente gabaritado, membro da comunidade científica internacional, tinha acesso às mais diversas publicações científicas e materiais didáticos... Toda essa variedade de fontes não fora suficiente para convencer sua própria tia. Certa vez, levara um filme para mostrar-lhe. Ela assistira ao filme com atenção e, quando questionada sobre sua opinião, respondeu: "Ah, esses meninos de *Hollywood*... O que eles não são capazes de fazer para nos convencer de um mundo de fantasias!"

Fotos, filmes, reportagens... Nada era suficiente para sua conquista. Essa tensão e conflito provavelmente o conduzira a uma grande e fundamental síntese criativa: finalmente chegara à conclusão de que ele escolhera acreditar nesse fato. Ele mesmo não estivera na Lua, nem sequer na cápsula espacial que alunissara, através da qual, pela escotilha, pudesse observar o primeiro homem pisando a Lua!

Chegara, enfim, à conclusão de que ele escolhera acreditar e se utilizar pessoal e profissionalmente de tal conhecimento. Mas não pudera testar, através de sua percepção, a realidade absoluta de tal fato. Tanto quanto esse meu mestre, eu não estive na Lua, nem na cápsula espacial. Aprendi com ele que acreditar ou não nesse "fato" era uma questão de escolha. Escolhi, portanto, compartilhar de sua crença. Semelhante a isso, minha escolha pelas tecnologias educacionais que utilizo está totalmente vinculada à minha formação exata. Apesar de nunca ter atuado nessa área, exceto durante uma bolsa de iniciação científica, sempre fui educador, meu compromisso visceral é com números, com percepções palpáveis. Por isso escolho esta metodologia **FEEA**. Garanto, é o que conheço de mais rápido, efetivo e natural em obter resultados de aprendizagem.

Não obstante, se algum de vocês me encontrar um dia, no futuro, em qualquer lugar deste planeta, ou mesmo fora dele (afinal de contas, as viagens espaciais estão cada vez mais populares), e me perguntar: "Walther, li o seu livro 'Domesticando o Dragão' (ou freqüentei o seu seminário) e encontrei coisas interessantes nele. Diga-me uma coisa, aquilo que você disse no livro (ou curso) **é verdade?" Eu nego!!!** Em qualquer lugar do Sistema Solar ou fora dele! O que vou dizer é que tudo aquilo era o que eu conhecia de mais próximo da realidade até então. Porém, se desta data para o futuro eu aprender novos métodos e ferramentas mais rápidas, mais potentes e mais naturais em resultados, eu não terei escrúpulo nenhum em abandonar tudo o que já aprendi

e estudei, pois o meu compromisso visceral é com números e resultados palpáveis, e não com modelos científicos ou teóricos!

Neste momento, enfatizo o convite a que você, leitor, adote a mesma atitude para que possa aproveitar o máximo deste programa: não acredite em nada que estiver escrito neste livro, a não ser que você consiga comprovar através de sua própria percepção, razão ou intuição. E ainda assim, saiba que, um dia, talvez tudo isso venha a mudar!

Contradições do Sistema Formal

Como educador, inventor e empresário, muitas foram as questões que me motivaram a pesquisar mais detalhadamente este universo da educação. Inicialmente, entretanto, acredito que a baixíssima efetividade nos resultados dos programas convencionais de estudo de idiomas fora a observação mais curiosa e destoante. As questões apresentadas a seguir se constituíram no segundo trampolim para a síntese deste projeto.

Um Número Mágico

Conforme já apresentado na Preparação, os laboratórios de pesquisa sobre comportamento e comunicação humana mostraram uma realidade muito interessante sobre a natureza da comunicação interpessoal. Essas informações são apresentadas em qualquer livro sobre PNL (Programação Neurolingüística). Na compreensão da comunicação interpessoal humana, a importância das palavras propriamente ditas é muito pequena:

- 7% da comunicação são as palavras (verbal);
- 36% da comunicação corresponde às sonoridades (não-verbal);
- 57% da comunicação é constituída de expressão corporal (não-verbal).

Aqui fica aparente como são construídas nossas primeiras e principais dificuldades para aprender uma nova língua. Por anos, durante o ensino básico e formal de idiomas, aprendemos, detalhada e repetidamente, conhecimentos e padrões que correspondem a apenas 7% da comunicação, ou seja, aproximadamente 99% da ênfase da educação é dada a apenas 7% das reais necessidades de ferramentas para se comunicar naquela língua. Completamente absurdo, não?

Somos induzidos a crer que estamos aprendendo ou aprendemos aquele idioma. Entretanto, quando não conseguimos nos expressar através dele, pensamos ou imaginamos possuir bloqueios de expressão. Não! Não! Não! Falta a recontextualização daqueles conhecimentos no ambiente da expressão e “horas de vôo” de comunicação interpessoal naquele idioma para cristalizar definitivamente aquelas aprendizagens na comunicação verbal. Até, surpreendentemente, como também já comentado, existem professores de idiomas, nessa fase do aprendizado formal, que nem sequer falam ou falaram a língua que estão “ensinando”!

Evidentemente, por mais interessante que você conclua ser essa informação de que **93% da comunicação humana é não-verbal**, podem restar algumas questões: “Como podemos utilizar esse conhecimento a nosso favor?”, “Na prática, o que isso representa?”. Realmente, não gostaria

que você apenas começasse a propagandear isso sem saber utilizar essa informação a seu favor. Este tipo de informação, proveniente da pesquisa científica, pode ser muito interessantes, mas...

Cada vez que ofereço esses dados, ocorre-me sempre algo que corresponde a uma dúvida existencial minha... Preciso compartilhar: qualquer livro de ciência básica, em suas primeiras páginas, apresenta os modelos científicos nos quais estão fundamentadas as informações que se seguirão. Um dos que mais me convida à reflexão é o Modelo Atômico (caso você queira uma nova compreensão sobre ele, leia o livro "Espaço, Tempo e Além", consulte bibliografia). Efetivamente, aprendemos que a matéria física é constituída de átomos. Que os átomos são partículas tão pequeninas, que nem nossa imaginação é capaz de alcançar. Porém, na dimensão do átomo, o seu núcleo é ainda incomparavelmente menor. Para você ter uma idéia de proporção, se o menor átomo que existe (o átomo de hidrogênio) tivesse a extensão de um prédio de três andares, seu núcleo teria o tamanho de uma cabecinha de alfinete.

O restante seria, praticamente, espaço vazio! Isso me leva a concluir que 99,9% da matéria sólida se constitui de espaço vazio!!! Os cientistas se preservariam afirmando que existem campos de força ou forças extremamente poderosas atuando nesses espaços diminutos para manter a consistência da matéria. Eu, porém, penso... por que minha mão não atravessa a matéria sólida? Não é quase tudo espaço vazio? Tanto uma parede quanto minha própria mão?

Talvez a esta altura você esteja se perguntando: "O que isso tem a ver com nossos objetivos?" Acompanhe-me apenas mais alguns instantes... Para aproveitar melhor, traga de sua memória a lembrança de algum sonho que teve em uma noite qualquer. Sim, um sonho daqueles que temos ao dormir! Escolha o mais fantasioso dos que você se lembrar. Eu não sei qual é o seu sonho, porém, eu garanto algumas coisas:

1. No seu sonho, o mundo é de cabeça para cima! Não é de ponta-cabeça ou invertido, como poderia ser! Afinal de contas, é somente um sonho! Nem é inclinado, como nos filmes do *Batman*! E poderia ser... É só um sonho!

2. No seu sonho, se você estiver caminhando (muitos voam), o chão é tão duro quanto você poderia imaginar! E não precisava ser, pois você poderia cair através do chão! Não há nada de mais imaterial do que um sonho... Por que é duro e impenetrável, então? Nos sonhos, também seria possível atravessar paredes! Onde estão os limites? Perceba que nossos próprios condicionamentos criam nossas percepções e realidades, isto é, os limites talvez estejam apenas em nossas mentes!

3. No seu sonho também vale a Lei da Gravidade, independentemente de qual seja o sonho. Você talvez voe, mas para as outras coisas, vale essa lei! E não precisava ser assim! É somente um sonho! Tudo poderia flutuar!

A cada noite que acordo, ainda meio sonolento, para ir ao banheiro e acidentalmente chuto o pé da cama ou bato a cabeça no armário, lembro-me de duas ou três gerações de quem colocou aqueles obstáculos ali – não tem nada de vazio ali! No entanto, minha mente científica me diz: "É quase tudo espaço vazio..."

Agora reapresento minha dúvida: eu não sei, eu não tenho certeza, se as coisas são como são porque assim devem ser... ou se são como são por nós acreditarmos que assim devem ser. Claro que esse tipo de crença estaria instalada num nível inconsciente coletivo bastante profundo... E, durante sua educação, uma criança inconscientemente vai apreendendo tais realidades.

Portanto, quando nos referirmos ao número mágico 93%, espero que ele, coordenadamente, ative nossa percepção e compreensão mais viscerais de como utilizá-lo a nosso favor.

A Linguagem Universal

Um fato muito curioso é observarmos crianças que possuem até cinco ou seis anos se comunicarem. Em geral, em pontos turísticos de grande convergência de estrangeiros, tais como Foz do Iguaçu, no Paraná, Pão de açúcar ou Corcovado, no Rio de Janeiro, ou Salvador, na Bahia, percebemos que, menos do que nós, brasileiros, os europeus ou americanos fazem viagens internacionais com os filhos. Porém, muitas vezes, podemos observar crianças de diferentes nacionalidades, raças e culturas circulando nesses locais.

Quando essas crianças se encontram, independentemente de sua procedência, sexo, raça, cultura ou idioma de origem, até cinco ou seis anos, elas se comunicam perfeitamente bem: brincam juntas, criam jogos, estabelecem regras, cada uma falando na própria língua – mesmo sem conhecer o(s) outro(s) idioma(s). Que tipo de linguagem é essa, que já possuímos algum dia e que, por alguma razão, deixamos de utilizar? Que tipo de língua é essa que permite que crianças se comuniquem universalmente?

Exceções

De fato, além dessa flexibilidade em se comunicar, é atribuída à criança uma grande competência em aprender rápida, fácil e naturalmente. Entretanto, o aprendizado da língua mãe é mais complexo e difícil. Pense bem: simultaneamente, a criança, além de aprender as palavras (7%) e os padrões não-verbais de comunicação e interação (93%), ainda depende do aprendizado do raciocínio lógico (estruturação do pensamento racional) e dos padrões de coordenação motora de todo o aparelho fonador (sistema motor envolvido na fala: desde a respiração até a dicção).

Essa jornada de aprendizado da língua por uma criança leva talvez de três a cinco anos, nunca chegando a um termo. Embora seja crença comum que uma criança aprende com mais facilidade, como explicar, então, que existem adultos que necessitam de apenas seis meses, ou até menos, para dominar um novo idioma? Naturalmente, essas pessoas não precisarão aprender a falar ou a pensar novamente! É claro, também, que essas pessoas já foram bem-sucedidas em aprender, inicialmente, a língua mãe (como todos nós), e na próxima língua não precisarão aprender a se comunicar ou a pensar novamente. Essas qualidades servirão para qualquer outro idioma. Uma conclusão simples: **o adulto aprende um novo idioma com muito mais facilidade que uma criança!**

Mais do que isso, tantas e tantas pessoas aprenderam definitivamente a falar uma nova língua de formas não ortodoxas, alguns sem se mudar para o país de origem do idioma, alguns sem freqüentar um curso formal de idiomas, ou mesmo sem estudar, alguns em apenas seis meses ou

menos (e algumas dessas pessoas até se tornaram instrutores de línguas estrangeiras!). Todos esses tipos de pessoas não são diferentes de nós; não possuem um olho a mais, nem ouvidos a mais, ou mesmo uma outra boca e língua para aprender novos movimentos! O que elas fazem? **Apenas não deixaram de se utilizar daquelas "ferramentas e instrumentos" que já as tornaram bem-sucedidas em aprender a língua materna!** Todos nós temos essas facilidades, se resgatarmos aquelas formas de aprender que tivemos enquanto crianças, priorizando a percepção da musicalidade da linguagem (ritmos e entonações) – uma determinada freqüência mental (arquivo de memória) na qual, posteriormente, serão registrados os sons e significados específicos.

Quando, enfim, as pessoas me procuram pela natureza do meu trabalho e falam sobre suas dificuldades e bloqueios, atualmente posso até antecipar mentalmente suas queixas. Entretanto, penso, **será que elas se esqueceram de que já aprenderam a mais difícil língua "estrangeira"?** Por que deixaram de se utilizar daquelas formas de aprender que já deram certo?

Aprendendo no Caos

Se perguntarmos a qualquer pessoa: "Qual é a melhor forma de se aprender um novo idioma?" Estimo que 95% das respostas sejam parecidas com a seguinte: "Mude-se para o país de origem dessa língua!" Em geral, só não respondem isso aquelas pessoas que sequer cogitam a hipótese de viajar para estudar.

Quando, enfim, realizamos essa mudança de país, no caso da língua inglesa especificamente, para países como Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Austrália etc., ou mesmo Índia e outras antigas culturas que receberam tais influências, ninguém, absolutamente ninguém se dirige a nós na rua e diz: "Lesson one, verb to be...!", "This pen is red..." etc. Nada disso! O aprendizado é completa e consensualmente caótico.

Ainda assim, o grande público admite que essa é a melhor forma de aprender. Reflita: se a melhor forma de aprender um novo idioma é no caos (pelo menos, aparentemente), o que é que os cursos tradicionais de idiomas estão fazendo? Tentando organizar o caos?

Ao observar o aprendizado de uma criança, percebemos que suas primeiras palavras estão relacionadas aos principais objetos de seu interesse e necessidade e com a freqüência que escuta tais sons ou palavras. Além disso, existe uma fase do aprendizado na qual a mãe é a grande "tradutora" de suas mensagens. Nessa fase, quando a criança se expressa, é capaz de atrair a atenção de qualquer adulto próximo, pois seus ritmos e entonações já correspondem aos da nossa língua, apesar de sua dicção não produzir, ainda, sons reconhecíveis por nós. A mãe, habituada ao convívio com a criança, naturalmente aprendeu sua "língua intermediária" nessa fase do aprendizado.

Uma pesquisa realizada por um cientista europeu constatou um dado curioso. Ele observou que uma criança, filha de mãe americana, temporariamente residente na França durante sua gestação e primeiro ano de vida, teve mais facilidade de aprender o francês do que o inglês – apesar de não ser o francês a língua materna daquela senhora. Concluiu que, já no útero materno, uma criança se adapta aos ritmos das respirações próprias de cada língua e que, de alguma forma, "escuta",

desde cedo, os sons daquela língua, familiarizando-se com suas sonoridades e ritmos. Para mais detalhes sobre a construção da identidade do falante de outros idiomas, vá até o primeiro exercício da **"ABORDAGEM EXPERIENCIAL"**.

Um Dado Surpreendente

Para aqueles que encontram na língua inglesa seus principais medos e desafios, saiba que **65% dessa língua é de raiz latina!!!** Isso mesmo! Ao ler um texto científico, isso fica ainda mais evidente. Se quiser comprovar, pegue um dicionário e, folheando-o, compare as semelhanças de radicais. Quase todas as palavras inglesas terminadas em **"tion"** podem se tornar palavras de nossa língua substituindo-se o sufixo por **"ção"!**

De fato, a evolução da língua falada afastou um pouco mais o inglês americano de suas origens latinas (embora a influência hispânica, em algumas regiões, tenha resgatado parte dessa interação). O mais estranho não são as palavras, e sim os ritmos e entonações, aparentemente pouco familiares à nossa percepção.

Outra "Pérola"

A fluência de alto nível numa língua estrangeira é obtida, estima-se, quando o indivíduo possui um vocabulário ativo de algo em torno de duas a três mil palavras. Entretanto, uma pesquisa apresentada pela Universidade de São Paulo constatou que o vocabulário da língua portuguesa falada no dia-a-dia constitui-se de, aproximadamente, seiscentas palavras, ou seja, já com oitocentas palavras podemos falar uma nova língua cotidianamente, pois as vivências humanas, atualmente, são bastante universais e semelhantes. De acordo com Joseph Campbell, o crescimento da humanidade que um dia afastou povos pela superfície do planeta é o mesmo que nos une atualmente e que resgata a familiaridade e a universalidade da maior parte das experiências humanas.

Os Arquivos de Memória da Língua Falada São Outros...

Sim! Os arquivos de memória da linguagem escrita ou compreendida conceitualmente não são os mesmos da língua falada ativamente. Isso fica evidente cada vez que uma criança se aproxima de um adulto para perguntar o significado de uma determinada palavra. Esse adulto pode, com muito cuidado, explicar-lhe o sentido daquela palavra e dar-lhe vários exemplos, evidentemente interessado no aprendizado da criança. No entanto, essa palavra, muitas vezes, não faz parte do vocabulário ativo desse adulto, ou seja, sabe o que significa, entende quando a ouve, mas nunca usa ou fala essa palavra. É uma palavra de seu vocabulário passivo.

Inversamente, o mesmo adulto pode perguntar àquela criança o que significa uma determinada palavra que o(a) pequeno(a) acabara de proferir. Talvez essa criança não saiba explicar, mas se utiliza dessa palavra corretamente, sempre que precisa, no contexto adequado, no momento certo – é uma palavra de seu vocabulário ativo.

Outra ocasião familiar é quando se solicita a alguém que leia em voz alta um determinado texto ou comunicado. Atentamente, essa pessoa fará o melhor possível, buscando clareza de dicção em

sua leitura, fazendo as pausas de acordo com a pontuação e até repetindo uma frase ou oração, no caso de algum deslize de fluência ou pontuação. Porém, se ao final da leitura lhe perguntarmos o que entendeu daquilo que leu em voz alta, possivelmente ela irá solicitar um tempo extra para **ler** novamente, em seu estilo, **para compreender**. São ambientes mentais e cognitivos diferentes! Para algumas pessoas, eles foram integrados, enquanto, para outros, ainda permanecem "desconectados". Em nosso trabalho, temos por objetivos reintegrar alguns desses ambientes mentais e intercambiar conhecimentos e competências.

Aprendendo a Aprender

Quando comunicamos a um amigo ou amiga que estamos nos matriculando num novo curso de idiomas ou aprendendo uma nova língua, ocasionalmente essa pessoa nos perguntará se é a primeira língua estrangeira que estamos aprendendo. Talvez respondamos que sim, talvez que não, talvez seja a segunda ou terceira nova língua. Possivelmente, então, comentará: "Ah, se for a primeira língua estrangeira, talvez você tenha um pouco mais de dificuldade de aprender. Mas se for a segunda, terceira ou quarta, fica progressivamente mais fácil de aprender..."

Atribui-se a um indivíduo que já fale três ou quatro idiomas uma facilidade muito maior de apreender o seguinte. Isso é uma conclusão bastante comum. Pergunto, então: **"O que é aquilo que nós aprendemos junto com o idioma que torna mais fácil o desafio ou empreendimento de aprender uma próxima língua?**"

Inconscientemente, na maior parte das vezes, aprendemos a aprender línguas. Ao conquistarmos a habilidade de falar um outro idioma, nós ativamos nossa percepção para esse universo da realidade humana. Colocamos em prática aquilo que dá e deu certo. Sem perceber, descobrimos, inconscientemente, como prestar atenção no aprendizado; aprendemos o que é vocabulário ativo e o que é vocabulário passivo (pense naquelas palavras, em outra língua, que você talvez tenha gastado horas para aprender e depois nunca mais ouviu!); aprendemos a nos concentrar e a pensar naquele novo idioma; aprendemos a ouvir e perceber sonoridades, sotaques e regionalismos. Chamo isso "a receita do bolo" de como aprender, ou **"Estratégias de Aprendizagem".** São as técnicas propriamente ditas (parte do conteúdo deste livro).

Traduções

Qualquer pessoa que já conheça pelo menos um pouco da língua estrangeira e que queira desenvolver a habilidade de falar já deve ter tido a oportunidade de presenciar uma palestra com tradução simultânea ou uma conversa em um grupo de pessoas no qual se falasse mais de um idioma. Com ouvidos atentos, talvez tenha observado que as versões de um idioma para outro não são traduções precisas. Até nos filmes estrangeiros legendados, com som original, é possível perceber que **não existe** tradução de uma língua para outra! Os bons profissionais de tradução simultânea **não traduzem!** E aqueles que traduzem perdem as sutilezas da compreensão, quando não a completa inteligibilidade. Os melhores tradutores são pessoas que capturam o sentido e o objetivo de cada comunicação em uma língua e reconstróem a compreensão no outro idioma (não raro, são especialistas naqueles assuntos a serem traduzidos ou buscam informações e compreensão mais detalhada dos temas, antes de algum trabalho), muitas vezes utilizando

conceitos e palavras não proferidos na língua original, porém contextualizados nas necessidades de compreensão da outra língua.

Para nós, brasileiros, que aprendemos na escolinha que "I" = "eu", ou seja, que o pronome pessoal da primeira pessoa do singular da língua inglesa equivale ao nosso correspondente em português, saiba que essa equivalência é apenas funcional. Na sutileza da língua, grosseiramente, diria que um não se relaciona em nada com o outro! Quando um americano ou um britânico se utiliza do pronome pessoal da primeira pessoa do singular, "I", está falando da perspectiva de uma cultura própria de países de Primeiro Mundo que nunca foram de Terceiro Mundo. Fala a partir de uma língua considerada o idioma mais importante no mundo dos negócios e no qual se escreve esse pronome apenas com letra maiúscula, visto que se refere a um dos mais importantes valores daquela cultura. Sim, o pronome "I" nunca é grafado como "i"!

Quando um brasileiro utiliza o pronome pessoal da primeira pessoa do singular, "eu", está falando da perspectiva de um habitante de uma cultura proveniente do Terceiro Mundo, na qual é considerado falta de gentileza ou parece arrogância utilizar-se muito desse pronome ou assumir muitos sucessos, onde valeu a "Lei de Gérson" e a partir de certos paradigmas éticos e comportamentais próprios de uma cultura de raiz latina predominantemente católica. No nosso país, durante muito tempo, uma das frases mais comuns foi: "Não fui eu... Não fui eu!" Um idioma no qual, para nos referirmos a nós mesmos, na maior parte das vezes, utilizamos o pronome pessoal de segunda ou de terceira pessoa do singular: "tu" ou "você" – observe na comunicação fluente diária quantas vezes, ao se referir a si mesmo, utiliza os pronomes "tu" ou "você"! Isto é, ao falar de si próprio não utiliza o pronome "eu".

Além disso, você pode fazer ainda uma outra reflexão, respondendo a algumas perguntas. Cada um de nós possui uma noção subjetiva de temporalidade, ou de sucessão de eventos no tempo. Isso nos permite saber que aquilo que nos aconteceu ontem foi, de fato, ontem, e não na semana passada. Da mesma forma, intuímos um tempo para os nossos objetivos futuros, e aquilo que pretendemos fazer amanhã nos oferece uma noção de distância temporal diferente dos nossos planos para um futuro a médio ou longo prazo. Entretanto, apesar dessas evidências estarem completamente registradas e estruturadas em nossa linguagem, ou seja, sabemos diferenciar passado, presente e futuro com considerável precisão, o mesmo não acontece para detalhamentos dentro de cada um desses três universos temporais. Seja na utilização precisa da linguagem ou na própria estruturação subjetiva de nossos registros de informações e eventos (que se relacionam intimamente), observamos que muitas pessoas não se utilizam da conjugação de determinados tempos verbais. Concluímos, então, que não possuem referência para essas temporalidades.

Experimentalmente, equacionaria essa percepção da seguinte forma (utilizando uma ação simples, tal como "pescar", como ilustração):

Tempos verbais passados: Tempos verbais futuros:

Eu pesquei.

Eu pescava. Eu pescarei.

Eu pescara. Eu vou pescar.

Eu fui pescar. Eu irei pescar.

Eu fora pescar. Eu terei pescado.

Eu tinha pescado. Eu estarei pescando.

Eu estivera pescando. Quando eu pescar.

Se eu tivesse pescado.

Projete agora em sua consciência essas experiências, duas a duas, comparando a proximidade ou distância no tempo. Por exemplo, afirme a primeira frase: “Eu pesquei” e perceba, no tempo, quão próximo está esse evento; em seguida, faça o mesmo com a afirmação seguinte: “Eu pescava”. Compare agora, qual dessas ações é a mais próxima? Qual é a mais determinada? Continue essas comparações, duas a duas, e faça uma escala crescente de distanciamento ou definição temporal. Você pode, se quiser, ou se não gostar de pescar, escolher outra ação simples qualquer: andar, dançar, pensar, falar etc. Quando tiver essas duas seqüências, uma para o passado e outra para o futuro, proponha as mesmas comparações e a construção de uma escala semelhante para outra pessoa de fora de sua família ou convivência diária. Observará que, apesar de falarmos a mesma língua, as representações internas para a linguagem, seja em relação ao passado ou ao futuro, podem ser surpreendentemente diferentes. Imagine, então, como seria com outro idioma!

De fato, em relação à língua inglesa, não existe uma tradução exata para os tempos verbais pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito de nossa língua. Assim, também, não existe em português uma tradução fiel para o tempo verbal *Present Perfect* do inglês. Ao aprendermos a nos expressar em uma nova língua, não somente as palavras serão diferentes, como também a nossa subjetividade ganhará uma nova dimensão e identidade de organização e estrutura (isso para os bons falantes de outras línguas). Quem passou por essas experiências reconhece que até alguns sentimentos diferentes estão associados a diferentes línguas, às vezes até intraduzíveis. Caso essa mudança não ocorra, o indivíduo permanece como uma daquelas pessoas que se mantêm traduzindo interiormente, para poder representar em sua mente aquilo que ouve e o que vai falar. Um longo caminho e esforço para apenas tentar obter os resultados que serão naturais se flexibilizar sua identidade.

Distorção do Tempo e Integração de Ambientes

Um grande amigo certa vez comentou que percebia dois momentos bastante distintos na leitura de um livro. Num primeiro momento, iniciava a leitura buscando referências e entendimento. Em alguns livros, porém, através da leitura das primeiras páginas, construía um cenário onde se desenrolaria o conteúdo do texto. A partir desse momento, então, sua leitura tornava-se extremamente rápida e fluida. Seus olhos percorriam as linhas impressas, porém sua percepção mantinha-se fixa no cenário imaginário, como se assistisse a um filme. A velocidade de leitura aumentava muito, e mais, tendo visto esse cenário vivo em sua imaginação, era capaz de memorizar cada detalhe do enredo com relação ao todo. Cada vez que vivia essa experiência de

leitura, então conseguia lembrar-se de todo o livro! Surpreendente, não? De fato, qual é o real objeto da comunicação através da linguagem?

Mais uma Peça do Quebra-Cabeça

Um dia, há uns quinze ou vinte anos, acordei pela manhã com uma cena vívida de algo que sonhava imediatamente antes de despertar. Em minha memória permaneceram os sons de algo que eu falava para um personagem do sonho. Minha mensagem era muito coerente e imperativa. Porém, os sons que permaneceram em minha memória não se pareciam com nenhuma língua que eu conhecesse. Pensei: "O que será que aconteceria se eu quisesse expressar ou falar algo cuja mensagem não pudesse ser articulada em nossa língua? Seria eu capaz de elaborar um pensamento que a linguagem não alcançasse? E a partir daí, como eu poderia comunicar essa percepção ou pensamento?"

Paul Valery afirmou: "Pensar profundamente é pensar o mais distante possível do automatismo verbal". Quantos e quantos de nós pensamos ou sonhamos algo que não conseguimos expressar em palavras. Einstein dizia que o seu grande trabalho era verbalizar (codificar em linguagem verbal) aquilo que era imaginado e concebido em suas percepções e seus pensamentos – seria isso que ele queria dizer quando afirmava que seu trabalho era 5% inspiração e 95% transpiração? Pergunto então o que é, na verdade, o conteúdo real da comunicação: as palavras, frases e orações ou a compreensão e o entendimento?

Lembrando-se do Caminho

Um cliente, certo dia, comentou que se dispôs a provocar sua filha pequena quando esta lhe perguntou se naquele dia iriam visitar seu irmão: "Pai, hoje a gente vai ver o tio 'Frankico' (assim soava)?" Esse homem então parafraseou a pequena: "O tio 'Frankico'?" Ela imediatamente respondeu: "Não, não, o tio 'Frankico'!" Essa provocação continuou por mais alguns instantes até que a pequena se irritara. Assim, ele disse finalmente: "O tio Francisco?" Ela retrucou: "Isso, isso, o tio 'Frankico'..." Tal fato evidencia que a pequena tinha total e completa percepção da diferença entre 'Francisco' e 'Frankico', embora sua dicção ainda não alcançasse essas diferenças de articulação. Sabia o que escutava, pronunciava o que podia!

Nunca se esqueça de observar como uma criança aprende sua língua. Observe que o falar errado não é intencional, mas sim, falta de discernimento ou de dicção precisa dos sons. Ela possui ainda pouca habilidade de ouvir seus próprios sons e faz, ainda, poucas distinções. Porém, observe como as entonações e ritmos do seu discurso correspondem aos sons de sua língua com exatidão. Ela pode enrolar a língua, falar errado, mas os padrões sonoros não-verbais são bastante familiares à língua: a chamada "embromação verbal".

Criptografia

Imagine uma brincadeira de crianças: brincar de agente secreto. Para alguns, talvez até para você, leitor, esta próxima experiência já seja conhecida. Suponhamos que eu quisesse enviar uma mensagem secreta para o meu amiguinho, estabelecido em outra cidade, mas que não existissem telefones (ou estivessem "grampeados"). Certamente, se eu apenas a redigisse e enviasse, na

minha mentalidade de "agente secreto" conviveria com a incerteza do recebimento ou da interceptação pela "contra-espionagem"... Assim, para garantir o seu recebimento pela pessoa correta, eu criei um código. Por exemplo, o seguinte:

A → c H → d O → q V → n

B → t I → r P → v W → w

C → i J → y Q → g X → l

D → m K → z R → a Y → p

E → ( ) espaço L → s S → x Z → k

F → j M → u T → f ( ) espaço → o

G → b N → e U → h

Assim, para a minha mensagem original, eu reescrevi o texto de acordo com as substituições de letras apresentadas nesse código (com escolha aleatória e constante, nesse caso). Evidentemente, ao enviar a mensagem e a chave do código para que meu "espião" pudesse decodificá-la, coloquei-as em cartas a serem enviadas em datas diferentes. Se interceptassem qualquer uma delas, de fato, não teriam a mensagem. Suponhamos que meu amiguinho tenha recebido a mensagem codificada, porém, nunca tenha recebido a chave do código (extraviou-se ou fora interceptada). Sem se comunicar comigo, como ele poderia resgatar a mensagem original? Como poderia decodificá-la sem a chave? Pense um pouco antes de prosseguir.

A resposta mais comum é a proposta de tentativa e erro: pega-se uma palavra, faz-se as substituições possíveis até que obtenhamos um significado, depois testa-se em outras palavras na busca de um sentido. Outra possibilidade empírica, porém mais simples, é nos lembrarmos de que as palavras em nossa língua possuem tamanhos diferentes, ou seja, as palavras de uma única letra só podem ser **a**, **e** ou **o**. As de duas letras só podem se constituir de duas vogais ou de uma vogal e uma consoante: **da**, **de**, **do**, **em**, **na**, **no**, **eu**, **tu**, **te**, **lá**, **se** etc. Nessa rápida abordagem empírica, identificamos os representantes das letras **a**, **e**, **o**, **u**, **d**, **m**, **n**, **t**, **s** etc., aproximadamente um terço do alfabeto. Um grande e essencial caminho percorrido.

Entretanto, como "agente experiente" que eu era, sabia que seria, então, muito fácil. Logo, fiz mais uma mudança: substituí os espaços em branco, entre cada palavra, por uma determinada letra e, por conseguinte, uma das letras do alfabeto se transformou no espaço em branco! Agora todos os tamanhos das palavras também mudaram. Eu pergunto, ficou mais fácil ou mais difícil? De fato, para o método empírico exposto anteriormente, muito mais difícil; entretanto, para uma abordagem criptográfica simples, nada mudou.

Suponhamos que uma mensagem possível fosse a seguinte, somente para você se divertir, a título de curiosidade:

“acaqo lrxfraoiqrxcxogh onqi o xf ycoruvqxxrtrsrfcmqom ojck aoxqu ef o csbhucxoiqrxcxogh onqi ocremcova irxcocva em aocojck a”.

ucafreotaqiuce
(cmcvfcmq)

Criptografia é um campo da pesquisa matemática que se desenvolveu muito no passado, por causa das guerras. Porém, no presente, já há trinta ou quarenta anos, tem se desenvolvido muito graças à evolução da informática e à necessidade de proteção dos sistemas de informação. São assuntos dessa área as senhas e códigos de nossos cartões de banco, crédito, Internet etc.

Com relação ao problema proposto, o mais curioso é que você já sabe intuitivamente a resposta. Apresento-a, então: você deve conhecer um jogo chamado FORCA – aqui está a solução...

Quais são os critérios e métodos para participar dessa brincadeira? Damos como palpites algumas letras, ou seja, “chutamos” algumas possibilidades de letras, sem ainda imaginar qual seja a palavra a ser descoberta. Qual seqüência de letras você arriscaria? Começaria testando as seguintes letras: x, j, z, k, w, y etc.? Ou iniciaria escolhendo as vogais? Intuitivamente, possuímos uma percepção da freqüência de repetição de cada letra. Sugiro que, quando jogar Forca, de agora em diante, comece a procurar as respostas do jogo, até intuir a palavra completa, arriscando os palpites na seqüência apresentada na próxima tabela.

Obs.: certamente, numa análise mais detalhada, todos os caracteres gráficos poderiam ser incluídos nessa contagem. Como ilustração, somente inseri as letras e espaços em branco, desprezando os sinais de pontuação, aspas, acentos etc.

Caso minha mensagem fosse longa, a solução seria transcodificar o texto num código numérico intermediário que correspondesse às freqüências de repetição de cada letra. Para cada idioma, quer seja uma página, dez ou cem páginas, a freqüência de repetição de cada caractere gráfico tende a um número constante. Existem tabelas prontas (acredito), ou você mesmo poderia construir sua própria tabela pesquisando as freqüências de repetição de cada letra, para posterior comparação com o texto “secreto”. Perceba, também, que é até possível identificar o idioma no qual foi escrita a mensagem! Pois, no caso da língua inglesa, especificamente, os caracteres mais freqüentes seguem a seguinte seqüência, de acordo com os dados da tabela: (espaço branco), e, t, n, o, a, i...; enquanto, no português: (espaço branco), a, e, o, s, r, n, i....

Freqüência de Repetição de Caracteres (Letras do Alfabeto + espaços)

Língua Portuguesa		Língua Inglesa	
Espaços	13,8%	Espaços	15,8%
A	12,1%	E	10,2%
E	11,6%	T	6,9%
O	7,8%	N	6,9%
S	7,2%	O	6,8%
R	5,7%	A	6,6%
N	5,6%	I	5,8%
I	5,1%	S	5,8%
D	4,8%	R	5,2%
M	4,1%	H	4,1%
U	3,6%	C	3,3%
T	3,6%	L	3,2%
C	3,2%	U	3,0%
P	3,1%	D	3,0%
L	2,2%	Y	2,4%
G	1,3%	M	2,0%
Q	0,8%	P	1,8%
F	0,8%	F	1,6%
V	0,7%	W	1,5%
Ç (cedilha)	0,6%	G	1,3%
Z	0,6%	V	1,0%
H	0,6%	B	1,0%
B	0,5%	K	0,5%
J	0,2%	X	0,2%
X	0,2%	J	0,1%
K	0%	Q	0,04%
W	0%	Z	0,03%
Y	0%		

Contagem realizada em dois textos de diferentes naturezas (o próprio Apêndice 2 e uma matéria de jornal), somando um total de 7.334 letras (com espaços em branco inclusos): havia 3.366 consoantes (45,9%), 2.954 vogais (40,3%) e 1.014 espaços em branco (13,8%).

Contagem realizada em dois textos didáticos, somando um total de 8.719 letras (com espaços em branco inclusos): havia 4.512 consoantes (51,7%), 2.834 vogais (32,5%) e 1.373 espaços em branco (15,8%).

Perceba, também, que as palavras na língua inglesa são, em média, menores que na portuguesa (os espaços em branco são mais freqüentes). Considere para essa apresentação contagens simples “feitas na unha”, em uma pequena amostragem de textos, cinco ou dez páginas em cada idioma, não representativos do universo total da língua (são apenas ilustrações) – portanto não são precisos. Outra curiosidade é contar as páginas de dicionários que correspondem às quantidades de palavras que se iniciam com determinada letra.

No Nosso Caso...

Por mais caótica que você acredite ser essa experiência anterior, perceba que é algo semelhante ao trabalho de uma criança para aprender a língua mãe, resguardando o fato de que a síntese de informações seja realizada no ambiente dos sons. Não obstante, inconscientemente, possuímos essa rara capacidade de sintetizar percepções aparentemente caóticas e generalizar os padrões de repetição. Isso nos convida a acreditar que, se não delegarmos parte desse trabalho (como fizemos ao aprender a língua mãe) para nossa sábia mente inconsciente, o esforço de aprendizagem será infinitamente maior. Por essas razões existem cursos no mercado de idiomas que duram mais de três anos! E, ainda assim, não garantem os resultados finais de proporcionar a habilidade de se falar fluentemente o idioma escolhido.

Durante nosso seminário, utilizamos algumas músicas para serem trabalhados vocabulário e percepções rítmicas e tonais. Se você seguir esse caminho inicial e escolher bem, ao aprender a cantar aproximadamente trinta músicas (se for apenas uma por semana, essa tarefa durará sete meses), terá adquirido um vocabulário de quase oitocentas palavras! Escolha inicialmente músicas cantadas por artistas que possuam boa voz e dicção – são inúmeras opções. A utilização da música no aprendizado é bastante útil por ser considerada uma atividade mental que integra as atividades de ambos os hemisférios cerebrais – já ouviu falar que gagos não gaguejam quando cantam?

Suponhamos que, partindo do início, você vá aprender uma primeira música. Nesta, cada palavra vai ser representada, esquematicamente, por uma bolinha. Posteriormente, as palavras de uma segunda música a ser aprendida serão representadas por um triângulo, as da terceira, por um quadrado e assim por diante, conforme esquema a seguir. Cada palavra ocupa um único lugar no espaço e no universo do vocabulário. Se for representada com cada um dos símbolos propostos anteriormente, significa que estará presente em cada música cujo símbolo esteja registrado.

Naturalmente, algumas palavras que pertencem à primeira música podem estar presentes na segunda música. Assim como algumas da segunda música podem estar presentes na terceira. Entre a primeira e a terceira também podem ocorrer essas coincidências. Com certeza, existem algumas palavras que estarão presentes nas três, quatro... ou quantas forem. Essas são as palavras de uso mais freqüente, e serão apreendidas primeiro. Pergunto, quais são as primeiras palavras que uma criança aprende? Aquelas de que ela mais necessita e ouve mais repetidamente: mãe, pai, não, água, quer etc. (na dicção que lhe é possível, obviamente). Por quê? Pela freqüência de repetição! E esses registros são naturais e inconscientes...

Um cliente presente em um de meus seminários, que já possuía inglês fluente e apenas acompanhava sua esposa, comentou que conheceu, em Londres, um iraniano. Era um profissional

de uma multinacional que, a cada dois ou três anos se mudava de país, pela natureza de seu trabalho. Esse homem dizia, meu cliente contou, que era muito fácil aprender um novo idioma: sempre que chegava a um novo país, comprava um vídeo (filme) naquela língua e assistia a ele trinta, quarenta ou mesmo cinqüenta vezes. Prestava atenção na sonoridade e musicalidade daquela língua, memorizava os principais sons, entonações e gestos... E depois? Era só sair pelas ruas a conversar e interagir com as pessoas daquela cultura. Muito rapidamente se orientava conscientemente naquele país e idioma. Menos de dois meses eram necessários para se comunicar, em três ou quatro meses já falava aquele idioma! Pessoas que tiveram experiências de Intercâmbio Cultural ou de trabalho em países estrangeiros atestam semelhante tempo para aprender a falar a língua do país.

Resumo

Há muitas contradições nas informações sobre a aprendizagem de idiomas. Essas incoerências, entretanto, não são privilégio dos sistemas de ensino de línguas – fazem parte de todo o atual sistema educacional. A evolução de nossa cultura e tecnologia, não obstante, está lenta e naturalmente desmascarando uma série de mitos que nos foram oferecidos como verdades. As evidências capturadas através da prática de um olhar atento clareiam nossa sensibilidade para que possamos escolher melhor nossos próprios caminhos, "para saber onde encostar nossa própria escada". Essa é a nossa jornada!

Tarefa

Na próxima vez que for se matricular num novo curso de idiomas tradicional, converse antecipadamente com dois ou três professores do método utilizado para sentir se eles atenderão às suas expectativas, compartilhe com eles suas dúvidas e anseios para observar se estão sensíveis às suas necessidades ou se não possuem essa flexibilidade. Pergunte-lhes também como foi que aprenderam a língua que ensinam e o método do qual se utilizam. Não deixe também de solicitar a sua participação em aulas de diferentes níveis para saber se, realmente, entregam o que estão vendendo. Converse com alunos de diferentes níveis para observar quais são suas possibilidades de evolução nesse método.

ABORDAGEM INTUITIVA

Esta dimensão do programa **OLeLaS – FEEA** (Sistema de Aprendizado Aberto de Línguas) tem por objetivo construir uma atitude inconsciente adequada para que o restante das informações e conhecimentos adquiridos e conquistados possuam consistência e sejam naturalmente incorporados em sua identidade de falante de línguas estrangeiras. Reforço mais uma vez a sugestão de que você não deve se preocupar com a compreensão racional desta dimensão (esta faz parte da "outra aula"), e sim com as eventuais manifestações e sinais mais naturais que porventura visitem sua consciência na forma de sentimentos, sensações, lembranças, pensamentos etc.

Esta parte do processo está, ainda, subdividida em mais duas, que podem ser lidas em seqüência ou uma antes e outra após as dimensões cognitiva e experiencial. Os mapas mentais sintetizam as percepções em idéias, sentimentos ou conceitos de acordo com o arranjo que possuem no universo subjetivo do autor. Não obstante, uma meta-compreensão desta dimensão do livro, apenas para aprofundamentos, será obtida com o estudo das indicações bibliográficas de Joseph Campbell e Carol Pearson.

O encadeamento das histórias acompanha um roteiro que corresponde aproximadamente à Jornada Arquetípica do Herói e constitui um pilar muito importante para sustentar os objetivos deste programa como um todo. Na minha experiência profissional, como palestrante e consultor em aprendizagem inconsciente, por menos que alguns alunos gostem desta parte, principalmente considerando que tecnicamente pareça dispensável, para outros é exatamente a essência do seminário. Além disso, garanto, muitos dos ganhos secundários do seminário se relacionam com esta parte. Aqueles que, então, se sentirem familiarizados com esta terminologia e percepções, poderão certamente se divertir muito mais na elegância, brilhantismo e maestria dos poemas de Fernando Pessoa, do tratado de Idries Shah, dos contos Zen-budistas ou dos trabalhos de Milton H. Erickson – "um prato cheio", além das indicações anteriores usadas como chaves de compreensão para estas.

O Esquilo no Central Park

Certa vez, durante uma viagem de estudos, pude fazer alguns passeios por New York. Foi uma segunda-feira de descanso: um intervalo dentro de uma programação de dez dias de treinamento. Um dia nublado no qual estava passeando pelas alamedas do Central Park.

Tinha a mente repleta de pensamentos e mantinha, também, sentimentos de ter retornado àquela cidade mágica após vinte anos. Passeava despreocupadamente, absorto em pensamentos, quando espontaneamente minha atenção se orientou e se absorveu em um senhor, uns cinqüenta metros adiante, que mantinha um braço estendido, em pé, diante de um gramado, porém aquém da cerquinha de proteção dos limites do canteiro. Observando aquela cena, enquanto lentamente me aproximava, não pude compreendê-la, não obstante minha curiosidade apontava-me o dedo para o fato. Mais perto, percebi que aquele homem estava acompanhado de uma senhora que permanecia próxima. Conforme chegava mais e mais perto, pude ver que ele dera um passo, chegando aos limites do canteiro e transpondo a cerca. Ele, entretanto, ainda tinha o braço

esticado e eu não sabia por quê. Finalmente, ainda mais próximo, observei que havia um esquilo sentado no gramado, atento àquele senhor, distante dele uns três ou quatro metros.

O cenário era familiar, pois muitas vezes já me encontrara num semelhante, ao tentar alimentar um gato, um cachorro ou uma pomba. Diminuí meu ritmo de caminhar naquela direção e me envolvi ainda mais com o episódio. O velho deu mais um ou dois passos, já tendo invadido o gramado, em direção ao animal. Quase simultaneamente o esquilo correra, mantendo a distância. Havia uma árvore grande e bonita ao meu lado direito, dentro daquele gramado. Ao correr, o bichinho se aproximara da árvore. Novamente o velho insistira na aproximação, e imediatamente o pequeno correu mais um pouco, parando ao atingir a distância original do homem. Essa cena se repetiu ainda algumas vezes, até o esquilo chegar às imediações das raízes da árvore. Então, a cada novo movimento do velho, o esquilo reiniciava sua escalada da árvore. Quando a distância entre aquele senhor e a árvore atingiu um metro e meio, o esquilo, no tronco da árvore, contornou-o, porém manteve a altura de, aproximadamente, dois metros. Então o velho, percebendo-lhe a cauda ainda, começou a rodear a árvore. Magicamente, a cada passo do homem, o animal mantinha a altura e contornava o tronco permanecendo sempre no lado oposto.

Quando criança, lembrei-me então de que, ao brincar de “pega-pega”, qualquer obstáculo podia ser usado como aquele tronco. O bichinho não fugira definitivamente. Brincava com aquele senhor... Fiquei muito impressionado, nem tanto pelo inusitado, mas talvez pela sincronicidade com que eles “dançavam” (assim parecia pela coordenação dos gestos e movimentos), mais ainda pela introvisão (“insight”) que aquele episódio acabara por cristalizar em minha consciência. Natural e espontaneamente, “caíra a ficha”, inconscientemente tomara a decisão e fora contemplado com a evidência, em minha mente, então preenchida por aquelas percepções tão poéticas (que talvez passassem despercebidas em outras ocasiões). Escolhi, assim, consciente e inconscientemente, depois de muitos anos de treinamento, nos quais buscara insistentemente aquela espontaneidade, qual seria finalmente a tônica de minhas percepções e descobertas dali em diante. Aquela era a oportunidade de iniciar sua prática, naturalmente, como aquela obra de arte que a vida acabara de me oferecer. Naquele momento, também, lembrei-me de um conhecido, paulista e fazendeiro, que conhecera alguns anos antes...

O Fazendeiro e os Tatus

Era um homem muito curioso, um jeito meio calado, porém de sorriso fácil e muitos amigos. Vivia em uma casa muito grande e bonita em sua fazenda no interior de São Paulo. Quando o conheci, apresentado por um amigo em comum, era um lindo dia de verão, numa reunião de amigos em sua casa. Ao chegarmos lá, ele, que já nos avistara ao longe, esperava sobre o gramado que rodeava toda a casa e permanecia à frente da pequena escada que dava acesso à varanda.

Quando fomos apresentados, tinha um simpático sorriso de boas vindas e, rapidamente, voltara sua atenção para as crianças, filhos de meu amigo que, agitados e alegres, pediam-lhe para mostrar-lhes um tatu. Tatu pra cá, tatu pra lá, após os cumprimentos, prometera-lhes mostrar um tatu. Tendo, enfim, nos colocado à vontade, ao subir à varanda, convocara as outras crianças para a “expedição de busca ao tatu”. Acompanhei a expedição. Observei que, primeiramente, parara por alguns instantes no parapeito da varanda, de onde podia observar ao longe a linha do

horizonte. Depois, ainda em silêncio, deixando em suspense a criançada, descera ao gramado, mexera na terra e pegara algumas folhas do chão. Então dera uma volta ou duas, perguntara as horas, observara o céu olhando para as nuvens e, enfim, convocara o início da caminhada.

Caminhamos durante cinco minutos sem parar, numa direção definida. Numa clareira, paramos, e ele então olhou em volta. Nenhum tatu! Ali sentou-se sobre um tronco caído e disse: “É aqui! Vamos esperar um pouco em silêncio...” Não se escoaram dois minutos e pudemos ver um tatu passando a apenas uns dez metros de distância. As crianças se alvoroçaram e o animal, arisco, correu. Imaginei, então, que ali houvesse uma família inteira de tatus, mas não. Afinal de contas, a probabilidade de aparecer um é alta somente quando sua densidade populacional também é grande. Engano!

Quando retornamos à casa, fiquei sabendo que esta era uma de suas grandes habilidades: encontrar um tatu em qualquer momento. Em qualquer época do ano, contou-me meu amigo, ele levava as crianças e adultos para ver um tatu. Tinha um jeito característico e meio curioso de observar a fazenda, as árvores, a terra, o vento, as nuvens, a hora... e dirigia qualquer daquelas expedições nas mais diversas direções, estações do ano, temperaturas. Às vezes eram cinco minutos de caminhada, às vezes quinze, até que parava, olhava em volta e, se não houvesse um daqueles animais por perto, era certeiro que em alguns instantes apareceria um. Comecei então a observar que essas formas de ser eram características de muitas outras pessoas, porém não com tatus, mas com as mais diversas buscas na vida pessoal e profissional.

O Pai de Minha Amiga

Tenho uma amiga cujo pai, um senhor muito ativo, teve uma experiência incômoda. Foi um empresário que se fez sozinho e educou três filhos com excelência. Possui uma grande habilidade manual e uma oficina pessoal, em casa, que lhe permite consertar os brinquedos dos netos, eletrodomésticos, problemas hidráulicos, elétricos, mecânicos etc. – um verdadeiro inventor de soluções. Sempre muito ativo, agora aposentado, não pára quieto e não deixa ninguém quieto. Um homem de muita energia e vitalidade.

Há alguns anos, cuidando de seu jardim, subiu em uma escada para retirar uma folha seca de palmeira. Ao descer da escada, caiu quando ainda faltavam dois degraus. Essa queda, além de muitas dores, deflagrou uma dupla hérnia de disco em estado latente. Procurou um médico. Depois de vários exames e radiografias, concluiu-se que deveria se submeter a uma cirurgia. Na operação, somente foi possível, entretanto, solucionar definitivamente apenas uma das lesões.

O médico, muito inteligente e competente, durante a convalescença do homem, atestou que a cirurgia tivera sido muito bem-sucedida. De fato, depois de um longo descanso, algumas sessões de fisioterapia, muita atenção e cuidados de todos, ele ficara completamente bom.

Passaram-se aproximadamente dois anos e esse senhor, ajudando seu genro, o próprio vizinho, a consertar o piso da calçada em frente a sua casa, passou a manhã toda agachado no chão. “Travou”. Evidentemente, não conseguiu, ao final, sequer levantar-se. Uma grande dor e movimentos bastante limitados o conduziram novamente ao médico. Somente então descobriu

que apenas uma das hérnias havia sido operada. Triste e descrente, sentiu-se enganado por aquele profissional. Isso o levou a procurar outra clínica.

Quando entrou no consultório desse outro médico, tinha uma tremenda dor nas costas e seus movimentos limitados. Quando, enfim, saiu, sentia ainda muita dor, com poucos movimentos, cento e cinquenta reais a menos no bolso (uma quantia significativa, considerando-se o montante de sua aposentadoria) e uma grande depressão. O "criminoso" médico teve a coragem de afirmar, para um senhor de sessenta e seis anos de idade, que seu caso não tinha solução, e que a única coisa que poderia esperar, na vida, era uma piora lenta e progressiva. Aquele senhor, que delegava ao homem vestido de branco a autoridade da verdade, acreditou. Esse médico, irresponsável, sem nenhuma habilidade no trato humano, não teve a fundamental consciência e coragem de dizer que ele, ou a medicina que praticava, não conhecia, ainda, a solução. Parece-me até que um profissional desse gabarito produz mais estragos do que soluções. Ele não teve a coragem de atestar que, quem sabe, houvesse uma solução em outra prática, como de fato ocorreu finalmente. Pense em quantas pessoas que, vítimas de lesões de tecidos nervosos, foram condenadas a uma cadeira de rodas ou cama por acreditar nos médicos que atestavam, até o início da década de oitenta, que tecido nervoso não se regenerava!

Não fossem alguns pioneiros provenientes de fora da classe médica, considerados "loucos" até então, possivelmente as coisas continuariam como antes. Pessoas que não acreditavam nos paradigmas da medicina da época provaram que podiam se recuperar de acidentes, como traumas da medula, lesões de nervos ou perda de massa encefálica. Parece-me faltar àqueles profissionais, ocasionalmente, a necessária e fundamental atitude científica de, antes mesmo de requerer dados estatísticos e evidências para comprovar suas teorias, saber que seu universo de conhecimento é constituído de modelos científicos. E um modelo nunca é pleno e seguro de verdade – modelos são apenas aproximações da realidade, que normalmente permanece intangível.

Uma pesquisa apresentada no livro "PNL e Saúde", de Ian McDermott e Joseph O'Connor (Summus Editorial), nas páginas 21 e 22, é bastante sugestiva: "Em 1.973, quando os médicos em Israel fizeram greve durante um mês, as admissões hospitalares diminuíram 85% e o índice de mortalidade caiu em 50%, atingindo o menor índice registrado. O menor nível anterior ocorrera há vinte anos, também durante uma greve de médicos. Em 1.976, durante uma greve de médicos em Los Angeles em protesto contra os elevados prêmios de seguro por prática incorreta, o índice de mortalidade caiu aproximadamente 20%. Foram realizadas 60% menos cirurgias. No final da greve o índice subiu rapidamente para os níveis normais".

No caso do pai de minha amiga, acabei contribuindo para, pelo menos, retirar a depressão e o desânimo daquele senhor. Até então, porém, agia e pensava como se esse problema estivesse naqueles profissionais ou naquela prática formalmente instituída. Até que...

Meu Cliente, um Médico

Na época em que cuidava de alguns horários nobres na academia de tênis, dava aulas entre sete e nove horas da manhã. Nessa ocasião, após terminar um treinamento com um de meus clientes, estávamos recolhendo as bolas e o material de treinamento e conversando. Era dezembro, última semana de atividades do ano antes do Natal. Numa atmosfera de festas e felicitações, desejei-lhe

um ótimo Natal e um Ano Novo muito feliz. Da mesma forma retribuíra a mim. Ainda torcendo por sua prosperidade no ano seguinte, desejei que seu próximo ano fosse de muita abundância e que seu consultório estivesse lotado de clientes. Assustei-me com aquilo que acabara de dizer... Percebi, então, que aquele modelo que condenava estava dentro de mim mesmo – fazia parte dos meus próprios paradigmas!

Refleti: "O que pensa um profissional da área de atendimento em saúde, que pratique um estilo adaptativo de sua profissão, que esteja sentado em sua cadeira, tendo à frente sua agenda aberta, em seu consultório, olhando-a parcialmente ocupada e com bastante tempo ocioso? O que ele está desejando que aconteça?" Esse, considero, é um problema ainda muito sério em nossa civilização; vivemos orientados para perceber e buscar problemas, e não soluções! Finalmente, a gota d'água foi na palestra de...

Síndrome de Pânico

Há alguns anos, voltando para casa caminhando, num domingo à noite, atravessei a Avenida Paulista por dentro da estação do Metrô. Tendo tempo disponível, parei para observar as informações divulgadas em seus murais. Havia lá uma convocação para uma palestra pública que seria realizada no dia seguinte, segunda-feira, às dezenove horas. Anotei as informações de uma palestra sobre síndrome de pânico.

Na realidade, não sou um profissional da área de saúde – sou um educador. Porém, em algumas ocasiões, ao estudar hipnose para aplicar em educação, estive em grupos de estudos ou seminários com profissionais da área de saúde. Dessa convivência, acabei aprendendo a me expressar com um pouco de sua terminologia e desvendei alguns de seus paradigmas. Meu interesse naquela palestra era educacional. Em duas ou três oportunidades, minha abordagem já tivera conquistado sucesso em atenuar significativamente seus sintomas e manifestações, com conhecidos meus portadores da síndrome. No final dessa palestra, encontrei-me com uma dessas pessoas, que obtivera resultados terapêuticos satisfatórios após minha intervenção.

Mais recentemente, acabei construindo um tipo de consultoria e aconselhamento individual, como educador, que costumo chamar de "Soluções Criativas e Planejamento Pessoal". Essa abordagem tem proporcionado interessantes ganhos terapêuticos e no gerenciamento do estresse, embora não seja uma terapia e, sim, uma consultoria de, no máximo, três atendimentos – uma estratégia de me preservar de grandes fracassos. Em 70% das ocasiões, uma única sessão é suficiente. Por essas razões, interessei-me pela palestra e, no dia seguinte, estava lá.

Cheguei às 18h45min. O local era a Câmara Municipal de São Paulo (Viaduto Jacareí, no centro antigo da cidade). Só havia dois elevadores funcionando naquele horário. Esperei duas viagens para conseguir embarcar em um deles, lotado, até alcançar o oitavo andar – onde seria realizado o evento, no Salão Nobre, se não me falha a memória. Neste momento, ficou uma curiosidade em minha mente: "... uma palestra sobre síndrome de pânico, no oitavo andar? Com elevadores lotados?" Para mim estava tudo bem, eu não sou portador da síndrome, porém essas dúvidas mantinham-se presentes em minha mente.

Quando entrei no salão, percebi que ainda estava quase totalmente vazio. Escolhi um lugar e me sentei. Ocasionalmente me virava, olhava para a entrada, procurando por algum eventual conhecido. Depois de algumas buscas, enfim, descobri um conhecido chegando. Era um jornalista que, em outra oportunidade, fizera uma reportagem sobre meu trabalho com esportes para uma revista sobre qualidade de vida.

Levantei-me para cumprimentá-lo e acabamos por sentar lado a lado em outro lugar. Enquanto isso, a sala ia se preenchendo, lenta e progressivamente, com mais pessoas. Contei-lhe as razões de estar lá e disse-me que havia comparecido para fazer uma reportagem sobre o evento. Consultei o relógio e percebi que já eram 19h10min, porém os presentes ainda eram poucos e a mesa coordenadora do evento ainda permanecia vazia. Continuamos a conversar sobre o assunto do evento. Expliquei-lhe com mais detalhes que minha compreensão sobre a síndrome era um tanto diferente do modelo médico formal. Perdurava em minha mente, ao mesmo tempo, aquela curiosidade sobre as conseqüências da realização de uma palestra sobre aquele tema ser proferida num salão no oitavo andar, apenas alcançado por elevadores lotados e, ainda, estar com seu início atrasado há vinte minutos.

A resposta não tardou. Enquanto conversávamos, o jornalista e eu, uma senhora que se sentava à nossa frente, à direita, virou-se para trás e disse-nos: "Me desculpem, eu não pude deixar de escutar a conversa de vocês... e ela está me interessando muito!" Convidei-a a participar perguntando por que se interessara. Disse que era portadora da síndrome, que estava lá a convite de sua filha, também presente e sentada à sua direita e que queria ir embora, mas sua filha, juntamente com uma amiga que a levaram para o evento, insistiam que ficasse. O relógio marcava 19h30min. Perguntei-lhe, então, se estava sentindo-se bem. Convictamente disse que não, que estava se sentindo muito mal. Que estava desesperada para sair por causa disso.

Perguntei-lhe mais uma vez então, se gostaria de sentir-se bem. Surpreendi-me. Percebi que não tinha uma resposta imediata para essa pergunta, enquanto eu observava sua expressão de completa confusão. Naqueles instantes, concluí que, talvez, nunca ninguém tivera lhe feito tal pergunta. Finalmente, balançou a cabeça afirmativamente e disse que sim. Pedi então que pegasse uma folha de papel, uma caneta e que anotasse por escrito algumas questões que lhe ditaria. Acredito que foram as seguintes: 1) Quando você está cansada, exausta, o que faz para retornar a si mesma?; 2) O que você gosta de fazer?; 3) Em que momentos você não manifesta os sintomas da síndrome?; 4) Em que momentos você se sente mais como você mesma?; 5) Como você sabe que é você mesma que tem os sintomas, ou melhor, como você tem certeza de que você é você, pela manhã, quando acorda? São perguntas bastante potentes para, temporariamente, alinhar uma identidade deslocada que, porventura, se expresse através de sinais pouco convencionais – os sintomas.

Enquanto ela respondia por escrito àquelas perguntas, continuei minha conversa com o jornalista. Porém, com o canto dos olhos, acompanhava o que aquela senhora fazia à nossa frente. Quando estava terminando a resposta da terceira pergunta, observei que se acomodara de uma forma diferente no assento, com suas costas mais eretas e sua cabeça mais alta. Enquanto isso, a sala continuava a se preencher. Ao terminar a quinta resposta, sua expressão facial mudara. A sala já estava em alvoroço evidente por uma certa impaciência dos presentes e na iminência do início da palestra. Na mesa diretora já estavam sentados os respectivos coordenadores do evento.

Novamente, “nossa amiga” se voltou para trás, pediu-me o telefone e agradeceu, afirmando que já estava bem. Propôs que ao final da apresentação conversássemos um pouco mais.

Neste cenário, enfim, começou a palestra às 19h45min. A mesa era composta por três profissionais vestidas de branco, um representante do prefeito, um vereador que presidia o evento e, se não me engano, um jornalista. Havia também lá na frente, à esquerda, no canto do salão, um conjunto de profissionais todos vestindo roupas brancas, na maioria mulheres, que consistia numa equipe de apoio: provavelmente estagiárias, assistentes sociais, psicólogas, enfermeiras e médicas, imagino.

Foi ao microfone uma moça, acredito que era psicóloga, e fez a abertura do evento. Começou falando da Associação de Síndrome de Pânico... Que era uma instituição sem fins lucrativos... Não tinha recursos próprios... Dependia do apoio da comunidade... A casa na qual operavam havia sido cedida pelo vereador que presidia a mesa... e blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá. Falou sobre todas as questões institucionais daquela associação, durante vinte minutos.

Essa moça foi substituída por outra profissional, que iniciou sua preleção às 20h05min e que falou sobre todas as questões operacionais: dias e horários de funcionamento, se havia ou não prescrição de medicamentos, como eram as intervenções dos profissionais, como eram os grupos de mútua ajuda, como eram... Chamou duas pessoas ao microfone para dar depoimentos e também para comentar os resultados e benefícios obtidos durante o período em que mantiveram tratamento nessa instituição e blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá... Até aqui, nada havia sido feito para proporcionar aos presentes melhores sensações e sentimentos. Ou, como eu antecipara, para se livrar do possível mal-estar que aquela senhora sentira.

Às 20h30min foi à frente uma médica psiquiatra, lembro-me muito bem, também de branco. Acredito que ela não conhecia formalmente as práticas de hipnose, não obstante, inconsciente ou intuitivamente, realizou uma das induções hipnóticas convencionais e antigas mais bem feitas que eu já presenciara: quem não tinha síndrome de pânico, provavelmente a adquiriu! Num tom de voz monocórdico, ela falou durante setenta e cinco minutos, com projeção de transparências (à meia luz), e deu, “tintim por tintim, o mapa da mina” completo de como as pessoas fazem para se sentir mal. Ela descreveu, detalhada e minuciosamente, todo o quadro de evolução da sintomatologia dessa síndrome. Talvez nem seja necessário contar que, ao final de sua apresentação, dois terços dos presentes no auditório já haviam se retirado da sala! Aquele grupo de profissionais de apoio também já tinha saído. Estavam ao fundo e fora do salão, junto com as outras pessoas. Na mesa diretora só restava o vereador e... mais ninguém!

Eu, pessoalmente, que já possuo uma série de dispositivos automáticos de proteção inconsciente contra induções de má qualidade, por estudar hipnose há muitos anos, tive que operar conscientemente, pois o clima do ambiente tornou-se insuportável.

Eu, também, do fundo do meu coração, não acredito que aquela psiquiatra fosse mal-intencionada, e estivesse ali plantando as sementes de seu consultório lotado de clientes e pacientes. Mas seu modelo de prática parecia investir muito mais tempo estudando problemas do que prospectando soluções. Mesmo porque, tenho observado que as soluções para esse mal já existem fora da prática formal da medicina e prescrição medicamentosa convencionais.

Ao final da palestra, pude falar com aquela moça, cliente minha, com a qual fizera aquele trabalho educativo bem-sucedido para atenuar as manifestações da síndrome. Ela, então, me contou que tivera sensações e sentira um mal estar que já, há muito tempo, não sentia. Mais uma evidência do "estrago" que aquela palestra fizera.

Parece até que, atualmente, esse modelo de saúde se importa muito mais em tratar doenças do que em cuidar de pessoas! Afinal de contas, eu só precisaria de cinco minutos naquele microfone para fazer uma grande parte daquelas pessoas se sentir um pouco melhor e, durante duas horas, nada foi feito para acalmar os eventuais portadores desse mal que estivessem presentes. Imagino que talvez tivessem considerado que aquela reunião fora para profissionais, amigos, parentes e pessoas que convivessem com as vítimas da síndrome. Nesse caso, não faria sentido a presença daquela equipe de quinze ou vinte profissionais de apoio.

Essas condutas, além disso, se reproduzem em vários outros campos da ação humana. Numa empresa, por exemplo, que tenha um estilo de gestão mais antigo, gasta-se muito mais tempo analisando-se problemas e buscando-se culpados ou responsáveis quando falhas ocorrem do que procurando-se soluções, aprendendo com os erros e "tocando o barco em frente", pois, enfim, ninguém erra porque quer!

O Mundo Invertido

Um cientista... lembro-me desta reportagem de algum documentário apresentado na televisão há muitos anos, sobre um pesquisador que realizou um experimento muito interessante. Construiu um instrumento óptico especial (um par de óculos diferentes) que invertia todas as imagens observadas através dele. De fato, é sabido que as imagens que se formam em nossa retina (nossos sensores nervosos do aparelho visual) são, já, invertidas graças ao cristalino – uma lente natural e flexível, parte de nossos próprios olhos, que projeta na retina as imagens captadas do ambiente e que, posteriormente, são interpretadas em nossa mente.

Ao vestir aqueles óculos especiais, permaneceu com ele constantemente por alguns dias. Além de o mundo ficar de ponta cabeça, a lateralidade da percepção visual também sofrera esse mesmo efeito (talvez tivessem se passado dois dias até que parasse de vomitar e ter fortes vertigens). Imaginem! Tudo o que via acima, na verdade, estava embaixo, assim como o que via à direita estava à sua esquerda, e vice-versa! De fato, transcorridas uma ou duas semanas, maravilhado, observou que, mesmo permanecendo com aquele instrumento especial, passara a enxergar novamente de cabeça para cima. Constatou que seu cérebro havia aprendido a reorganizar suas percepções.

Neste momento, então, retirou os óculos. Pasmem: agora, a olho nu, via tudo invertido. Evidentemente, em apenas um ou dois dias voltou a ver o mundo como o percebemos, corretamente orientado. Repetiu o processo de colocar e retirar o instrumento até que fosse questão de alguns momentos para seu cérebro se reorientar. Como praticante de tênis, pude constatar isso ao praticar outros esportes com raquetes de diferentes tamanhos. É uma questão de poucos instantes, quando já possuímos prática, para nos acostumarmos com as distâncias de toque na bola e de melhor alavanca.

Os objetivos de seus experimentos eram comprovar a flexibilidade e a rara capacidade cerebral de aprendizado rápido e apresentar a hipótese de que um recém-nascido sequer distingue ou reconhece aquilo que vê (talvez nem veja, de fato, por não saber coordenar o aparelho visual). Considere, ele recebe as imagens invertidas (aquelas projetadas na retina pelo cristalino), não sabe ainda coordenar os músculos da visão, logo não sabe focalizar os objetos e ainda não aprendeu a integrar as minimamente diferentes imagens captadas por cada um dos olhos. Sim, a criança pequena não consegue a estereoscopia: sobreposição de duas imagens ligeiramente diferentes para a composição de uma única com noção de profundidade (esse fenômeno é o que permite a construção daquelas imagens tridimensionais apresentadas no cinema 3-D ou no "Olho Mágico" – figuras em três dimensões).

Um dos primeiros testes de competência neurológica realizados por um médico com uma criança recém-nascida é, colocando-lhe os dedos indicadores em suas mãozinhas, para que os agarrem, suspender a criança que, nessa idade, possui uma rara capacidade de agarramento. Com certeza durante muito mais tempo que um adulto destreinado, a criança consegue sustentar o próprio peso agarrada por suas mãos aos dedos do médico.

Com essa rara habilidade, acontece ocasionalmente que a criança agarre seu outro braço com uma das mãos. Nessa época ainda não possui consciência corporal suficiente, seus gestos são inconscientes e semi-aleatórios e, acredito, pode se passar algum tempo até tornar-se consciente desse fato, isto é, de ser sua própria mão aquela que constrange os movimentos da outra, agarrada. Esse é o longo e progressivo percurso de desenvolvimento de sua propriocepção, uma época durante a qual se constrói a percepção e a sensibilidade corporal.

Fantasio em minha mente, às vezes, o que aconteceria se, num dado momento, uma dessas crianças pequenas agarrasse sua própria orelha. Talvez puxasse e sentisse um certo desconforto. Talvez puxasse mais e sentisse mais desconforto. Quem sabe, até dor. Mas finalmente, até que ela relacionasse esses eventos e concluísse ser ela mesma, sua própria mão, a agente de seu desconforto e dor, talvez algumas vezes isso se repetisse. Até que identificasse no tempo e no espaço as relações entre esses eventos!

De fato, o universo do aprendizado inconsciente infantil é sobremaneira complexo. Muitas dessas descobertas, poderíamos dizer, talvez já estejam pré-programadas em sua mente inconsciente ou nos seus genes. Entretanto, nem todas as aprendizagens seguem exatamente esse caminho e, em muitas outras ocasiões, fica faltando o "manual de instruções" para dar as diretrizes do aprendizado subseqüente. Nem mesmo nossos pais possuem um manual que lhes garanta completo sucesso em orientar nossas explorações, educação e aprendizagens. Graças a isso, grande parte de nossas aprendizagens, mesmo que pré-programadas inconscientemente, ou mesmo pelo nosso ambiente, são adquiridas experimentalmente – no método empírico ou, se preferir, na tentativa e erro.

De forma semelhante, o conhecimento coletivo conquistado e mantido por um grupo social ou um povo, aquilo que nós chamamos de cultura, também se desenvolve empiricamente, porém numa outra dimensão de tempo. Também, na tentativa e erro, numa sucessão quase interminável de eventos, repetições e fases. Por essas razões, repito: do fundo do meu coração, não creio que aquela médica fosse mal intencionada ou estivesse agindo de má-fé, embora os registros das

práticas de saúde atuais estejam muito povoados de casos de prática indevida ou de fatos que sugeririam essas hipóteses.

Acredito apenas que ela, entre tantos outros, estivesse inconscientemente apenas reproduzindo os modelos nos quais foi educada. Enquanto palestrava, tinha evidentes sinais de que estava completamente em transe e vivia, virtualmente, em sua mente, todas aquelas idéias e pensamentos que lhe turvavam a percepção e visão das pessoas, impacientes e desconfortáveis, retirando-se do local. Desse longo caminho ainda não concluído, imagino que habitantes do futuro, um dia, estudando nossos hábitos atuais, se divertirão bastante. O próximo relato nos ajudará a aprofundar algumas conclusões.

Por Quê? Porque...

Coloquemos, agora, outros “óculos”. Foi feita uma pesquisa em uma universidade americana na área de psicologia comportamental com as seguintes características (cenário): um rapaz com material escolar em mãos mantinha-se próximo a uma máquina copiadora em uma biblioteca universitária e, toda vez que a fila de pessoas que aguardavam a vez para tirar cópias atingia cinco candidatos, se aproximava do primeiro da fila e pedia para passar à sua frente! Na primeira fase do experimento, esse pesquisador se identificava ficticiamente como estudante e pedia a oportunidade de “furar a fila”, justificando que seu professor o enviara com urgência para fazer as cópias, pois dependia desses materiais para uma atividade didática (quem sabe, uma prova). Nessa fase, obteve permissão para passar à frente em 70% dos casos. Na segunda fase, pedia ao primeiro da fila, mas não apresentava nenhuma justificativa. Apenas pedia: “Posso passar à sua frente?”. Aqui obteve permissão em 40% das ocasiões. Se analisássemos a experiência apenas até aqui, provavelmente tirássemos algumas conclusões precipitadas. Curiosamente, o resultado da terceira fase apresentou uma dimensão da estrutura de nossas decisões, talvez ainda impensada: ao pedir para realizar sua tarefa antes do primeiro da fila, como nas ocasiões anteriores, oferecia uma justificativa completamente *non sense* (absurda), como por exemplo: “Deixe-me tirar estas cópias na sua frente porque hoje vai chover, e os jacarés não poderão tomar sol”. Impressionante: 70% das pessoas permitiram que o rapaz se antecipasse na tarefa de tirar cópias.

Essa pesquisa parece sinalizar um hábito bastante comum em nossa cultura: a aceitação dos “porquês” e o vício de se encontrar uma justificativa para tudo! De fato, muitas vezes, pouco importa a precisão da análise ou o compromisso com a verdade: “Foi assim **porque**...”; “É isto **pois**...”; “Será desta forma **porque**...” Como se realmente as relações causais, no universo da experiência humana, fossem assim simples. Poderíamos até perguntar: “Por que...?”

Retrospectivamente, observe agora este texto através deste outro ponto de vista: perceba suas concordâncias e/ou discordâncias em função do encadeamento semântico e dos “porquês”. Como você se convence ou aceita aquilo que você escolheu para se convencer ou aceitar?

Duas Garotinhas e o Tigre

Um dia, convidado por uma amiga para ir a uma festa, encontrei-a no local. Era uma reunião de “queijo e vinho” com dança. De tantas conversas e situações, numa delas, conversando com minha amiga, contou-me que em quinze dias viria a São Paulo sua afilhada que morava no

interior. Todas as vezes que esta menina vinha, ela tirava um dia de folga em seu trabalho para levá-la para passear e brincar. Naquela ocasião, então, pretendia levar a pequena ao Museu do Ipiranga. Contei-lhe que se quisesse ir ao Jardim Zoológico, eu lhe faria companhia, pois era um passeio que me interessava, há muito tempo, repetir. Disse-me que o passeio que planejara seria muito importante para a construção da cultura e da educação da pequena. Sem sombra de dúvida, concordei. Porém, eu não tinha interesse em visitar o museu.

Nossa conversa tomou outro rumo. A festa se foi e, após uma semana, surpreendi-me com uma ligação sua, interessada em saber se eu ainda iria ao Zôo – mudara de idéia. Mais uma semana se passou e nos encontramos para o passeio. Ela passou em casa para buscar-me. Quando entrei em seu carro, havia duas meninas de sete anos no banco de trás. Sua afilhada e uma priminha da pequena, em cuja casa ela se hospedava quando vinha a São Paulo. Elas já sabiam o meu nome, escutei o delas, mas logo esqueci. Foi, dessa forma, iniciado o primeiro contato. Sinto-me, muitas vezes, inábil no trato com crianças – fui filho único e, praticamente, educado entre adultos. Porém, enquanto educador na prática esportiva, desenvolvi algumas formas empíricas de relacionamento com crianças.

Conforme minha amiga iniciou o percurso em direção ao parque, virei-me para trás, no carro, para interagir com as crianças. Começamos a conversar. Entre algumas coisas que falamos, disse-lhes que estávamos a caminho do Zoológico e que iríamos ver o macaco, a zebra, a girafa, o elefante, o cisne, o leão... Então disse: “Por falar em leão... Eu tenho um tigre imenso!” Rapidamente retrucaram: “Que tigre... Que tigre?” Continuei: “Ah, meu tigre é lindo, tem um pelo bonito, olhos grandes, brilhantes e dourados...” Assim elas se empolgaram: “Onde está o tigre?” Respondi: “Meu tigre? Ah, ele está sempre por perto de mim, junto comigo... É mesmo, é verdade, ele não cabia aqui dentro... Por isso subiu na capota quando eu entrei no carro... E vocês não o viram!”

“É mentira... Não existe nenhum tigre... Se ele tivesse subido na capota, ele teria amassado o teto do carro!” Opa! Escorreguei, pensei. Então disse: “Ah, mas meu tigre é mágico... Ele só pesa quando ele quer pesar, por isso não amassou a capota...”. Qualquer leitor que conheça as histórias e *cartoons* do Calvin e do Haroldo (Calvin & Hobbes, de Bill Waterson) sabe do que eu estivera falando. Insisti: “É verdade, eu tenho um tigre...”. Elas mais uma vez atestaram: “É mentira... Você está inventando... Não existe nenhum tigre...”. Eu reforçava, com suavidade, e cada vez contava-lhes algo diferente sobre o meu tigre... Cada vez elas se esforçavam mais para negar-lhe a existência. Esse conflito permaneceu por vários minutos. Minha amiga, ao volante, inteligentemente, mantinha-se em silêncio. Finalmente esse assunto se acalmou, quase repentinamente. Lembro que tive a oportunidade de respirar mais profundamente uma ou duas vezes... Lá de trás veio, então, uma pergunta “mortal”: “Quem declarou a Independência do Brasil?”

Nada mais justo, na minha opinião. Depois da provocação que eu fizera, devolveram-me em igual moeda. Agora questionavam as bases de sustentação da minha noção de realidade. O desafio continuou, eu diria perpetuou! Inicialmente, respondi que não sabia, depois tentei alguns nomes: “Foi o Seu Joãozinho”; “Então... Foi o Seu Manoelzinho”. Negativas. Não somente diziam que eu estava errado, como complementavam com a constatação de que eu era burro! Interagindo com elas, ironicamente continuei a brincadeira, foi uma breve eternidade... Enfim, contaram-me **a resposta certa**! Sem descanso, a outra pequena indagou: “E quem era a esposa do D. Pedro I?”

Para essa pergunta não havia a mínima chance de acertar, porém, tentei: “Foi a D. Mariazinha...”. Tudo se repetiu, diziam que eu era burro, não sabia a resposta... Arrisquei mais alguns nomes. Não acertei. Finalmente, elas deram-me **a resposta certa**! Novamente: “Quem era o amigo do peito do D. Pedro I?” Sem condições... Experimentei alguns nomes e, errando, descobri através delas qual era **a resposta certa**!

A essa altura, já tínhamos percorrido quase metade do percurso para o Jardim Zoológico. Num dia de semana, esse caminho toma quase quarenta minutos! A um rápido intervalo, depois de todas aquelas perguntas, seguiu-se outra: “E o tigre?” Começou tudo outra vez! Eu contava sobre as características e hábitos do meu tigre e elas afirmavam, já com menos convicção, que eu estava mentindo. Repetidamente, reforcei minha assertiva: essa era **uma outra verdade**! Eu não estivera mentindo. Mais alguns minutos se foram nesse “duelo”. Finalmente, também silenciou.

Mais outra vez ouvi: “Quem declarou a Independência do Brasil?” Nessa oportunidade, então, afirmei que não erraria a resposta... Agora sabia a certa: “Foi o Seu Pedrinho”. Não, não era essa a resposta. Repetiram que eu era burro! Disseram que tivera sido o Sr. Dom Pedro I. Tentei explicar-lhes que eu estava falando da mesma pessoa. Dom **Pedr-**o... Seu **Pedr-**inho... Eram o mesmo! Não servia a minha resposta, elas sim, tinham **a resposta correta**. Ainda mais uma vez perguntaram-me sobre a esposa de D. Pedro I. Disse-lhes que havia sido a D. Dina. Também não servia... A resposta certa era D. Leopoldina. Ainda uma vez mais perguntaram-me sobre seu amigo do peito. Respondi: “Foi o Boni!” Não, não! José Bonifácio era o certo. Ainda tentei convencê-las, algumas vezes, ser o mesmo! Era isso que eu quisera dizer! Não! Não servia...

Magicamente, tive um “insight”. Dirigi-me à minha amiga, ainda em silêncio, já num pequeno congestionamento na avenida do parque, e disse: “Puxa vida! Elas não querem acreditar no meu tigre... Ainda mal sabem falar, mal sabem andar e já estão acreditando na maior ‘história da carochinha’!” Eu não sei o que você, leitor, estudou de história, posso falar apenas sobre mim.

Passei oito anos do ensino básico, ano a ano, ouvindo a mesma coisa nas aulas de Estudos Sociais e História. Quando, enfim, cheguei ao segundo grau, os professores de história então, com um certo cuidado, contaram-me que a história aprendida anteriormente seria acrescida de alguns novos detalhes e algumas situações seriam entendidas com maior profundidade. Mas aqueles de vocês que chegaram a estudar história no terceiro grau, na faculdade, devem ter observado nesse nível quão poucos são os professores que têm o respeito e o cuidado com os onze anos investidos até então no estudo da história. Não raro, iniciam seus cursos dizendo: “Esqueçam tudo o que aprenderam até hoje, agora vocês vão finalmente estudar história!” E nem isso me garante ser essa a verdadeira história, afinal de contas, nunca escutei a versão dos Índios, dos Maias, dos Astecas, dos povos conquistados e perdedores em geral!

Uma matéria de capa da revista “**Isto é**” de outubro ou novembro de 1.997 dizia, em letras garrafais, algo como: “A verdadeira História do Brasil”; subtítulo: “A história que não nos contaram”. Outra reportagem de capa, em letras garrafais, da revista “**Superinteressante**” de fevereiro de 1.997, talvez 1.998: “Humilhe o seu professor de História”; tinha um subtítulo semelhante ao primeiro.

Apesar de tudo isso, ainda acredito ser extremamente importante esse longo processo ao qual chamo **Sociabilização:** uma longa jornada em que construímos nossa identidade social, através

da qual conquistaremos nosso espaço no ambiente social e adulto. Para isso devemos aprender seus códigos, seus hábitos e, também, suas fantasias...

Todos nós sabemos que não existe ninguém mais apto a conviver com um universo de fantasias do que as crianças. Aquelas duas pequenas, tão cedo, já estavam abrindo mão dessa dimensão da própria existência! Não aceitavam o meu tigre! Acredito que não exista nada mais importante para uma criança, seja consciente ou inconscientemente, que o carinho e a aceitação dos adultos, principalmente dos pais.

Penso também que, inconscientemente, talvez não exista nada mais importante para uma criança saudável do que o impulso de conquistar o poder, a autonomia e a liberdade de ir e vir que possui um adulto. Ninguém... Absolutamente ninguém nos instala aquilo que costumamos chamar **bloqueios** (eu até prefiro chamá-los **guardiães do passado**, conforme perceberemos adiante). Nós é que, criativa e insistentemente, ao longo do processo de sociabilização, construindo a nossa personalidade e nossa forma de expressão social, paulatinamente, passamos a rejeitar aquelas formas de nos comportar que nos conduzem à rejeição, inaceitação ou repreensão.

Finalmente, quando definimos nossa identidade social, depois desse longo caminho chamado sociabilização, em geral inconscientemente (às vezes conscientemente), constatamos um certo constrangimento gerado por essa mesma identidade – limitações e tensões. Nessa oportunidade então, inicia-se uma nova jornada em nossas vidas: já conhecendo-se os códigos de conduta social, empreendemos um novo caminho, uma jornada de resgate de nossa maneira mais essencial de expressão, de ser e de sentir.

Um Cenário do Potencial Humano Original

Uma pesquisa interessante foi apresentada no livro “Ponto de Ruptura e Transformação”, de George Land & Beth Jarman (Cultrix), e indica uma realidade impressionante. Oito testes de pensamento criativo divergente aplicados durante o programa *Headstart*, num universo de aproximadamente mil e seiscentas crianças, evidenciaram o seguinte: 98% delas, cuja idade se situava entre três e cinco anos, apresentaram desempenho de criatividade correspondente à genialidade; cinco anos depois, somente 32% dessas crianças possuíam grau de gênio; numa terceira aplicação, após mais cinco anos, apenas 10% ainda permaneciam “gênios”. Finalmente, “...numa amostra aleatória de adultos com mais de vinte e cinco anos de idade, os testes revelaram apenas 2% de ‘gênios’”.

Uma Amiga que Não Tinha Tempo

Certa vez, conversando com outra amiga durante um almoço, num sábado antes de ir à academia, contou-me que, durante aquele ano, não tivera tempo para freqüentar a academia de ginástica. Era um dia de dezembro no qual eu estava vestido com roupa esportiva e iria jogar tênis após o almoço. Esse fato talvez tenha despertado-lhe a lembrança. Disse aquilo manifestando sua insatisfação de ter terminado o ano com seu peso acima dos limites. Pessoalmente, não acredito que o tempo que ela dizia faltar fossem “as horas do relógio” (chronos), pois era funcionária pública e trabalhava das nove às dezoito horas, apenas cinco dias por semana.

Esforcei-me para convencer-lhe de que me mantinha em atividade até catorze ou dezesseis horas por dia e, ainda assim, encontrava tempo para praticar Tai Chi Chuan e tênis – além dos estudos e pesquisas. Contei-lhe que, em minha opinião, fazer ginástica ou não era apenas uma questão de hierarquia de suas necessidades ou agenda. Tudo em vão! Sua mentalidade era acreditar ser vítima de um sistema despersonalizante e uma conspiração silenciosa contra o seu bem estar e sua disponibilidade! Portanto, decidi percorrer um caminho mais longo e contar-lhe algumas situações e experiências interessantes que vivera...

Dois Meses em Três Horas e Meia

Um dia, tendo o escritório em minha própria residência, acordei às oito e meia e me sentei à minha mesa de trabalho às nove. Em geral, a cultura organizacional em São Paulo nos propõe que uma ligação telefônica de caráter comercial somente seja feita após as nove da manhã: quando as pessoas iniciam o trabalho antes disso, comumente, reservam esse horário inicial para fazer planejamento ou controles.

Era uma sexta-feira. Quando novamente consultei o relógio, tinham transcorrido três horas e meia, surpreendi-me. Possivelmente motivado por um certo "vazio no estômago", observei que eram 12h30min. Tinha trabalhado toda a manhã realizando ligações telefônicas. Intuitivamente, ocorreu-me a seguinte pergunta: "Quantas ligações realizei nesta manhã?" Assim como a pergunta, veio a resposta: "Trinta ou quarenta!!" Não acreditei e passei a avaliar os registros das ligações. A contagem objetiva apontou, aproximadamente, para os mesmos resultados.

Intuitivamente, outra vez, veio outra pergunta: "Quanto tempo eu levaria para fazer o que fiz nesta manhã se não existisse o telefone ou um meio de comunicação compatível?" A resposta, então, foi: "Dois ou três meses!" Novamente desconfiei e passei a ponderá-la. Havia recebido e enviado várias informações, tivera dado instruções, tomara decisões, esclarecera dúvidas etc. Realizara uma das ligações para um cliente em Limeira; caso não existisse o telefone ou um meio substituto, necessitaria viajar a essa cidade. Corria o risco porém de, ao chegar lá, não encontrar a pessoa. Talvez ele tivesse ido visitar um outro fornecedor – uma viagem possivelmente perdida ou demorada pela minha espera e estada no local. Contatara também outro cliente em Santo André. Caso não existisse o telefone, isso me tomaria quase um dia de deslocamento e, quem sabe, espera. A resposta intuitiva possuía sua fundamentação, então.

Não é o tempo, "chronos", que se escoa mais rapidamente. Nossa impressão de aceleração do mundo ou do tempo decorre de uma intensa estimulação, progressivamente maior, de nossas faculdades conscientes: uma quantidade muito maior de informações e estímulos impactando-nos, uma quantidade imensamente maior de focos de atenção, decisões, sínteses e escolhas. Nisso se cristaliza nossa noção de escoar mais rápido do próprio tempo!

Um Camponês na Idade Média

Continuei, então, naquela conversa com minha amiga propondo-lhe uma fantasia: consideremos um homem da Idade Média. Um camponês, naquela época, tinha expectativa média de vida de apenas trinta anos. Todas as experiências que ele pudesse viver naquela rotina incluíam trabalhar catorze ou dezoito horas por dia, acordar com o nascer do Sol ou antes, ano após ano viver

apenas plantando, colhendo, confeccionando as próprias roupas e utensílios domésticos. Pense: quantas situações diferentes teria a oportunidade de viver? Compare com as possibilidades que a vida moderna nos oferece. Vivia provavelmente em uma comunidade restrita, conhecia e encontrava poucas pessoas ao longo de sua vida.

Possivelmente, a representação desse tipo de vida possa ser vislumbrada em uma película de cinema que dure talvez uma ou duas horas. Sentimentos, impressões e idéias estavam restritos às suas condições sociais e materiais seguramente estáveis. Não tinha a mínima possibilidade ou perspectiva de mudanças ou crescimento. Certamente, isso é uma simplificação grosseira. Porém, se mensurarmos o fluir do tempo e como ele se escoa, lembrando uma ampulheta, a partir da consciência que possuímos dos eventos, então torna-se mais fácil entender por que temos a ilusão ou a impressão do tempo passar cada vez mais velozmente. Quanto tempo dura um minuto de espera ao telefone? E quanto dura uma hora de uma boa conversa com um amigo ou amiga em um ambiente descontraído e agradável?

Um Trabalho com Adolescentes

Como expositor da II Feira Internacional de Esportes em 1.994, tive um estande de divulgação e apresentação da Psicologia Esportiva, uma área de atuação e transição que explorei antes de me tornar palestrante e consultor educacional. Nessa ocasião fizemos contato com uma visitante, também expositora da feira – na época, uma das coordenadoras de um projeto educacional do Governo Estadual de capacitação e inclusão de adolescentes provenientes de famílias de baixa renda no mercado formal de trabalho. Esse projeto se chamava CIT (Centro de Iniciação ao Trabalho) e tinha por objetivo proporcionar qualificação profissional mínima para aqueles jovens precocemente iniciados em suas vidas profissionais a fim de contribuir para o orçamento familiar. Eles enfrentavam o seguinte obstáculo: ao procurar emprego, era-lhes exigida alguma experiência profissional anterior. Nunca conquistariam tal vivência sem antes ter a primeira oportunidade de trabalhar formalmente! Sensível a isso, naquela época, o Governo do Estado desenvolveu esse programa para atender as necessidades desses "garotos" que tinham idades entre treze e dezessete anos.

Fui convidado a conhecer esse projeto e, gostando dele, resolvi fazer um trabalho voluntário comunitário, já há muito tempo desejado, porém, até então, não concretizado. De acordo com minha disponibilidade, da estatal, dos garotos e do espaço físico, decidi que esse trabalho seria oferecer-lhes a oportunidade de aprender esportes com raquetes – e seria uma atividade semanal, aos sábados, na própria unidade da CESP, onde já recebiam o treinamento profissionalizante de três meses de duração para, posteriormente, serem absorvidos em um estágio remunerado de nove meses nas próprias unidades da estatal. Eu sabia que, através da prática esportiva, utilizando-a como cenário, poderia oferecer-lhes um conjunto de conhecimentos que lhes seriam muito úteis. Também sabia que não encontrariam isso na educação formal, convencional ou não – coisas que levei anos para descobrir e, ocasionalmente, me custaram muitos recursos.

Tornado público meu interesse no trabalho, haveria uma palestra na qual eu seria apresentado aos jovens quando então teria a oportunidade de persuadi-los a comparecer aos sábados espontaneamente – o projeto CIT/CESP não se responsabilizaria pelos custos extras de transporte e alimentação. Além disso, suas cargas de atividades semanais já ocupavam jornada integral –

viriam quantos se interessassem. Já habitante deste universo no qual o resultado do meu negócio depende da minha competência e habilidade de valorizar tais ganhos, motivando as pessoas a desejá-lo, pensei que seria interessante esta nova experiência – venderia idéias a quem não as pagaria senão com o próprio tempo. Assim, foi agendado um dia em que todos os jovens, professores, psicólogos e coordenadores do projeto estariam presentes para minha apresentação.

Foi numa tarde de quarta-feira, muito quente, a palestra. Tinha já preparado o que eu diria, numa linguagem adequada àquele público. Porém, enquanto permanecia sentado, à frente daquela sala retangular, em volta da qual todos sentavam-se encostados à parede, antes mesmo de ser formalmente apresentado aos presentes, comecei a observar-lhes os rostos e percebi que alguns já estavam atentos a mim, outros ainda conversavam entre si e também existiam alguns mais alvoroçados e fazendo farra. Naqueles instantes iniciais meditei sobre a importância do que eu faria ali. Desejei falar algo que, mesmo participando das minhas atividades, ainda assim ficassem plantadas sementes que, um dia, germinariam e lhes proporcionariam bons frutos. Com essas intenções em mente, fui apresentado e iniciei a palestra.

Vários minutos se passaram e percebi o meu discurso distanciando-se da percepção deles, a palestra se assemelhava a qualquer outra, até que tive uma grande idéia: encontrei uma forma de envolvê-los numa brincadeira. Mudei meu roteiro e propus algumas perguntas.

Imaginem conhecer uma pessoa, um amigo ou amiga, um terapeuta ou um professor, talvez um parente, na qual confie totalmente – uma pessoa do carinho e respeito de vocês. Suponham que não encontrem essa pessoa há alguns dias e, a título de experiência, fossem lhe contar tudo aquilo que aconteceu anteontem. Quanto tempo levaria essa exposição (conversa)? Evidentemente, se esse dia em particular fosse um dia mais incomum, talvez tivessem muitas coisas para contar. Por outro lado, se fosse um dia menos intenso, menos coisas. Considerem a média. Não devem incluir interpretações e conclusões, apenas as descrições dos fatos. Evidentemente deve ser um bate-papo descontraído, portanto, quando começamos a contar, nossa própria memória é ativada naturalmente, dilatando um pouco o tempo de conversa. Repito: quanto tempo necessitariam para contar o dia de anteontem a uma pessoa com a qual se relacionam abertamente? Quantifique esse tempo, para compreender as percepções que os garotos tiveram. Eles responderam os mais diversos números: minutos alguns, horas outros e até, em tom de gozação, dias!

Propus outra pergunta. Suponhamos agora ter se passado mais tempo sem encontrar essa pessoa, talvez... três semanas, e que vocês resolvessem contar todo o ocorrido na semana anterior: aquela que se iniciou há catorze dias e terminou há uma semana. Quanto tempo levariam para contar essa semana anterior inteira àquela pessoa? Novamente estimaram minutos, horas e até dias!

Fiz uma nova ponderação. Imaginem que faça ainda mais tempo: três meses, por exemplo. Quanto tempo levariam, então, para contar o mês anterior? Inteiro? Sim, inteiro! Novamente quantifique... Ouvi as mais diversas respostas, outra vez, desde minutos até dias!

Outra estimulação. Suponham agora ainda ter se passado mais tempo, muito mais, quem sabe dois anos. E agora? Quanto tempo seria necessário para relatar, numa conversa com uma pessoa íntima, tudo o que se passou no ano retrasado? Minutos, horas, dias... Alguns brincaram, meses!

Finalmente, perguntei: “Mais tempo, muito mais tempo se passou... Possivelmente um de vocês tenha viajado para longe, morado fora, e talvez seja um reencontro após muitos, muitos anos... E vocês fossem contar-lhe tudo o que lembram ter ocorrido na década que terminou há dois anos... Quanto tempo levaria, então, essa conversa?” Tal como antes, as respostas foram minutos, horas, dias, meses... Anos!!!

Dormindo Acordado

Contei-lhes então que eu tinha, na época, trinta e três anos (apenas para as contas ficarem redondas). Disse-lhes também que, em média, dormia oito horas por dia (também não era verdade, dormia de quatro a seis horas, naquela época). Tendo o dia vinte e quatro horas, se eu dormisse oito, então dormiria um terço de cada dia. E, se eu dormia a terça parte de cada dia da minha vida, naturalmente eu teria dormido a terça parte da minha vida – isso, em números, indicava que eu dormira onze anos!!! De olhos fechados, na cama... Lembre que a idade deles variava entre treze e dezessete anos, quase a vida toda! Comentei, assim, que talvez o mais importante não fossem aqueles onze anos nos quais eu dormira de olhos fechados, e sim, talvez, os vinte e dois anos restantes dormidos de olhos abertos! Afinal de contas, se eu fosse me lembrar desses anos todos, quanto esses eventos e fatos ocupariam do meu tempo de conversa ou permaneceriam em minha lembrança? Quão significativos eu tornara esses anos a ponto de se pulverizarem em minha memória?

Enfim, eu queria dizer-lhes algo sobre o fato de, ainda apenas garotos, talvez já terem aprendido e aceitado uma das maiores mentiras de nossa cultura! Todos eles eram procedentes de condições sociais, econômicas e culturais menos favorecidas. Alguns deles, certamente, limitados por esse contexto, tinham consciência de não possuir as ferramentas, instrumentos e oportunidades de outros jovens da mesma idade. Talvez tivessem abandonado precocemente alguns de seus sonhos ou ideais... O pensamento realmente importante para contar-lhes era que: **o nosso presente é conseqüência do nosso futuro!!!** E não do nosso passado, como aprendemos originalmente! Por mais obtusa que possa parecer essa afirmação, existem evidências disso nas pesquisas realizadas por cientistas e físicos especialistas e estudiosos da realidade fundamental da matéria: Física nuclear, quântica e de partículas e a própria cosmologia (consulte os livros de Fritjof Kapra e “Espaço, Tempo e Além”, presentes na bibliografia).

Para nós, seres humanos, essa assertiva possui ainda mais consistência. Reflita, imagine que amanhã talvez seja um dia ruim, sombrio, e tudo aquilo que você temia acontecer... vai acontecer. Tudo o que podia dar errado vai dar errado! Avalie, como você se sente **agora** ao vislumbrar um futuro assim ruim? Mal, não é? Muito mal...

Pense diferente. Quem sabe por descobertas, decisões ou aprendizados durante o período de leitura deste livro, quem sabe por sínteses ou planos feitos mais recentemente, imagine agora que amanhã será um dia diferente, melhor, muito melhor. Muito superior a qualquer outro! Um dia muito bom. Pense em quantas oportunidades já passaram “debaixo do seu nariz” e talvez você não as tenha identificado (enquanto tinha possibilidades de agarrá-las); agora suponha que parte delas, pelo menos, se tornem evidentes à sua percepção e amanhã seja o primeiro dia de uma nova era... Que seu “faro” por bem-aventurança esteja muito mais treinado. Uma época na qual você consiga aplicar sua vitalidade em construir um mundo ainda melhor para si e para as

pessoas com as quais convive. Assumirá seu papel e sentido único na humanidade e viverá definitivamente o seu melhor destino... Como você se sente **agora**, vislumbrando esse futuro brilhante?

Touché! Para nós, seres humanos, no mínimo na dimensão de nossa experiência subjetiva, **"o presente é conseqüência do futuro!"**.

Minha intenção era contar para aqueles garotos que, fosse qual fosse a história de cada um deles, mais dramática ou menos, no futuro talvez se pulverizasse em suas memórias. O importante era perceber para onde estariam orientando o próprio "faro" – os sonhos, ideais e esperanças lhes dariam essas direções. Queria dizer-lhes que sonhar com um mundo melhor melhoraria cada dia do presente e assim saberiam como e quando caminhar para dias mais prósperos.

Enfim, era isso que eu queria dizer para aquela minha amiga, funcionária pública, na mesa daquele restaurante: fazer ou não ginástica, cuidar de si mesma ou não, trilhar ou não o nosso próprio caminho, somente depende de nós e da nossa habilidade de materializar isso em nossas vidas. Aquilo que realmente nos dá sentido à existência só pode vir a ser através das nossas próprias mãos, nossas mentes, nosso coração. De fato, um dia eu mesmo vivera essas experiências, situações e constatações e, insatisfeito com os resultados obtidos até então, tomei algumas decisões muito importantes. De fato, foram quatro decisões significativas que reorientaram todas as minhas atitudes, percepções e o meu "faro".

Farejando Novas Oportunidades

Olhara para trás e concluíra que não estava satisfeito com o que acontecia. Descobrira algo interessante em minha vida. Os eventos históricos, os fatos propriamente ditos, raramente apontavam para o início exato de algo que estivesse acontecendo ou se iniciando; eles apareciam apenas para registrar, no mundo objetivo, o que se processava no nosso universo interior. Essas observações me proporcionaram uma certa habilidade de antever alguns possíveis acontecimentos. Por exemplo, um dia, praticando esportes, sofri um acidente, uma torção muito séria no tornozelo. Observando retrospectivamente, numa dimensão maior de tempo e espaço, hoje percebo que mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer, ou qualquer outro acidente esportivo. Era inevitável graças à atitude de desrespeito aos limites de minhas condições físicas e ao exagero no treinamento – o evento histórico "torção do tornozelo" foi apenas o registro histórico de uma forma inadequada de treinar.

Naturalmente, essas conclusões pessoais tomaram-me muito tempo de observação, na busca de evidências e semelhanças entre fatos. Também na leitura cuidadosa de acidentes de outros atletas. Assim, no presente fica relativamente fácil antever um acidente iminente. Talvez o amadurecimento dessas percepções e a síntese de tais decisões estivessem, em parte, relacionados a um determinado evento.

Num domingo, há alguns anos, lendo o jornal, encontrei uma reportagem incrível: o título era algo como "Quinhentos mil paulistanos ganham acima de US$ 10 mil mensais". Naquela época, já microempresário, não acreditei. Era uma matéria de última página, inteira. Precisei lê-la completamente para concluir que **eu** estivera há muito tempo em crise – o choque foi grande:

uma mistura de espanto com a percepção de ter sido iludido por tanto tempo! Era o início de mais um plano econômico mirabolante (Plano Collor). Realmente, "tinha apertado o cinto", mas as informações apresentadas nos cadernos de economia dos jornais me conduziam a acreditar que talvez eu houvesse quebrado meu negócio dois anos antes. Todos nós conhecemos o quão catastrófico é o nosso estilo de imprensa e jornalismo econômico.

Já tinha uma coleção de pensamentos, evidências e conclusões que vinham "cozinhando" em minha mente, mas o ingrediente final, acredito, foi essa reportagem. Concluí, então: não existia nenhuma crise, ou melhor, eu havia escolhido estar naquela crise; afinal de contas, ela não atingia cerca de meio milhão de pessoas de nossa cidade! Assim, convivia naquela época com inúmeras fantasias e fantasmas de dificuldades e maus sentimentos. Concluí que, **se eu não fizesse algo, ninguém faria por mim**! Afinal, viver é tomar decisões, considero.

A primeira e mais importante decisão foi: dali em diante **eu iria me sentir bem!** Eu nunca conseguiria ensinar isso ou proporcionar bem estar a alguém se eu mesmo não tivesse tido essa experiência... Observei que grande parte das pessoas falam e falam sobre felicidade, mas como não a praticam, torna-se um blá-blá-blá, transmitido de geração em geração. Um exemplo comum é quando as pessoas desejam felicidade num relacionamento afetivo ou casamento, mas aceitam a idéia de que "nem tudo é um mar de rosas" ou "casamento é assim mesmo, tem altos e baixos". Percebi que isso apenas justificava o descompromisso de assumirem suas próprias responsabilidades.

Enfim, nosso assunto era que **eu** decidira **me** sentir bem! Essa foi a primeira das quatro grandes decisões que redirecionaram minhas buscas, sensibilidades e interesses na vida. As outras três decorreram dessa primeira...

Jornais, Revistas e Televisão

A segunda decisão, decorrente da primeira, foi que eu não iria mais ler jornais ou assistir à televisão. Ao longo do meu amadurecimento, minha sensibilidade e minha percepção, lenta e gradualmente, foram se desenvolvendo e comecei a perceber, então, que eu começara a me sentir mal, às vezes muito mal, ao ler jornais. Quantas crises, constrangimento e mal estar não foram disseminados pela imprensa. Foi exatamente isso que comecei a sentir. Catástrofes, corrupção, desentendimentos... existem até veículos especializados nisso. Há quem diga que "se torcer, sai sangue". Para ter uma idéia, após alguma medida econômica ou política mais séria, compare as reportagens de segunda-feira com as de quinta-feira para identificar as contradições. Porém, na segunda e na terça-feira muitos já se permitem sentir mal... Muito mal, às vezes.

Nossa televisão, naquela época, com raras exceções, possuía poucos filmes nos quais não houvesse uma arma, uma trama de morte, coerção ou cenas de ciúme. O jornalismo? Igual ao da imprensa escrita... Novelas? Todas iguais... Comerciais? Com um nível de ética bastante questionável. O que restava? Um documentário aqui, outro ali, correndo-se o risco de permitir a entrada em nossa mente de visões tendenciosas ou crenças em paradigmas pertencentes ao passado. Poucos se salvavam. O pior era que, através da televisão, que em nossa cultura está em quase todos os lares, nenhuma programação pede licença para entrar em nossa casa. Você conhece aquele mito do Conde Drácula? Aquele ser sugador de sangue que só pode entrar em

nossa casa quando convidado... Pois é! Decidi que iria me sentir bem e, portanto, não veria mais televisão nem leria jornais. É claro, minha profissão permitia esse "disparate", meu coração também!

Aceitando Um Fracasso

A terceira decisão não foi fácil, tomou algum tempo de reflexão e julgamento. Naquela época eu tinha uma loja de artigos esportivos especializada em esportes com raquetes. Esse fora um empreendimento daqueles que "caíram em minhas mãos" de uma forma meio mágica! Durante muito tempo, na academia, para atender melhor a meus alunos, todas as vezes que eu comprava algum bom equipamento esportivo (roupas, tênis, raquetes etc.) por um bom preço, cuidava de adquirir alguns a mais para oferecer aos meus clientes. Eu, de fato, conhecia os melhores produtos, nem sempre conhecidos do grande público mas, em geral, mais baratos. Nessa época, também, para driblar uma certa sazonalidade nos empreendimentos de lazer, imaginava que, se possuísse uma loja de artigos esportivos, poderia atender mais completamente às necessidades de meu mercado. Efetivamente, entretanto, nunca havia feito algo de concreto nesse âmbito, exceto, um dia, sem compromisso, ter feito um esboço de um pequeno plano de negócio.

Certa tarde de quarta-feira, enquanto coordenava um treinamento, chegou um de meus antigos clientes, já um amigo pessoal. Vestia terno e gravata; isto induziu-me, ainda ao longe e após cumprimentá-lo, a perguntar-lhe: "Saiu mais cedo do trabalho, hoje?" Respondeu: "Não..." Insisti: "Está de férias, por que o terno, então?" Prosseguiu: "Não, fui despedido..." Uaauuuu!!! Pensei. Assim, perguntei: "E isso foi bom ou ruim?" Ele, já bem mais próximo, disse: "Você sabe, não é, Walther: meu emprego era muito bom, ótimas condições, porém, já não agüentava mais aquela pressão...".

Ele era gerente comercial de uma instituição financeira, um banco pequeno de investimentos de capital estrangeiro. Profissionais dessa área, em geral, têm uma carreira muito curta e muito sacrificada. Então eu disse: "Que bom... então... Agora podemos enfim montar aquele negócio de que tanto falávamos?" Respondeu que sim, que poderíamos. Assustei-me. Muitas vezes, nós, paulistanos, assumimos uma série de compromissos sem muita convicção. Com muitos amigos já havia comentado meu interesse de montar um outro negócio. Mas como nunca havia agendado nada, então se tornou hábito. Por exemplo, numa conversa, muitas vezes perguntamos se a pessoa está bem e nem ouvimos a resposta ou, frente a frente, diz-se: "Um abraço..." Por que não dá-lo, então? Quantas vezes não dizemos: "Ah, esse ano vamos nos falar mais..."? E passam-se anos... Da mesma forma, meu negócio tinha mais força de expressão do que intenção propriamente dita.

Continuei aquela conversa com meu amigo com a seguinte pergunta: "Então, vamos montar aquele negócio?" Ele respondeu, mais uma vez, afirmativamente. Meu coração disparou. Pensei, "e agora o que eu faço?" Tentei uma última cartada: "Pegue sua agenda, vamos marcar um dia para conversar sobre isso..." Ele abriu a agenda... Não tinha mais escapatória! Abri também minha agenda e, dois meses depois, a loja estava aberta. Ele tinha saído daquela empresa muito bem, eu estava descapitalizado, mas consegui um financiamento no banco e, finalmente, lá estava a loja com a qual, um dia, havia sonhado.

Eu pensava: “Ele é mestrado e graduado em Administração na Fundação Getúlio Vargas, vai levar esse negócio ‘com um pé nas costas’ e eu vou ser o relações públicas e captador de clientes na academia e no clube”. Um mês após a inauguração da loja, tendo o mercado sabido de sua disponibilidade profissional, ofereceram-lhe uma proposta irrecusável para trabalhar em um outro banco estrangeiro. A nossa loja ainda não dava lucro e ele se foi! E eu, então, tinha uma loja com dois funcionários sob minha exclusiva responsabilidade. Isso eu não tinha planejado. Nem sequer havia imaginado tal possibilidade.

Durou quase um ano e meio. Descobri que eu não gostava de vendas a varejo, e cada vez menos permanecia na loja. Os funcionários começaram a atender meus clientes com menos atenção, perdi alguns deles e o empreendimento, que fora tão desejado, então tornara-se um obstáculo em minha vida. Três meses após a abertura da loja, fiz uma proposta de compra da parte do meu sócio, bem aceita. Finalmente, não quis nem colocar o negócio à venda. Resolvi fechá-lo e acabar com o desgaste que estava me provocando. Foi triste, mas era coerente com minha decisão de me sentir bem. Concluí que fora válido por tantas aprendizagens durante sua existência, porém, comercialmente, era um empreendimento fracassado.

Transformações Viscerais

A quarta decisão fazia parte de um hábito que possuo enquanto praticante de atividades físicas há muitos anos. Todas as vezes que quero fazer alguma mudança em minha vida, estabeleço uma nova habilidade motora a ser conquistada: uma nova aprendizagem. As mudanças de atitude nem sempre possuem resultados fáceis de serem avaliados, por isso escolho algo mais concreto, que se relacione ou se associe com o objetivo desejado. A coordenação motora também é um interessante caminho para abrir janelas mentais numa dimensão bastante prática. Quem desejar um aprofundamento nesses conhecimentos deve consultar os livros de Moshe Feldenkrais, “Consciência pelo Movimento” (Summus Editorial), especialmente, e “Organização das Posições e Movimentos Corporais – Futebol 2.001”, do Dr. José Ângelo Gaiarsa (Summus). Também encontrará informações úteis em tratados de bio-energética e de terapias corporais.

Naquela ocasião, perguntei-me o que representariam aquelas transformações tão profundas. Intuitivamente, ocorreu-me a seguinte resposta: a minha vida inteira sempre fizera as coisas de uma determinada forma. Naqueles momentos de insatisfação com os resultados obtidos, pensei, posso continuar a fazer tudo, exatamente, como sempre fiz... Ou tenho a opção de fazer de uma nova maneira, completamente diferente! Era uma nova chance e, tomando um caminho alternativo, inicialmente exclusivo, decidi tornar-me **canhoto**!!!

Evidentemente, para um destro, esse era um empreendimento de uma vida inteira. Como educador, também atuante na formação motivacional de empreendedores, sabia que um objetivo tão arrojado deveria ser subdividido em metas menores bem mais concretas e mensuráveis. Algo que, a cada instante, me permitisse avaliar se estava ou não me encaminhando para a concretização dos meus ideais. Assim, determinei quatro habilidades básicas de um canhoto, importantes de serem conquistadas. Pensei: se eu fosse canhoto, jogaria tênis com a mão esquerda, pois não somente jogava como também ensinava com a mão direita... Se eu fosse canhoto, ainda deveria saber comer, escrever e escovar os dentes com a mão esquerda. Comecei a praticar.

Era dezembro, última semana do ano (entre o Natal e o Ano Novo), para mim uma época típica de avaliação de resultados obtidos e de definição de objetivos para o ano seguinte. A academia estava vazia. Então peguei um de meus colaboradores para treinar-me com a "canhota". Três dias depois, ele também trocou a raquete de mão e então éramos dois novos canhotos praticando juntos. Aproximadamente, uns seis meses depois, meu parceiro canhoto, instrutor da minha própria equipe, me fez uma pergunta a respeito do desenvolvimento de sua criatividade, se estivera sendo estimulada por esta nova aprendizagem.

Eu sabia a resposta, de fato, até antevira essa percepção e esperava essas conseqüências; porém, devolvi a pergunta: "O que você está percebendo?" Comentou que, curiosamente, num dia da semana anterior, alguém de sua família observara seus novos e diferentes interesses e conclusões a respeito de assuntos antigos. Parara então, para analisar suas percepções. Acrescentado o fato de que sua nova habilidade lhe proporcionara uma revisão de seu próprio processo de aprendizado desse esporte (porém, agora com os olhos de instrutor), por conseqüência, criara novas abordagens e seqüências educativas com seus clientes determinando resultados ainda melhores e mais rápidos. Tudo isso o convidara a acreditar que a resposta a sua pergunta era afirmativa.

De fato, de tantas possibilidades que possuímos de estimular e reativar funções cerebrais conscientes do hemisfério cerebral direito, certamente, a coordenação motora fina deve ser um desses caminhos. Para essa compreensão, considere o modelo científico que atribui o pensamento lógico, cartesiano e analítico ao processamento predominante de hemisfério cerebral esquerdo e, por complementaridade, o pensamento não lógico, poético, criativo e sintético, imaginação e sensibilidade artísticas, especialmente ao hemisfério cerebral direito.

Pense bem, ao desenvolvermos a motricidade refinada do lado esquerdo do corpo, não somente nossa auto-imagem se transforma (e por conseqüência, nossa identidade proprioceptiva) como também nosso hemisfério cerebral direito envia mais estímulos nervosos motores e recebe mais estímulos nervosos sensores, processa mais pulsos elétricos e produz maior quantidade de neurotransmissores. Conseqüentemente, isso demanda maior irrigação sangüínea e, naturalmente, maior oxigenação dessas regiões. Então aquelas habilidades e capacidades atribuídas a essa área de nosso cérebro devem, também, estar recebendo alguma estimulação, nem que seja indireta. Eu tinha previsto isso, ansiara por isso no meu planejamento de mudança interior.

Como comentei, se fosse canhoto também deveria saber escrever. Comecei a praticar. Ao telefone, ou despreocupadamente com a caneta na mão, escrevia, desenhava e brincava sempre que possível. Praticava caligrafia, escrevia letrinhas, numerozinhos, bolinhas, quadradinhos etc., cada vez menores para desenvolver a sensibilidade e a fluidez dos movimentos. Não foi necessário aprender a escrever tudo novamente, nem ler. Tudo isso eu já sabia, inclusive a lateralidade da escrita se manteria (sempre da esquerda para a direita, seja em português ou inglês), a única novidade foi "a outra mão"!

Aprender a comer foi, também, bastante curioso. Isso porque, no início, muitas vezes tinha que usar babador ou guardanapos maiores, caso contrário... Lavanderia! Além disso, para mim, comer com a mão esquerda significaria também saber manipular o "Hashi" ("talheres" da cozinha japonesa e chinesa), os pauzinhos), pois freqüento muito tal tipo de restaurante. O desafio maior era cortar os alimentos...

O mais difícil foi, enfim, aprender a escovar os dentes. No final da década de oitenta, trocara de dentista por questões de fama e encarecimento do profissional que me tratara desde criança. Sempre acreditara ter a dentição frágil e problemas de estômago: tinha muitas cáries, gengivites crônicas e mau hálito. Nessa troca de profissional, conheci um que, finalmente, praticava odontologia preventiva, além de cobrar menos e de parcelar os tratamentos.

Tive uma grata surpresa: o único problema que tivera até então era que nunca, ninguém, inclusive meu dentista anterior, tinha me ensinado a escovar os dentes de uma forma adequada. Cáries, gengivites e mau hálito foram todos embora de uma só vez. Senti-me explorado pelo profissional anterior... Paciência, assim caminha a humanidade... Naturalmente, a partir de então, necessitava muito menos de intervenções dentárias. Pensaríamos no passado, mas esse segundo dentista acabou ficando com menos trabalho ao me ensinar a verdadeira profilaxia bucal. De fato, mas, em compensação, indiquei-lhe uma série de novos clientes por sua competência e honestidade profissionais. Essa técnica de higiene bucal me tomava vinte minutos. Quando comecei a praticar a escovação com a mão esquerda, após trinta minutos de trabalho árduo, ainda precisava escovar com a mão direita novamente, pois a qualidade da higiene bucal não era satisfatória. Esse foi o maior desafio.

O mais interessante e útil, entretanto, eu não fora capaz de prever conscientemente. Qualquer pessoa diria: “Mas Walther, isto estava “debaixo do seu nariz” o tempo todo. Como você não antecipou este resultado?” Verdade, hoje concluo que minha mente inconsciente já sabia disso e guardou como uma surpresa, escondendo-me essa conclusão por alguns meses até o feliz dia no qual me proporcionou este *insight* feliz. Quando decidira tornar-me canhoto, aquela era uma decisão exclusiva – não queria mais ser como antes. Quando, enfim, tornei-me canhoto, descobri que nunca deixara de ser destro. Até minha própria mão direita ajudou-me muito nesse empreendimento, oferecendo-me os melhores atalhos nesse caminho, isto é, ela já havia percorrido a distância mais longa: o caminho da tentativa e erro.

Inicialmente, eu fizera uma opção de extremos: deixar de ser destro... para ser canhoto! O maior presente foi descobrir que, atualmente, sou canhoto quando quero, sou destro quando quero, mas, acima de tudo, sou ambidestro! Ocasionalmente, ao me observarem jogar tênis com ambas as mãos, algumas pessoas acreditam que eu sou canhoto natural, pois a qualidade e harmonia dos gestos é a mesma. Quem joga tênis ainda percebe que tenho mais força na mão direita. Comer? Mais pareço canhoto. E escrever, quando tenho a mão direita ocupada, sem nenhum constrangimento utilizo a esquerda – a caligrafia da “canhota” é até mais legível! Escovar os dentes realmente foi o maior desafio; hoje ainda levo mais tempo com a mão esquerda, mas a qualidade da escovação já é a mesma.

Aprendendo pelas Costas

Talvez a forma mais essencial que encontrei de apreender e sintetizar tantas experiências e descobertas que provinham de ambientes e universos tão diversos em minha vida, acredito ter sido a oportunidade de ter tido grandes mestres – alguns mais jovens, outros mais velhos.

Os orientais possuem uma forma bastante elegante de falar sobre esse assunto: eles dizem que, com um mestre, nós aprendemos pela face e, também, pelas costas! Dizem que pela frente – sua

face – aprendemos, praticamos e estudamos tudo o que ele nos diz e propõe. Porém, é somente pelas costas que podemos realmente apreender como ele utiliza aquilo que ensina. Essa é uma das maneiras mais poéticas que conheço para descrever a congruência. Certamente, não seria harmoniosa sua convivência com o conhecido provérbio: "Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço".

Resumo

A educação e nossa vida em sociedade nos propõem aceitar e administrar uma grande fantasia. Nas empresas, por exemplo, muitas pessoas fazem de conta que mandam e outras fazem de conta que obedecem. Não há mal algum nisso. Exceto quando essas fantasias são tratadas como se fossem a Verdade. Nessa medida, deixa-se de viver a própria vida para interpretar papéis permanentes – assim começam as distorções sociais e comportamentais. Mas como neutralizar a potência e efetividade dessa grande peça? Não tenho uma resposta que sirva para todos. Se soubesse, diria ser o auto-conhecimento – ele deveria nos libertar da rigidez de nossos papéis. Porém, atualmente, mesmo essa palavra tem sido utilizada como uma bandeira de modismos que conduzem muitas pessoas a trilhar caminhos que não lhes são próprios. Não obstante, creio no fundo do meu coração que há muita esperança. Abra bem os olhos e seja sincero consigo mesmo e... aguarde. Chegará lá...

Tarefa

Se você conseguiu ler o livro do começo até aqui e "sobreviveu", sua tarefa já está cumprida! Daqui por diante, divirta-se mais!

Primeiro Ato

"Em busca de sua amada, um homem bate à sua porta e escuta lá de dentro:
– Quem é?
Ao que responde:
– Sou eu...
Sua entrada lhe é negada. Anos mais tarde, após sofrimento e busca, volta a bater àquela porta e, ao ouvir a mesma pergunta, responde:
– És tu...
Desta vez a porta se abre e sua entrada é permitida"

"Os Sufis"/Idries Shah

Segundo Ato

"O anseio interior se expressa numa centena de desejos que, pensam as pessoas, são suas necessidades reais. Mas a experiência mostra que não são estes seus desejos verdadeiros, pois, ainda que atinjam tais objetivos, o anseio não diminui (autoria de Rumi, citação de Idries Shah)."

"Os Sufis"/Idries Shah

Os Antigos Egípcios

Albert Einstein acreditava que uma de suas mais valiosas características era a capacidade de se surpreender. Compartilho da sua opinião. Cada vez coisas mais simples e cotidianas me despertam a curiosidade e, quando observo mais atentamente... surpresa!

Quando observo o nascer do Sol, sempre me surpreendo com duas coisas: o evento majestoso e mágico, como acredito ser, e uma lembrança (o fato de nos lembrarmos de algo me surpreende também!) não menos mágica, de um povo do passado de adoradores do Sol – os Egípcios. A cultura egípcia possuía uma linguagem e uma escrita um tanto diferente das nossas. A eles é atribuída uma grande quantidade de heranças preciosas que nos são úteis.

Entre seus símbolos, o que me vem mais freqüentemente à mente, ao presenciar o Sol nascente, é a chamada Cruz de Ansata (aquela cruz que possui um círculo no lugar da haste vertical superior). Uma das origens concebidas para essa representação é o desenho da sombra, projetada no chão, de cada representante daquele povo de adoradores do Sol, ao contemplar-Lhe a chegada a cada amanhecer, de pé com os braços abertos.

Acho muito impressionante como, em minha mente, esses eventos estão associados: ao tornar-me consciente de um deles, o outro se apresenta espontaneamente...

Nosso conhecimento teórico de alguns eventos, ocasionalmente, nos turva a percepção de sua real natureza, complexidade e beleza. Outra realidade cotidiana que me convida regularmente à contemplação e reflexão, apesar de ter praticado algumas diferentes técnicas de hiperventilação e meditação, é a nossa respiração – quão mágica ela é! Reflita. Quero propor uma experiência que considero muito valiosa para que você compreenda de uma forma mais visceral as próximas considerações. Sugiro que somente inicie o próximo exercício se tiver tempo e disponibilidade de espaço e tranqüilidade para concluir o restante desta parte do programa. Acredito que esta seqüência terá um sentido maior se for abordada como uma unidade.

Onde Nasce a Próxima Respiração

Inicialmente proponho que você comece a respirar um pouco mais consciente e intensamente. Durante a leitura das próximas linhas, estarei explicando a experiência. Aproveite esse tempo para ir se preparando para o exercício. Conforme a duração de sua leitura, talvez dez, vinte ou mesmo trinta respirações completas, não tente controlar nem a quantidade nem o ritmo, deixe apenas que elas se processem **naturalmente** um pouco mais intensas. Apenas preste mais atenção. Você não precisa relaxar, basta sentir-se confortável e afrouxar alguma roupa que esteja constrangendo inspirações e expirações espontâneas. Quando inspirar, não há necessidade de se esforçar ou 'lotar' o peito de ar; da mesma forma, ao expirar é só permitir, naturalmente, que o ar escape pelo nariz enquanto o corpo estiver procurando uma condição de conforto e descanso. Continue respirando mais conscientemente, porém, não controladamente. Após essas respirações mais perceptivas, observe que, mais cedo ou mais tarde, uma dessas inspirações é naturalmente mais intensa ainda, como se 'pedisse' uma quantidade maior de ar e, em seguida, acontece quase espontaneamente um 'suspiro', uma expiração mais marcada. Não controle, apenas observe.

Neste momento, ao concluir a expiração, existe um lapso de tempo, uns poucos segundos, durante os quais a respiração fica, naturalmente, suspensa. Alguns instantes que parecem ser de descanso daquelas respirações anteriores mais intensas. Após isso, também espontaneamente, inicia-se outra inspiração. A pergunta que desejo que responda é:

Depois de algumas respirações um pouco mais conscientes, sucede um "suspiro". Após esse suspiro, um pequeno intervalo de tempo de "descanso" da respiração. Fique muito atento a esse pequeno período para perceber: "Onde nasce a próxima respiração?" Onde... Em que local do corpo você sente ou percebe os primeiros movimentos ou sensações que sinalizam o início de uma nova inspiração? Às vezes, é apenas uma vaga impressão, outras vezes uma região do corpo para onde se desloca a nossa atenção consciente...

Perceba também quão impressionante é o brotar de uma nova inspiração e, como após ela se completar naturalmente, uma nova expiração se inicia! Continuamente, às vezes, compassadamente, outras... Parece até que **Algo** respira por nós ou, talvez, através de nós!

Observe que, nem tanto pela ventilação pulmonar, talvez mais pela atenção orientada para essa percepção, parece que essa descoberta, por si só, já nos proporciona um curioso estado de ânimo! Ou até de motivação.

Você pode estar exausto(a), completamente "acabado(a)", talvez há duas, três ou quatro noites sem dormir, vivendo sob tremenda tensão e estresse, mais cedo ou mais tarde irá dormir. Por bem ou por mal, quem sabe até tendo sua consciência ou atenção seqüestradas, possivelmente na forma de um colapso ou desmaio, seus sentidos serão apagados. Talvez durma algumas horas, talvez oito, dez, quinze, vinte, ou mesmo trinta horas seguidas. Mais cedo ou mais tarde, invariavelmente, qualquer pessoa que possua um mínimo de condições de saúde, toma uma inspiração diferente, desperta e, para continuar deitada ou sentada, terá que fazer esforço. Uma pressão interior nos impulsiona para a ação e o movimento. E se assim não for, essa pressão interior nos colocará em uma extrema atividade de pensamento. Permanecendo com o corpo em repouso, a mente, então, "dispara"!

Que força é essa que não nos permite descansar indefinidamente? Que nos impele ao movimento, à ação, à interação? O que é isso que se expressa através de nós? Que vive através de nós? E o simples fato de **Lhe** observarmos a presença ou a "face", ocasionalmente manifesta alguma nova percepção, sensação ou sentimento – quem sabe até uma nova conclusão... De uma forma mágica e impressionante, cada um de nós, seres humanos, possui, consciente ou inconscientemente, um jeito de perceber, entender ou experimentar essa dimensão de nossa natureza e expressividade. Sim, **Algo** se expressa através de nós!

Alguns chamam de Força Vital, outros chamam de Força Criativa ou criatividade, talvez motivação, êxtase, impulso, energia, vitalidade etc. Invariavelmente, faz parte da natureza humana experienciar, mais ou menos conscientemente, tal condição ou categoria de ... Talvez alguns de nós atribuamos a **Isso** uma classe de coisas que inclua aquilo de bom e de melhor existente na nossa natureza humana, algo de positivo. **Algo** que, para inibirmos **Sua** expressão natural, dependerá de um esforço, em alguns casos, sobre-humano. Perceba que, neste momento, talvez alguma sensação se destaque em seu corpo e desperte sua atenção. Aceite tais evidências.

Por outro lado, contrastando com essas percepções, cada um de nós, enquanto seres humanos, também já teve a oportunidade de enfrentar ou observar as próprias limitações, dificuldades, os próprios dramas, medos ou dúvidas. Sim, disso também é feita a nossa realidade e, para cada **Ente** que possamos considerar como positivo, talvez consigamos achar a dimensão que não **Lhe** permita **Sua** livre expressão e que, talvez, chamemos de negativo. Quem sabe, sejam chamados de bloqueios ou mesmo de sombras. Observe também que a simples menção da existência dessas dimensões nos proporciona, muitas vezes, ainda outras sensações ou percepções em nosso próprio corpo. Mantenha-se atento a elas. Porém, tenha coragem de não julgá-las. Fazem parte de nós.

Para algumas pessoas, o grande conflito existencial é representado pelo confronto entre tantas vontades, tanta curiosidade e tanta motivação, versus tanta dúvida, medo, incerteza ou preguiça... Para outros, o grande conflito essencial se apresenta como a incompatibilidade entre seus desejos, sonhos e interesses interiores versus a hostilidade, agressividade e inércia do mundo real, exterior... Ainda outros vivenciam a tensão entre um futuro que poderia ser tão promissor e melhor versus um passado que lhe toma tanta energia, e que mantém presente a conclusão de não terem existido as oportunidades devidas para a expressão plena de seu próprio potencial... Cada um de nós sabe muito bem, seja consciente, seja inconscientemente, quais são seus dramas mais íntimos... Mantenha ambas as percepções simultaneamente em sua consciência, coexistindo, coabitando.

Observe agora como se intensificam suas experiências e percepções interiores. Convido você, agora, a deixar de lado a leitura do texto, temporariamente, caso já não tenha ocorrido espontaneamente, para que, por alguns instantes, você possa se absorver nessa “viagem” interior. Mantenha a coragem de não julgar os caminhos por onde sua mente inconsciente irá conduzi-lo. Apenas permita-se deixar seguir através desse contato mais íntimo com suas sensações e sentimentos. Absorva-se nas percepções corporais independentemente de sua possível turbulência. Verdades por vezes muito simples, mas que somente cada um de nós é capaz de saber. Essa é uma experiência de meditação muito interessante, uma das mais poderosas que conheço em autoconhecimento natural e saudável! Lembre-se de apenas observar o que é natural e espontâneo, no fluxo dos movimentos corporais espontâneos, sensações, sentimentos, pensamentos, memórias, idéias, decisões e conclusões que vão se desfilando, de uma forma muito segura e inconscientemente ordenada, em sua mente. Às vezes, você pode perceber uma certa aceleração respiratória ou cardíaca – é natural. Caso não se apresentem algumas percepções diferentes ou sensações, apenas continue a leitura normal do texto.

Perdido no ABC

Certa vez, retornando do litoral em um sábado, pela hora do almoço, durante um feriado prolongado, graças à Operação Descida (da serra), subi a Via Anchieta. Tenho hábitos alternativos e, geralmente, estou no contrafluxo dos congestionamentos – minha profissão permite uma certa flexibilidade de horários. Comumente, viajo antes ou depois do grande público e sempre aproveito as baixas temporadas – tudo mais vazio e mais barato. Naquela ocasião, não vinha diretamente para minha residência, tinha como destino um sítio em Arujá, na Via Dutra. Em ocasiões anteriores, com tempo limitado, viera até o centro de São Paulo para depois encaminhar-me para a estrada, utilizando-me da Marginal Tietê. Naquela oportunidade,

entretanto, tinha tempo de sobra e uma curiosidade de experimentar uma nova possibilidade: a de cortar caminho por dentro do ABC Paulista em direção à Via Dutra. Dei atenção à primeira placa e, no local indicado, abandonei a Via Anchieta em direção à Zona Leste. Naquela época, São Paulo era uma das cidades mais bem sinalizadas do país, quiçá da América do Sul; infelizmente, o mesmo não acontecia nos municípios do ABC. Após a terceira placa, dei-me por perdido em São Bernardo do Campo, acredito. Havia, de fato, muitas placas, porém com nomes de bairros e avenidas locais, dos quais eu nunca ouvira falar.

Eu possuo um senso de orientação espacial muito bom, especialmente durante o dia. Confiando no meu faro, não quis parar para perguntar ou consultar o guia (continuei em frente) imaginava que, cedo ou tarde, encontraria algo conhecido ou uma indicação familiar. Passaram-se ruas e avenidas, praças, indústrias e mais indústrias... Num dado momento, percorria uma avenida na qual nunca estivera (não que eu me lembrasse). Era uma avenida de duas pistas com três faixas em cada uma delas. Eu estava na faixa central. Pratico um estilo de direção chamado de “defensiva”. Tenho um tio, muito querido, que divide as pessoas que dirigem veículos em duas categorias principais. A primeira, ele chama de pilotos: aqueles cujo passageiro, em nenhum momento, se esquece de que está dentro de um carro – permanece sempre tenso, agarrando-se como pode para manter-se equilibrado no banco do carro. O segundo grupo, ele chama de motoristas – aqueles cujo acompanhante, em nenhum momento, se lembra de estar dentro de um carro... As acelerações e frenagens são suaves, as curvas bem dosadas etc. Faço parte desta segunda categoria.

Pois bem, seguia tranqüilamente pela faixa central, passeando (a avenida tinha pouco movimento), quando resolvi andar mais rápido. Quem dirige carros há algum tempo sabe que esse tipo de avaliação não é racional, não olhamos o velocímetro. Quando muito, sentimos a vibração do carro, o vento entrando pela janela, a velocidade dos outros carros e aceleramos ou não...

Qual não foi o meu susto e a minha surpresa de, querendo andar mais rapidamente, ter pisado no freio! Pisei levemente, como pisaria no acelerador, mas foi no freio! Meu coração disparou... Fiquei muito assustado, aquilo nunca havia acontecido antes. Instantaneamente olhei pelos espelhos, querendo antecipar algum problema, mas não havia ninguém imediatamente atrás. Foi algo tão inusitado que nem meu próprio corpo sabia desse fato e, embora estivesse com cinto de segurança, naquela pequena freada todo o meu corpo e cabeça inclinaram-se para a frente.

Uma curiosidade interessante é observar que motoristas, ou mesmo pilotos, em seus assentos, sempre estão mais equilibrados e altivos enquanto dirigem. De fato, nossa mente inconsciente, quando acostumada com o carro que dirigimos, sabe compensar os movimentos do veículo com tensionamentos diferenciais de músculos antagônicos àqueles que promoveriam os movimentos de recuo ou avanço da cabeça e tronco durante as manobras. Se você já dirige veículos há algum tempo, talvez tenha observado que a nossa organização motora inconsciente promove uma tensão diferenciada nos músculos do abdômen e região interna dos braços quando aceleramos o veículo; e dos músculos das costas e região externa dos braços, quando freamos. São contrações suaves que nos permitem agarrar-nos ou apoiar-nos ao volante e banco para a preservação do nosso equilíbrio. Os passageiros, em geral, não sabem avaliar as manobras, por isso têm menos estabilidade em seus assentos. Por isso também afirmei que, apesar de ter pisado no freio, em vez

do acelerador, meu sistema de equilíbrio automático não estava ativado, coordenadamente, com essa ação.

Completamente assustado, desengatei a marcha e permiti que o carro apenas continuasse com a velocidade que estabilizara e, enquanto dirigia com apenas a percepção periférica, minha consciência e atenção voltaram-se quase que inteiramente para dentro de mim mesmo. Já tinha experimentado o sonho vívido em outras ocasiões e, naquele lapso, pensei até estar sonhando e belisquei-me; estava acordado, pelo menos aparentemente! Ao voltar-me para o ambiente interior, estava "checando os sistemas" e avaliando o que poderia estar acontecendo. Pensava: "E se isso acontecesse em avenidas ou ruas movimentadas?" E se isso acontecesse ao contrário: querendo frear o carro, ao me aproximar de um semáforo ou cruzamento, pisasse no acelerador? Desastre certo! Enquanto isso, o carro prosseguia.

Nesta avenida, aproximadamente duzentos metros à frente, havia uma curva, que eu nunca percorrera. Na curva, havia uma sinalização de trânsito de estreitamento da pista, especificamente a faixa da direita estava em obras. Enfim, se nessa curva eu estivesse meio metro à frente, não teria tido tempo de evitar a batida num carro que, com a obstrução da pista, avançara pela direita, antecipando-se, e cortara-me a frente! Não corria, mas seria um acidente em uma avenida, numa curva, após uma grande reta.

Voltei-me novamente para dentro de mim e agradeci. Muito emocionado com o ocorrido, dei um grande **"muito obrigado"** para minha mente inconsciente, "meu tigre e todo mundo lá dentro". Nem com um computador teria sido capaz de calcular e antecipar aquele fato. Nem sequer havia percebido, conscientemente, o carro à minha direita! Voltei-me mais uma vez para dentro de mim e propus um novo acordo para meu próprio "coração": "Todas as vezes em que, dali em diante, para meu bem estar, integridade e segurança, for necessário retirar o meu controle consciente dos fatos, circunstâncias ou percepções, ou mesmo um seqüestro da minha consciência, então minha mente inconsciente terá total liberdade e autonomia para exercer suas deliberações!".

Também pensei que, em muito poucas ocasiões temos a oportunidade de identificar verdadeiras relações causais. Em geral, as teias causais em nossas vidas são tão complexas e distantes no tempo e no espaço, que, raramente, ao afirmarmos que algo aconteceu **por causa** daquilo, ou fiz isso **porque**..., poucas vezes estamos sendo justos na avaliação dos fatos. Normalmente, são apenas justificativas que a conduta social aceita como plausíveis. Naquele episódio, entretanto, a proximidade no tempo e no espaço eram gritantes. Talvez, se o acidente evitado estivesse à frente um ou dois quilômetros, eu não tivesse lembrado ou relacionado as evidências. Voltei-me uma vez mais, então, para dentro de mim e agradeci por mais essa introvisão e aprendizagem.

Mais Evidências da "Outra Lógica"

Certa vez, chegando em casa às 11h30min, depois de uma manhã de treinamentos e aulas dadas na academia, tinha uma agenda lotada de pequenos compromissos: bancos, xerox, correio etc. Na época morava perto da Avenida Paulista, normalmente realizava essas tarefas sozinho e caminhando. Possuía um escritório em casa, além da academia. Era uma segunda-feira e, como tal, depois de um seminário de final de semana, ficavam inúmeras coisas para serem resolvidas

no dia seguinte. Cheguei, troquei a fantasia e, rapidamente, saí. Era um dia no qual, provavelmente, nem teria tempo para almoçar antes das quatro horas da tarde... Acontece.

Saí, ainda meio atrapalhado. Entretanto, durante a descida do elevador do oitavo andar, onde morava, tive tempo para avaliar o que tinha em mãos. Descobri que faltava o documento mais importante que deveria levar. Cheguei ao térreo e voltei. Entrei novamente em casa, peguei o que necessitava, voltei ao elevador e chamei... Esperei... Esperei... Bati à porta... Nada... Aqueles poucos minutos pareciam horas... Escutei outras batidas à porta em outros andares... Enfim, chegou. Desci. Era um prédio de dois blocos com portaria dia-e-noite, e quando cheguei lá o porteiro não estava presente. Esperei alguns instantes, coloquei a mão pela grade para tocar a campainha do prédio, pois não possuía a chave do portão. E nada... A essa altura, eu, que contava os minutos no relógio, já estava contando os segundos. Finalmente, o porteiro apareceu ainda ajustando a fivela do cinto de sua calça. Pensei: "Estava fazendo algo de muito importante, porém, é o meu tempo que está se escoando...".

Consegui chegar à rua. Caminhei com passos largos em direção ao meu objetivo. Chegando à primeira esquina, o semáforo se fechava para os pedestres. É uma região de intenso movimento de carros em horário comercial e, para gerenciar o fluxo de veículos da Avenida Paulista e imediações, a sincronização de semáforos tem intervalos de tempo extremamente dilatados – dependendo do horário, a demora é de um minuto ou mais! Só podia olhar o relógio e continuar a constatar o desperdício de tempo. Enfim, consegui atravessar aquela rua. Num ritmo ainda mais acelerado, caminhei a quadra seguinte até que, chegando à outra esquina, mais uma vez o semáforo se fechava para mim! Irritado e contrariado, lembrei-me das Leis de Murphy (naquele dia não valiam apenas as leis, era uma constituição completa!). Mais alguns momentos preciosos perdidos.

Consegui atravessar a rua. Na época, naquela esquina havia um prédio, no qual estava sediada uma empresa estatal. Caminhando mais vinte metros, exatamente à minha frente, pelo portão da empresa, saiu um grupo de umas quinze pessoas. Era um dia de sol, no inverno, hora do almoço... Na rua passavam muitos carros e, agora, à minha frente, várias pessoas estavam fazendo o merecido "turismo" na hora do almoço. Foi o limite da minha paciência e tolerância... Percebi que não conseguiria ultrapassá-los, então voltei àquele percurso de uns trinta metros, após acompanhar-lhes por alguns instantes, esperando uma oportunidade para passar. Decidi voltar e ir pela outra rua. Cada um de nós sabe quanto esforço é necessário para ser mais rápido que o grande público.

Chegando à Paulista, após subir a outra rua, pensei que recuperaria uma boa parte do tempo perdido se fosse de Metrô. Era apenas o percurso entre duas estações vizinhas, imaginei que seria bom. Cheguei às catracas e descobri que não tinha mais bilhetes em minha carteira. Para comprar um, enfrentei fila. Finalmente consegui entrar. Quem conhece a Estação Consolação do Metrô de São Paulo sabe que é uma estação muito profunda. Entrei na escada rolante, percebi que o trem estava lá embaixo, chegando. Quando atingi a base da escada rolante, as portas daquele carro estavam se fechando. Já estava então suficientemente bravo e irritado com tantos contratempos, sentia-me tão impotente que ao invés de chorar, ria sozinho. Tenso e incomodado ainda, alcancei o banco.

Estava preenchendo um formulário de depósitos quando passou por mim um amigo que eu já não via há mais de um ano... Uma pessoa muito importante para mim. Ele fora o meu primeiro cliente institucional, numa época em que construíra meu negócio de lazer, ainda um pouco inseguro enquanto empreendedor. Tinha criado uma nova metodologia do aprendizado do tênis e meus próprios colegas profissionais e instrutores condenavam minha abordagem. Naquela época estava "nadando contra a correnteza". Ele, um profissional de altíssimo gabarito, tornara-se meu cliente e trouxera consigo parte dos funcionários de sua empresa. Apoiara abertamente meus métodos e resultados. Tornei-me amigo pessoal dele. Ele não pudera comparecer ao lançamento do meu primeiro livro, enviara-me um telegrama cumprimentando-me e desculpando-se e, desde então, nem havíamos nos encontrado. Ocasionalmente conversávamos por telefone. Finalmente, marcamos uma reunião para tratar de negócios... Fiquei muito feliz de encontrá-lo.

Terminei meus afazeres. Já estava na rua quando lembrei que não pegara o extrato e voltei. Enquanto operava a máquina de auto-atendimento, passou por mim uma amiga que já não via há uns oito anos. Ela fora minha colega no colegial, colega no Instituto de Física e minha aluna de Tai Chi Chuan. Cada um de nós mudou de endereço e perdêramos contato. Fiquei ainda mais feliz de encontrá-la. Um novo *insight* brotou, pensei: " 'Puxa vida', se eu soubesse que iria encontrar essas duas pessoas tão caras, nesse momento, aqui no banco, eu teria me sentado na calçada da rua para esperar o tempo passar!!!" Também pensei que, se eu pudesse antever aqueles encontros, não teria desperdiçado "uma gota" sequer de bem estar e bom humor. Quão tolo eu tivera sido, abrindo mão dos bons sentimentos durante aquele percurso para o banco, empenhado em superar vários obstáculos. Não fossem aquelas dificuldades todas, não teria encontrado aquelas duas pessoas tão importantes para mim.

Poucas vezes, em nossas vidas, conseguimos observar a sucessão de eventos e fatos através de uma perspectiva mais ampla de tempo e espaço. Nessa dimensão de observação, em geral, as razões e sentidos que atribuímos aos eventos isoladamente são comumente transformados.

Algumas Conclusões

Reflita por alguns instantes: durante a leitura deste livro, talvez você tenha tido algumas novas idéias, realizado algumas descobertas, quem sabe até tomado algumas decisões. Ocasionalmente, algumas dessas histórias tenham tornado sua conduta um pouco mais tolerante ou macia consigo mesmo(a). Talvez até ampliado sua aceitação e compreensão. Caminhando por todas estas páginas, possivelmente no início estivesse em busca de uma solução milagrosa para algumas questões de aprendizagem de idiomas ou tenha definido alguns objetivos e metas que incluíssem algumas mudanças de percepções e de crenças. Pense bem, recupere as anotações sobre objetivos ou lembre-se das propostas iniciais e compare seus sentimentos atuais e clareza de objetivos para observar se houve alguma alteração espontânea.

Garantidamente, o novo paradigma proposto por este programa está sustentado e construído sobre as bases da aprendizagem inconsciente. Provavelmente, a essa altura algumas crenças e proposições aqui expostas tenham motivado sua permanência e insistência neste caminho. Para que a ativação e o resgate de tantos conhecimentos já adquiridos (ou em fase de conquista) em nível inconsciente sejam bem-sucedidos, além das técnicas e procedimentos de estudo e expressão, é fundamental termos atitudes adequadas de respeito, aceitação, confiança, carinho,

fraternidade, justiça e eqüidade para consigo mesmo. Isso para que aquelas portas e janelas mentais e emocionais abertas durante o treinamento permaneçam assim. Entretanto, não servem somente para desejarmos e querermos coisas de nós mesmos, mas também para, principalmente, podermos seguir melhor o nosso próprio **Caminho** e identificar-**Lhe** melhor as sinalizações de direções, desígnios e necessidades.

A aprendizagem inconsciente é um caminho de mão dupla. Sugiro que nunca utilize estas técnicas para manipular seus sentimentos mais puros. Em minha opinião, não é para isso que elas servem. Muitos praticantes de Hipnose e PNL têm falhado ou sido conduzidos a maus resultados, creio, por fazer uso destas tecnologias sem a atitude correta.

Sendo a PNL uma metodologia relacionada com a aprendizagem, observo que muitos praticantes que buscam a excelência em seus instrumentos raras vezes se dispõem a trilhar **o caminho do aprendiz** (ou da excelência) em outros "territórios" além do conhecimento das técnicas. Parece-me que a sede de poder e de controlar os acontecimentos da vida, muitas vezes, ofuscam a simplicidade e a poesia da existência. Não conheço nenhum oráculo melhor do que a observação da própria realidade!

Retornando uma vez mais, pense bem, tudo aquilo que até hoje em sua vida porventura você tenha chamado de bloqueios (como, por exemplo, bloqueio para falar outra língua), na pior das hipóteses, o(a) conduziu a buscar e procurar experiências, seja consciente ou inconscientemente, durante as quais você conquistou uma série de habilidades e conhecimentos desconhecidos para qualquer outra pessoa que não tivesse tais dificuldades. Se assim não fosse, você nem teria razões verdadeiras para adquiri-las nem sentido para essas buscas.

Nesses caminhos você adquiriu sua competência e individualidade únicas... Graças a esses obstáculos no caminho. C. G. Jung, psicanalista originalmente discípulo de Freud, dizia que, no caminho da elevação humana, o resgate de dimensões perdidas, esquecidas e renegadas, era uma etapa fundamental, metafórica e simplificadamente chamada de "abraçar a própria sombra". Pense bem agora, numa perspectiva mais ampla de tempo e espaço, por quais caminhos você foi conduzido ou forçado a trilhar, graças a esses limites? Aquilo que até hoje talvez tenha considerado como bloqueios e que eu prefiro chamar de "Guardiães do Passado", por que lugares eles forçaram você a caminhar, de modo que ao longo deste percurso tenha conquistado ou encontrado suas melhores qualidades, "ferramentas" e habilidades na vida? Perceba que, ao observar retrospectivamente através dessas "lentes", muitos eventos e fatos ganham um novo colorido em sua memória, e talvez até algumas evidências, tais como sensações, sentimentos ou percepções, se apresentem à sua consciência, enfim, descortinando novos horizontes de existência.

Sim, a aprendizagem inconsciente (essas "portas e janelas" a serem abertas) possui segredos que nem sempre estão aparentes! Levianamente, às vezes, consideramos que sejam ingerências dessas dimensões da nossa existência, não nos proporcionar o acesso livre às suas informações e descobertas. Mas não, elas possuem "uma outra ordem", "numa outra aula"!

Seguindo em Frente por Caminhos Tortuosos

Tive uma amiga que conheci há alguns anos num programa de treinamento, muito inteligente e muito culta. Quando a conheci, entretanto, observei que sua saúde não parecia muito boa – tinha uma rarefação nos cabelos. Participamos juntos de uma delegação comercial do Sebrae/SP, enviada para uma Rodada de Negócios do Mercosul (ainda jovem, na época) em Montevidéu, no Uruguai, com duração de três dias. Pudemos conversar mais calmamente durante a viagem pois, por coincidência, regressamos juntos antecipadamente.

No dia da minha ida, um amigo que me levaria ao aeroporto perdeu a hora pela manhã e eu, já bastante atrasado, peguei meu carro para chegar a tempo. Para viajar, deixei-o no estacionamento do aeroporto. No retorno, por fim, tinha o carro à minha disposição. Levei-a para casa. Durante o caminho (era no Butantã), pedi licença para falar de sua saúde – algumas vezes presenciara alguns comentários rápidos, na viagem. Ela consentiu. Perguntei-lhe a origem do problema, que, embora resolvido, mantinha sua saúde atual dependente de medicamentos e com algumas seqüelas. Contou-me que fora uma infecção no sangue ou na medula, não me lembro bem, e que estivera às portas da morte, hospitalizada por mais de seis meses na Alemanha – não havia tratamento no Brasil. Ao falar daquele mal, sua expressão facial ficara transtornada, observei enquanto dirigia.

Dissera, repetidamente, que sofrera muito e que aquela doença fora muito violenta. Enfrentara a morte, insistentemente. Talvez, faltando-me um pouco de sensibilidade perguntei-lhe, se fosse possível voltar no tempo e retirar do seu caminho aquelas experiências tão duras, se ela gostaria de não ter vivido tais situações. Sem hesitar respondeu que sim e até questionou minha sanidade ao fazer tal pergunta. Disse que não desejaria tais condições nem ao pior inimigo... Enfim, agora o solo estava fértil... Mudei de assunto e perguntei-lhe sobre sua vida naquela época (de nossa viagem). Contou-me algumas coisas muito interessantes sobre suas conquistas, seu desprendimento, sua coragem empreendedora, sua desenvoltura e liberdade, seu amor pela vida e sua simplicidade... Mais uma vez questionei, teria ela sido sempre assim? Afirmou que não, que, em outras épocas, era comedida, medrosa, dependia muito da opinião dos outros, era uma “dondoca” (conforme suas próprias palavras).

Perguntei-lhe, finalmente, se aquela doença tivera alguma relação com essa transformação, se tivera sido um “divisor de águas” em sua vida. Sim, eu estava no caminho certo. Então lhe propus uma nova escolha em fantasia: “Suponhamos que você pudesse voltar ao passado e evitar todo o drama e terror que aquela doença proporcionou a você, como ponderei agora há pouco. Porém, tendo evitado esse caminho, você não teria se tornado a pessoa que é hoje! Pense bem, seus valores, princípios, anseios e hábitos, provavelmente, seriam os antigos... Ainda assim gostaria de ter tido outra história?” Sua tensão facial “caiu”. *Insight! Touché!*

Outras Faces da Mesma Moeda

Certa vez, um grande mestre afirmou: “Se você quiser ser mais organizado, você também deve praticar a desorganização; se quiser mais vitalidade, deve também praticar mais descanso; se quiser mais concentração, deve ainda praticar a desconcentração (ou descontração); se quiser mais controle, deve praticar o descontrole!!!” Essas palavras operaram em minha mente como um vírus em um computador: “rasgando” a estrutura de meus pensamentos. Eu já reconhecia a sua maestria e aprendera muitas coisas valiosas com esse professor. Meu coração disparou e me lembrei de uma experiência que vivera e que, de alguma forma, sustentava a possível realidade daquelas palavras. Na prática do Tai Chi Chuan, existe um estágio no qual, dependendo do estilo praticado, para adquirirmos mais velocidade, rapidez e eficácia nos gestos marciais, devemos praticar cada vez mais lentamente (sem perder a fluidez). Ao constatar a veracidade dessa proposição no mundo real, comecei a praticar os gestos do tênis de uma forma mais consciente e lenta. Também pude observar experimentalmente um incremento na velocidade e ritmo do meu jogo!

Dessa forma, elaborei uma nova metodologia de aprendizado e treinamento desse esporte para, especialmente, ensinar adultos de uma forma mais leve, agradável e natural, levando em conta seu eventual despreparo físico e irregularidade em treinamentos. Chama-se Hermann’s Light Tennis. Portanto, minhas experiências pessoal e profissional foram a base de sustentação para trazer à minha consciência a natureza profunda daquela aparente contradição. Levei alguns dias para digerir e metabolizar aquelas palavras, para aceitá-las e torná-las parte de mim.

Às vezes penso que, semelhante a uma abordagem paradoxal e contraditória, tipicamente Zen, os maiores mestres do pensamento e comportamento ocidentais possuem também uma forma bem humorada e mordaz de nos oferecer as pérolas de seu conhecimento através de proposições, inicialmente, incompreensíveis, porém, consistentes.

Conclusões

Como você talvez tenha observado, a experiência humana é bastante universal. Isso, em muitos momentos, mesmo que tentando resistir, talvez tenha trazido à sua mente alguns fatos semelhantes que vivera ou experimentara ao longo de sua vida. As minhas histórias... Elas são somente cenários!!! Sejam quais forem os dramas ou conflitos, talvez sejamos todos muito mais irmãos nessas dimensões de existência do que simplesmente por parecermos todos física e estruturalmente iguais: olhos, boca, pernas, braços, coração etc. Neste palco, então, na nossa consciência, se desenrola uma grande peça na qual os personagens sejam, talvez, um pouco diferentes, os cenários idem, mas as relações e interações, muito semelhantes. Até que possamos passar para o próximo enredo.

Se você considerou muito monótona esta parte do livro, imagine que ela não foi escrita para as suas necessidades conscientes. Porém, se você gostou e até concluiu que este não é um livro apenas sobre aprendizagem de idiomas, fico muito feliz, mais uma vez, de ter tido a oportunidade de participar da organização deste programa com esta configuração. Isso faz parte daquela dimensão transcendente, tão esquecida, de nossa educação.

Resumo

Volto a propor uma solução para a questão da libertação humana de seus "bloqueios". Confie em sua mente inconsciente: se existe algo que você acredita ser chamado de destino (e que eu prefiro considerar como destinos possíveis alternativos), saiba que, em minha opinião, somente dentro de si, explorando seus sentimentos, reações e comportamentos, encontrará quais são os seus de direito!

Tarefa

Reviva as passagens propostas na **ABORDAGEM INTUITIVA** tantas vezes quanto sentir necessário. Compare-as com os eventos correspondentes em sua vida até que possa ver através deles alguns fatos, um padrão no seu caminho. Quando conseguir abstrair esse sentido maior, será muito mais fácil encontrar a real natureza de sua jornada. Perceberá também que os sentimentos vão e vêm até que tenham se equalizado em suas tensões. Tenha fé, isso é ser humano. Bem-vindo, se não for em busca de seu próprio caminho, mais cedo ou mais tarde "a vida virá te pegar". Cuide-se.

ABORDAGEM EXPERIENCIAL

Reproduzindo a arquitetura original do programa, esta dimensão da metodologia **OLeLaS – FEEA** está, também, subdividida em quatro partes básicas, porém numa escala menor. Os exercícios e experiências aqui propostos, provenientes de diferentes campos da atividade e prática do desenvolvimento da percepção, servirão especialmente para proporcionar sustento a um novo entendimento dos processos de comunicação humana. Durante o seminário prático, as vivências estão encadeadas com explicações e induções de percepção. Nesta transcrição, porém, indicaremos as devidas consultas às outras partes do livro, quando for necessário. Temos quatro objetivos distintos e complementares principais:

1. Posições Perceptivas: estabelecer uma chave para decodificar e compreender mais profundamente a seqüência e o roteiro do programa; oferecer evidências da necessidade da construção de uma nova identidade (estruturada, inclusive, na dimensão psicomotora) para ser um bom falante de outros idiomas;

2. Estratégias de Aprendizagem: este, que é o maior grupo de exercícios, tem a finalidade efetiva de criar as fundações da(s) nova(s) identidade(s); essa seção serve também para reeducar a nossa percepção, levando-a a funcionar como quando éramos crianças (e repetir o que já deu certo com a mais difícil língua estrangeira: a língua mãe) e desorganizar os hábitos já automáticos de construção da linguagem em nosso idioma. As práticas são de duas naturezas diferentes: **intrapessoal** – exercícios a serem praticados de forma individual – e **interpessoal** – exercícios a serem praticados em duplas ou trios;

3. Percepção e Sensibilidade: servem para ativar a percepção interior e mostrar como nos utilizar dela nas mais diferentes interações humanas; também nos oferecem evidências da profundidade possível de ser conquistada na comunicação de uma forma natural com outras pessoas;

4. Projeções Futuras: uma ferramenta interessante que nos proporcionará uma nova compreensão da flexibilidade e multidimensionalidade do tempo subjetivo; ainda indicará que, na nossa mente inconsciente, passado, presente e futuro possuem uma organização diferente – este é um “outro tempo”.

Esta experiência tem uma grande flexibilidade em suas aplicações, por isso sugiro que, de imediato, enquanto você estiver explorando suas possibilidades, considere três abordagens complementares:

1. a opção de pedir a alguém que leia o exercício, enquanto você se submete a ele, de modo que o seu impacto profundo seja mais efetivo na construção dos seus próprios *insights* e conclusões;

2. a opção de seguir o exercício, parando oportunamente para responder às questões formuladas;

3. a opção de aplicar o exercício a outra pessoa para ter a oportunidade de observar como são as reações mais naturais e espontâneas quando “agarramos” cada introvisão.

Para o máximo aproveitamento, existem duas sugestões muito importantes, além das anteriores: 1) responda às perguntas por escrito; 2) mantenha-se muito atento não somente às respostas que encontra, mas também à maneira de gerar respostas e certificar-se de que elas são plausíveis. Vamos, enfim, ao exercício. Se outra pessoa for aplicá-lo a você, este é o momento de passar-lhe a tarefa; caso contrário, siga lendo e realizando as tarefas alternadamente. Sugiro que, no caso desta parte do livro, não se antecipe na leitura para não perder o impacto das percepções.

O Exercício Propriamente Dito

1) Escolha um objeto qualquer, de uso diário, e mostre-o ao praticante. Mantenha-o informado de não apenas responder por escrito às perguntas, mas também de observar a si mesmo, como as obtém e como são estruturadas as respostas. A primeira pergunta é: **"O que é isto?"**. Obviamente, espera-se que a resposta seja consistente. Porém, observe que alguns pensamentos acompanham essa resposta, tais como: "Que pergunta idiota..." ou "De que me serve esta resposta?" ou "Aonde será que uma pergunta dessas vai me levar?" etc. Quem sabe até, naturalmente, rejeitando essa pergunta, surja uma brincadeira, mentira ou ironia. Perceba que esse mecanismo de lidar com perguntas simples e óbvias pode ter se transformado em uma armadura de comportamento ou, se preferir, em um automatismo mental: sempre que a pergunta é muito evidente, a resposta não deve ser objetiva. Na maior parte das vezes, a resposta a essa pergunta é única e assertiva. Não desanime, essa é uma pergunta tipicamente convergente: existe uma resposta certa!

Posições Perceptivas

"Eu hoje sonhei que era uma borboleta,
Agora, não sei se sou um homem que sonhou ser borboleta...
Ou se sou uma borboleta sonhando ser homem!"

Um sábio chinês

2) Mostrando o mesmo objeto, proponha agora outra pergunta: **"O que pode ser isto?"** Respostas por escrito, de novo. Essa é uma pergunta tipicamente divergente: existem muitas respostas certas. Possivelmente sejam relacionadas várias respostas, incluindo funções pouco convencionais, como por exemplo: na mão de uma criança, um brinquedo; na mão de alguém que esteja bravo, uma arma; na mão de um adulto... etc. Tudo, é claro, dependendo da natureza do objeto escolhido. Observe que, talvez, a resposta à primeira pergunta esteja incluída nessa resposta. Entretanto, elas são de naturezas diferentes. Uma das áreas nas quais atuo como educador é a formação motivacional de empreendedores. Dentro desse grupo, chamado empreendedores, existe um subgrupo chamado inventores. Para os inventores, seus olhos observam o mundo através dessa "outra lente". Eles pouco olham para o mundo como ele é! Eles vivem num universo que ainda não foi construído – exceto na própria imaginação. Cada vez que ouvem a primeira pergunta (convergente), suas mentes, na verdade, processam a segunda pergunta (divergente): **"O que poderia ser isto?"**.

3) Tendo ainda o mesmo objeto como referência, ofereça agora maior liberdade ao praticante pedindo-lhe uma descrição, poesia ou narração sobre o objeto. Agora a escrita pode ser fluente. Ofereça ao praticante, aproximadamente, dois minutos. Independentemente do que seja escrito, na maior parte dos casos essa resposta, apesar de possivelmente relacionada às anteriores, ainda assim será diferente delas. Perceba que o mesmo objeto pode ser apreendido de diferentes perspectivas – uma outra dimensão de expressão deve ser ativada.

4)Considerando ainda objeto e observador, proponha uma nova redação de dois minutos, com expressão livre. Porém, o observador, em sua imaginação, se colocará no lugar do objeto (ou na "pele" do objeto), e descreverá, narrará ou se expressará como objeto, observado por si mesmo ou pelo mundo ao seu redor. É uma experiência fantasiosa ou operada na memória do observador (ao recordar-se das etapas anteriores poderá registrar as percepções que ficaram em sua lembrança). Ele deverá tentar se lembrar, a partir do ponto de vista do objeto, de suas reações e trejeitos durante as etapas anteriores. Ocasionalmente, alguns pensamentos ou idéias apresentados podem ser curiosos. Certamente, essa resposta não será em nada parecida com as anteriores. Perceba que, entretanto, é mais uma percepção possível e associada à existência daquele determinado objeto de observação. Se o objeto fosse outro, provavelmente as conclusões seriam outras ainda diferentes; logo, essa dimensão de experiência ainda se relaciona ao objeto.

5) Mais dois minutos para uma nova redação curta. O ponto de observação, agora, novamente na imaginação ou na memória do observador, deve estar próximo de si, mas deve ser um ponto com ângulo de visão que inclua a si mesmo e ao objeto observado. Um ponto de vista de onde seja possível perceber também o espaço físico entre observador e objeto observado. Note que assim é possível abstrair ou alucinar uma interação entre os dois: objeto e observador. Ele será observador de si mesmo. A quais conclusões se chega? Tornar-se observador de si mesmo é mais uma exploração divergente que, além disso, aguça o senso crítico extraordinariamente. Para alguns, mais severos, lhes oferece um comum senso de ridículo – isso é somente uma brincadeira e, no entanto, nos espelha uma série de previsibilidades aprendidas culturalmente. Perceba que as respostas ainda diferem das anteriores, apesar de fazerem parte da interação com o mesmo objeto.

6) Uma última experiência de mais dois minutos para o praticante considerar as percepções do aplicador do exercício ou do escritor deste livro. Ou ambas, se quiser! Sim, de uma perspectiva mais ampla ainda, o que o aplicador ou escritor estaria pensando ou intencionando ao propor tais experiências? Considere que, do ponto de vista do aplicador, suas percepções podem incluir suas curiosidades e percepções de todo o ambiente e, do ponto de vista do escritor, possuidor da vivência de ter aplicado este exercício inúmeras vezes (é até possível antecipar uma parte das reações mais comuns) quais seriam os objetivos desta nova experiência? De fato, ainda sob este ponto de vista, numa perspectiva mais expandida de espaço e até de tempo, as reflexões podem ser bem diferentes de todas as anteriores. Uma outra dimensão de respostas que, enfim, quem sabe, tenha concluído mais de uma página inteira de considerações. Agora será possível observar em quais dimensões foi mais fácil ou difícil a fluência da linguagem e da expressividade (embora a liberdade extrema estivesse presente desde o início do exercício).

A Jornalista Objetiva

Certo dia, enquanto realizava um seminário, observei que, durante a realização deste exercício, havia entre os participantes uma moça de olhos arregalados. Enquanto seus colegas permaneciam absortos, fazendo cada etapa da experiência, ela olhava para o que escrevera e, ocasionalmente, olhava para mim. Concluí que estava "cozinhando" algo dentro de si. Terminada a vivência, perguntei aos presentes o que haviam percebido.

A moça, então, ainda com seus olhos bem abertos, olhou o texto mais uma vez e, voltando-se para mim, disse: "Eu estou muito surpresa! Estive lendo aquilo que escrevi e observei que a minha linguagem ficou excepcionalmente objetiva!" Pensei... Objetividade por objetividade... O que se faz com isso? Então perguntei: "O que isso, afinal, representa para você?" Ela respondeu: "O que isso representa?! Eu sou jornalista... Na minha vida profissional inteira, muitas e muitas vezes, precisei ser assim objetiva, e nunca consegui! Nunca fui objetiva!!! Era um tremendo esforço para mim...".

Eu disse, então: "Ótimo... Daqui por diante, você possui duas alternativas: uma delas, a mais simples, é que, todas as vezes que você precisar desta 'ferramenta' chamada objetividade, 'digite aí, no seu computador interior': ponto de vista de um objeto inanimado para entrar em contato (ou poder fazer uso desse 'instrumento mental') com a sua própria objetividade. Nesse caso, você a descobriu acidentalmente, dentro de si mesma, durante este exercício". De fato, não tinha sido eu que havia feito uma descrição objetiva, ela é que tinha conseguido isso!

Objetividade era apenas uma das "ferramentas" que possuía, e nem sabia existir dentro de si. A segunda alternativa que considerei, bem mais complexa, também mais significativa, seria que, enfim, naquele momento, motivada por aquela descoberta, poderia iniciar uma nova jornada em sua vida. Uma etapa na qual estivesse, consciente ou inconscientemente, empenhada em desconstruir aquela identidade que não incluía uma série de "ferramentas" e possibilidades que estavam dentro dela, tanto quanto a objetividade, mas que, por algumas razões muito importantes, não faziam parte de sua identidade consciente. Por muitos anos, durante nossa educação e o longo processo de sociabilização, construímos, detalhada e inconscientemente, nossa personalidade. Um dia, porém, mais cedo ou mais tarde, podemos nos sentir constrangidos por seus limites. Então é chegada a hora de buscarmos e encontrarmos quem somos, realmente, em nossa essência, além de nossos comportamentos sociais aprendidos. Um reencontro, em geral, empreendido inconscientemente, graças à tensão tornada aparente pelo confronto entre a "pressão" de nossa expressividade mais pura, em permanente desenvolvimento e amadurecimento, e as fronteiras e armaduras de nossas formas de ser socialmente aprendidas.

Utilizamos Somente 5% de Nossas Capacidades?

Por várias vezes, quer em reportagens ou em documentários nos programas de televisão, escutamos ou vimos que o ser humano mediano tem-se utilizado somente de cinco ou dez por cento de suas capacidades mentais e, talvez, quinze por cento de suas capacidades físicas. Ocasionalmente, alguém contesta tal assertiva, expondo sua opinião de que essas porcentagens podem ser maiores ou menores – até questiona como foram concluídos esses números se não é possível avaliar a capacidade total. Não tenho interesse, neste momento, de fundamentar de onde

vêm essas informações, não seria útil para nossos objetivos. Além disso, imagino que cada um de nós, uma vez pelo menos, já ouviu dados semelhantes.

Naturalmente, esse tipo de avaliação está baseado nos paradigmas da civilização na qual vivemos, cujos comportamentos e crenças nos conduzem a aceitar a compreensão de que a realidade é apenas aquela que experienciamos consciente, lógica e racionalmente, ignorando-se grande parte das outras evidências que complementam essa concepção. Ultimamente, a intuição e "outras lógicas" têm conquistado seu espaço e valor. Aqui, o paradigma é completamente diferente. Logo, algumas conclusões decorrentes desses dados serão reenquadradas.

O mais interessante é que talvez não tenhamos formulado a questão seguinte: partindo da observação, quem sabe cheguemos à conclusão de que nos utilizamos de nossa mente e de nosso pensamento quase que integralmente. Pensamos o dia todo: acordamos pensando, vamos dormir pensando e, à noite, se acordamos para ir ao banheiro, pensamos também! Assim, se pensamos durante quase cem por cento do nosso tempo de vida consciente, quando sobra tempo para praticar e utilizar os outros noventa e cinco por cento de nossas capacidades mentais?

A boa notícia é que essa maior parte de nossa existência (95%) funciona o tempo todo! Para a maioria das pessoas, é uma existência independente, que se apresenta ocasionalmente num momento de *insight*, intuição ou coincidência. Perceba que aquelas seis dimensões de respostas (o que é, o que pode ser, o que eu percebo etc.) coexistiam dentro de você mesmo(a). Se, já conhecendo a experiência anterior, fôssemos repeti-la com outros objetos, ou mesmo com outros pontos de vista, não precisaríamos seguir exatamente aquela seqüência. Todas aquelas dimensões de percepção estão coexistindo dentro de cada um de nós, basta saber encontrá-las quando precisamos, assim como aquela jornalista encontrou sua própria objetividade.

Portanto, criatividade, assertividade, tranqüilidade, sensibilidade, concentração, motivação, bom humor, curiosidade, alegria etc. estão dentro de nós, o tempo todo! Assim, enquanto estamos lendo, não deixamos de perceber as sensações corporais de estarmos sentados, em pé ou deitados; não deixamos de escutar sons, apenas não estamos conscientes dessas percepções. Todas coexistem, simultaneamente, em nosso universo inconsciente.

Identidades

Talvez você já esteja se perguntando: "O que isso tudo, que é muito interessante, tem a ver com os nossos objetivos?" Como comentei anteriormente, esta experiência é uma pedra angular para ativar uma ferramenta inconsciente fundamental para uma compreensão mais profunda e visceral da realidade da aprendizagem inconsciente.

Se você foi aplicado e, como solicitei, respondeu por escrito àquelas seis questões, então agora teremos oportunidade de observar algo de muito interessante. Caso contrário, volte um pouco atrás e complete o exercício, por favor.

Todos que já tiveram oportunidade de conviver, em uma dada ocasião, com pessoas conversando em uma roda na qual estivessem falando mais de um idioma, devem ter percebido, consciente ou inconscientemente, que os bons falantes de línguas estrangeiras possuem identidades diferentes

para se comunicar em línguas diferentes. Isso é observável apenas nos bons falantes de outros idiomas. Ao se expressar, mudando de uma língua para outra, alteram sua voz, ritmo (e, por conseqüência, respiração), entonações, velocidade e freqüência de gestos, expressão facial, tônus muscular e até a coloração de pele (se permanecerem alguns minutos expressando-se em apenas um dos idiomas).

Certamente, essas pequenas alterações são bastante sutis, porém, bastante evidentes para um observador atento. Se, entretanto, neste momento, você não se lembrar desses fatos, agora poderá se utilizar daquelas seis respostas que deu por escrito para comparar minuciosamente a sua própria caligrafia e fluência registradas em cada uma das respostas. Como variáveis de análise, observe: inclinação, curvatura, tamanho e espaçamento entre letras; inclinação e espaçamento entre palavras e linhas; tensão da caneta ou lápis sobre o papel (o quanto está marcado em relevo o lado oposto da página na qual escreveu); fluência das idéias; quantidade de rasuras ou gíria; linguagem mais telegráfica ou prolixa; tipos de idéias ou sentimentos relacionados etc.

Perceba que, para cada estado interior, possuímos uma determinada identidade motora e nervosa. Sim, toda a nossa tensão e tônus muscular se relacionam com nossos estados emocionais. Especificamente, considerando a aprendizagem de alto nível de outros idiomas, estaremos empenhados em construir uma nova identidade motora respiratória, vocal, sensitiva e cognitiva como um "solo fertilizado" para que o repertório de palavras da nova língua possa ser "plantado e dê frutos" em nossa mente, associado naturalmente à nossa expressividade, como um caminho alternativo de expressão para nossa identidade mais profunda. Isto é, durante este programa, estaremos resgatando uma dimensão de existência mais essencial, que reside "atrás" de nossa "personalidade", para construir "outras personalidades" próprias para a expressão e comunicação em outros idiomas. Naturalmente, para a compreensão dessa explicação, não estou utilizando-me da terminologia usada por psicólogos ou psiquiatras, nem sequer sendo fiel às suas conceituações. O que me interessa é, pelo menos, uma compreensão intuitiva que acompanhe as percepções que apontei imediatamente antes. Por essa razão, muitos dos conceitos de identidade, personalidade etc. podem ser considerados entre aspas. Para concluir, retorne uma vez mais ao parágrafo sobre "**Traduções"**, da **ABORDAGEM COGNITIVA**, para se lembrar as diferenças sócio-culturais envolvidas no sentido do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.

Aqui percorreremos um caminho duplo:

1. estruturar a nossa percepção para aprender e arquivar a nova língua num "local" propício para sua utilização e resgate, quando de interesse;

2. desestruturar, momentaneamente, nosso automatismo verbal para colocar, neste ambiente inconsciente, novas alternativas de expressão.

Por essas razões, estaremos nos utilizando de um caminho pouco inteligível inicialmente, porém, efetivo nos resultados a partir da experiência prática.

A estratégia completa se constitui de sete passos essenciais que incorporam alguns outros procedimentos de apoio, que, por sua vez, nos proporcionarão benefícios em outros ambientes de vida, além do aprendizado de idiomas. Na eventual utilização deste método com crianças, sugiro o mínimo formalismo possível. Torne tudo uma grande brincadeira, sem exageros ou grandes

solicitações técnicas – contar histórias em língua estrangeira e cantar, entre outros, são ótimos caminhos. Além disso, não teria certeza de propor algo diferente para um adulto... Essas "brincadeiras" todas certamente interferirão na auto-imagem de quem as praticar, mesmo que solitariamente, concorrendo assim para a construção de uma identidade mais flexível – condição necessária para se falar um outro idioma.

Os sete passos da estratégia estão relacionados a seguir, de acordo com os objetivos a serem atingidos:

Estratégias de Aprendizagem

...
"Dançam as estrelas
O Sol põe tudo a se mover,
Não pertences ao Universo
Se é imóvel o teu ser."
...

Ângelo Silesius

Algumas vezes fui procurado por pessoas com problemas de disfluência (o nome científico da "gagueira"). Observei que este trabalho proporcionou ganhos interessantes aos portadores dessa característica. Não saberia afirmar ao certo como, exatamente, o programa **OLeLaS – FEEA** agregou resultados: se na atenuação do estresse próprio de algumas situações ou da tensão interna que não lhes permite coordenar adequadamente a musculatura do diafragma ou garganta; se propriamente no aprendizado motor rítmico da fala (um "gago" não "tropeça" quando canta, dizem); se no despertar de uma nova forma de expressão que se apresente através de uma outra identidade um pouco mais flexível; ou seja lá como possa ser compreendido – os resultados, entretanto, eram mensuráveis.

1) Percepção de Ritmos

Sugiro que, inicialmente, você utilize músicas, como está proposto no **Apêndice 1**. Este é um caminho bastante rápido para ativar as necessárias percepções de ritmos. Se, entretanto, já tiver bastante familiaridade com a música, pode iniciar um trabalho paralelo ao proposto, buscando identificar a pulsação do discurso correntemente falado. Essa sintonia com oradores agregará um grande discernimento de sons da língua em que quiser falar fluentemente.

Exercício 1 (prática em duplas): escolha uma música que possua ritmo definido e bem marcado, no início. Durante meus seminários, gosto muito de utilizar "Canon in D", de Johann Pachelbel (Largo). Utilize, de preferência, músicas instrumentais ou clássicas. Encontre um parceiro com quem praticar. São dois papéis bem definidos, porém, intercambiáveis (viva este exercício em ambos os papéis: praticante e treinador). Pratique com pessoas diferentes, na medida do possível. As tarefas são as seguintes:

Praticante: vai falar sobre qualquer assunto **enquanto se mantém batendo palmas na pulsação** (ou alguns dos ritmos constantes) da música que permanece tocando.

Treinador: também permanece batendo palmas no ritmo da música, enquanto **ajuda o praticante a se lembrar de bater palmas na pulsação da música**. Caso o praticante tenha dificuldade de encontrar corporalmente o ritmo, o treinador deve bater sua mão nas costas, braços ou perna do praticante, proporcionando-lhe um estímulo tátil (isso facilitará sua sintonia futura com ritmos externos). Caso o praticante não consiga conectar seus ambientes cognitivos (ou seja, fique em silêncio, mudo), o treinador deve ajudar formulando perguntas abertas (cujas respostas não possam ser apenas sim ou não). **Alerta:** não se deixe envolver pelo assunto da conversa. Lembre-se, seu papel é de treinador, caso contrário vocês correm o risco de estarem no mesmo ritmo, porém desconectados do ambiente externo!

Observações:

a) Por que as palmas? A utilização do bater palmas, durante a prática dos exercícios, é muito importante nas etapas iniciais desta metodologia (primeiro ou segundo mês). A finalidade é associar à percepção de ritmos, estímulos nervosos motores e sensores que ajudem a captação inconsciente mais rápida e profunda. Essa tarefa paralela também integra, na comunicação verbal, uma participação maior das atividades de processamento cerebral do hemisfério direito – para algumas pessoas, aqui se inicia o chamado desbloqueio. Para compreender como as estimulações nervosa motora e nervosa sensora contribuem para a construção da nossa identidade proprioceptiva e, por conseguinte, de uma nova identidade de expressão, consulte o livro "Consciência pelo Movimento", de Moshe Feldenkrais.

b) Quantas pessoas você não conhece que, enquanto estão se expressando, não estão percebendo nada do que acontece a sua volta? Se for uma "conversa" ao telefone, enquanto discursam, se você sair para tomar um café e voltar, talvez elas nem se dêem conta de sua ausência(!), ou seja, quando conectadas ao universo interior, fecham completamente todos os canais de percepção. De outra forma, muitas vezes consideramos desconcentração ou dispersão quando, ao ouvir uma outra pessoa, nossa mente permanece irrequieta. Podemos sim, viver em mais de um ambiente mental ao mesmo tempo, mesmo porque, muitas vezes sem saber, eles estão de alguma forma interligados, mesmo que não sejam aparentes essas conexões.

Exercício 2 (prática em duplas): refaça o exercício anterior, incluindo uma nova tarefa para o treinador: além de bater palmas com os ritmos da música e de estar atento e pronto a ajudar o praticante a desenvolver sua habilidade de estabilizar um determinado estado mental (freqüência cerebral) no qual lhe seja possível estar atento, ao mesmo tempo, aos universos interior e exterior, agora **o treinador deve manter em mente uma pergunta embutida**, simples e não invasiva de privacidade, que não será formulada verbalmente (ao longo do exercício) como uma dimensão paralela de processamento mental. Observe se, ocasionalmente, o praticante responde a essa pergunta, dá evidência ou se o assunto da conversa, naturalmente, se aproxima do assunto ao qual corresponda a pergunta. Recordando as tarefas, então:

Praticante: se mantém batendo palmas no ritmos da música enquanto fala sobre qualquer assunto.

Treinador: mantém o ritmo no corpo, ajuda o praticante a se manter no ritmo e mantém em mente uma pergunta simples sobre o parceiro (não deve falar a pergunta durante o exercício nem conduzir a conversa para os ambientes da resposta).

Observação: A pergunta embutida é algo bastante cotidiano em nossa vidas, por mais esquisito que possa parecer; algumas pessoas chamam-na agenda oculta. Tipicamente observamos sua ocorrência natural em duas situações diárias: numa negociação, temos intenções, mesmo que numa atitude ganha-ganha, que não são formuladas verbalmente (não adianta perguntar ao outro negociador qual é o limite de sua margem de negociação); entretanto, as perguntas embutidas orientam a "dança" da negociação na busca de soluções interessantes para ambas as partes. Numa conquista afetiva, muitas vezes queremos saber coisas sobre a pessoa envolvida que não formulamos verbalmente, enquanto não é chegada a hora e o grau de intimidade adequado para isso; não obstante, essas perguntas permanecem habitando nossas mentes, ativando nossa curiosidade e, na "dança" da conquista, muitas e muitas vezes são respondidas antes que perguntemos explicitamente. Neste exercício, entretanto, existe uma diferença fundamental: a pergunta embutida, simples e não invasiva de privacidade, além de não ser formulada verbalmente, não deve servir para orientar ou encaminhar o assunto da conversa em direção aos ambientes da resposta, isto é, não dê indiretas ou dicas do assunto, apenas mantenha-a em mente e observe se, natural e espontaneamente, durante o discurso do praticante, ela é ou não respondida.

Finalidades: desenvolver e estabilizar um determinado estado mental, no qual estejamos simultaneamente conscientes do ambiente interior (pensamentos, idéias, sentimentos e sensações) e do ambiente exterior (sons e ritmos da música). Este é um primeiro exercício de hiperestimulação mental – um estado alterado de consciência de hiperativação.

Exercício 3 (prática individual): escolha uma música, cantada na língua que quer aprender a falar, e a coloque para tocar. Seu único trabalho **é encontrar o ritmo e bater palmas na pulsação desta música enquanto ouve a voz do cantor,** suas inflexões rítmicas e tonais. Numa segunda ou terceira passagem da música, pode acompanhar com aquele lá, lá, lá ou hum, hum, hum internos, de acordo com as sonoridades e notas musicais que escuta. Numa fase mais adiantada, dependendo de sua familiaridade com a música, encontre a pulsação e a "música" (entonações e ritmos) da linguagem falada fluente. Conforme tenha se familiarizado com os ritmos, encontre a letra original dessa música e, ao tocá-la, mantenha o bater de palmas e acompanhe com os olhos a grafia do que é cantado. Não leia! Apenas acompanhe com os olhos: nossos hábitos de leitura e eventual subvocalização da língua portuguesa não servem para todos os idiomas a serem aprendidos (considerando os ritmos e entonações diferentes, mal servem para ler o português falado no interior de Portugal! Exagerando um pouco, evidentemente).

Finalidade: estabelecer um primeiro contato com os ambientes de registro e captação de vocabulário do idioma em que estamos interessados em desenvolver fluência.

2) Ataques Silábicos

A silabação é um importante processo para flexibilizarmos nossos automatismos verbais e de leitura da língua portuguesa. Parecerá uma grande brincadeira, porém, é uma etapa muito importante da estratégia.

Exercício 1 (prática em duplas): utilizando-se de música, clássica ou instrumental, preferivelmente, com pulsação definida, desta vez mudarão as tarefas do praticante:

Praticante: vai falar sobre qualquer assunto **enquanto se mantém batendo palmas de acordo com sua própria silabação.** Agora cada palma deverá estar intimamente associada a cada sílaba das palavras. Por exemplo: "se fôs-se-mos di-zer es-ta fra-se ao pra-ti-car es-te e-xer-cí-cio", deveríamos bater as palmas vinte vezes até antes da vírgula – cada uma no exato instante da emissão de cada sílaba de cada palavra dessa frase. O praticante fala, novamente, sobre qualquer assunto, como no exercício dos ritmos, porém bate palmas de uma forma diferente, agora. O importante é que, ao falar, esteja batendo palmas com os ataques silábicos que correspondem aos sons das palavras que emite. No começo é bastante estranho, isso retirará a sua fluência e as palavras se tornarão sincopadas. Conforme nos acostumemos, as palmas acompanharão, naturalmente, o ritmo da fala (apenas um pouquinho mais lenta, porém muito mais coordenada).

Treinador: mantém as mesmas atividades dos exercícios anteriores (lembre-se, seu papel é extremamente importante para o praticante; não obstante, seja flexível e macio nas suas intervenções, lembrando que, na dimensão da aprendizagem inconsciente, a atitude é muito importante; se você for "duro" em suas interferências, provavelmente obstruirá a comunicação profunda, rompendo assim a efetividade e a utilidade de suas ações e conquistando a indiferença ou desconsideração do praticante):

- mantenha-se no ritmo da música de fundo;
- mantenha o interesse em apoiar o praticante de uma forma suave, ajudando-o a aprender a coordenar suas sílabas com suas palmas;
- mantenha a prática da pergunta embutida, simples e não invasiva de privacidade, porém, não formulável verbalmente.

Observações:

a) Poucas pessoas conseguem fazer este exercício sem, inicialmente, diminuir o ritmo e a velocidade da fala. Portanto, treinador, fique muito atento para não ser enganado! Seu papel ao sinalizar as falhas é muito importante para o praticante.

b) Lembre-se de que essas vinculações de novos padrões motores e de percepção coordenados com a fala criam uma importante interferência na formulação automática da linguagem falada. Essa desestruturação parcial de automatismos verbais será importante em seções posteriores.

Exercício 2 (prática individual): trabalhando com aquela música cantada na língua que quer aprender, utilizada no exercício dos ritmos, agora você deverá bater palmas que acompanhem os ataques silábicos do cantor. **Sua atenção deve estar nas sonoridades e sons de cada sílaba e palavra escutada.**

Observação: No caso de estar praticando este exercício com a língua inglesa, fique muito atento para não bater palmas nas letras mudas – a maior parte das letras mudas na língua inglesa não é pronunciada. Seus sons somente aparecem quando existe uma vogal após, tornando-se um som de ligação. Não são sílabas projetadas pela voz, apenas a dicção e a articulação motora da boca se configuram, sem pronunciar o som explicitamente. O risco de não se considerar esta observação é que, ao pronunciar as letras mudas, rompem-se o ritmo e as inflexões tonais da língua falada.

3) Voz Interna

Esta é uma das mais importantes etapas da estratégia. É uma fundamental referência interior para o nosso desenvolvimento e aprendizado de idiomas. É um "farol na noite escura", ou "a luz no fim do túnel":

Exercício 1 (prática em duplas): este exercício é composto de duas etapas complementares. À primeira chamamos calibragem (denominação e prática provenientes da Programação Neurolingüística), uma etapa na qual mostramos ao nosso parceiro como funcionamos naturalmente – ele deve prestar atenção para identificar os detalhes de nossa expressão não-verbal; a segunda é uma etapa de teste para avaliarmos se realmente o nosso parceiro conseguiu perceber nosso funcionamento, isto é, se sua percepção foi treinada o suficiente:

1ª fase – Calibragem: escolha um verso simples, um provérbio ou um dito popular qualquer para utilizar neste exercício. Agora selecione três ou quatro fantasias ou memórias que despertem sentimentos, estados ou atitudes diferentes, tais como: alegria, atenção, curiosidade, excitação, tranqüilidade, saudade etc. (naturalmente, sugiro a escolha de bons sentimentos). Lembre-se de um dos fatos, ocasiões ou fantasias em que teve um desses sentimentos ou estados interiores e avise o seu parceiro que isso corresponderá ao primeiro cenário. Entre nesse ambiente, viva por alguns instantes em sua mente essa memória ou fantasia e, quando sentir-se presente naquela "realidade" de uma forma natural, repita a frase ou verso escolhido previamente. Repita esses procedimentos para cada um dos cenários, memórias ou fantasias, de modo que, ao informar seu parceiro sobre os cenários um, dois, três e quatro, de cada vez, os sentimentos que estejam acompanhando cada frase ou verso possam ser registrados com a sua forma particular de expressão. Devemos repetir essa fase três ou quatro vezes, quantas sejam necessárias para que o nosso parceiro perceba as diferenças e se sinta seguro em avaliar nossas características de expressividade não-verbal.

2ª fase – Teste: agora testaremos a percepção de nosso parceiro. Entre aqueles cenários escolhidos e mostrados a ele(a) previamente (três ou quatro), escolhemos aleatoriamente um e, sem informá-lo de qual será, apenas avisamos que estaremos entrando na memória ou fantasia e proferimos a frase ou verso. Após escutar, o parceiro(a) deverá identificar em qual dos cenários estivemos. Explicando de outra forma, escolhemos um daqueles estados interiores, nos lembramos deles, estabilizamos na consciência a memória ou fantasia correspondente, e falamos o verso ou frase. Nosso parceiro(a) deverá identificar em qual dos cenários entramos. Repita este teste de quatro a seis vezes. O objetivo deste exercício não é apenas testar a competência em identificar a expressão não-verbal, mas também criar uma ocasião para treinarmos nossa percepção.

Observação: Não tente interpretar os sentimentos ou percepções, apenas identificar os parâmetros não-verbais que acompanham cada recitar do verso, provérbio ou frase, tais como: expressão facial, coloração da pele, tensão muscular, ritmo e tonalidade de voz, velocidade da fala, volume e altura da voz etc. Repito, não há necessidade nem interesse, para este exercício, de julgar ou interpretar sentimentos – apenas padrões que possam ser mensurados através de nossos cinco sentidos básicos. Pratique este exercício vivendo os dois papéis diferentes: de quem escolhe os cenários e fala as frases ou versos e de quem escuta e tem por objetivos treinar a percepção de identificar os padrões não-verbais de comunicação. Conforme tenha praticado este exercício algumas vezes (até com parceiros diferentes), sua percepção da expressão não-verbal terá se orientado melhor em sua consciência. Você estará pronto, então, para o próximo exercício.

Exercício 2 (prática em duplas): repita o exercício anterior com outros parceiros ou, se for o mesmo parceiro, com estados interiores diferentes (conseqüentemente, outros cenários), porém, agora, com os olhos fechados. Lembre-se, o exercício possui duas etapas:

1ª fase – Calibragem: avise o parceiro em qual cenário estará entrando e diga a frase ou verso quando tiver estabilizado as sensações e sentimentos correspondentes àquele determinado estado interior.

2ª fase – Teste: escolha, aleatoriamente, um dos três ou quatro cenários "calibrados", entre nesse estado, memória ou fantasia até estabilizá-lo e, sem informar qual é, diga a frase ou verso para que ele possa avaliar suas percepções e identificar o cenário que corresponde a tal estado interior.

Finalidade: Desenvolver a percepção de padrões não-verbais da audição. Você já deve ter observado como qualquer mãe sempre sabe quando seu filho pequeno mente (mesmo que não saiba explicar), até que a criança aprenda a mentir congruentemente e, muitas vezes, com os próprios pais.

Exercício 3 (prática individual): você pode observar como funcionam os padrões não-verbais de expressão em uma condição controlada. Experimentemos agora como isso funciona dentro de nós mesmos:

a) usando sua voz interior, ou o seu pensamento em palavras, **afirme dentro de si mesmo algo que seja verdadeiro.** Enquanto estiver repetindo a frase simples que seja verdade, observe como é essa "voz" interior: se ela é mais alta ou mais baixa, mais aguda ou mais grave, como são o ritmo e a entonação, localize de onde ela vem (nem sempre ela vem dos ouvidos) e de onde você sente que a emite (nem sempre é pela boca);

b) novamente, com a voz interior, **fale algo que seja incerto ou duvidoso** e, mais uma vez, identifique suas características e percepções subjetivas: volume, tonalidade, ritmo, entonação, local de emissão e recepção. Observe que aquelas variáveis percebidas no parceiro, nos exercícios 1 e 2 imediatamente anteriores, agora podem ser modeladas ou identificadas em nossa própria experiência subjetiva;

c) repita mais uma vez com **uma afirmação que seja uma mentira.** Identifique mais uma vez as características dessa voz e compare com as anteriores;

d) uma última vez, **fale uma gozação ou ironia**, mantendo, entretanto, o tom de afirmação. Observe e compare com as anteriores.

Finalidade: Nos conscientizar de nossas vozes interiores, flexibilizando nossa racionalidade para aceitar um universo mais perceptual e menos lógico. Esse é um dos canais de acesso ao nosso mundo interior.

Exercício 4 (prática individual): utilize aquela música de língua estrangeira que foi trabalhada com os ritmos e ataques silábicos para cantá-la, agora, utilizando sua voz interior. Sua tarefa é cantar com sua voz interior, escutando também com atenção os sons da voz do cantor, mantendo

o ritmo da música nas palmas e acompanhando com os olhos a letra original por escrito (não pronuncie o que imagina ser através da leitura; mesmo que enrole a língua, utilize-se dos sons que escuta como referência – a letra escrita é somente para identificar a grafia; devemos abandonar os nossos hábitos de leitura, pois eles não servem para todos os outros idiomas).

Exercício 5 (**prática individual):** repita o exercício 4 (anterior), utilizando, além da voz interior e do ouvido atento ao cantor, a prática dos ataques silábicos nas palmas.

Finalidades:

a) Observar o quão precisa é a nossa voz interior e o quanto ela se desenvolve rápido (reveja, na **ABORDAGEM COGNITIVA**, o item **"Lembrando-se do Caminho"**);

b) Construir evidências de um paradigma completamente novo na aprendizagem de línguas, que poderá ser chamado de **Aprendizagem Inconsciente de Idiomas**;

c) Criar uma referência interior de percepção do nível de desenvolvimento da sonoridade da língua.

Observação: Há aqueles cuja voz interior é uma imitação tão fiel da voz do cantor que quase os faz acreditar não terem a própria voz, mas sim um sintetizador interno mental. Essa é uma evidência a mais de que todos nós, inconscientemente, possuímos a capacidade de imitação de vozes; entretanto, poucos a praticaram com a voz "real" para desenvolver a coordenação necessária dos padrões motores do aparelho fonador.

Interlúdio 1

A qualidade e a precisão evidentes da voz interior ao imitar os ritmos, entonações e até dicção na língua estrangeira nos conduzem a afirmar e acreditar que, inconscientemente, já falamos aquela língua que queremos desenvolver – assim como aquela jornalista era objetiva, e nem sequer sabia disso (vide "**Jornalista Objetiva**", na primeira parte da **ABORDAGEM EXPERIENCIAL – Posições Perceptivas**). Considerando que em apenas duas horas de projeção de um filme legendado todas as principais palavras do dia-a-dia foram ditas, e que tendo escutado ao longo da vida pelo menos trinta músicas diferentes na língua que queremos saber falar, podemos afirmar que, pelo menos inconscientemente, já sabemos essa língua, pois, no mínimo, através de nossa percepção periférica (audição e visão), já capturamos esses estímulos.

Para reforçar suas crenças a respeito da aprendizagem inconsciente, consulte o livro "Fotoleitura", de Paul Scheele. Sendo assim, partindo do pressuposto de que **não mais necessitamos aprender tal língua** (dado que já a conhecemos inconscientemente), **mas sim trazê-la à nossa consciência**, toda a nossa abordagem começa a ganhar um sentido. A principal evidência dessa afirmação é a extrema qualidade da nossa voz interna – ela profere sons que nossa mente inconsciente já conhece, por isso é mais precisa. Isso, é claro, desde que a pessoa que experimenta já tenha sido exposta às sonoridades da língua que quer **ativar**.

Pense bem, quando queremos sintonizar uma determinada estação de rádio, sabemos que dependemos de um aparelho de rádio para isso. Não obstante, também sabemos que todo o ambiente está imerso num “verdadeiro mar” de radiofreqüências, que coexistem, ocupando o mesmo espaço ao mesmo tempo! Para escutar uma determinada estação com o nosso aparelho de rádio, precisamos procurá-la no dial ou seletor de freqüências. Da mesma forma, dentro de nós, devemos flexibilizar nossas freqüências mentais para encontrar os ritmos e entonações nos quais foram registradas várias percepções capturadas por nossa percepção periférica. Quer essa explicação seja coerente ou não, caso você acredite ou não, garanto que, se fizer algumas experiências e flexibilizar sua capacidade de alterar estados mentais (de consciência), estará caminhando a passos largos para desenvolver sua habilidade de se comunicar inter e “intrapessoalmente” e de falar outras línguas.

Exercício 6 (prática individual): repita o exercício de praticar com a voz interior sem, necessariamente, as outras técnicas, ou seja, palmas ou acompanhamento da letra com os olhos. Agora o objetivo é apenas desfrutar da percepção da qualidade e cristalinidade da voz interna. Aproveite e divirta-se!

Finalidades:

a) Colher experiências que nos convidem a rever o paradigma dos processos de aprendizagem consciente e, quem sabe, fertilizar o solo para que esta nova semente, a da aprendizagem inconsciente, possa ser, pelo menos, aceita como possível;

b) Construir alguns dos mais importantes recursos na aprendizagem de idiomas: o referencial interno e a fantasia auditiva.

4) Voz Externa

Temos por objetivo, aqui, percorrer o caminho do desenvolvimento de uma condição motora que nos permita fazer uso do repertório já aprendido para a livre expressão através da fala.

Exercício 1 (prática individual): esta será uma longa e minuciosa exploração da natureza de nossa voz. Não há muitas regras para fazer este exercício, exceto manter a curiosidade bastante presente. Escolha alguns assuntos para falar, não importa quais sejam, o importante é estar falando para poder ouvir sua própria voz. Vou propor algumas buscas, então comece a falar:

a) Sem parar de falar, comece a movimentar a cabeça para diferentes posições que interfiram naturalmente na coordenação de tensões nos músculos do pescoço; mova a cabeça à frente, deixando-a cair, faça o mesmo para trás e para os lados, como se olhasse para as costas. Experimente também, mantendo a cabeça ereta e alta, projetar o queixo à frente e depois para trás em direção ao pescoço. Experimente tudo o que puder e observe como as tensões geradas no pescoço interferem com a sonoridade, rouquidão e afinamento da voz;

b) Sem parar de falar, coloque seus dedos ou mão à frente da boca para perceber que os diferentes sons são emitidos através de sopros que possuem diferentes pressões ou quantidades de ar;

c) Ainda sem parar de falar, vá tocando com as mãos diferentes regiões da cabeça, pescoço e tronco para perceber como as vibrações da voz e da expiração controlada pelos sons fazem vibrar diferentes partes do corpo, ou seja, coloque as mãos sobre as bochechas, têmporas, parte posterior da cabeça, na "tampa" (parte superior da cabeça), na testa etc., e encontrará as principais cavidades de ressonância que temos na cabeça. Coloque as mãos no pescoço, parte posterior, lateral e depois sobre a garganta ou pomo-de-adão (para os homens); observe como vibram essas regiões também. Experimente, agora, os ombros, peito superior, peito médio e costelas – emita sons mais nasais e observe que, às vezes, vibra também. Depois, abdômen superior, médio e inferior – os bons cantores fazem vibrar até o períneo (senão, talvez, todos os ossos);

d) Coloque agora, sem parar de falar, as mãos em forma de concha sobre as orelhas, tampando-as: perceberá que, abafando os sons provenientes do exterior, temos uma determinada forma de perceber a própria voz – especialmente pelos ouvidos internos. Sim, existe um canal que liga nossa laringe aos ouvidos – por isso escutamos. Abrindo a concha das mãos pela frente, perceberá que os sons escutados por fora se amplificam. Pode também brincar e, fechando a concha pela frente, abri-la por trás e descobrir como é o som da própria voz ouvida pelas costas;

e) Agora, ainda falando, mas sem todos esses recursos de percepção, apenas utilizando-se de sua coordenação motora e posição da cabeça, levemente projetada à frente ou para atrás, procure qual é a melhor de suas vozes possíveis, aquela mais aveludada, mais agradável e macia. Precisará praticar um pouco até conseguir encontrá-la e estabilizá-la.

Finalidade: Sensibilizar nossas percepções para iniciar o treinamento da voz externa coordenada com nossas percepções auditivas.

Exercício 2 (prática em duplas): escolha um parceiro que será seu treinador para praticar o exercício dos ritmos. A ênfase agora, entretanto, é que ele ajude você a se lembrar de escutar a própria voz pelo ouvido externo, até que você consiga modular o som da própria voz enquanto conversa. Lembre-se de que, como treinador, deve manter a prática da pergunta embutida.

Exercício 3 (prática em duplas): repita o exercício anterior com os ataques silábicos. Mais uma vez, pratique a pergunta embutida.

Exercício 4 (prática individual): toque aquela música cantada na língua que está praticando e, mantendo o ritmo nas palmas, ouvidos no cantor e olhos na letra, agora deverá cantar. Cante, cante e cante, mas somente aquilo que escuta (não o que lê), assim estará desenvolvendo sua dicção e coordenação motora de fala e de respiração, extremamente importantes para podermos ativar, posteriormente, os conhecimentos da língua.

Observação: Se, durante a prática de cantar, porventura, você "tropeçar", gaguejar ou tiver dificuldade específica com algum som a ser articulado, use um artifício para desenvolver sua fluência mais rapidamente: não insista apenas mecanicamente na prática do som, volte inicialmente para a sua voz interna e, quando ela estabilizar, deixe que brote naturalmente de sua boca na forma de voz externa (elas estão intimamente vinculadas; ao treinarmos uma, estaremos também desenvolvendo a outra). Esse é um importante recurso que economiza esforço e não nos deixa desanimar por acharmos que alguns sons possam ser muito difíceis ou estranhos.

Interlúdio 2

Num belo dia, como contei anteriormente, resolvi aprender a escrever com a mão esquerda. Não houve necessidade de aprender a ler ou a escrever novamente – isso eu já sabia, só precisei desenvolver a coordenação motora fina da mão esquerda (foi tudo muito mais rápido, previsível e consciente, ou seja, sabia para onde me encaminhava, podia observar a evolução semana a semana, e isso me proporcionava uma noção de processo a ser percorrido etapa por etapa).

Então comecei a praticar, pois minha sensibilidade motora não era compatível com a velocidade de expressão escrita que possuía, minha mão esquerda não tinha ainda sido treinada naqueles movimentos precisos e não conhecia a devida tensão muscular necessária e suficiente para a escrita fluente. Os gestos não eram ainda, naquela época, naturais e automatizados. Faltava-me o treino motor do sistema nervoso e a prática mecânica propriamente dita. Evidentemente, como disse, todo esse caminho foi bastante abreviado pelos atalhos que encontrei ao utilizar minha experiência anterior com a mão direita, somada à utilização da imaginação ativa de, sempre que possível, mentalmente estar praticando com a mão esquerda – a utilização da imaginação em processos de aprendizagem é uma das mais poderosas e rápidas formas de ensinar à nossa mente inconsciente novas atividades.

Lembre-se de qualquer coisa que você faz ou fez com excelência e também lembrará que, durante o processo de aprendizagem e prática freqüente dessa habilidade, certamente tais experiências, memórias e planos conviviam em sua mente, elaborando, solucionando e fantasiando a realização e efetivação da prática. Lembre-se também do paradigma básico desta tecnologia **FEEA**: a excelência faz parte de nós, basta encontrar-lhe os caminhos.

Exercício 5 (prática individual): repita o exercício anterior, agora utilizando os ataques silábicos nas palmas. Mantenha o treino das outras habilidade conjugadas: ouvidos no cantor, olhos na letra e, quando precisar, voz interior.

Exercício 6 (prática individual): agora somente cante e observe se as coisas estão melhorando. Lembre-se: se tropeçar, reinicie com a voz interna; assim é bem mais fácil, agradável e rápido aprender.

Finalidade:

a) Treinar nosso aparelho fonador (boca, língua, dicção, respiração e expressão) para falar aquilo que estamos ativando e resgatando de nossa mente inconsciente com os ritmos, freqüências e com a voz interna;

b) Construir em nosso corpo uma condição favorável para a nova identidade sonora e rítmica.

5) Construção dos Cenários

Esta é uma importante etapa, na qual se vinculará compreensão às palavras e sonoridades, ou seja, a genuína expressão. Grande parte do trabalho realizado nos exercícios anteriores contribuiu para que, nesta parte, haja maior desempenho. Caso tenha pulado os exercícios anteriores e sinta

alguma dificuldade nesta parte, experimente voltar e realizá-los para tentar uma nova experiência aqui. Caso contrário, sentindo-se confortável, siga adiante.

Einstein dizia algo muito interessante: o seu maior trabalho não era, exatamente, pensar naquilo que pensava, e sim traduzir seus pensamentos e percepções em linguagem. Fosse a linguagem verbal, fosse a linguagem dos símbolos matemáticos, ele, como poucos grandes cientistas ou grandes filósofos, possuía vida consciente em um ambiente onde ainda não havia sido formulada a linguagem. Para a maior parte dos seres humanos de nossa época, esse é um ambiente situado fora da atividade consciente. Quando os pensamentos, enfim, chegam à consciência, já estão estruturados em linguagem. O diagrama seguinte representa aproximadamente essas considerações.

Para a grande maioria das pessoas, a região à esquerda da linha pontilhada é uma área nebulosa ou semi-escura (onde a linha pontilhada poderia representar uma "cortina" detrás da qual surgem os pensamentos já formulados em linguagem). Isto é uma representação válida, muitas vezes, mesmo para quem possui uma boa capacidade de visualização consciente (criar imagens conscientemente).

Se o diagrama anterior permite representar aproximadamente essas ponderações, então aqui podemos entender melhor o que, supostamente, acontece com o aprendizado tradicional de idiomas e o que acontece de diferente no método **OLeLaS – FEEA**: a maior parte das intervenções de ensino e prática nos métodos tradicionais é efetuada na interface Ë, isto é, depois que os pensamentos foram estruturados na língua mãe de uma forma automática e inconsciente. Não obstante, os professores de línguas e os bons falantes de outros idiomas, regularmente, nos atestam: "Você só aprenderá, realmente, a falar uma língua estrangeira quando aprender a pensar nessa língua!" Maravilhoso! Mas se perguntarmos como se faz isso, em geral obteremos como resposta: "Você deve aprender a língua, não deve traduzi-la, e praticar... praticar... praticar... E, um dia, naturalmente ou milagrosamente, isso vai acontecer...".

Um evento digno de nota nesse processo é quando o praticante sonha na língua estrangeira pelas primeiras vezes. No método **OLeLaS – FEEA**, antes mesmo de possuir um grande vocabulário, já estaremos aprendendo a pensar na língua estrangeira. As intervenções de ensino e aprendizagem são feitas diretamente na interface Ê. Mas como, se essa é uma região fora da consciência? Através dos vários recursos de interferência e desestruturação de automatismos na formulação da linguagem, para criar uma pequena lacuna mental na qual vincularemos caminhos alternativos para nossa expressividade – daí a extrema importância de todos os exercícios: não somente para aprender o novo, mas também para interferir no antigo.

No nosso dia-a-dia, experimentamos a realidade dessas idéias quando, ao conversar com alguém, chegamos a um momento de disfluência nas idéias e, comumente, afirmamos: "Puxa vida, eu estou querendo te dizer isso... Mas não estou conseguindo te explicar...". É, em geral, nessas ocasiões que nos damos conta de que temos dentro de nós um pensamento sendo gestado que não foi estruturado em linguagem. Percebemos sua "pressão" interna e, entretanto, também nos sentimos temporariamente incompetentes em expressá-lo. Nessas situações, de acordo com o diagrama anterior, houve uma falha na estruturação automática da linguagem, interface Ê.

Pois bem, definidas essas considerações, deveremos utilizá-las a nosso favor na reorganização de nossa expressividade. O próximo exercício, como todos os outros, é mais uma brincadeira de crianças. Não obstante, mais uma vez como os outros, deverá também ser vivido com “olhos de adulto”.

Finalidades: Dentro do âmbito deste trabalho de reformulação de paradigmas de aprendizagem e de comunicação, temos neste exercício o objetivo de capturar evidências que nos permitam responder ou nos aproximar das respostas para as seguintes questões e proposições:

a) Perceber que a comunicação é um processo constante de estimulação e resposta (retroalimentação ou “feedback”), durante o qual temos como objetivo construir a compreensão de algo na mente do interlocutor (caso contrário, chama-se discurso, em que, raramente, existe a preocupação com o interlocutor, seu conforto ou sua compreensão);

b) Coletar dados e percepções para equacionar a seguinte questão: “Qual é a diferença entre aqueles palestrantes que falam, falam, falam e não dizem absolutamente nada e aqueles palestrantes que, independentemente da quantidade de palavras que utilizam, nos transmitem idéias quase “palpáveis?” E durante suas apresentações, experimentamos um grande fluxo de *insights*, pensamentos novos ou úteis e idéias que se apresentam extremamente lúcidas e coerentes!

c) Observar o quão criativos nós somos capazes de ser na comunicação quando temos **“algo”** para oferecer e a **intenção** de comunicar. Nesse caso, a estruturação da linguagem (de qualquer natureza) se torna mais universal e eventos curiosos podem contribuir para a nossa transferência de informações, dados e compreensão. Isso é a comunicação profunda. Aqui, além da estimulação consciente (linguagem), de forma natural e inconsciente produzimos gestos impensados e até momentos de silêncio que são extremamente poderosos para efetivar a comunicação (considere como conceito de comunicação aquele da Programação Neurolingüística: comunicação não é o que se diz, mas sim, a compreensão que se obtém do interlocutor).

Interlúdio 3

Quando aprendi minhas primeiras habilidades culinárias (não me considero cozinheiro, porém, não “passo fome” na cozinha), uma das aprendizagens mais curiosas foi o “fazer o arroz”. No princípio, sempre seguia a mesma receita: lavava os grãos, deixava-os de molho na água, preparava um refogado com óleo, cebola, alho, fritava o arroz nesse refogado, fervia a água e a acrescentava, sempre proporcionalmente, o sal, salsinha, às vezes caldo de carne, tomate ou cebolinha etc. Os resultados eram sempre bastante diferentes!

Certo dia concluí que, finalmente, aprendera a fazer o arroz. Hoje, sempre que cozinho o arroz, faço de uma forma diferente. Inverto a ordem dos ingredientes, não coloco outros e, quando estou com pressa, jogo tudo junto na panela... E ele sai sempre igual. Qual é a diferença?

Exercício 1 (prática em duplas): a experiência, já conhecida de muitos, se chama mímica! Porém, mantenha sempre em mente os três objetivos a serem atingidos através desta experiência,

para que possa aproveitar ao máximo esta vivência na construção de sua compreensão do programa **OLeLaS – FEEA**. É importante, para um maior aproveitamento, que você viva este exercício com pessoas diferentes e sempre ocupando os dois papéis: de comunicador e de interlocutor.

Escolha uma experiência real ou virtual (imaginária) que possua um nível de complexidade médio para alto – com, pelo menos, oito a dez detalhes, parâmetros ou informações diferentes e complementares (as variáveis mais importantes são: objetos, lugares, localização definida no tempo, ações, constatações, sentimentos, sensações, épocas e horários... É disso que se constitui a realidade humana mais universal).

O principal objetivo para o interlocutor é descrever em detalhes o cenário que o comunicador escolheu ou elaborou, e que está comunicando através da mímica.

Durante sua comunicação, não se assuste com a complexidade dos cenários propostos (com tantas variáveis). Sempre que tiver alguma dificuldade, pare, se concentre na idéia, cenário ou enredo e, então, dirija sua atenção e intenção para oferecer sua idéia, pensamento ou percepção ao seu parceiro. Então observe o que acontece, espontaneamente, com seus próprios gestos e idéias. Observe também como os momentos de silêncio, nos quais estava se concentrando nas mensagens, criam ocasiões propícias para os *insights* de seu parceiro.

Considere ainda as possíveis dificuldades na comunicação apenas como sinalizações de trânsito informando que está tentando caminhar na contramão: lembre-se dos conhecimentos coletados na seção "**Posições Perceptivas**" e flexibilize-se ao máximo, escolhendo um daqueles estados de percepção interiores, nos quais as idéias e pensamentos fluíam melhor.

Observação: Perceba quão importante é, para a comunicação, que nós tenhamos uma idéia precisa a comunicar e também a importância de, permanentemente, interagir com o interlocutor em busca de sua compreensão – isso é comunicação!

Exercício 2 (prática individual): obtenha uma "tradução" (recontextualizada) da música cantada utilizada nas outras etapas do exercício e, agora, sem se preocupar com a significação das palavras (individualmente falando), leia a tradução com o objetivo de construir um cenário, fantasia ou representação interior do que significa a música. Construa-o em sua imaginação ou memória, o mais fielmente possível, porém sem estresse exagerado – confortavelmente.

Observações:

a) Não se preocupe se não conseguir ter uma consciência ou uma representação visual precisa dos cenários – leia o Apêndice 5;

b) Não busque a fidelidade da tradução na comparação palavra a palavra. Espero que tenha obtido a tradução de uma fonte segura o suficiente para não ter que se preocupar com isso. Sugiro que não faça as próprias traduções das músicas que irá estudar – não utilize dicionários Português – Língua Estrangeira ou Língua Estrangeira – Português, para não correr o risco de fazer o que sempre fez e que, eventualmente, não deu certo. Utilize apenas dicionários na própria língua a ser aprendida, até atingir um nível mínimo de compreensão do idioma.

Finalidade: Ativar o entendimento e a compreensão e preparar-se para a etapa seguinte, que lhe é complementar.

6) Coordenação dos Cenários

Exercício 1 (prática individual): utilizando-se da etapa anterior, já possuindo em mente uma representação (mesmo que não seja precisa) do enredo ou cenário da música, agora deverá tocá-la novamente para coordenar os pensamentos e sentimentos com os sons e ritmos de expressão nessa nova língua. Mantenha as palmas no ritmo da música (ritmo no corpo), ouvidos no cantor, cantando com a voz interna, olhos na letra em língua estrangeira (caso esqueça o sentido de alguma frase, consulte rapidamente a tradução, que deve estar à mão).

Observações:

a) Este exercício, como você pode perceber, é multitarefa; você poderá ir integrando aos poucos todas essas tarefas, durante o exercício. Entretanto, sua ênfase maior deve estar na coordenação dos cenários, sentimentos e pensamentos com as novas palavras e ritmos;

b) O percurso número ¬ corresponde à **construção dos cenários**, própria da etapa anterior; o percurso número , à **coordenação dos cenários** – a presente etapa; nunca se utilize do percurso número ®, pois se não caminhar através da mente inconsciente, nunca atingirá os arquivos de memória profunda – esse é um beco sem saída! Repito, nunca encurte o caminho buscando atalhos. Ao manter o processamento das informações apenas na razão ou consciência, ao explorar relações diretas entre língua mãe e língua estrangeira, não estarão sendo estimulados os arquivos de memória profunda, nem construída uma nova identidade, nem sua sensibilidade e percepção poderão ser posteriormente integradas na comunicação. Essa última recomendação se destina às etapas correspondentes aos níveis iniciante e intermediário; quando chegar ao nível avançado, já possuindo mais de uma identidade para se comunicar em mais de um idioma, não haverá mais restrições para esse empreendimento intelectual e racional.

Exercício 2 (prática individual): repita o exercício anterior, utilizando-se agora da voz externa, além do ritmo nas palmas, olhos na letra e coordenação do cenário.

Exercício 3 (prática individual): repita novamente com os ataques silábicos e a voz interna.

Exercício 4 (prática individual): o mesmo com a voz externa e ataques silábicos.

Observações:

a) Esses vários encadeamentos de práticas servem para "ligar alguns circuitos" que, num prazo de um ou dois meses, passarão a funcionar completamente integrados. Tenha um pouco de paciência agora para colher os melhores frutos em breve;

b) Escolha cantores dos quais você gosta e músicas que lhe dizem respeito, que falem das suas questões, necessidades e gostos – isso facilita incorporar o papel dos cenários e fantasias. É fundamental para entrarmos em primeira pessoa;

c) Se a música for boa (como sugeri) e você tiver alguém para quem, sinceramente, gostaria de dedicá-la, cante a música, em sua imaginação, dedicando-a a essa pessoa – perceberá que este artifício nos convida, inconscientemente, a estar em primeira pessoa com mais firmeza;

d) Caso tenha dedicado a música a alguém e acredite no "poder da oração", anote o horário em que praticou o exercício e, se tiver curiosidade, ligue para essa pessoa e pergunte se algo diferente ou novo aconteceu próximo àquele horário.

Exercício 5 (prática individual): pratique desta vez sem compromisso com os outros exercícios, apenas coordene os cenários enquanto canta ou escuta a música. Observe como, mais naturalmente agora, fluem as representações internas.

Finalidade: Integrar todas as experiências anteriores com os significados e representações internas com o objetivo de construir a memória profunda do novo repertório de palavras (vocabulário).

7) "Pizza"

Esta é a mais importante etapa da estratégia. Por menos que possa parecer, existem muitas pessoas que aprenderam a falar fluentemente outros idiomas apenas praticando esta etapa: esta é a fase na qual, depois de uma grande estimulação através dos exercícios anteriores, estaremos disponíveis para receber as sínteses, descobertas e sugestões de nossa própria mente inconsciente!

Durante esta fase não existe prática formal, apenas devemos seguir o nosso próprio "faro" e o nosso prazer. São inúmeras possibilidades de experiências com aquela música cantada na língua estrangeira que foi trabalhada em cada uma das etapas anteriores: agora escutaremos aquela música por simples prazer. Deixemos a música a tocar, enquanto descansamos, relaxamos, fazemos experimentos novos, inventamos novas possibilidades etc. Podemos também praticar algum exercício que tenhamos vontade, ou que tivemos mais dificuldade, porém mais descompromissadamente. Talvez tomar café, fazer "bagunça" etc. Nesta etapa, "vale tudo".

Se você seguir os conselhos de escolher músicas e assuntos para o seu estudo que proporcionem prazer e que despertem uma curiosidade natural, então "Pizza" é o momento final de se divertir e desfrutar deste prazer.

É exatamente com essa atitude mais leve que nossa mente inconsciente, muitas vezes, encontra oportunidade de nos oferecer suas "pérolas" do aprendizado profundo. Nunca subestime o valor e a necessidade desta fase. Especialmente para aquelas pessoas que tinham como paradigma que o aprendizado de idiomas é mais difícil quanto mais experiente é a pessoa (ou mais velha, se quiser); para aquelas que acreditam que devem se esforçar para obter as coisas (caso contrário as coisas não têm valor...); para aquelas que estão muito acostumadas ao Rei "Lógio" (o rei das horas) e que são obcecadas pela economia de tempo; e, por fim, para aquelas que vivem nas grandes metrópoles, já contaminadas pelo "vírus" do trabalho incessante; para todas essas, esta é a fase mais importante: os momentos de flexibilizarem as atitudes da identidade predominante e se renderem à potência da aprendizagem inconsciente.

A aprendizagem inconsciente é constituída de duas dimensões complementares muito importantes: estimulação e repouso ou, se preferir, atividade e descanso. Pouco estresse não proporciona muito aprendizado, muito estresse também não. Existe um nível ótimo de estresse para conquistar o aprendizado profundo. Observe o gráfico seguinte. É uma aproximação interessante que corresponde à curva de aprendizagem em função da estimulação (caso queira se aprofundar, consulte "Psicobiologia de Cura Mente-Corpo", de Ernest Rossi):

Conclusões

Muitos são os bons falantes de outros idiomas que atestam que o aprendizado efetivo de se falar outra língua tem como condição fundamental a habilidade de pensar naquela língua. Mas nunca dizem **como** se obtém essa competência. Paul Valery afirmou que "... pensar profundamente é pensar o mais distante possível do automatismo verbal!". Como, então, intervir numa região reservada já ao processamento inconsciente? Os europeus, desde jovens, têm a oportunidade de aprender mais de um idioma, naturalmente. Embora uma criança européia eventualmente ainda confunda uma língua com outra durante a aprendizagem simultânea, é fato que as misturas de repertório, no futuro, somente acontecerão intencionalmente quando buscar a comunicação com alguém que não compreenda sua expressão natural, ou seja, no intuito de se fazer entender em condições de diferenças de idiomas. Como então é possível registrar repertórios de vocabulário tão extensos em ambientes de memória diferentes? Através dos ritmos e sonoridades que os acompanham. Ao cantar uma música, certamente muito de sua letra será lembrada simulando-se os ritmos e entonações. Esse é o principal segredo de arquivamento e resgate do conhecimento de outras línguas.

Considerando que muitas pessoas que aprenderam a falar línguas não percorreram esse caminho, arriscaria dizer, sem ser leviano, que o passo mais importante desta estratégia é o último: **"PIZZA"**. Essencialmente, é a única prática importante no futuro – a única que sobreviverá. Todas as outras etapas e procedimentos, você observará na prática, estarão natural e inconscientemente incorporadas à sua maneira de escutar e falar. Por isso, a prática cuidadosa desses exercícios não será necessária por um longo período. Aos poucos, poderá ir abandonando as etapas de 1 a 4 enquanto práticas formais – esses procedimentos estarão funcionando espontaneamente ao iniciar seu estudo. "Não confunda o dedo que aponta o caminho com o próprio caminho" – após uma determinada prática, sua curiosidade natural, ferramentas de percepção e sua capacidade inconsciente de síntese terão se relacionado e transformado esses exercícios num conjunto personalizado de procedimentos para estudo e aprendizagem. A própria construção e coordenação dos cenários, passos 5 e 6, quando tiver adquirido mil ou duas mil palavras, também funcionará diferente, espontaneamente.

Três experiências serão suficientes para coletarmos evidências que nos conduzam a compreender de uma forma mais completa a natureza da comunicação humana. Como formador de empreendedores, costumo dizer que existem três coisas, em nossa civilização, que possuem muito valor: **dinheiro, conhecimento** e **relacionamento**. Entretanto, se me perguntarem qual delas é a mais importante, responderia que é **relacionamento**. Evidentemente, esse conceito, em minha percepção, não se restringe às definições do dicionário. Aqui será exposta uma dimensão interessante desse conceito – mais uma peça deste grande quebra-cabeça.

Sintonia Profunda

Milton Erickson, M.D., considerado o pai da Hipnose Médica Científica Moderna, foi um grande mestre. Acredito que a própria conceituação da aplicação de Hipnose em Educação tenha sido fundamentada essencialmente por sua abordagem.

Quando jovem, observou um fenômeno muito interessante. Vivia no campo, nos Estados Unidos – seu pai era fazendeiro. Aos domingos pela manhã, iam à igreja. Percebeu que cada membro da comunidade se sentia muito alegre e feliz após as cerimônias dominicais. Observou que, quando cantavam seus hinos, preces e músicas, a sonoridade das vozes era um tanto quanto desafinada e irritante para seus ouvidos, mas, no entanto, isso não incomodava as pessoas, que ficavam ainda mais eufóricas. Concluiu que o fato de estarem cantando e recitando juntas era acompanhado do exercício de respirarem juntas. Com essa observação, descobriu que todas as vezes que ia conversar com alguém, quando encadeava sua própria respiração com a da pessoa, a comunicação e o relacionamento tornavam-se muito mais fáceis e agradáveis.

Percepção e Sensibilidade

"O mais genuíno de todos os sentimentos religiosos
Não é o amor ou a fraternidade, nem talvez o temor,
É, sim, a perplexidade."

Míriam Morata Novaes (adaptado)

Para os próximos exercícios, portanto, poderá experimentar, previamente por alguns instantes, respirar de uma forma semelhante à do(a) seu(sua) parceiro(a). Faça isso de uma forma natural, sem constranger ou controlar sua própria respiração a ponto de gerar tensão, até sentir que estejam respirando naturalmente juntos.

Exercício 1 (prática em duplas): vislumbrando uma nova era na Educação, na qual o papel do professor ou instrutor terá ganho uma nova dimensão (o papel de consultor de aprendizagem), você deverá escolher um parceiro que possa cumprir a tarefa de ser um treinador que será conduzido e orientado por você mesmo, por suas próprias necessidades. Você terá algumas alternativas prévias para escolher praticar, entre aqueles exercícios da parte "**Estratégias de Aprendizagem**": ritmos, ataques silábicos, sonoridades da própria voz, modelagem da própria voz em diferentes estados interiores ou qualquer outro que você mesmo tenha inventado ou descoberto do seu próprio jeito. Você irá orientar o treinador apenas para ajudá-lo a praticar esses exercícios que escolheu, porém, agora com uma nova atitude: não há mais um roteiro a seguir, exceto a atitude de explorador que estará sendo assessorado por um treinador. Além dessa liberdade extra, a outra diferença fundamental é que, no papel de treinador, será acrescentada uma nova dimensão: a de explorador de conhecimento em outros níveis de percepção. É útil para este exercício que seu parceiro também tenha lido partes deste livro, caso contrário, talvez apenas você compreenda o verdadeiro papel do treinador neste exercício – deverá então guiar seu parceiro "pela mão".

Sempre que estou em processo criativo ou elaborando alguma solução importante, me surpreendo em observar que praticamente cada pessoa que encontro acrescenta, consciente ou inconscientemente, alguma peça ao meu quebra-cabeça! Eventualmente, comento com alguém alguma necessidade e essa pessoa me oferece uma informação valiosa. Outras vezes, sem qualquer comentário explícito, enquanto convivo com aquela questão em mente, a pessoa me conta algo ou me dá alguma informação útil. Se você considerar o empreendimento deste livro, garanto, há informações aqui que esperaram muitos anos em minha memória para serem expressas. Essa é a razão pela qual não cito inúmeras fontes – e muitas destas informações foram captadas dessa forma.

Há vezes em que, durante a interação ou relacionamento com uma pessoa, uma palavra dita me proporciona um *insight*! Muitas vezes agradeço a essa pessoa: "Puxa vida, tive uma idéia brilhante! Muito obrigado!" E ela responde: "Curioso! O que foi que eu disse?"; "Foi aquela palavra, que serviu para organizar minhas idéias...". Há ainda ocasiões nas quais, após uma conversa ou encontro com alguém, minha mente fica extremamente ativa e inquieta, oferecendo-me inúmeras idéias num fluxo intenso – tal hiperatividade, em minha opinião, está relacionada àquele evento no espaço e no tempo. Há até aqueles amigos que gosto de encontrar para conversar quando estou em processo criativo.

Atestaria que, para mim, permanecer "ensinando" e proferindo palestras e cursos é um caminho pessoal que proporciona muito aprendizado. Se considerasse apenas a dimensão do aprendizado racional e cognitivo, poderia afirmar que as perguntas feitas pelos meus clientes me fazem pensar; suas observações, conclusões e comentários, muitos deles presentes neste livro, agregam substância ao meu conhecimento. Mas considerando as dimensões paralelas do processamento inconsciente, garanto, tanto aprendo quanto "ensino". Naturalmente os resultados nem sempre são conscientes, ou seja, não saberia fazer uma contagem ou medição: a cada nova experiência, novas idéias e formas diferentes de apresentar as antigas fluem através de minha expressão, além de *insights* que me absorvem durante a redação de um novo artigo, uma nova intervenção hipnótica, uma nova conversa ou brincadeira – percebo que sou permanentemente mutante graças à minha profissão.

Levando-se em conta essas considerações, que talvez até sintetizem algumas de suas próprias percepções, e adicionando-as às descobertas conquistadas nos exercícios precedentes em "**Estratégias de Aprendizagem**", agora o treinador deverá utilizar como pergunta embutida uma questão bem mais complexa, que não mais se restrinja à identidade do praticante. Pode ser até uma pergunta existencial! Ao final do exercício deverá observar se: a) obteve alguma evidência, resposta ou peça do quebra-cabeça; b) se sua pergunta original, de alguma forma, conquistou alguma nova compreensão ou se transformou em outra pergunta um pouco diferente. Se praticar naturalmente, no dia-a-dia, começará a perceber como sua mente inconsciente lhe apresentará respostas através "da fala de outras pessoas" – é muito curioso e surpreendente. Lembre-se dos resultados que obteve no exercício da mímica na seção "**Construção do Cenário**". Por fim, resumindo a experiência:

Praticante: escolherá ou inventará os exercícios a serem praticados com a colaboração do treinador, informando-lhe quais serão suas atribuições, procedimentos e, talvez, objetivos a serem atingidos.

Treinador: além de se manter no ritmo da música, caso esta esteja tocando, e de ajudar o praticante a atingir seus resultados, deve manter uma atitude amiga de auxiliar (e não de controlador ou "ditador" do que é certo ou errado), aproveitando a ocasião para se desenvolver em outra dimensão e utilizar o praticante para acessar seus próprios conhecimentos inconscientes: deverá formular uma pergunta embutida sobre suas próprias questões e necessidades como indivíduo, profissional, pessoal ou existencialmente falando.

Finalidade: Desenvolver alguns canais de acesso à mente inconsciente que incluam as experiências cotidianas de relacionamento com outras pessoas, flexibilizando ainda mais as concepções de "fontes de conhecimento".

Exercício 2 (prática em duplas): desta vez os parceiros deverão assumir dois papéis complementares de atividade e passividade na comunicação não-verbal. Para esta experiência, escolham alguma memória ou cenário interior, real ou fantasioso. Não há necessidade de possuir uma imagem, pode ser apenas uma música ou uma sensação de bem-estar. Poderá também trabalhar com os estados interiores anteriormente utilizados. Não troquem, previamente, informações sobre os cenários que escolheram. Deixem para avaliar os resultados após o exercício. Repitam os exercício, com cenários diferentes, algumas vezes alternando os papéis. Pratiquem, de preferência, sentados frente a frente:

Praticante passivo: entra na sua fantasia ou memória de bem-estar e observa as características do ambiente, quer sejam imagens, sons e/ou sensações. Quando estiver envolvido pelo ambiente e sentimentos correspondentes, dá um sinal, antecipadamente combinado, de prontidão.

Praticante ativo: espera até receber o sinal de prontidão, respirando confortavelmente no ritmo da respiração do praticante passivo e, então, entra em seu próprio cenário de bem-estar, curiosidade, excitação etc. Quando lá estiver, após resgatar os sentimentos e sensações correspondentes a essas memórias ou fantasias, faz alguma pequena brincadeira como: acender ou apagar a luz do ambiente imaginário, fazer chover ou colocar um novo personagem, aumentar ou diminuir o volume dos sons, caso existam, deslocar uma determinada sensação pelo corpo para um outro lugar, qualquer mudança intencional em sua própria fantasia ou memória.

Ao terminar cada etapa do exercício, lenta e confortavelmente, voltem ao estado de consciência normal e conversem a respeito das percepções e experiências.

Finalidade: Observar o quanto, no âmbito da interação inconsciente, os padrões de pensamento são capazes de promover interferências no universo interior e subjetivo e na comunicação das pessoas próximas ou relacionadas com a vivência. Evidentemente uma precisão maior nos resultados dessa experiência dependerá de um estado de atenção a ser treinado natural ou deliberadamente.

Exercício 3 (prática em duplas): será muito semelhante àquele exercício de duas fases da parte de "**Estratégias de Aprendizagem**". Aqui, entretanto, utilizaremos nossas impressões subjetivas (capturadas através de nossa mente inconsciente) para avaliar as condições externas, em vez das expressões faciais e sonoridades da voz de nosso parceiro, para identificar-lhe os estados interiores.

1ª fase – Calibragem: ambos de olhos fechados, o praticante ativo informa: "Padrão 1", e se concentra em algo, como um quadrado verde, um lugar no qual teve um determinado sentimento, um carro etc. (inicialmente, escolha situações simples, de preferência concretas e bem distintas). Caso queira fazer este exercício de olhos abertos, cuide para que seu parceiro não esteja no seu campo de visão periférica para não receber informações de sua expressão facial ou corporal. O praticante passivo apenas observa, dentro de si, se alguma sensação, sentimento ou pensamento se destaca. Eventualmente, sua atenção visual se organizará de uma forma particularmente diferente em sua imaginação, algo que lhe chame a atenção. Deve observar com cuidado. Novamente o ativo informa, "Padrão 2", e se concentra em outra coisa: um círculo vermelho, outro local com outro sentimento, uma mesa etc. O passivo, atento às suas percepções subjetivas, de novo observa-se interiormente. E assim sucessivamente, com os Padrões 3, 4 e 5 (trabalhe com três a cinco diferentes padrões mentais). Complete essa seqüência e repita-a da mesma forma mais duas ou três vezes, quantas forem necessárias para que seu parceiro passivo identifique as diferenças subjetivas que acompanham cada padrão de pensamento. Quando estiver seguro de suas percepções, o praticante passivo pode sinalizar sua disponibilidade para passar ao teste.

2ª fase – Teste: o praticante ativo agora apenas avisa que vai mentalizar um daqueles padrões anteriormente calibrados e se concentra em tal padrão até estabilizá-lo, pelo menos parcialmente, em sua consciência. Enquanto isso, o passivo observa e identifica suas percepções até que possa dizer qual padrão foi escolhido pelo parceiro ativo. Repita o teste de cinco a dez vezes, pois aqui o objetivo principal não é somente testar, mas sim treinar nossa percepção. Troque de papel depois e repita a experiência do outro ponto de vista.

Observações:

a) Na busca de alguma informação no interior de nossa percepção subjetiva, encontramos um universo infinito de percepções que podem nos confundir pela sua multiplicidade. Entretanto, este exercício de auto-observação nos proporcionará ganhos secundários muito mais interessantes do que apenas acertar ou não o exercício proposto;

b) Pratique esta experiência com vários parceiros diferentes para aprender a se sintonizar inconscientemente com pessoas diferentes.

Finalidade: Observar e perceber que, além de nossos cinco sentidos físicos externos, possuímos alguns sentidos internos, na forma de pensamentos, sensações ou impressões subjetivas, que podem nos ajudar a identificar condições ou percepções captadas no mundo objetivo. Na prática, isso significa observar o que acontece em nossas percepções subjetivas quando são realizadas mudanças no ambiente ou nos padrões de comunicação de uma pessoa com a qual interagimos.

Imagino que você não esteja iniciando a leitura deste livro por aqui. Dessa forma, um novo relacionamento de si com sua própria mente inconsciente, talvez, já esteja um pouco mais maduro. Entretanto, se for o caso de estar iniciando a leitura por aqui, poderemos, quem sabe, observar resultados a partir de outras dimensões. Este próximo exercício é composto de duas fases. Na primeira, seu caminho seguirá percurso semelhante independentemente de onde tenha iniciado sua leitura. Na segunda etapa, entretanto, os caminhos divergirão.

Quem Sou Eu?

Faça uma lista de algumas coisas que normalmente **você tem que fazer**. Relacione essas atividades numa folha de papel: apenas quatro a seis itens comuns, mas que tenham que ser feitos por você. Quando tiver a lista pronta, escolha uma posição confortável para seu corpo e faça ou construa uma fantasia de estar fazendo essas coisas. Você também pode apenas se lembrar de quando as fez ou faz ou se imaginar como se estivesse lá, por alguns instantes. Enquanto estiver vivendo essa memória ou fantasia, simultaneamente observe os sentimentos e sensações que se instalam em seu corpo e mente. O que você sente? Como você se sente? Quem é você quando se lembra, fantasia ou se imagina fazendo as coisas que tem que fazer? Descreva, por escrito, os sentimentos, sensações e percepções ou faça um desenho que represente esse seu estado interior. Podemos chamar a isso, neste momento, de estado de espírito, de percepção ou estado interior. Uma outra forma de sondar essas percepções é imaginar que você terá que fazer essas coisas amanhã pela manhã, bem cedo... Numa escala de zero a dez, qual é o "tamanho" de sua disposição ou vontade de acordar para fazer essas coisas?

Projeções Futuras

"Deslumbrei-me com cada nova percepção e aprendizagem, muitas e muitas vezes...
Decepcionei-me em constatar que cada descoberta não era uma solução definitiva,
Mas a longa lista de tantas evidências, as várias formas, a própria multiplicidade...
Apontam, cada uma a seu modo, para a Grande Solução
Como a Grande Unidade que se abstrai através das mil faces".

O autor

Faça uma nova lista de quatro ou cinco itens, porém, escolha **agora coisas que você queira fazer.** Conforme terminar a lista destas atividades, por escrito, faça um novo inventário dos sentimentos, sensações e percepções que se apresentam enquanto você fantasia, se imagina ou se lembra de quando as fez. O que você sente? Como você se sente? Quem é você quando pensa, se imagina ou se lembra de estar fazendo as coisas que você quer fazer? Descreva os sentimentos, sensações e percepções ou, novamente, faça um desenho que expresse essa parte de seu estado interior. Sim, aqui você também pode, se quiser, ponderar a sua motivação (de zero a dez) para acordar e fazê-las pela manhã bem cedo – é um "termômetro".

Agora a última lista. Conforme você já tenha identificado o padrão do exercício, o objetivo é que descreva os sentimentos, sensações e percepções, faça um desenho ou escolha uma nota (de zero a dez) para a sua motivação se estiver pensando, lembrando ou imaginando fazer **as coisas que você gosta de fazer.** Exatamente, faça primeiramente uma lista e, sugiro, viva – em fantasia ou memória – demoradamente essas experiências. Perceba que para algumas pessoas esse é um outro universo interior. Para outros, entretanto, ele já se apresentou em alguma das perguntas anteriores.

Há quem identifique mais de três estados interiores diferentes, dependendo das quatro ou seis atividades que relacionou em cada uma das listas. Há pessoas, no entanto, que só reconhecem dois estados diferentes, ou mesmo um só. Considero um privilégio ter apenas bons sentimentos

para esses três ambientes da existência humana. Segundo um de meus grandes mestres (e compartilho integralmente de sua opinião) exatamente aí reconhecemos o despertar da espiritualidade: quando acordamos de bom humor na segunda-feira pela manhã! Quando os possíveis problemas e contratempos do dia-a-dia já não mais obscurecem nosso discernimento ou nossos objetivos, sonhos e ideais de vida.

Quem serei eu?

Aqui, nesta segunda etapa, teremos dois caminhos: 1) um para quem já percorreu, em sua leitura, as partes anteriores do livro; 2) outro para quem está se iniciando exatamente por esta seção.

1) Lá no início do programa **OLeLaS – FEEA**, você deve ter estabelecido alguns objetivos. Talvez os tenha por escrito, talvez apenas imaginado ou mesmo escrito mentalmente... Não importa como. Neste caso, durante todo o programa, quem sabe, algumas coisas tenham ocorrido em sua maneira de compreender todo esse trabalho. Seja lá como for, quer seus objetivos iniciais tenham permanecido, quer eles tenham mudado ao longo da leitura, agora imagine um dia em que esses objetivos tenham sido alcançados. Uma fantasia, apenas, na qual tudo o que você queria, finalmente, tenha acontecido, como por exemplo, ter conquistado aquelas habilidades que projetara durante este programa. Se isso for falar uma língua estrangeira, então imagine-se falando com excelência e desinibição, numa roda de nativos daquele idioma... E até sendo elogiado pela qualidade de sua fluência. Sonhar "pequeno" é bobagem! Enquanto vive essa lembrança de um futuro, ou essa fantasia, se preferir, faça um novo inventário do que sente. O que você sente? Como você se sente? Quem é você quando pensa, imagina ou se fantasia fazendo aquilo que havia planejado fazer? Relacione os sentimentos, sensações e percepções ou atribua uma nota para seu estado interior...

2) Aconselho você a ler o item anterior (1) se ainda não o fez. Caso tenha iniciado sua leitura por esta parte, não teve a oportunidade de estabelecer suas metas, conforme sugerido na "**Preparação**". Portanto, escolha algum de seus objetivos que, não necessariamente, se relacionem com o programa, mas que você acredite estar de alguma forma orientando suas buscas no presente. Então poderá tratá-lo exatamente como no item anterior. Quando terminar de ler o restante do livro, poderá, novamente, passar por esta parte, concluindo sua tarefa com os objetivos do sistema, vivenciando apenas o item (1).

Conclusão

Compare agora as percepções captadas em **"Quem serei eu?"** com aquelas observadas em **"Quem sou eu?"**. Identifique o estado interior mais próximo, ao qual correspondem os sentimentos, as sensações e as percepções de atingir com sucesso seus objetivos (mesmo que em fantasia). Compare também a caligrafia com a qual redigiu cada parte – levando em conta os detalhes de tensão, curvatura e inclinação das letras, fluência das idéias, tamanho de letras e palavras etc. Temos os três universos de referência de **"Quem sou eu?"**, e temos também um novo estado de coisas de que queremos sondar o sentido interior inconsciente percebido nas avaliações de **"Quem serei eu?"**. Essas percepções próprias do universo **"Quem serei eu?"** se assemelham mais com qual dos três universos: **Eu tenho que...**, **Eu quero...**, **Eu gosto...**? Ou

seja, sondando as sensações e sentimentos associados aos nossos objetivos eu pergunto: “Quais são as manifestações percebidas em seu próprio universo subjetivo... são agradáveis?”.

Agora você talvez possa concluir com que empenho seu coração vai participar desta empreitada. Em vez de servir para manipular os sentimentos, este é um indicador inconsciente. Caso chegue à conclusão de que gostaria que fosse diferente, então existem coisas a aprender antes das línguas estrangeiras. Eventualmente, uma boa conversa de travesseiro consigo mesmo é suficiente para conseguir um certo apoio ou aceitação de que algumas daquelas metas possam ser interessantes. Ao encontrar e relacionar vínculos de seus objetivos mais profundos ou de longo prazo (que sejam puros e profundos) com estas metas, natural e espontaneamente, a atitude interior pode mudar. Não sou partidário de muitas “intervenções cirúrgicas” para mudar crenças e sentimentos. Novamente, acredito que podem estar faltando algumas coisas a serem aprendidas previamente.

Resumo

Embora existam muitas pessoas que se satisfaçam com a compreensão dos processos de aprendizagem, vivenciando muito do conhecimento apenas na dimensão do entendimento sem, ocasionalmente, experimentá-lo e testá-lo por si mesmas, garanto que mesmo isso está no caminho certo. Há pessoas que preferem, no início, estudar e planejar minuciosamente o seu percurso. Se esse é o seu caso, e não teve vontade ou interesse pelas práticas, talvez não colha todos os benefícios imediatos do programa, mas certamente imagino que aquilo que buscava aqui, consciente ou inconscientemente, talvez tenha encontrado.

Conheci muitas pessoas que me procuraram apenas para testar ou comprovar as bases do meu trabalho. Muitas delas encontraram mais coisas do que imaginavam encontrar inicialmente. Também fui assim, também sou assim, por vezes... Considero parte da natureza de explorador. Encontrei inúmeros colegas neste caminho com esses hábitos de entender, porém não praticar. Haverá um tempo no qual todo conhecimento será posto à prova, inconscientemente. A vida nos convida a testar aquilo que aprendemos. Um dia, conversando com uma amiga que acreditava ser sua realidade de vida presente muito intensa e desgastante, contou-me que na “próxima encarnação” gostaria de ter apenas “sombra e água fresca”. Perguntei-lhe então: “E na vida seguinte?” Mais cedo ou mais tarde a oportunidade de agir se apresentará, imagino.

Tarefas

Se não as fez, e se tiver vontade... Volte atrás e faça! Mas acima de tudo, divirta-se!

APÊNDICE 1 - Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras

(Arquitetura Simplificada do Seminário Intensivo com 19 horas de duração)

Primeiro dia:

- Flexibilização de crenças e explicações gerais (Abordagem Cognitiva);
- Posições perceptivas (Abordagem Experiencial);

Segundo dia:

- Estratégias de aprendizagem (Abordagem Experiencial);
- Apresentação do modelo teórico (Abordagem Cognitiva);

Terceiro dia:

- Práticas da estratégia (Abordagem Experiencial);
- Ressignificações e reestruturações (Abordagem Intuitiva);
- Exercícios de percepção de comunicação não-verbal (Abordagem Experiencial);
- Construção de memórias de referência para novo sistema de crenças (Abordagem Intuitiva).

Arquitetura Simplificada do Programa Completo

OPEN LEARNING LANGUAGE SYSTEM

Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras

Filosofia

Como já foi mencionado algumas vezes, esta é uma metodologia cujo conceito central é a **AUTONOMIA.** Dessa forma, em nosso Instituto, a dinâmica de trabalho com idiomas é, o mais possível, caótica, livre e assemelhada à realidade e à necessidade. Simplificadamente, podemos chamá-la de um sistema **Self-Service de Aprendizagem de Idiomas!** Como quando vamos a um restaurante desse tipo: todos os dias as saladas são semelhantes, os pratos quentes variam pouco mas, graças à quantidade de opções, raramente comemos a mesma coisa. Talvez, num dia mais quente, queiramos mais saladas e, num dia mais frio, apenas pratos quentes. Há um dia em que somente desejamos sobremesas ou frutas (meu caso específico) – isso tudo é possível, afinal de contas, nada melhor existe do que nossa fome e vontade para orientar nossas melhores escolhas.

Cada participante do programa tem como sugerida uma determinada carga horária para cada etapa. Porém, isso é uma prescrição que leva em consideração o nível em que se encontra o participante. Assim como num restaurante podemos nos sentar ao lado de pessoas que comem mais, ou menos, que nós, neste sistema, pessoas de diferentes níveis convivem juntas nos ambientes de Instrumentalização, Conteúdo e Convivências Estrangeiras. Isso cria uma interação bastante útil: quem sabe mais deve aprender a se comunicar com quem sabe menos e vice-versa – um bom treino de flexibilidade e de prática da linguagem universal (os padrões não-verbais, tão úteis para nos ajudar a fazer fluir nossa linguagem verbal). Além disso, a oportunidade de conviver com quem sabe mais nos garante uma percepção do ponto de chegada ou modelo a ser atingido, condição fundamental para nos orientarmos, consciente e inconscientemente, no tempo e no espaço: “Para onde estou caminhando?” ... “Ah, sim, agora posso perceber!”

Instrumentalização

Dentro da fase de Instrumentalização, o programa essencial é o **OLeLaS – FEEA** (Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras). Não obstante, muitas pessoas, ao abraçarem esta filosofia de trabalho, querem se aprofundar na busca de maiores conhecimentos sobre aprendizagem ou de mais experiências sobre gerenciamento do universo interior. Eventualmente, desejam uma nova carga motivacional em sua bateria. Por isso, existem, em nosso *portfolio* outros programas que se relacionam indiretamente com as línguas e diretamente com as formas de aprender. São, portanto, os programas sugeridos, opcionais, da fase de Instrumentalização.

Conteúdo

Esta é uma fase de captação de vocabulário, não há necessidade de estar vinculado a alguma instituição ou escola durante esta etapa. Entretanto, a eventual consultoria de um bom falante ou professor é bastante útil, desde que você, como estudante, lhe coordene os passos, de acordo com suas necessidades específicas. Vocabulário, gramática ou leitura são etapas do aprendizado nas quais o material de estudo disponível no mercado é mais do que suficiente para o trabalho autodidata. Em nosso Instituto, conforme esquema apresentado, esta etapa se subdivide naquelas habilidades específicas a serem desenvolvidas: o **Instituto de Desenvolvimento do Potencial Humano – IDPH** oferece material e suporte de monitores para apenas um acompanhamento.

Caso você vá percorrer a fase de conteúdo sozinho ou com pessoas conhecidas, sugiro que, na dimensão das sonoridades, trabalhe aproximadamente trinta ou quarenta músicas. Devem ser escolhidas entre aqueles cantores que são agradáveis e devem se relacionar com assuntos que signifiquem algo para o praticante – algo que o convide, inconscientemente, a entrar em primeira pessoa. Até aqui, você deverá encontrar pelo menos oitocentas a mil palavras diferentes, se escolher bem as músicas. Gosto muito de sugerir as músicas do disco **Simon & Garfunkel's Greatest Hits** pela qualidade do inglês ("novaiorquino" e britânico) de Paul Simon e Art Garfunkel. Especificamente, como ilustração, apresento algumas contagens interessantes para esse disco: se você ordenar aquelas músicas na seqüência aqui proposta, cada uma delas acrescentará ao seu repertório de vocabulário as quantidades de palavras mencionadas na coluna ao lado (parta da suposição de não ter tido contato anterior com a língua inglesa):

1. El Condor Pasa 44 palavras diferentes

2. Bridge over Troubled Water 59 palavras novas

3. The 59th Street Bridge Song 40 palavras novas

4. Homeward Bound 61 palavras novas

5. Mrs. Robinson 55 palavras novas

6. Scarborough Fair 35 palavras novas

7. America 51 palavras novas

8. The Sounds of Silence 68 palavras novas

9. The Boxer 51 palavras novas

10. Cecilia 14 palavras novas

11. For Emily, Whenever I May Find Her 33 palavras novas

12. Bookends Theme 5 palavras novas

13. I am a Rock 32 palavras novas

14. Kathy's Song 26 palavras novas

TOTAL: 574 palavras diferentes

Sugiro, ainda, que nunca (ou muito poucas vezes) se utilize de um dicionário de Inglês – Português (ou vice-versa), no caso da língua inglesa, para evitar possibilidades de praticar traduções literais. Deixe para aprender o idioma no contexto dele mesmo. Inicialmente, como uma criança, mesmo que não possua clareza do significado das palavras, saiba que, lentamente,

os sentidos vão se individualizando de forma natural. Então, durante a prática de todas essas músicas, quando necessitar, peça ajuda a alguém que possua domínio e fluência no idioma (eventualmente, um professor) ou consulte um dicionário do tipo "Corpus" ou "Bank of English" (dicionários de línguas cujas definições utilizam um vocabulário restrito – entre 1.200 e 2.000 palavras, no máximo), para ajudar na construção dos cenários ou compreensão das palavras. Nesta fase, contratar um professor, ocasionalmente, para traduções ou tirar dúvidas de compreensão da língua, desde que as sessões sejam somente no idioma estrangeiro, pode ser muito proveitoso. Após as músicas, "devore" um ou dois filmes! Então, o passo seguinte é consultar e ler materiais que o agradem. Busque assuntos de seu interesse apresentados na língua que está aprendendo. Eventualmente, aqui podem ser iniciados estudos de gramática, interpretação de texto etc., de acordo com as inclinações ou interesses naturais. Aqui também pode ser iniciada a Fase de Ativação: encontrar alguém para conversar naquela língua – se for um falante nativo será incomparavelmente melhor, pelas razões já apresentadas de sonoridades, ritmos e entonações.

Ativação

Conversar, conversar, conversar... Não existe outro segredo para colocar em prática. "Horas de vôo".Palestras, filmes, grupos de estudo, clubes de línguas estrangeiras, viagens, revistas, livros etc.

Apresentação do Seminário

Aprendizagem Acelerada de Línguas é um programa de treinamento instrumental e intensivo em estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras com o objetivo de abreviar a jornada de aprendizagem de habilidades de comunicação e expressão em outras línguas. Este seminário foi especialmente desenvolvido para todos que desejam aprender de forma mais rápida, simples e agradável ou para quem não tem se adaptado às metodologias convencionais de estudo de idiomas. O público principal deste seminário constitui-se de pessoas que desejam ou necessitam falar outras línguas, sejam iniciantes absolutos, pessoas que já lêem e/ou escrevem ou mesmo aquelas que já falam outros idiomas, mas ainda não aprenderam a pensar na própria língua estrangeira.

O caminho mais curto para compreender este programa é por comparação com um curso convencional de idiomas. Quando uma pessoa se matricula em um curso tradicional de línguas, metaforicamente podemos compará-la a quem compra um "peixe". Este seminário possui como objetivo "ensinar a pescar". Muitos de nós já ouvimos falar em pessoas que possuem uma grande facilidade de aprender idiomas, que aprendem sem esforço algum. Possivelmente também já tenhamos ouvido falar que existem alguns professores de línguas que nunca freqüentaram um curso formal de idiomas: são autodidatas. Cada um de nós, um dia, já participou de, pelo menos, um desses grupos. E essas pessoas não possuem, de fato, "um olho ou um ouvido a mais"! Apenas usam seu aparato sensorial de uma forma mais útil para essas aprendizagens específicas.

Este programa, portanto, pretende instalar e ativar esses instrumentos e ferramentas de alto desempenho, próprios de processos naturais e inconscientes de aprendizagem, para que o indivíduo adquira **autonomia** para orientar-se durante o seu processo de aprendizagem de

idiomas. Efetivamente, todos nós já fomos extremamente bem-sucedidos na mais complexa das tarefas: aprender a "primeira grande língua estrangeira", antes da qual sequer tínhamos o pensamento lógico estruturado, e que, normalmente, é chamada língua mãe. Considerando esse sucesso precoce, podemos nos perguntar: por que deixamos de nos utilizar daquela forma natural e simples de aprender?

As habilidades treinadas neste curso também permitem aos participantes a descoberta de significativos ganhos secundários que incluem as aprendizagens inconscientes, soluções terapêuticas, planejamento pessoal e descoberta do infinito manancial de conhecimento que reside dentro de cada um de nós. Graças a essa outra dimensão do curso, ele também se destina a pessoas que desejam melhorar a comunicação em público, sua concentração, sua criatividade, automotivação e aprender a gerenciar o estresse decorrente dos processos de aprendizagem e mudança.

As tecnologias utilizadas incluem o uso da Hipnose na Educação, do Aprendizado com o Hemisfério Cerebral Direito, da Programação Neurolingüística e da Aprendizagem Acelerada. Os treinamentos possuem dezenove horas de duração e são realizados em finais de semana ou durante uma única semana, de segunda a sexta (ocasionalmente, foi apresentado fora de São Paulo, também num formato compacto de dez horas).

"Encontre um ponto de apoio, e será possível levantar o mundo!" é uma frase célebre de um filósofo do passado que havia descoberto como realizar grandes tarefas com pequenos esforços – o princípio da alavancagem. É quase unânime a ponderação de que a melhor forma de aprendermos línguas estrangeiras é nos mudarmos para o país de origem dessas línguas. Nessas circunstâncias, o aprendizado é, consensualmente, completamente caótico. Contraditório, não? Por que, então, as escolas convencionais tornam as aulas tão organizadas e lineares?

Há algo ainda bastante interessante. Todos nós temos dito que talvez seja mais difícil aprender a primeira língua estrangeira, porém ao aprendermos a segunda, terceira etc., torna-se progressivamente mais fácil! O que aprendemos além da língua que torna os próximos aprendizados mais fáceis? Aprendemos a aprender! Aprendemos o que é importante e o que não é, aprendemos a perceber, a nos concentrar e a nos expressar com outras sonoridades.

O Programa de Treinamento Aprendizagem Acelerada de Línguas é uma moderna tecnologia elaborada com o objetivo de instrumentalizar pessoas para a aprendizagem rápida e efetiva de comunicação e expressão em línguas estrangeiras. É um curso direcionado a pessoas que ainda não conhecem o potencial de recursos de aprendizagem que reside em suas mentes não conscientes (dizem que um humano mediano utiliza-se de apenas 5% de suas capacidades mentais!). Também resulta da participação neste curso a abertura da percepção para utilizar uma parte bastante maior do potencial inconsciente de discernir e aprender.

Tarefa

Após todo esse trabalho, reflita um pouco e sinteticamente explique o que é este programa. A título de curiosidade, a elaboração dessa definição condensada ocupou-me durante dois anos. Se tiver sugestões sobre o programa **OLeLaS – FEEA**, novos exercícios ou comentários, por favor, comunique-se conosco:

e-mail:**potencial.humano@idph.com.br**
telefones: **(011) 262-2877, 214-0147 ou 3676-0078 – São Paulo – SP**

APÊNDICE 2 – Aprendizagem de Idiomas

Curiosidades e Paradoxos

Recentemente foi publicado, no jornal "A Folha de São Paulo", um caderno especial sobre a aprendizagem de idiomas (Classificados Empregos de 28/02/99) cuja capa fazia menção, em letras garrafais, a chamada de 600 horas. Esse título referia-se ao tempo necessário para a conquista do domínio de uma língua estrangeira.

As escolas mais conceituadas ofereciam programas de 640 a 870 horas de curso a um custo aproximado de R$ 15 a R$ 20 por hora. Qualquer pessoa que receba como remuneração um valor superior a R$ 20 por hora de trabalho, certamente estará investindo muito mais em tempo do que em dinheiro.

Essa reportagem, enfática na abordagem tradicional, parecia desprezar as evidências daqueles casos de pessoas que aprendem a falar outros idiomas sem nunca freqüentar uma escola convencional de línguas. Muitas das quais são até professores em algumas dessas instituições.

Naturalmente, deve-se ler completamente a matéria para constatar que o modelo presente de prática e ensino de línguas estrangeiras necessita de algumas modificações que incorporem o conhecimento atual das ciências e tecnologias relacionadas à aprendizagem, tais como: as neurociências, pesquisas sobre realidade virtual e comportamento e, principalmente, um levantamento de dados mais preciso que diferencie as pessoas que se submetem a tais programas educacionais, quais são bem-sucedidas e quais fracassam (considere os diferentes estilos de aprendizagem, interesses e disponibilidade).

Tenho um amigo inglês, recém-chegado ao Brasil, instrutor de uma dessas escolas famosas que foram apresentadas, que se surpreendeu com o fato de muitos de seus alunos não possuírem interesse sério em aprender, mas apenas em serem aprovados nas avaliações e receberem certificados de conclusão. Para a sua mentalidade de europeu, isso é chocante.

Acredito que em nenhuma outra cidade do planeta exista uma densidade populacional de escolas de idiomas tão grande como aquela que temos em São Paulo. No mesmo mês, nas regiões nas quais circulo mais freqüentemente, observei que talvez 20% dos "outdoors" de rua eram sobre escolas e cursos de idiomas. Embora essas competências – falar fluentemente inglês e espanhol – sejam cada vez mais importantes para a vida profissional, o futuro dessas escolas pode ser sombrio!

No exato dia da elaboração desse artigo, vi na televisão uma propaganda sobre os processadores Pentium 3. Recebi também a informação de que, neste ano de 1.999, entrou em operação uma linha telefônica entre Estados Unidos e Japão com tradução simultânea.

Acredito que, em muito poucos anos, talvez dez ou quinze no máximo, todo esse mercado será pulverizado pela evolução da tecnologia. Se desconsiderarmos a dimensão social (ambientes nos quais as pessoas também exercitam seus relacionamentos pessoais e sociais) de tais

empreendimentos, certamente essas empresas terão que se reposicionar ou desaparecerão do mercado.

Somente como curiosidade, vivemos numa época em que os adolescentes e jovens adultos tiveram como heróis, desde pequenos, seres com habilidades super-humanas – por mais fantasiosos que sejam, são esses modelos que possivelmente guiarão as buscas de nossa futura humanidade (assim como, um dia no passado, chegar a colocar os pés no solo lunar era pura fantasia). A humanidade, cada vez mais, anseia por um desenvolvimento das tecnologias educacionais que façam frente à evolução das nossas atuais engenharia eletrônica, biotecnologia, nanorrobótica etc. E, no âmbito da aprendizagem de línguas, quase nada acontece de novo há décadas.

Se você agora possui dúvidas sobre a efetividade dos cursos aos quais se submete, poderá avaliar algo a partir das seguintes questões:

1. Como você se sente durante a aula: tratado como um adulto ou como uma criança? Os métodos mais modernos tratam o adulto como adulto, por isso existem pessoas que aprendem um idioma em apenas seis meses. Não há necessidade de que um adulto inicie seu aprendizado apenas na linguagem concreta. Poderá abordar a nova língua com todas as suas dimensões de percepção ativadas e incluindo as habilidades já conquistadas.

2. O tipo de aula é suficientemente caótico? 95% das pessoas acreditam que a melhor forma de aprender uma nova língua é se mudarem para o país de origem desse idioma – nessas condições, nossa mente inconsciente é convidada a trabalhar para sintetizar as percepções. Essa é a melhor forma de aprender… E esse aprendizado se processa no caos!

3. Após cada seis meses de curso, foi agregado algum resultado específico à sua **habilidade de falar e compreender**? Pesquisas de laboratório sobre comportamento e interação humana atestam que 93% da comunicação é não-verbal. Portanto, uma ênfase extrema em aprendizagem de vocabulário e gramática não garantem ou agregam resultados à habilidade de conversar imediatamente. No entanto, observando o processo natural de aprendizado de uma criança, chegamos à conclusão de que tudo fica mais fácil quando já se fala a língua cujo estudo será mais detalhado semântica e gramaticalmente.

Na prática, ligue a televisão a cada seis meses, pelo menos, e observe se sua compreensão melhorou. Alguns dados irão ajudá-lo: para se falar fluentemente uma língua é necessário ter de 2.000 a 3.000 palavras em vocabulário ativo. Uma pesquisa da USP constatou que o nosso português falado no dia-a-dia se utiliza de apenas 600 palavras. Muitas pessoas "morrem na praia" nesse empreendimento. Estabeleça metas de compreensão e perceba se seu curso o ajuda a atingi-las ou superá-las.

4. Num período que varia de 2 a 6 meses de curso, você já teve o primeiro sonho naquele novo idioma? Quando alguém se muda para o país de origem de uma determinada língua estrangeira, leva de 2 a 6 meses para falar aquela língua. Não obstante, a "primeira bandeira" de conquista dessa habilidade é representada pelas primeiras ocasiões nas quais nossa mente inconsciente nos oferece suas evidências de resultados de aprendizagem: o sonho nesse idioma! Caso você não tenha sonhado até o primeiro ano de estudo, desconfie… Não está sendo investido o necessário

na construção de sua identidade de falante de outro idioma e sua mente inconsciente não está sendo suficientemente estimulada.

Enfim, existem muitas perguntas que podem nos orientar as percepções e a compreensão para a antiguidade dos métodos tradicionais. Entretanto, nossa curiosidade talvez nos convide a sonhar com um dia no qual, como num passe de mágica, aprenderemos muito rapidamente, com muito mais autonomia e conforto. Já fizemos isso de sonhar com uma época na qual as máquinas trabalhassem por nós – o dia chegou, e agora?

Lembre-se, as novas gerações tiveram como modelos os super-heróis. Isso representa uma mudança de perspectiva essencial no curso da história de nossa civilização – pense bem, pelo menos na nossa imaginação já existem tais possibilidades. No futuro, já com 11 ou 12 anos um indivíduo terá adquirido o conhecimento correspondente a um nível de doutoramento na universidade, é isso o que prometem as pesquisas em realidade virtual e aprendizagem profunda.

APÊNDICE 3 – Prospectando Novos Tesouros

Preparando-se para Viver no Caos

Era uma vez uma era de grandes transformações. Muitos profetas dessa época diziam que tudo iria mudar, que teriam que se adequar aos novos tempos e às profundas mudanças. De formas bastante variadas, parecia que todos eles diziam as mesmas coisas: "Tudo tem que mudar para se adaptar às novas transformações..." Porém, nunca ninguém sabia dizer **como** mudar ou se adaptar ao novo! Como mudar... Os chineses, já naquela época, diziam que crise e oportunidade eram dois lados da mesma moeda! Mas, enquanto o tempo passava, poucos conseguiam entender aquela mensagem enigmática dos orientais.

Tantas e tantas mudanças... Progressivamente os profissionais começam a estabelecer seus escritórios personalizados em casa – acompanhando tendências mundiais, muitas vezes decorrentes dos processos de terceirização e quarteirização, de "Telecommuting" ("Trabalho em Casa") e "Homebased Business" ("Negócio Próprio em Casa"). O mais surpreendente é que muitos dos grandes gênios profissionais não atuam em suas áreas de formação acadêmica (atualmente, nem mesmo a formação superior garante sucesso). Quase dois por cento dos mendigos de rua têm nível educacional de terceiro grau!

Era uma vez uma época na qual garotos de catorze ou dezesseis anos, "experts" em informática, cobravam até mais de cem dólares por hora de trabalho para resolver problemas de computação, em casas ou em escritórios. O caos parecia ter se instalado. Qualquer empresa cujo diretor de informática, segundo um conhecido "guru" dos negócios da época, tivesse mais que doze anos de idade, estaria desperdiçando recursos! De fato, os indivíduos daquela época viviam um período de profundas transformações. Antigas leis e normas de comportamento já não serviam mais. Alguns alucinados chegavam a afirmar que a abundância aumentaria o valor dos bens (uma possível negação implícita à Lei da Oferta e da Procura): quanto mais pessoas tivessem um aparelho de fac-símile (fax) maior seria a importância de se ter um; ou, quanto mais pessoas plugadas nas "world nets", mais valioso seria também estar. Pior que isso, alguns chegavam ao cúmulo de dizer que o nosso presente era conseqüência do futuro!

Sou profissional da área de educação e percebo algumas distorções bastante curiosas nesse segmento: conheço professores que recebem um salário de aproximadamente quinhentos dólares por mês com jornada integral de trabalho. Também conheço profissionais ("professores") que ganham dois mil dólares por dia de trabalho. E existem aqueles professores, consultores chamados de "papas da administração", que recebem até oitenta mil dólares por dia de trabalho. Qual é a diferença entre eles? Algumas vezes tenho a impressão de que uns "vendem" coisas que as pessoas não querem mais ou não consideram importante, enquanto outros oferecem aquilo que todos querem ou necessitam – porém ainda não estou certo dessas conclusões. Mas estou certo de um fato: cada vez mais, os bens intangíveis (**conhecimento**, por exemplo, representa um dos tesouros de nossa época – o **"ouro sem peso"**) valem progressivamente mais que os bens tangíveis (produtos, coisas materiais). Cada vez valem mais as habilidades de orientação, auto-organização, discernimento, flexibilidade, criatividade e capacidade de aprender. Sim, posso perguntar: "Qual é a diferença entre aquelas pessoas que criam ou descobrem coisas valiosas e

aquelas que não obtêm esses resultados?” Até parece que alguns possuem um certo “faro”, uma certa intuição ou, se você preferir, “sorte” de perceber o que outros não percebem!

Meu principal campo de pesquisa e estudo é a aprendizagem inconsciente e a educação. Uma área específica está na aprendizagem de línguas estrangeiras. Nessa região do conhecimento me deparo com algumas contradições. E elas ficaram evidentes para mim por ter construído uma metodologia nova de aprendizagem de idiomas.

Muitos de nós conhecemos alguém que tenha a chamada grande facilidade para aprender línguas estrangeiras: pessoas que aprendem naturalmente, sem esforço, ou mesmo aqueles que são capazes de aprender uma nova língua em apenas seis meses ou um ano. Questão de capacidade ou necessidade? Todos nós também já ouvimos falar que, talvez, seja mais difícil aprender a primeira língua estrangeira mas, aprender a segunda, terceira ou quarta se torna progressivamente mais simples. Cada vez mais fácil! Então, o que é que as pessoas sabem ou aprendem além do novo idioma que torna as próximas aprendizagens mais e mais fáceis? Elas aprendem a aprender! **Elas apreendem o que é importante**. Aprendem a selecionar o significativo e descartar o insignificante. Desenvolvem discernimento, ativam a concentração, resgatam a curiosidade natural, organizam a memória e acreditam que é impossível falhar, mesmo num mundo caótico e poluído de informações.

Pense bem. Todos consideram que a melhor forma de aprender uma nova língua é mudar-se para o país de origem desse idioma. Perceba que contradição: nesse lugar, o aprendizado é extremamente caótico, não existe a necessidade de entender gramática, não existem simplificações nem análises de significados, apenas a convivência continuada e integral com a sonoridade e com as repetições de sons próprias de cada língua. Se você me perguntar por que a contradição, eu responderei que quase todos os sistemas de aprendizagem de idiomas (métodos e escolas de línguas) constroem um processo analítico de comunicação e expressão verbal, mantendo a convicção de que a única forma de aprender é através do intelecto, lógica e linearmente – desconfie… Eles estão subestimando exageradamente as nossas competências de aprendizagem inconscientes. Consensualmente, a melhor forma de aprender é se expor ao aparente caos de permanecer alguns meses no país estrangeiro, enquanto as escolas oferecem sistemas organizados. Esquisito, não é?

Há no mercado um filme de treinamento gerencial da Siamar, no qual Joel Barker (autor e palestrante americano) conta a história de um homem que, dirigindo seu carro em uma estrada de terra, ao desviar de um acidente, escutou uma mulher gritando em sua direção: “Porco…” Imediatamente retrucou: “Vaca!!!” Ao contornar a próxima curva, ainda sentindo-se injustiçado pelo insulto, atropelou um porco! A mulher? Ela somente queria avisá-lo de um perigo do qual desviara com bastante dificuldade e, com o carro ainda meio desgovernado, quase lhe causara um acidente.

Finalmente, graças à tecnologia (TV a cabo, multimídia, teleconferência etc.), é simples concluir que as nossas motivações de aprender e conhecer serão cada vez mais influenciadas pelas profundas transformações culturais e que, invariavelmente, conhecimento e informação estarão cada vez mais disponíveis e democratizados para quem souber buscá-los e encontrá-los. Digo isso por acreditar que no prazo máximo de vinte anos não haverá mais mercado para escolas de línguas. Haverá, sim, espaço para as pessoas **aprenderem a aprender**. Mas todos terão o

conhecimento disponível nos canais de televisão digital. E sabe-se lá o que mais vem por aí! Não obstante, os computadores, tradutores eletrônicos pessoais e a realidade virtual permitirão que as mais fantasiosas cenas de filmes de ficção científica se tornem realidade!

APÊNDICE 4 – “Regando as Sementes no Jardim até que elas Germinem”

Vivemos uma época na qual vários valores, paradigmas e comportamentos têm sido questionados quanto a sua validade e atualidade. Também muitas crenças, diariamente, em alguma parte do planeta, cientistas encarregam-se de contradizê-las ou cuidam para que uma nova possibilidade seja estabelecida ou limite ultrapassado. Essa disponibilidade e abertura mental para aceitar tantas mudanças e revoluções são bastante úteis para nós vivermos este final de milênio em plena transformação. E, garanto, existem “pérolas” do nosso conhecimento acumulado durante séculos totalmente disponíveis para quem quiser procurá-las. Na minha opinião, essa flexibilidade talvez seja uma das mais importantes capacidades para nós que estamos a construir o século XXI.

Comentei anteriormente sobre o genérico baixo aproveitamento de nossas faculdades mentais. Desde que consideremos os **Estados Alterados de Consciência** como aqueles estados de consciência pouco percebidos e conhecidos no início, posteriormente, após certa prática e vivência, serão apenas outros estados mentais ou de consciência, outras possibilidades de estabilização da consciência. A utilização deliberada desses estados “alterados” em processos de aprendizagem ou hipnose aplicada à educação (também auto-hipnose) incorpora alguns procedimentos da prática terapêutica. Porém, suas premissas essenciais preservam mais significativamente **a vontade, a escolha e o discernimento do sujeito**: é o interessado que buscará, **conscientemente ou não**, estados de consciência mais apropriados para os seus objetivos. A responsabilidade do educador é apenas ser capaz de criar um ambiente adequado e de apresentar os conteúdos de uma forma útil para serem apreendidos nessas dimensões.

Simplificadamente, é o educando que estabiliza uma determinada freqüência mental (entra em transe) e não o educador que o coloca nesse estado. Algumas vezes, porém, observo que essa linguagem é um pouco rejeitada pela mistificação resultante do mau uso dessa prática. Por isso, gosto de lembrar que o processo de entrar em transe (que, para algumas pessoas, não é conhecido conscientemente) é natural e cotidiano: do estado de vigília ao estado de sono profundo, nossa mente “percorre regiões” de percepção correspondentes a várias freqüências eletroencefalográficas conhecidas, de modo geral, como ondas **β, α, θ e δ** (respectivamente, **beta, alfa, teta e delta**). O estado de vigília corresponde às ondas β; os estados de relaxamento e transes leves, às ondas α; os estados de sono leve ou de transe profundo, às ondas **θ;** e, finalmente, o sono profundo, às ondas δ**.** Mesmo ao longo de uma noite de sono, nosso sistema, ocasionalmente, transita entre diferentes estados ou freqüências várias vezes, espontaneamente.

Não obstante nossa cultura racionalista tenha nos treinado intensamente nos estados de consciência de vigília (que, ainda assim, se dividem em subestados correspondentes a freqüências de processamento de informações proprioceptivas e sensações, passando pelo processamento da linguagem estruturada – discursos e diálogos internos -, até os cenários e representações imaginárias e memórias visuais), nossa mente inconsciente conhece bastante bem aqueles outros estados nos quais ocorre uma grande parte da existência humana, normalmente simultânea e inconscientemente. Portanto, na eterna busca de crescimento e desenvolvimento, quem sabe, estarão algumas das respostas há tanto desejadas.

Pode ser bastante interessante para nossa consciência reconhecer e encontrar “ferramentas” do nosso ser até então pouco ou não utilizadas. Possivelmente, entretanto, esses instrumentos de

percepção ou estratégias mentais não correspondam a nossa identidade consciente. Mas, “por que continuarmos sendo quem somos se podemos ser melhores”? A busca do desenvolvimento dessas potencialidades se apresenta para muitas pessoas como uma solução para uma melhor adequação às necessidades e contingências de nossa vida. Muitos não buscam autoconhecimento, mas sim ferramentas – a competitividade em nosso mundo nos pressiona a buscar qualidades distintivas e diferenciais que nos tornem aptos a encontrar um papel social mais genuíno, confortável e próspero.

Nestes tempos, como formador e educador de empreendedores, acredito existirem três especiais fontes de riqueza: qualquer pessoa que tenha dinheiro (propriamente dito), conhecimento ou bons relacionamentos pode sobreviver neste nosso mundo capitalista com bastante desenvoltura. Então, lembrando que vivemos num mundo de extrema flexibilidade para mudanças de status e condições socioeconômicas, acredito ser de vital importância a capacidade e a habilidade de aprender. Essas se tornaram, talvez, o mais importante fator diferencial competitivo. E a busca de um maior aproveitamento de nossas potencialidades tem se mostrado não somente uma curiosidade, mas também uma necessidade.

Essencialmente, todo este programa de treinamento foi elaborado para convocar a intervenção e a participação de nossa mente inconsciente no processo de conscientização e desenvolvimento de “novos” padrões de percepção e aprendizagem com finalidades últimas bastante nobres. Considere:

- de uma forma bastante saudável, e no tempo adequado, tornar-se uma pessoa melhor, mais hábil em viver melhor e mais feliz;
- tornar-se participante de um processo de construção de uma cultura mais fraterna e mais adequada para as próximas gerações;
- continuar a jornada inconsciente e profunda, que flui através de nós, de acrescentar percepções e conhecimento à grande mente coletiva e contribuir para agregar mais valor a esse processo evolutivo humano.

Assim, se num nível bem profundo de suas motivações houver ressonância para esses destinos, você poderá ter essa certeza através da manifestação de algum sinal ou evidência (sensação, pensamento ou idéia) proveniente de seu interior que, neste momento, absorva espontaneamente sua atenção. Não há necessidade efetiva de aceitar ou acreditar nessas considerações como significativas. Apenas continue se divertindo. Também permita-se acompanhar essas idéias e raciocínios assim como, a cada manhã, acordamos após termos nos permitido adormecer, na noite anterior, com a certeza de despertar melhor e mais vitalizados no dia seguinte. Para uma criança pequena, deixar-se ir, ao adormecer, seria, muitas vezes, uma experiência de contato com o absoluto desconhecido, não fosse a familiaridade inconsciente com essas dimensões de existência desde que começamos a respirar.

Todos esses pensamentos nos convidariam a imaginar que talvez aqueles 95% de nossa capacidade mental latente e pouco utilizada residam adormecidos em nossa mente inconsciente. Se isso for verdadeiro, talvez você possa ser agraciado com uma percepção interessante a respeito desse fato. Dentro desse “novo” modelo de compreensão da mente humana, os vários estados de percepção e processamento coexistem simultânea e sucessivamente. Nessa dimensão, o próprio fluir do tempo possui uma estrutura bastante diferente daquela que conceituamos e aceitamos

como real. Muitas outras culturas já manifestaram essa compreensão. Os gregos já definiam o fluir do tempo de duas maneiras diferentes, como já comentamos anteriormente: o Chronos (tempo medido pelo relógio que se relaciona com a rotação e translação de nosso planeta) e o Kairós (o fluir do tempo em nossa consciência – experimente marcar no relógio quanto dura "um minuto de silêncio" de sua percepção consciente: faça um intervalo de tempo que você estime durar um minuto e depois olhe no relógio para saber quanto tempo se escoou).

Toda essa discussão parece se afastar de nossos objetivos, mas só parece! Para construirmos uma nova identidade, na qual seja possível sermos ilimitados na forma de aprender e perceber, inicialmente necessitamos abrir portas e romper limites culturais. Lembre-se, também, de que as gerações de adultos mais jovens tiveram como modelos seres e heróis super-humanos.

Retornemos àquele evento de percepção que nossa mente inconsciente pode nos proporcionar para demonstrar que, talvez, esteja na hora de reavaliarmos nossas habilidades e necessidades. Como disse há pouco, nossa mente funciona simultaneamente em muitas dimensões que coexistem e se interpenetram e, caso seja interessante para nós, enquanto estamos processando esta leitura, **de fato**, nossa mente consciente **poderá ser** seqüestrada e conduzida a **uma outra** dimensão ou cenário de **compreensão** e entendimento. Sim! Os estados alternativos de consciência podem nos conduzir a diversas percepções diferentes. Mesmo lendo, eventualmente, sua consciência poderá ser deslocada do texto para alguma memória, fantasia ou compreensão particular, de modo que esteja em algum cenário útil ou aleatório enquanto seus olhos se mantenham percorrendo estas palavras. Talvez possamos chamar isso de leitura automática. Como demonstração, há evidências desse fenômeno que podem ser bastante interessantes. Aproveite essa oportunidade sem tentar entendê-la conscientemente, de imediato.

No caminho do desenvolvimento, transformação e crescimento, você deve ter vivido algumas experiências de escolha ou tomada de decisão bastante significativas. De um modo geral, acredito que viver é tomar decisões. Muitos de nós observamos que o fluir do tempo parece cada vez mais intenso. Embora não seja aquele tempo mensurado no relógio, pense bem, é muito mais a quantidade cada vez maior de informações captadas e decisões sintetizadas a cada dia que nos proporciona essa impressão – basta você se retirar de sua intensa vida profissional ou social para o campo e perceberá que o tempo já flui diferente.

Porém, de todas as escolhas e decisões, quero considerar uma categoria especial de opções: aquelas muito significativas. Aquelas que foram realizadas em momentos de grandes mudanças. Aquelas decisões essenciais de vida que nos orientam para uma nova profissão, estado civil ou de abandono de algo em que acreditamos por um longo período. Usualmente, esses eventos muito importantes ocorrem poucas vezes na vida: aquelas decisões que, muitas vezes, tomaram dias, semanas ou meses para serem sintetizadas.

Nesse tipo de decisão, normalmente nossa experiência anterior, nosso currículo e nossas habilidades conscientes, muitas vezes, não são suficientes para uma escolha segura, simples, rápida e objetiva. Eu pergunto: como você se sentia no período que antecedeu a grande síntese, escolha ou decisão? Faça uma lista das sensações e sentimentos que vivenciava antes de chegar à grande conclusão desse processo de escolha. Já fiz essa pergunta para muitas pessoas e, geralmente, recebo como respostas as seguintes percepções: insegurança, medo, ansiedade, insônia, tensão, desconforto etc.

Basicamente, não gosto dessas classificações, prefiro o termo **confusão**! Sim, pelo que conheço, todo processo criativo profundo é antecedido de uma grande confusão como meio de demolir idéias, pensamentos, comportamentos e padrões antigos que já não servem mais. Esse valioso estado de confusão é uma condição preciosa que nos permite entrar em contato com soluções ainda não pensadas conscientemente. Afinal de contas, se nós continuarmos a fazer as coisas como sempre fizemos, continuaremos a obter os resultados que sempre obtivemos! Nossa mente inconsciente sabe quão importantes e valiosos são os estados de confusão para que ela possa indicar novos caminhos, muitas vezes completamente desconhecidos por nossa consciência.

Numa ocasião, voltando de viagem de um seminário com uma nova amiga, tive a oportunidade de discutir com ela o lançamento de meu primeiro livro. Ela, certamente, me deu idéias muito interessantes com relação ao título que eu havia escolhido. Além disso, aproveitei o encontro para lhe perguntar algo que ainda era intrigante para mim. Perguntei-lhe: "O que você faria se estivesse lendo um livro no qual você não entendesse algumas coisas, mas se sentisse muito bem e confortável ao lê-lo?" Lembro-me de que sua resposta foi algo como: "Se eu não entendesse… Talvez eu não estivesse pronta para ler o livro… Provavelmente, eu colocaria o livro de lado e o retomaria numa época posterior, quando estivesse mais preparada para entendê-lo". Continuei: "Mas, lembre-se, você estaria se sentindo muito bem… Suponha que o livro não tivesse sido escrito para ser entendido, mas sim, para ser sentido. Você estaria se sentindo muito bem, por que abandonaria o livro então? Não vale nada o bem-estar?" Então ela retornou: "Eu provavelmente ainda estivesse aquém daquilo que o autor estava propondo no livro…" Interrompi: "Não! Não! Não! Não importa estar aquém, junto ou além do conhecimento do autor! O fato é que o livro não havia sido escrito para ser entendido, e sim, para ser sentido… Entendeu?" Ela, ainda confusa, acenou a cabeça e disse um sim sem convicção. Interrompi novamente: "Não! Não! Não! Não era para você entender… era só para sentir".

Parece que a maior parte do nosso canal de contato com aquilo que chamamos de realidade deve ser por intermédio exclusivo da nossa compreensão e do nosso entendimento! Uma herança que nos afasta paulatinamente de nossas percepções e sentimentos mais essenciais e familiares, apesar da resistência natural que, desde crianças, oferecemos a esse adestramento. Quantas e quantas outras percepções são ignoradas ou eliminadas, simplesmente, por não serem inteligíveis. Sinta isso. Não pense a respeito… Apenas sinta.

Os antigos egípcios, já adoradores do Sol, a cada madrugada acordavam antes do amanhecer para contemplar o nascer do Grande Astro – para eles era uma divindade, a mais importante em uma determinada época. Eles não tinham certeza de que o Sol nasceria a cada dia. Receavam que um dia seu Deus pudesse estar indisposto, ou indignado (um ser antropomorfizado, como costuma-se concebê-lo), e não aparecer. Imaginem, temos tanta certeza, garantida pelos nossos estudos ou conhecimentos de mecânica celeste e astronomia, de que o Astro-Rei irá aparecer no dia seguinte, que poucas vezes experimentamos o surpreendente fato de contemplar-**Lhe** a chegada. Não somente a beleza desse evento, mas o fascínio mesmo! Eles não tinham a certeza que temos!

Retornando mais uma vez. Uma das funções dessas histórias anteriores era, conforme a conveniência de sua mente inconsciente, oferecer-lhe a ocasião de ter evidências e perceber, conscientemente, os múltiplos níveis de processamento mental que ocorrem simultaneamente. Retorne sua leitura a seis parágrafos atrás (onde estava escrito "Aproveite essa oportunidade sem tentar entendê-la conscientemente, de imediato", ao final de um parágrafo), repita a leitura desde

então e observe se uma segunda compreensão ou percepção das linhas subseqüentes até aqui se apresenta de alguma forma. Se isso ocorreu ou se você descobriu que leu outra coisa, agradeça a sua mente inconsciente por essa demonstração de suas capacidades e habilidades multidimensionais. Todo este programa, apesar de possuir um objetivo definido de desenvolver habilidades de se comunicar melhor em línguas estrangeiras, serve para instrumentalizar as pessoas para aprender qualquer coisa e se submeter a novos padrões de comportamento, realidade, percepção e consciência. Afinal de contas, já estamos no início do século XXI! E, dizem, este será o século da intuição!

Durante todo este projeto, estaremos trabalhando percepções e idéias que nos possibilitem acrescentar mais intensidade e potência a nossos recursos conscientes ou não e, não obstante, torná-los ativos e operantes.

APÊNDICE 5 – Resgatando Percepções ou Construindo uma Nova Identidade de Consciência

É bastante comum, no desenvolvimento e educação de "novos" padrões de percepção, que as pessoas afirmem não conseguir realizar algumas tarefas ou tomar consciência de algumas percepções. Vale lembrar a jornalista que resgatou um recurso de objetividade de linguagem quando, numa dinâmica de teatralização, se imaginou sendo observadora do ponto de vista de um cinzeiro (uma simples brincadeira lhe indicou um "instrumento" inconsciente). Como no modelo computacional, quando não sabemos o comando adequado, muitas vezes não conseguimos acessar determinadas operações ou arquivos.

Assim, muitas vezes, em seminários ou cursos, solicitamos algumas percepções e o iniciante ou praticante inexperiente nos responde: "Não consigo!", "Não sou visual!", "Não sou auditivo!" etc.

Como profissional da área de aprendizagem, observo que essas percepções ocorrem de fato, em algum nível, em alguns casos, não conscientemente. Inconsciente ou conscientemente, certamente ocorrem. Se essas afirmações são, de fato, verdadeiras, não importa. Importa, sim, que, acreditando-se nelas, abrimos possibilidades muito interessantes. Haja visto que a existência de processos de consciência periférica sejam comprovadamente possíveis, como por exemplo: a visão periférica, a audição ou o tato periféricos. Observe a sensação de estar sentado, deitado ou de pé, neste instante: essas percepções estão aí, mesmo que você somente tenha se dado conta delas quando eu as apontei.

APÊNDICE 6

Para que você tenha acesso a essa dimensão de percepção, basta observar que a extensão do seu ângulo de visão é algo próximo de cento e oitenta graus. Observe! Todas essas informações do ambiente que podem não ser conscientes estão sendo captadas pela sua mente não-consciente, de tal forma que, muitas vezes, dirigindo, caminhando etc., você realiza ajustes ou movimentos de esquiva de obstáculos e somente depois toma consciência disso: "Ufa! Essa foi por pouco!" De fato. Agradeça!

Muito bom. O passo inicial é aceitar a idéia de que essas habilidades ou esses instrumentos estão em "algum lugar" do seu sistema. Isso no caso específico de você considerar alguma limitação ou restrição como sendo **sua**! Portanto, toda vez que alguém propuser uma nova experiência, considere, inicialmente, a possibilidade de que seu trabalho seja apenas "localizar" a percepção, não questionar a sua existência.

O passo seguinte é descobrir o quão úteis podem ser esses instrumentos aos seus objetivos mais profundos. Explico melhor: aquelas categorias de que, em treinamentos de Programação Neurolingüística, tanto ouvimos falar (ou não!?), tais como visual, auditiva, cinestésica, digital, proprioceptiva etc. (também identificadas no modelo das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner ou no PEI – Programa de Enriquecimento Instrumental do Dr. Reuven Feuerstein com outros nomes e outra sistematização) são apenas atributos de nossa estrutura de funcionamento consciente. Se considerarmos as possibilidades, ou a mente inconsciente, essas classificações não servem! Quando você pensar ou escutar algo a respeito da "realidade" ou identidade de alguém, saiba que isso é apenas uma parcela bastante pequena da realidade ou das possibilidades. Somente uma fotografia, se considerarmos que a vida é um filme inteiro. Pode ser apenas uma consideração sobre identidade consciente ou sobre a "operação consciente" do indivíduo (a expressão operação consciente, nesse contexto, é pobre se observarmos que o fluxo dessas operações particulares é automático e inconsciente, porém, pode ser útil considerá-la uma das construções possíveis de nossa identidade consciente realizadas pela nossa mente inconsciente a partir de nossa auto-imagem. Lembre-se de que nossa "máquina" – corpo humano e mente(s) – é infinitamente mais potente do que somos capazes de usar ou imaginar **ainda!**).

Especificamente, aqui vale um exemplo pessoal. Em muitas ocasiões, durante seminários e treinamentos, me foi solicitado que imaginasse ou que visualizasse determinadas memórias ou mesmo fantasias. Curiosamente, minha tela mental ficava especialmente vazia nessas ocasiões. Era um grande conflito, para mim, não conseguir realizar essas práticas – pelo menos eu achava isso! Porém, oportunamente as coisas foram se esclarecendo, pois as evidências que eu tinha do passado contradiziam esses fatos: durante todo o meu processo de aprendizagem, tanto do tênis como do Tai Chi Chuan, a memória visual e a simulação imaginária de gestos e movimentos foi um de meus importantes recursos de desenvolvimento (aprendi posteriormente que é uma das mais importantes técnicas da psicologia esportiva para a aprendizagem e melhora de desempenho). Além disso, pude lembrar depois, fui aluno média dez em desenho técnico e geometria descritiva, tanto no segundo grau quanto no curso de engenharia (com grande facilidade, consigo ver formas tridimensionais e suas projeções ou rotações espaciais). Também tenho um senso de orientação espacial e de localização bastante treinados.

Esse exemplo tem o intuito de mostrar que, para mim, a habilidade de visualizar e construir imagens ocorre precisamente, porém fora da consciência: todas as vezes que realmente necessito dessas informações ou habilidades, elas vêm à consciência. Porém, em situações de simulação ou laboratório, não tomo consciência desses processos integralmente.

Incomodado com essa "incapacidade", perguntei-me, em transe: "Por que diabos não consigo visualizar conscientemente quando quero?" A resposta, bastante esclarecedora, foi que eu não precisava, de fato, tomar consciência de todos os processos que operavam dentro de mim. Mais: "Você conhece muitas pessoas que possuem um discernimento pouco aguçado e débil contato com a realidade por terem uma grande capacidade de visualização que lhes confunde as percepções objetivas…" Essas respostas foram suficientes para que eu aceitasse o significado e a razão de funcionar de uma maneira particular: era a sabedoria de minha mente inconsciente expressando-se naturalmente e, além disso, explicando-me que seus comportamentos eram muito oportunos para aqueles objetivos mais amplos e significativos que tínhamos estabelecido juntos.

Desde então, quando me perguntam se eu sou visual, auditivo ou cinestésico, respondo que não sei. Depende da ocasião. No nível inconsciente, sou qualquer uma dessas coisas e também sou todas elas conforme a necessidade: novos padrões de identidade foram estabelecidos incluindo as habilidades e significados de meu sistema completo: mentes consciente e inconsciente.

Nesse caminho, desconfie quando uma pessoa tentar convencê-lo de que não possui determinada habilidade de processamento mental, cerebral ou emocional. Basicamente, essa habilidade pode não fazer parte de sua identidade consciente, porém, via de regra, é mais útil acreditar que só precisamos ativá-la do que acreditar que ela não existe.

Em eventuais atendimentos individuais, como comentei, muitas vezes as pessoas têm uma grande motivação para explicar, nos mínimos detalhes, os seus problemas: como são, como se originaram etc. Escuto. Porém, o que mais me interessa é exatamente aquilo que essa determinada pessoa ainda não sabe conscientemente! Lá, talvez, esteja a solução! Afinal, tudo aquilo que sabe e entende não foi suficiente para encontrar uma solução prática.

Muitas vezes já ouvi pessoas dizerem que não possuem muitas sensações, não sentem ou não se percebem corporalmente. Pergunto: "Você sente fome?", "Como você sabe quando deve parar de beber água?", "Como você sabe quando é hora de dormir ou de acordar?" etc. Perceba que tudo funciona. Algumas vezes, desconectado da consciência. Porém, tudo funciona!

Certa ocasião, fiz um trabalho com uma pessoa que afirmava não ter memória! Como podia lembrar então que era exatamente ela que não tinha memória? Eh! Eh! Um prato cheio! De fato, ela não tinha uma forma regular de lembrar-se de alguns eventos do seu dia-a-dia. O mais significativo, entretanto, é que qualquer técnica que lhe fosse ensinada, na minha opinião, estava condenada ao fracasso. Isso porque ela deixou evidente, nas entrelinhas, que sua mãe passava todo o tempo lembrando-se de coisas ruins do passado! Para que ter uma boa memória? Para se sentir mal? A intenção positiva de tal comportamento preservava-a de momentos de descontentamento. Então, um processo de ressignificação de seus comportamentos inconscientes devia anteceder qualquer instalação de estratégias de recordação.

Na minha experiência ainda não encontrei alguém que não possuísse a voz interior. O que ocorre, muitas vezes, é que a consciência desse padrão de comunicação interna é pouco consciente para identificação de submodalidades. Por comparação, entretanto, com “outras vozes internas”, usualmente tais percepções vêm à consciência.

APÊNDICE 7 – A Hipnose Aplicada à Educação I

Arquitetura de Aprendizado

A **Hipnose Aplicada à Educação** é uma abordagem educacional que reúne interessantes ferramentas e dispositivos da comunicação humana com o objetivo de promover o aprendizado profundo – também entendido como **“insight” (introvisão ou síntese criativa)** ou aprendizado por descoberta. Tem sido especialmente utilizada em processos acelerados de aprendizagem, de desenvolvimento de percepção e mudanças comportamentais saudáveis e naturais (“ecológicas”).

Tecnicamente, consiste em uma determinada forma de estruturar a linguagem e na organização de algumas experiências, vivências e exercícios de imaginação e introspecção. É uma adaptação de conceituações e práticas de diferentes campos do conhecimento, desde alguns padrões da Hipnose Terapêutica até as habilidades dos contadores de histórias; desde exercícios de aumento de sensibilidade e percepção, até formas características dos maiores canais indutores de estados alterados de consciência de nossa época: **o cinema** e seus insistentes convites à percepção de todas as fantasias, emoções e sentimentos a que ele nos induz (considere “A Jornada do Herói”, modelo mítico arquetípico aceito como esqueleto básico da cinematografia americana atual – vide Joseph Campbell em “O Herói de Mil Faces”).

Nesse estilo de atividade não existem induções formais como na hipnose terapêutica, muito menos algo que se relacione com as apresentações de palco e de televisão. De fato, existem convites ocasionais feitos ao participante a experimentar diferentes pontos de vista de observação a respeito de assuntos cotidianos **(ressignificação)**. Isso oferece condições propícias para entrar em estados naturais de absorção em suas fantasias, devaneios e conseqüentes julgamentos e reavaliações. Os eventuais processos regressivos não são deliberadamente induzidos, porém ocorrem totalmente consciente e espontaneamente na busca de referências passadas (em memória) que sejam associáveis à experiência presente.

Lembrando-nos de que, enquanto seres humanos, ao nascermos, não recebemos um **manual de instruções** de como operar melhor o nosso “grande computador” – o cérebro e o corpo humanos – e nossos pais também não, esta tecnologia serve para **adaptar e flexibilizar nossos hábitos na construção de maior bem estar e eficácia na forma de conduzir nossas vidas.**

Na prática, utilizamo-nos de cenários ou enredos nos quais as metáforas são construídas e apresentadas como ambientes para o apoio da mente consciente tão ávida de entendimento. Simultaneamente, através das estruturas metafóricas, oferecemos outras alternativas à mente inconsciente para que ela possa percorrer outros caminhos de percepção e compreensão. Em certos momentos ocorrem seqüestros espontâneos da mente consciente que passa a experienciar alguns fenômenos hipnóticos comuns: regressão, distorção ou projeção temporal, ampliação ou redução do campo de percepção sensorial, agitação, hiperatividade, sonolência ou torpor que se aproximam e se afastam muito rapidamente, comoções emocionais e, principalmente, uma grande quantidade de “insights” aparentemente desordenados.

Os resultados do uso destas tecnologias aplicadas à educação consistem em **hiperestimular, ativar e reintegrar estilos de processamento cerebral dos hemisférios direito e esquerdo.**

Não obstante, a melhor metáfora para diferenciar do processo terapêutico formal é imaginar as diferentes atitudes do terapeuta e do educador caso se dispusessem a obter um copo de água limpa a partir de um com água suja: **o terapeuta**, possivelmente, elaboraria **um complexo sistema de filtragem** para retirar as impurezas daquela água (problemas), enquanto **o educador** possivelmente **procuraria uma fonte com água limpa** e, misturando com a antiga, após transbordar, atingiria os níveis de pureza adequados.

Essas pesquisas e desenvolvimentos, no campo do comportamento e interações humanas, apontam para uma época na qual poderemos dizer que a educação terá se desenvolvido proporcionalmente às nossas ciências de alta tecnologia, tais como engenharias eletrônica, genética e micro-mecânica etc. Aí, então, provavelmente com apenas onze ou doze anos de idade, um indivíduo poderá acumular o conhecimento técnico correspondente a uma graduação superior em nível de doutoramento.

APÊNDICE 8 – A Hipnose Aplicada à Educação II

Tenha certeza de que qualquer **indução hipnótica,** seja ela educacional, terapêutica ou espontânea, **é somente um convite** à sua consciência para abandonar o controle e observar outras realidades ou **à sua mente inconsciente** para seqüestrar a atenção (ou tensão) conscientes **para poder expressar e atuar de uma forma mais livre** e plena. Portanto, a atitude do cético, comumente, é bastante genuína e importante para o equilíbrio interior e a auto-identificação conscientes (atividade regular de reconhecer a própria identidade).

Vale lembrar mais uma vez que os estados de consciência, desde os mais conscientes até os mais inconscientes, são vivenciados com grande naturalidade, diariamente, do estado de vigília (das ondas β e seus subníveis) até o sono profundo.

Um modelo simples de como entender esses processos é pensar no funcionamento de um rádio. Nossas mentes (a consciente e a inconsciente em seus vários níveis) podem ser entendidas como um ambiente povoado de ondas de rádio e televisão. Como na sala de televisão da sua casa, por exemplo. Porém, sem um aparelho receptor não tomamos consciência de nada. Se ligarmos, entretanto, uma TV ou um rádio, poderemos capturar cada um dos programas apresentados nas diferentes emissoras.

Da mesma forma, você pode experimentar esse processo dentro de você mesmo: escolha diferentes estados interiores, como a **sensação** de estar sentado, deitado ou em pé, todas as coisas que você pode **ver** ao seu redor, todos os sons do ambiente que você pode **escutar.** Sintonize agora algumas percepções de fronteira: uma sensação suave do corpo, um som quase inaudível no ambiente, uma cena que usualmente passa despercebida em seu ambiente.

De fato, não importa se você estiver se lembrando, percebendo, fantasiando ou imaginando, são apenas estados diferentes. Procure agora algumas memórias: a lembrança de um lugar no qual você esteve, algo que você se lembra de ter escutado (uma música, por exemplo), uma sensação que esteja em sua memória. Observe se as informações procuradas, através dos cinco sentidos ou em suas memórias e fantasias, produzem estados diferentes. Perceba que, para gerar lembranças na forma de cenários, nos sintonizamos em um determinado tipo de informação (conseqüentemente, temos determinadas percepções e impressões). Entretanto, se buscarmos lembranças ou elaborações na forma de sons, então nos colocaremos em outro estado; se ainda procurarmos por nossas sensações, ainda existirá outra forma de nos percebermos. Em cada uma dessas buscas por informações, nossa atenção se desloca de forma diversa para um ambiente diferente. É tão automático e natural que nem nos damos conta de como “localizamos” essas percepções. Sabemos de antemão em que “gaveta” encontraremos essas informações.

Nesse modelo simples, a inabilidade de acessar imagens, sons ou sensações significa apenas que não sintonizamos uma determinada estação com facilidade. Como se não soubéssemos qual é a estação adequada em um momento, mas tudo está lá! Essas ferramentas, essas formas de saber sintonizar as percepções ou memórias, nos proporcionam muito mais flexibilidade de percepção e alternativas para nossos comportamentos. Então, o possível fato de não termos acesso consciente a determinadas estações de nosso rádio não significa que elas não existam, e sim, que **ainda** não sabemos como operá-las melhor ou encontrá-las.

Se você tiver interesse em entender ou construir um modelo mais preciso desses processos, basta começar a observar como você faz para se abandonar ao adormecer. Os hábitos de sono e descanso vividos por um indivíduo acabam por configurar uma certa parcela de sua identidade: “Eu sou assim…”. Eventualmente, uma mudança “casual” em seus comportamentos habituais de dormir serão lentamente incorporados à sua forma de se entender e se perceber (identidade), mantendo a certeza de que acordará oportunamente, seja na manhã seguinte, seja durante a noite, para efetuar alguma necessidade biológica.

Perceba também que, por mais cética que uma pessoa seja, ainda assim possui um tipo de certeza (crença) de que acordará no dia seguinte, ou mesmo a certeza de que amanhecerá (o Sol se levantará). Tais fenômenos são considerados inquestionáveis e cientificamente comprovados até certo ponto. Essas certezas são apenas comprováveis, respectivamente, pela história pessoal (memória) ou pela crença na veracidade da ciência em afirmar que, necessariamente, o planeta Terra gravita em torno da estrela Sol (Sim! O Sol é uma estrela!), embora nossos sentidos e percepções nos iludam, oferecendo-nos a idéia de que é o Sol que percorre a abóbada celeste.

APÊNDICE 9 – Perguntas e Respostas

Esta é uma seção de apoio e organização rápida de algumas informações que já estão presentes no livro de uma forma mais ou menos explícita. Como o roteiro proposto para leitura e estudo pode, eventualmente, se iniciar por aqui, sugiro que pule ou passe rapidamente os olhos sobre aquelas respostas que estiver encontrando pela segunda ou terceira vez. Estas são, em geral, as perguntas mais comuns que se repetem em vários seminários ou palestras de apresentação da metodologia utilizada **FEEA**.

1) Qual é a diferença entre este método e os métodos convencionais?

São algumas. É crença comum que a melhor forma de aprender a falar um novo idioma acontece quando nos mudamos para o país de origem dessa língua. Nessas circunstâncias, o aprendizado da nova língua não é intelectual ou racional. O maior impacto de aprendizagem, processado fora da consciência, num "rapport" forçado por algumas semanas de exposição plena, é provocado na atmosfera mental e perceptual daquela cultura. Para a nossa compreensão, a resposta é aprender no "caos", não obstante, repito, o aprendizado real se processe fora da consciência até que as evidências se apresentem à mente consciente na forma da habilidade de abstrair os padrões de repetição e de perceber distinções. Em nossa abordagem, isso é apresentado de uma forma própria, porém, oferecendo-se a percepção consciente dessa etapa.

O segundo aspecto fundamentalmente diferente é que todos os bons falantes de idiomas estrangeiros atestam que uma pessoa somente aprende um novo idioma, de fato, quando consegue formular seus pensamentos nessa língua – a famosa habilidade de pensar naquela língua. Entretanto, nenhum desses métodos ensina como fazer isso e ainda admitem que, após a prática repetida e freqüente, essa competência se apresente de forma natural. Evidentemente, ou as pessoas conquistam a devida prática poucas vezes, ou permanecem quase "eternamente" sem falar com a qualidade adequada – mantendo o tradutor interior funcionando com regularidade. Em nosso método, aprender a pensar e sentir a outra língua é um dos pontos de partida – com método e técnica para conduzir a esse resultado desejado.

O terceiro aspecto, filosoficamente importante, é que o papel e o valor do professor é consideravelmente descaracterizado. Principalmente lembrando que muitos desses instrutores de idiomas, ou mesmo muitos bons falantes de outras línguas, nunca freqüentaram uma escola formal de idiomas. Em nossa abordagem, acreditamos que, quando as pessoas adquirem as "ferramentas e instrumentos" de aprendizagem, elas mesmas podem se orientar em seu caminho, fazendo uso de qualquer método ou material conforme pede seu melhor estilo de aprendizagem. Não obstante, aqui, o aprendiz que não assume a responsabilidade pelos seus objetivos não será avaliado ou fará provas, e seu desenvolvimento dependerá do oportuno amadurecer de seus interesses. Assim como quando vai a outro país, as verdadeiras provas são diárias e práticas!

Outra questão importante é que nesta abordagem, essencialmente com foco no aprendizado e não no ensino, o aluno tem a possibilidade de escolher por quais caminhos quer caminhar. Invariavelmente, para atingir excelência em seus objetivos, ele necessitará percorrer cada uma das etapas do caminho, desde o treinamento descontraído e informal até os necessários conhecimentos formais do idioma, tais como gramática e semântica, quem sabe até poesia e

literatura! Porém, assim como, inicialmente, uma criança aprende a falar e depois vem o resto, conforme sua necessidade e interesse (reflita: todos nós somos submetidos ao estudo de gramática, interpretação de textos e literatura e, apesar de alguns de nós atingirem a faculdade, já pude observar que, mesmo no terceiro grau, existem pessoas que conhecem muito pouco sua própria língua do ponto de vista formal). Repetindo: no processo **OLeLaS** o indivíduo pode escolher o que aprender, quando quiser ou necessitar aprender. Liberdade e flexibilidade são conceitos essenciais à aprendizagem inconsciente. Isso significa que aqui **o adulto é tratado como adulto** – não há necessidade de exercitar a linguagem concreta antes da linguagem abstrata (âmbito metafórico da comunicação). Já tendo desenvolvido o pensamento abstrato, poderá conviver com ele desde o início. Simplificadamente, este sistema possui como característica predominante e distintiva a **autonomia** do aprendiz.

2) Em que medida o método OLeLaS se relaciona com o "Aprenda Dormindo"? Ou com o "Sleep Learning"? Ou com o "Hipnopédia"?

Vamos por partes… No modelo da aprendizagem inconsciente, simplificadamente, aprender é sintetizar, sistematizar e distinguir estímulos que impactam nosso sistema mente-corpo. Assim sendo, aprendemos o tempo todo, mesmo que inconscientemente. O grande segredo, enfim, não é aprender, mas sim como resgatar esses conhecimentos adquiridos de nossa mente inconsciente, ou mais profundamente até, dos conhecimentos armazenados em nossa mente inconsciente coletiva. Esse é o assunto de muitos praticantes de autoconhecimento. Os hindus se referem a dois tipos diferentes de conhecimento humano: um deles tem vida curta, não sobrevive a um século; o outro atravessa milênios. Este último, sobre a natureza e funcionamento do ser humano, está disponível para cada um de nós, dentro de nós mesmos!

Sendo o grande segredo, então, a ativação do conhecimento apreendido (seja dormindo ou acordado), tudo vai depender das técnicas de realização dessa exploração. Em nosso sistema, as pessoas estudam línguas em estados de hiperconsciência e não de semiconsciência, como por exemplo dormindo ou no pré-sono (ondas alfa e teta).

Não conheci, até a data de publicação deste livro, alguém que falasse fluentemente outro idioma e o tivesse aprendido por esses métodos de aprendizado durante o sono. Tive uma cliente que estudou japonês com o apoio desses sistemas – segundo recomendação de sua professora de japonês. Entretanto, essa moça tornou-se minha cliente para o trabalho com a língua inglesa. Tive uma outra cliente, na academia, cuja irmã, no Chile, aprendera a falar inglês fluentemente por esse método, segundo me contou.

Técnica e teoricamente, acredito ser completamente possível. Entretanto, essas abordagens dependem de uma grande disciplina pessoal interior. Não creio que essa característica seja típica do povo brasileiro, portanto, talvez seja aí que ele falhe, pois a cada noite de estudo, deve se seguir o primeiro período da manhã de estudo e ativação conscientes, religiosamente. Esses métodos teriam tudo para ser bem-sucedidos, em minha opinião, e ser um grande sucesso de vendas. Talvez um dia ainda se tornem – porém não me parece.

Em nosso método, exceto pela complementação com os trabalhos de Sugestopedia (apreendidos em estados de consciência de padrões de ondas cerebrais alfa), eu diria que todo o sistema opera

em estados de consciência que gosto de chamar de β+ (embora não tenha realizado uma avaliação científica – apenas para distinguir dos estados de relaxamento). Consulte o **Apêndice 4**.

3) Que outros resultados devo esperar? O que devo considerar como resultados do programa? Como eu sei se deu resultados?

Os resultados relacionados à dimensão técnica do programa são, estatisticamente, os seguintes: uma melhora considerável na percepção e discernimento auditivos (em média, os participantes do seminário atestam 40% ou mais); para quem já possui vocabulário, lê e/ou escreve na língua estrangeira que quer falar, uma fluência maior da língua falada e um descompromisso com o medo de errar – o foco da comunicação se desloca para o interlocutor e não para o "tradutor interior" -, maior espontaneidade em se lembrar de palavras já aprendidas, porém há muito esquecidas, e até algumas memórias relacionadas ao idioma já estudado começam, naturalmente, a "boiar" na superfície da consciência.

Entretanto, numa dimensão mais profunda, própria da aprendizagem inconsciente, os resultados mais consistentes não são aqueles que, em uma determinada tarefa ou atividade, você pare e pense: "Ah, isso eu fiz sempre assim… Agora, depois de ler aquele livro ou participar daquele curso, aprendi e vou fazer diferente". Essas não são as constatações mais valiosas, apesar de também possuírem o seu valor. As aprendizagens mais valiosas e naturais são aquelas que percebemos no dia-a-dia, depois de fazer algo, quando nos damos conta de que fizemos de uma forma diferente e constatamos: "Puxa, eu nunca tinha feito assim… que engraçado!"

Assim, descobrir ou não resultados de aprendizagens inconscientes é como constatar que está ventando lá fora, ao observar as folhas e árvores oscilando, apesar de, estando aqui dentro, protegidos atrás de uma janela, não estarmos sentindo a pressão do vento.

Comumente, essas evidências nos serão apresentadas pelas pessoas com as quais convivemos, quando não possuímos o hábito da auto-observação (para a aprendizagem inconsciente, é essencial perceber que auto-observação é solidamente diferente de auto-policiamento; este último chega a provocar verdadeiros vícios mentais).

Os ganhos secundários mais comuns são:

a) uma melhora significativa em nossa expressividade e comunicação pessoal, se praticarmos os exercícios de ritmos e interação com maior variedade de parceiros; lembre-se, flexibilidade na comunicação também depende da variedade de oportunidades;

b) uma atenuação no nível de estresse negativo ("o mundo torna-se mais leve"); em média os participantes do seminário atestam 50% (evidentemente, esse número é bastante subjetivo);

c) um aumento de sensibilidade e percepção na interação com as pessoas;

d) algumas mudanças perceptíveis nas formas de tomar decisões: quem é muito reflexivo desenvolve uma forma alternativa mais intuitiva de decidir, assim como quem é muito impulsivo torna-se um pouco mais reflexivo e ponderado;

e) uma dinamização da criatividade, motivação, concentração, memória e a eventual descoberta de alguma característica útil;

f) uma facilidade um pouco maior de se expressar em público;

g) uma pressão natural para resolver "pendências" e tomar decisões em fase de espera, ou seja, uma estimulação nos processos de incubação de idéias e decisões.

De modo geral, esses resultados se relacionam com uma ativação dos padrões de comunicação intrapessoal. Poderíamos chamar de um incremento do Quociente Emocional ou da Inteligência Intrapessoal e Interpessoal no modelo de Howard Gardner.

4) Considerando que o seminário é intensivo, o que eu faço se surgir alguma dúvida durante o meu estudo em casa?

Avalie uma das seguintes cinco alternativas. A primeira é estudar, pesquisar e buscar as soluções na bibliografia deste programa; a segunda é meditar profundamente sobre essa questão ou dúvida e esperar uma resposta oportuna de sua mente inconsciente; a terceira é pegar o telefone ou o correio eletrônico e enviar-me essa dúvida para saber se talvez eu mesmo tenha a solução; a quarta é você criar a sua própria alternativa; a quinta, que considero a mais efetiva em resultados, é lembrar que esta é uma abordagem extremamente natural (se aproxima ao máximo da forma que uma criança aprende), portanto, busque a resposta através da observação de como uma **criança** aprende a própria língua mãe (a primeira grande língua estrangeira) e você obterá as evidências que o conduzirão à sua resposta. Lembre-se sempre, **o conceito-chave** deste método é **percepção** e **sensibilidade** – durante o programa. O resultado final possui como conceito essencial a **autonomia**.

5) Gostei muito do curso, o que eu faço depois que terminar o seminário?

Novamente, várias respostas… Com relação às habilidades e ganhos secundários obtidos, eles se estabilizarão em um patamar após uma ou duas semanas que se manterá, naturalmente, independente de muita prática. Evidentemente, existem inúmeros outros livros, caminhos e programas para continuar essa jornada.

Do ponto de vista da aprendizagem de idiomas, tenho observado que, após cada seminário, muitas vezes, formam-se grupos de estudos com o objetivo de praticar e compartilhar experiências que, durante o curso, agregaram tantos benefícios.

Nós, do Instituto, estamos empenhados em divulgar e popularizar esta metodologia que desmistifica a aprendizagem autônoma. Não obstante, em nossa sede, oferecemos as etapas de apoio e continuação do programa **OLeLaS – FEEA** conforme arquitetura básica do Sistema de Aprendizado Aberto de Línguas apresentada no **Apêndice 1**, juntamente com alguns grupos de estudos. Na Internet, mantemos alguns artigos, letras de músicas e mais informações que também podem ser obtidas pessoalmente ou por correspondência. Há também outros seminários com a aplicação desta metodologia, relacionando-se, entretanto, com outras áreas da aprendizagem. Estão principalmente incluídos nos projetos **Qualidade de Vida, *Empreendedorismo*, Instrumentos e Ferramentas Educacionais.**

6) O que faço com o curso regular ou escola de idiomas que estou freqüentando?

Esta nossa metodologia é compatível e complementar a qualquer outro tipo de curso de línguas. Entretanto, alguns conhecimentos obtidos nesta abordagem acabam por invalidar algumas práticas de ensino durante alguns estágios de desenvolvimento. Cada método disponível no mercado foi eficaz para pelo menos uma pessoa, isso é muito importante. Porém, pode não corresponder à necessidade particular ou estilo de aprendizagem de algum estudante – por isso sempre há pessoas com as quais falham.

Lembre-se sempre de que o conceito-chave é **AUTONOMIA**. Se o curso original estiver agregando resultados, o melhor a fazer é continuá-lo. Porém, se ele estiver conduzindo-o a um beco sem saída, o melhor a fazer é trocá-lo por outro. Tudo vai depender do seu discernimento.

7) O que eu faço com o meu professor de idiomas?

Há uma grande transformação em andamento em todos os setores da cultura e sociedade humanas. O futuro papel de um professor será diferente dos atuais. As pessoas, tendo aprendido a aprender, contratarão os profissionais de ensino apenas como consultores e guias no seu desenvolvimento quando, por fim, assumirem definitivamente sua real responsabilidade de "aprendedores". Observe isso em si mesmo(a): pense naquilo que você sabe fazer bem, muito bem.

Possivelmente seja cozinhar, talvez escrever, ensinar, alguma atividade técnica ou seja lá o que for. Se você tem alguma grande habilidade, analise como você a conquistou. Provavelmente, não houve um professor único que o conduziu pelas mãos o tempo todo, não. Você conquistou sua excelência buscando, explorando, praticando, experimentando e, cada instrutor no seu caminho, um professor propriamente dito, um colega ou mesmo um aluno pode ter sido co-responsável em agregar as mais variadas percepções e evidências tornadas nas peças do grande quebra-cabeça da excelência humana. Esse é o caminho do aprendiz.

Assim, a educação está finalmente entrando na era do marketing, isto é, quanto mais hábeis em aprender, mais autônomos vão ser os aprendizes. Isso criará uma grande necessidade de flexibilidade e adaptabilidade por parte dos educadores. Então, se o seu professor atual for capaz de se flexibilizar exatamente às suas necessidades, ele será um ótimo companheiro em seu caminho de aprendiz. Porém, se ele for rígido a ponto de querer que você se enquadre no método dele, então talvez seja o momento de conhecer outras opções.

8) O que é a Sugestopedia? O que é a Sugestologia? O que é a Aprendizagem Acelerada?

Sugestopedia ou Sugestologia é uma metodologia construída por um búlgaro chamado **Georgi Lozanov**, na metade do século XX. A essência dessa tecnologia é a ativação da percepção de ritmos e sonoridades que acompanham a comunicação verbal ou induzem determinados padrões de ondas cerebrais. Suas sessões de aprendizagem mais comuns são realizadas em estados de relaxamento próprios de padrões de ondas cerebrais alfa, muitas vezes induzidos por auto-sugestão e música clássica barroca ao fundo. Aprendizagem Acelerada é um conjunto de tecnologias, incluindo especialmente os trabalhos originais de Lozanov, várias pesquisas das neurociências, Programação Neurolingüística e outros. Suas principais características de rapidez

na aprendizagem relacionam-se com técnicas de ativar padrões mentais como os canais visual, auditivo e cinestésico com o objetivo de construir uma memória mais profunda e permanente própria de aprendizados com ambos os hemisférios cerebrais.

Curiosamente, apesar de as pesquisas terem indicado uma potência muito rara nos resultados de aprendizagem pela aplicação deste método de Lozanov, ele ainda é muito pouco conhecido e difundido. Consulte a **Bibliografia** para indicações de leitura e estudo. Nosso método é chamado de **Aprendizagem Acelerada** pelos resultados obtidos, porém não se relaciona unicamente com os trabalhos de **Lozanov**, exceto pelo fato de incluí-lo, como uma fase complementar, na etapa de **Conteúdo,** e de utilizar os materiais de Aprendizagem Acelerada com Música do **Lind Institute** (P.O. Box 14.487, San Francisco, CA 94.114, USA).

9) O que é a Programação Neurolingüística? O que é a PNL?

Programação Neurolingüística é o nome de uma tecnologia desenvolvida nos Estados Unidos. Seus criadores são Richard Bandler e John Grinder. Também é conhecida como a ciência da Modelagem da Excelência. Tem evoluído muito e recebido contribuições das mais diversas áreas do conhecimento sobre o comportamento. Apesar de criada e apresentada ao público na década de 70, tem suas origens nos trabalhos de vários outros cientistas e pesquisadores do comportamento humano: Milton Erickson, M.D., Gregory Bateson, Fritz Perls e Virginia Satir.

Por muitas pessoas, é considerada uma "caixa de mágicas". Inclui algumas técnicas e métodos que, originalmente, foram desenvolvidos em outras abordagens comportamentais. Creio que, essencialmente, seja uma **atitude**. Uma forma de observar a vida com os olhos, ouvidos e percepções bem abertos, tendo o intuito de identificar **o como fazer melhor**…Tem sido considerada, também, a apresentação do "Manual de Instruções" do funcionamento da experiência subjetiva humana.

Ultimamente, várias outras tecnologias têm sido apresentadas, com outros nomes, porém, nascidas a partir do estudo original da PNL. As que considero mais interessantes são a Hipnose Aplicada à Educação, Design Human Engineering (Richard Bandler), Transformação Essencial (Connirae Andreas) e New Code (John Grinder).

10) Como podem pessoas de diferentes níveis de conhecimento de línguas conviverem na mesma sala de estudos? Os grupos não deveriam ser homogêneos?

Esse é um exemplo típico de quanto o paradigma educacional antigo contaminou nossa percepção e nossa sensibilidade. Para poder considerar esta resposta, é fundamental que nos lembremos da "primeira sala de aula de línguas" em que entramos neste mundo: a nossa própria casa com nossa própria família!

Durante o processo de aprendizagem da língua mãe, consciente ou inconscientemente, os adultos que convivem neste ambiente aprendem e apreendem várias novas experiências sobre aquela língua universal que já vem "instalada" na criança. Além disso, ao aprender um idioma em um país estrangeiro, pela necessidade de interagir, se relacionar e se comunicar, os níveis de conhecimento da língua concorrem para a construção de um mosaico de experiências que serão

captadas, organizadas e sintetizadas inconscientemente e se constituirão na nossa nova identidade de falantes desse idioma.

Lembre-se sempre, quanto mais caótico é o aprendizado do idioma, mais somos induzidos a distinguir o que é fundamental do que é apenas secundário! Portanto, ao convivermos com colegas de níveis de conhecimento do idioma em estudo inferiores aos nossos, isso nos proporciona a vivência de aprendermos a nos comunicar utilizando-nos mais da comunicação não-verbal para nos fazer compreender; quando nossos colegas conhecem mais do que nós, eles têm essa oportunidade, enquanto nos oferecem suas explicações e, também, nos mostram aonde chegaremos em pouco tempo (servem de referência ou meta de desenvolvimento) – em minha opinião, são relações muito saudáveis e bem mais naturais e cotidianas.

11) Walther, você costuma dizer em seus seminários que para o bom aproveitamento do curso não importa se estivermos dormindo ou acordados, o resultado é o mesmo. Como você explica isso?

Em meus seminários eu trabalho intensamente para que meus alunos aprendam o máximo e tenham que trabalhar o mínimo possível. Porém, da minha experiência profissional, eu sei que os aprendizados mais importantes não são aqueles em que ouvimos e sabemos reproduzir exatamente o que escutamos, mas são de fato aqueles que nós incorporamos em nossas células, aqueles aprendizados que, mesmo que não saibamos dizer o que aconteceu, inconscientemente, estejam funcionando melhor.

Eu também sei que, se nossa consciência estiver ou não sendo deslocada para algum ambiente de devaneio ou mesmo descanso consciente, isso não significa que o inconsciente não esteja captando todo esse conhecimento em outras dimensões. Lembre-se, para nossos objetivos importa responder àquela pergunta: “Como escolhemos o que perceber, no que pensar ou do que se lembrar?”.

Admite-se que não devemos esperar ou exigir uma retenção de mais de 15% de uma palestra discursiva, exceto quando utilizada metodologia recursiva, exercícios e experiências práticas ou mesmo a cópia manuscrita propriamente dita. Considerando ainda que o aprendizado profundo ou integral, além de experiencial, deverá ser concluído, finalmente, nos momentos de estudo, pesquisa, meditação e reflexão a respeito do assunto, então, para cada presente em uma aula não será tanto desperdício dormir (se fosse isso que acontecesse, na verdade), de fato!

Mais do que isso, o tipo de “sono” que se apresenta em uma sala de aula, muito, muito raramente, é aquele que vivemos durante a noite, ao dormir – são de fato outras freqüências cerebrais. A grande maioria das vezes são transes mais ou menos profundos, de acordo com as nossas necessidades inconscientes. Num caso extremo, se as pessoas realmente estivessem dormindo o sono fisiológico, ainda assim consideraria duas hipóteses: não teria certeza se, nesse estado particular, não seria possível aprender (não gosto de acreditar em limites); e supondo que não fosse possível aprender nesse estado, certamente, o cansaço e o estresse que induzissem um participante ao sono profundo, em uma sala de aula, hierarquicamente, são condições que lhe limitariam a capacidade de aprendizagem mesmo que estivesse de olhos abertos lutando contra o sono. Portanto, se foi somente durante o seminário que tal pessoa encontrou uma oportunidade para dormir, sábia e inconscientemente, não serei eu que terei coragem de contrariar essa

disposição. Eventualmente, como já aconteceu, se eu constatar que não houve aproveitamento, convidarei esse participante para uma outra turma.

12) Como você explica a incongruência de ter um compromisso visceral com números e exigir resultados em números e, ao mesmo tempo, nos mostrar a experiência do fluir dos tempos Chronos e Kairós.

Já há muitos anos eu aprendi a conviver com essa tensão, que você está chamando de incongruência. Eu percebo que ambas as dimensões coexistem dentro de mim. Até porque, eu tive uma formação muito cartesiana em termos educacionais, típica da cultura ocidental e, em outras fases da minha vida, tive um contato muito íntimo com a cultura oriental, que é basicamente do hemisfério cerebral direito: a própria escrita é ideogrâmica, não é uma escrita linear e lógica como a nossa.

Isso é a própria natureza da **Hipnose Aplicada à Educação**. Cada uma dessas extremidades opostas, ao interagirem entre si, provocam tensões que têm importância inimaginável para se chegar a níveis de percepção e síntese, talvez, ainda não imaginadas. Dentro da nossa cultura, isso foi chamado de dialética: **a síntese coordena as tensões entre tese e antítese**.

De fato, o hemisfério cerebral esquerdo tem um estilo mais racional e lógico de processamento, porém, isso não equaciona, nem soluciona, muitas das questões de nossa vida. Isso me conduziu a desenvolver as habilidades correspondentes “ao outro lado”, não-lógico e não-linear. Muitas vezes, para responder a uma pergunta apresentada de forma linear, dava uma volta maior, para que aquele que tivesse formulado a pergunta tivesse a resposta por “insight”. Para os demais presentes, minhas respostas não faziam sentido – por isso conquistei a fama de não responder a perguntas, ou até de enrolar nas respostas. Somente quem perguntava chegava, por introvisão, à resposta.

Enfim, quando decidi me tornar canhoto, não deixei de ser destro. O mais interessante foi ter me tornado ambidestro!

13) Qual é a diferença entre uma introspecção hipnótica e um relaxamento?

Acredito existir um mito sobre hipnose: associá-la a estados de sono! Por isso, comumente prefiro utilizar uma conceituação mais ampla sob o nome de Estados Alterados de Consciência em Aprendizagem ou, como tenho utilizado, F**lexibilização de Estados de Excelência em Aprendizagem - FEEA**. Soube recentemente que Airton Senna, corredor brasileiro, fazia treinamento hipnótico. Mike Tyson, boxeador, luta completamente hipnotizado (diria, até, alucinado). Hipnose não significa, necessariamente, relaxamento. Não obstante, muitas práticas hipnóticas e hipnoterapêuticas são realizadas nesses estados de consciência. Artes marciais de alto nível também são praticadas em estados alterados de consciência (prefiro chamar de estados incomuns de consciência, pois a denominação “alterados” só é apropriada para novos estados, ainda não estabilizados e apreendidos (caso contrário, são apenas “outros” estados), assim como não chamamos o sono de estado alterado, e sim, estado de consciência).

14) Alguns dos exercícios que nos foram propostos tratam de telepatia?

Eu não apresentaria assim… Existe muita mistificação na aprendizagem. Quantas vezes você não teve uma experiência curiosa de sintonia com outra pessoa e brincou dizendo que era telepatia… Eu prefiro afirmar que é dessas "coisas" que se constitui a comunicação humana. Lembro-me de uma história que li há muitos anos: um antropólogo pesquisador perguntou a um indivíduo, pertencente a uma cultura tribal de um povo autóctone da América Central, por que se aproximava de uma determinada árvore para se comunicar com um outro membro daquela comunidade que viajara para longe. A resposta foi muito feliz: "É que nós não temos telefones aqui!".

Não cabe a mim julgar conhecimentos disseminados pela maior parte das culturas humanas somente por não terem sido ainda apresentados pela ciência formal. Para todas essas outras culturas não é nada de estranho e talvez nem tenha um nome diferente de comunicação!

Há ainda mais curiosidades que acabaram por plantar questões existenciais em mim. Digo assim por acreditar que uma pergunta sem resposta é, talvez, infinitamente mais valiosa para a criatividade inconsciente. Principalmente se disser respeito aos muitos interesses mais profundos de cada indivíduo. Faça uma experiência: concentre-se em uma pergunta e dirija-se a uma pessoa para conversar, despretensiosamente.

Escolha perguntas simples no início e não formule verbalmente essas questões. Também não conduza a conversa intencionalmente para aqueles assuntos. Não é necessário, basta manter uma pergunta em mente. Apenas observe se, informalmente, você obtém respostas ou orientações para as respostas a sua pergunta. Pratique, é mágico! Tive uma amiga que, posso dizer, colocava palavras na minha boca! Albert Einstein dizia que a única coisa que não queria perder em sua vida era a capacidade de se surpreender. Isso mesmo, maravilhar-se! Também acreditava que imaginação vale bem mais que conhecimento. Experimente e tire suas próprias conclusões!

15) Onde as pessoas aprendem tantos limites e bloqueios em relação a aprender uma nova língua?

Essa é uma longa história… Primeiramente, nossa cultura nos oferece essas aprendizagens (bloqueios), insistentemente, ao longo de nossa educação formal – a isso eu chamo o longo processo de sociabilização, que, para nossa sobrevivência como indivíduos, é extremamente importante de ser conquistado, ou seja, escolhemos aceitá-los e aprendê-los inconscientemente. Em segundo lugar, diferente dos países europeus ou mesmo das regiões de fronteira de nosso país, necessitamos apenas de nossa língua para nos comunicar, por um longo período.

Além disso, tomei conhecimento de que, quando a língua inglesa chegou ao Brasil, mercadologicamente, foi adotada uma estratégia de se formar uma grande quantidade de professores que permitisse sua disseminação mais generalizada – para que fosse possível expandir sua importância e, necessariamente, sua fontes. Muitos que se especializaram nessa profissão de instrutores de inglês acabaram por preterir a habilidade de falar em troca do conhecimento intelectual e analítico de gramática, semântica, leitura e compreensão de texto etc.

Por último, pelas minhas observações, arriscaria dizer que talvez 70% dos professores de línguas de 1º e 2º graus não falam o idioma que ensinam. Sabem ler, escrever, sabem o som das palavras, seguir livros-texto, corrigir provas, mas não falam fluentemente. Isso somente ficou evidente

porque, entre meus clientes, alguns eram professores de línguas e não as falavam. Entre outros instrutores que me procuram, a maioria está interessada em atualização de tecnologia de ensino, mas há aqueles que precisam realmente da fluência na língua. Como pode então, alguém que nunca se utilizou daquele idioma para se comunicar verbalmente, saber o que é relevante ou como ensinar alguém a falar? Há quem diga que esses conhecimentos se constituem numa base sólida para aprender a falar. Eu diria que existem caminhos muito mais econômicos, curtos, fáceis e agradáveis para obter resultados até melhores.

16) Não consigo ver cenários. Não tenho ritmo. O que eu faço?

Sugiro que **não** acredite em nenhum desses limites, mesmo que eles tenham sido apresentados por sua percepção consciente. Em nosso modelo de compreensão da mente humana, muitas coisas estão acontecendo simultaneamente, mesmo que não estejamos conscientes disso.

Portanto, sempre que alguém tenta me convencer de que não tem ritmo, secretamente penso que essa pessoa não está dizendo a verdade, e nem sabe disso. Para cada ser humano, ritmo é a única constante; pense bem, possuímos ritmo cardíaco, ritmo respiratório, ritmo de atividade e descanso, ritmo de alimentação, ritmo de caminhar, de digestão e excreção, de movimentos, de piscar os olhos, de leitura, de fala etc… Se, entretanto, alguém se referir especificamente à dificuldade de acompanhar ritmicamente uma música com o próprio corpo, ah!… Isso é só uma questão de um pouco de prática para trazer à consciência tais percepções. Quanto a outros possíveis limites, convido você a consultar o **Apêndice 5**.

17) Especificamente falando sobre os exercícios de ritmos propostos, por que temos que bater palmas? Não pode ser somente com os pés ou corpo?

No futuro, certamente sim. Entretanto, sugiro que, inicialmente, se utilizem das palmas ou estalar dos dedos. Algum aprofundamento dos porquês você obterá no livro **"Consciência pelo Movimento"**, citado na **Bibliografia**. Numa explicação breve, observe que a sensibilidade tátil das pontas de seus dedos, ou mesmo de suas mãos, é muito maior que a sensibilidade tátil de qualquer outra parte do seu corpo, exceto, talvez, da sua língua.

Essa estimulação inicial nas mãos proporciona uma quantidade maior de estímulos nervosos sensores. Como a enervação motora das mãos e braços também é maior, a quantidade de estímulos nervosos motores também será maior. Tanto para a automatização e síntese desses aprendizados quanto pela interferência que provoca nos processos automáticos de formulação da linguagem, quando coordenamos estes dois universos, necessitamos disso para construir e instalar um novo código lingüístico que flua naturalmente como uma alternativa de expressão; as palmas são apenas um artifício para localizar um caminho inconsciente mais curto para obter esses resultados naturalmente.

18) Ainda sobre os exercícios, devo utilizar sempre aquele roteiro proposto?

Não!!! Ele é apenas um dedo apontando o caminho. Nunca o confunda com o próprio caminho! O roteiro ou estratégia formal serve apenas para estimular nossa percepção e nossa mente inconsciente a funcionar de uma determinada forma. No futuro, quando tudo já for natural, a

única etapa essencial é a **"PIZZA"**. Todas as outras estarão funcionando automática e naturalmente.

O sistema de aprendizagem de idiomas apresentado neste livro não é uma "mágica". Será necessário que o interessado em falar outras línguas invista um certo tempo na conquista dessa habilidade. Entretanto, creio que no futuro realmente parecerá mágica! Naturalmente, para aquelas pessoas que se interessam ou necessitam dessas competências.

Até que tais possibilidades sejam apresentadas para o grande público, as "ferramentas" aqui presentes certamente auxiliarão a encontrar alguns atalhos para a fala fluente de outros idiomas.

Todo este trabalho está sustentado por conceitos relacionados à Aprendizagem Inconsciente. Esta é uma abordagem muito mais natural do desenvolvimento humano: utilizarmos possibilidades que já integram nossa natureza.

Como já comentei, esta obra foi empreendida por um explorador. Espero que este método sirva para a maior quantidade possível de pessoas. Para outros pesquisadores, que seja um "trampolim" ou um tapete que os conduza a novas descobertas e elaborações.

A essência do programa é aproveitar o potencial e a capacidade de nossa mente inconsciente tanto de aprendizagem quanto de síntese. Naturalmente, o acesso a essas dimensões tem estado escondido para a maioria dos seres humanos, embora disponível todo o tempo. Quem sabe neste final de milênio a ciência e o conhecimento tenham alcançado o estágio que nos permitirá resgatar parte desses tesouros.

A natureza circular da linguagem tinha como principal finalidade criar uma atitude adequada para essas prospecções, descobertas e percepções. A consolidação das crenças e sentimentos necessários para o amadurecer desses processos de reencontro (consciente e inconsciente) se dará mais rápida ou lentamente conforme nossas necessidades mais íntimas. Seja numa dimensão individual ou mesmo numa dimensão coletiva.

CONCLUSÕES DO AUTOR

Nesse contexto, esta obra não foi escrita por um indivíduo… Foi escrita por uma época, por determinadas necessidades e objetivos. Terá sua utilidade, mas, como todas as outras de natureza técnica, um dia será anacrônica. Pensando assim, agradeço à Providência a oportunidade de presenciar sua concretização.

Os resultados mais valiosos esperados pelos leitores possivelmente sejam representados por maior efetividade em seus investimentos na aprendizagem de idiomas. Seja como um "lubrificante", seja como uma metodologia a ser utilizada no aprendizado de várias línguas estrangeiras.

Não obstante, minha esperança enquanto autor (co-autor ou apenas redator?) inclui uma dimensão bastante mais ampla de resultados: contribuir para que uma nova atitude se desenvolva em ralação a uma educação de um futuro. Que seja o melhor de todos os futuros!

Quando defini a arquitetura deste livro, incluí como último capítulo as conclusões. Não entendia, porém, por que não conseguia escrevê-lo. Hoje, ao redigir este texto, encontrei a resposta: num livro como este, as conclusões somente podem pertencer aos leitores! Por essa razão, somente consegui escrever isto que chamo de conclusões do autor. As verdadeiras conclusões somente poderão ser registradas pelos leitores.

Enfim, foi uma decisão difícil optar pela publicação que não incluísse inúmeras críticas e comentários de pessoas que quiseram contribuir para uma melhor qualidade no estilo, inteligibilidade e precisão do texto original. Aqueles comentários, para serem incluídos todos, atrasariam a edição em talvez seis meses ou mais. Eventualmente, uma próxima edição, revista e reorganizada, possa incluir todas essas contribuições. Nessa medida, as suas contribuições como leitor serão muito úteis, quer sejam comentários, fontes de dados mais precisas, novas evidências ou críticas.

Algumas das premissas e exercícios deste método, em filosofia do aprendizado, já foram apresentados em outro livro: **"O SALTO DESCONTÍNUO – Novos Caminhos do Conhecimento".** Não seria possível repeti-las todas. As mais importantes, de fato, são reapresentadas, eventualmente, com outras vestes (porém, as estruturas isomórficas se mantêm – entenda-se, por esse termo, que apesar das metáforas possuírem enredos e cenários aparentemente diferentes, seus conteúdos e significados profundos se equivalem). Se for do seu interesse consultar o outro livro, perceberá que a atmosfera e as impressões básicas são semelhantes: essencialmente, estamos utilizando uma linguagem circular, falando sobre aprendizagem inconsciente, confiança na mente inconsciente, desenvolvimento de percepção e sensibilidade e, finalmente, ativação de estratégias e recursos que tornem a criatividade e a habilidade de expressão "afinadas e à altura do seu coração".

Além disso, minha consciência transita por muitos caminhos diferentes durante as inúmeras horas de estudos, leituras e seminários. Muitas e muitas vezes acabei por aprender coisas e, no entanto, não identifico exatamente as fontes. Por isso, de imediato, quero dizer que apenas ocasionalmente consegui relacionar de onde provieram determinadas informações, frases, citações etc. Quero

deixar, assim, firmado que o restante, em princípio, pode ter sido captado de um ou mais de meus mestres, professores ou clientes. Ao consultar a bibliografia, isso ficará bastante evidente.

O Programa de Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras é um treinamento de desenvolvimento de estratégias e recursos de comportamento criado a partir de pesquisas interdisciplinares e proposto como um novo empreendimento rumo à educação do século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tantos avanços de nossa tecnologia, filosofia, ciências etc., parece que a educação, finalmente, também será bastante diferente nas próximas décadas. Construa uma fantasia de como será o futuro e, provavelmente, você também saberá que os métodos de ensino e aprendizagem serão bastante diferentes: para um mundo melhor, no qual as máquinas trabalharão para os seres humanos e o trabalho será mais honrado, é bem possível que os indivíduos pensem, sintam e sonhem diferente.

Neste programa, portanto, querendo antecipar um futuro onde as pessoas se responsabilizarão pelos próprios sucessos e insucessos e suas aprendizagens, uma habilidade fundamental será o autodidatismo, necessário para conviver e escolher o que aprender dentro de um universo cuja quantidade de informações será astronômica e crescente. Talvez seja a Era da Intuição.

Nessa época, então, talvez os conteúdos dos processos de aprendizagem sejam simplesmente escolhidos pelas pessoas como uma tarefa simples. Algo como decidir o que comprar nas prateleiras de um supermercado. E na escola, se existir um lugar aonde as pessoas irão em grupos para aprender, acredito que irão para se relacionar, aprender a aprender, aprender a escolher e desenvolver suas sensibilidades.

Este projeto é, portanto, a materialização parcial de um sonho sobre dias e tempos melhores. Aprender uma língua em especial passa a ser secundário ou, somente, um resultado agregado ao desenvolvimento do potencial criativo e expressivo do ser humano.

Se, de fato, existem pessoas que se expressam em outros idiomas e fazem isso sem ter se esforçado para adquirir essa habilidade, então essa “ferramenta” de como aprender natural e espontaneamente deve ser mais valiosa do que simplesmente a língua escolhida.

Ensinar ou resgatar o como aprender mais rápido, mais fácil e mais agradavelmente é a principal missão deste empreendimento. A língua? De fato, um resultado, talvez, muito objetivo, porém, menos importante do que expressar o real potencial criador humano.

BIBLIOGRAFIA

Bob Toben & Fred Alan Wolf – “Espaço, Tempo e Além” – Cultrix.

Carol S. Pearson – “O Despertar do Herói Interior” – Pensamento.

Carol S. Pearson – “O Herói Interior” – Cultrix.

Colin Rose – “Accelerated Learning” – Accelerated Learning Systems Ltd.

Connirae Andreas & Tamara Andreas – “Transformação Essencial” – Summus Editorial.

Dudley Lynch & Paul L. Kordis – “A Estratégia do Golfinho” – Cultrix/Amana.

Ernest Laurence Rossi – “A Psicobiologia de Cura Mente-Corpo” – Editorial Psy II.

Ernest L. Rossi – “The Symptom Path to Enlightenment” – Palisades Gateway Publishing.

Fernando Pessoa – “Ficções do Interlúdio/1” – Editora Nova Fronteira.

Fritjof Capra – “O Ponto de Mutação” – Cultrix.

Fritjof Capra – “O Tao da Física” – Cultrix.

Fritjof Capra – “A Teia da Vida” – Cultrix & Amana – Key.

George Land & Beth Jarman – “Ponto de Ruptura e Transformação” – Cultrix.

Gordon Dryden & Jeannette Vos – “Revolucionando o Aprendizado” – Makron Books.

Howard Gardner – “Estruturas da Mente – A Teoria das Inteligências Múltiplas” – Artes Médicas.

Howard Gardner – “Inteligências Múltiplas” – Artes Médicas.

Howard Gardner – “A Nova Ciência da Mente” – EDUSP.

Idries Shah – “Os Sufis” – Cultrix.

Jay Haley – “Terapia Não Convencional” – Summus Editorial.

Jeffrey Zeig – “Seminários Didáticos com Milton H. Erickson” – Psy Editorial.

Joseph Campbell – “O Herói de Mil Faces” – Pensamento.

Joseph Campbell – “Para Viver os Mitos” – Cultrix.

J. O’Connor & J. Seymour – “Introdução à Programação Neurolingüística” – Summus Editorial.

Joseph O’Connor e Ian McDermott – “PNL e Saúde” – Summus Editorial.

Linda Lloyd – “Classroom Magic” – Metamorphous Press.

Linda Verlee Williams – “Teaching for the Two – Sided Mind” – Touchstone Book/ Simon & Schuster.

Michael Talbot – “O Universo Holográfico” – Editora Best Seller.

Milton H. Erickson, Ernest L. Rossi & Sheila L. Rossi – “Hypnotic Realities” – Irvington Publishers.

Milton Erickson, M.D. & Dr. Ernest Rossi – “O Homem de Fevereiro” – Editorial Psy.

Moshe Feldenkrais – “Consciência pelo Movimento” – Summus Editorial.

Nancy Margulies, M.A. – “Mapping Inner Space” – Zephyr Press.

Nelson Spritzer, Dr. – “Pensamento e Mudança” – L&PM Editora.

Paul R. Scheele – “Fotoleitura” – Summus Editorial.

Peter Senge – “A Quinta Disciplina” – Editora Best Seller.

Peter Senge e outros – “A Quinta Disciplina – Caderno de Campo” – Qualitymark.

Richard Bandler, Dr. – “Hypnosis as an Application of NLP” (apostila de Seminário/ March 1.996) – The First Institute of Neuro-Linguistic Programming & Design Human Engineering.

Richard Bandler, Dr. – “Magic in Action” – Meta Publications.

Richard Bandler, Dr. & John Grinder, Dr. – “Sapos em Príncipes” – Summus Editorial.

Richard Bandler, Dr. – “Time for a Change” – Meta Publications.

Roberto Lira Miranda – “Dominando os Poderes da Mente” – Makron Books.

Rodolfo Lepri – “A Arte da Liderança” – Odisseus.

Roger Von Oech – “Um Chute na Rotina” – Cultura Editores Associados.

Roger Von Oech – “Um Toc na Cuca” – Livraria Cultura Editora.

Rousseau L. Castello Fº. & M. Aguiar – “Aprendizagem Acelerada” – Editora Gente.

Ruy Cézar do Espírito Santo – “Pedagogia da Transgressão” – Papirus.

Ruy Cézar do Espírito Santo – “O Renascimento do Sagrado na Educação” – Papirus.

Sidney Rosen – “Minha Voz Irá Contigo – Os Contos Didáticos de Milton Erickson” – Psy Editorial.

Sheila Ostrander & Lynn Schroeder – “Superaprendizagem pela Sugestologia” – Record.

Steve Andreas & C. Faulkner – “PNL – A Nova Tecnologia do Sucesso” – Editora Campus.

Terry W. Webb & Douglas Webb – “Accelerated Learning with Music” (Trainer’s Manual) – Acelerated Learning Systems.

Tom Chung, Dr. – “Qualidade Começa em Mim” – Maltese.

Tony Buzan – “Use Both Sides of Your Brain” – Plume.

Walther Hermann – “O Salto Descontínuo” – edição do autor.

SOBRE O AUTOR

Walther Hermann nasceu em maio de 1.962 em São Paulo – Capital. Filho de pai alemão e mãe brasileira (filha de pai baiano com mãe descendente direta de europeus – alemão, austríaco e húngaro). É educador de profissão, embora tenha quase toda a sua formação acadêmica em ciências exatas, tendo iniciado sua experiência profissional no ensino do tênis enquanto cursava a faculdade. Durante o desenvolvimento competitivo desse esporte, iniciou em 1.978 suas primeiras experiências com o estudo e prática da hipnose (relaxamento, mentalização, visualização e auto-sugestão), embora, nessa época, ainda detestasse a palavra hipnose e não soubesse que suas próprias práticas faziam parte dessa ciência – puro preconceito induzido pelo desconhecimento generalizado e associado às observações da hipnose de palco.

Apesar de não ter se tornado tenista profissional como ambicionava, era um obcecado por esse esporte – praticava com critérios próprios de uma abordagem muito dura e pouco respeitosa de suas condições físicas e suas próprias necessidades. Em 1.983 iniciou sua prática de Tai Chi Chuan. Três anos mais tarde, reavaliando toda a sua abordagem do ensino do tênis, a partir das experiências com Tai Chi, iniciou a construção do método de aprendizagem Hermann's Light Tennis.

Cursou várias faculdades diferentes, porém, não as concluiu: Engenharia (FEI), Filosofia (PUC-SP), Geologia (IGUSP), Física (IFUSP) e Matemática (IMEUSP); tendo permanecido quase nove anos no meio acadêmico, onde chegou a desenvolver pesquisa científica (com uma bolsa de iniciação científica da FAPESP) na área de mineralogia.

No contato com o Tai Chi Chuan e interesse pessoal pelo estudo comparado de religiões, aproximou-se consideravelmente da mentalidade oriental. Treinou e aprendeu Tai Chi (quase três anos) com o Dr. Chen Guo Suo e I Chuan (sete anos) com o Sr. Wang Te Chang. Lecionou Tai Chi na Associação Paulista de Tai Chi Chuan de 1.987 até 1.991. Acompanhou como participante e monitor as práticas de ensino em instituições, tais como: Banco Europeu, Banco América do Sul e TELESP Clube. Em 1.992, estimulado por sua futura sócia, Dra. Cristiana Scala, começou a investir mais efetivamente numa nova empresa: **MOVEMENT – Excelência no Esporte**, para consultoria e assessoria em produtividade no esporte (Psicologia do Esporte). Dessas experiências, criaram, finalmente, um seminário experiencial (Outdoor Training) para executivos, chamado **"O Gerente como Instrutor"**, com a finalidade de instrumentalizar e proporcionar conhecimentos práticos sobre facilitação de aprendizagens em ambientes caóticos (reais).

Continuando e aprofundando seus estudos em Hipnose e Programação Neurolingüística, tornou-se palestrante fora do ambiente do esporte ao construir um primeiro programa de treinamento chamado "Mudança de Atitude e Desenvolvimento de Criatividade", de caráter essencialmente empreendedor, em 1.995, graças às suas experiências no mundo dos pequenos negócios e seu contato e convívio com cursos e seminários de vocação empreendedora no SEBRAE-SP.

Após iniciar seus estudos básicos de música em 1.994 (piano e bateria) no Espaço Musical, tendo o Sr. Ricardo Breim como supervisor, aproveitou esses aprendizados tanto para complementar sua metodologia de ensino de tênis quanto para agregar subsídios para a construção do seminário de Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras que deu origem a este livro.

Atualmente, além de continuar como instrutor de tênis (com uma especialidade em ensino de adultos de uma forma mais inteligente e natural e, também, recuperação de tenistas e atletas com lesões esportivas e tendinites crônicas – porém, mantendo essa qualificação apenas por prazer e esporte), é palestrante, consultor de empresas, educador, hipnólogo e escritor. Gosta de se definir profissionalmente como **Arquiteto do Aprendizado**, qualificação que, concluiu, é mais fiel em descrever aquilo que faz realmente. Dirige ainda **o Instituto de Desenvolvimento do Potencial Humano**, empresa de consultoria e assessoria educacional que distribui livros de assuntos relacionados às suas pesquisas e também faz "personal training", além de alguns eventuais atendimentos e consultorias pessoais em **Soluções Criativas e Planejamento Pessoal**.

Sobre o IDPH

É uma empresa de pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias educacionais e de aprendizagem. Atualmente atua em quatro segmentos principais:

- **Idiomas** com o programa **OLeLaS – FEEA** (Instrumentalização, Conteúdo, Ativação e Convivências Estrangeiras);
- **Qualidade de Vida** com os seminários "Percepções", "O Caminho do Meio", "Aprendendo a Aprender (outdoor training)", "Gerenciamento do Estresse" e "Momentos de Transição";
- **Empreendedorismo** com os programas "Motivação e Espírito Empreendedor", "Criatividade Inconsciente", "Excelência em Exames, Concursos e Processos Seletivos" , "Marketing Pessoal, Expressão em Público e Vendas" e "O Gerente como Instrutor";
- **Instrumentos e Ferramentas Educacionais** com os programas "Fotoleitura", "Programação Neurolingüística" e "PEI – Programa de Enriquecimento Instrumental".

"O SALTO DESCONTÍNUO – Novos Caminhos do Conhecimento"

Walther Hermann (edição do autor)

"O SALTO DESCONTÍNUO – Novos Caminhos do Conhecimento" é a edição em forma de livro de um conjunto de artigos, ensaios e reflexões a respeito do atual rumo do conhecimento e da educação.

Numa civilização em que a quantidade de informação cresce assombrosamente a cada dia, com um mercado editorial em franca expansão, multimídia etc., as pessoas poderão começar a utilizar-se de novos recursos de leitura e aprendizagem para lidar com a Era da Informação.

Selecionar as informações e conhecimentos úteis e, de antemão, descartar os inúteis, é uma capacidade de nossa mente não-consciente naturalmente utilizada pelo processamento do nosso hemisfério cerebral direito (essas habilidades são pouco estimuladas pela nossa cultura racionalista). Esse tipo de processamento é freqüentemente associado à criatividade, intuição e percepções de informações em meios descontínuos, ou seja, aparentemente caóticos.

Este livro contém reflexões a esse respeito. Também a respeito de motivação, criatividade, comunicação, aprendizagem e mudanças de percepção. Numa linguagem informal e descontraída, são ainda propostos exercícios de sensibilidade e discernimento.

“O Salto Descontínuo” diz respeito a uma forma de percepção que não é o entendimento: o sentimento, a impressão subjetiva. Na verdade, isso concorre para orientar grande parte das tomadas de decisão das pessoas – seja na escolha de compra ou de objetivos pessoais.

Este livro pontua percepções do autor e, naturalmente, remete os leitores à reflexão, graças ao uso de uma linguagem cuja estrutura está baseada na experiência subjetiva, porém universal, das representações internas (assim como os sonhos ou os símbolos).

“O Salto Descontínuo” é a mudança no tipo de processamento cerebral do hemisfério esquerdo para o direito e sua posterior integração. A verdadeira transformação é qualitativa, e não quantitativa. Outros modelos, como o quociente de inteligência emocional ou as Inteligências Múltiplas, percorrem outros caminhos para abordar processos semelhantes.

O livro tem prefácio do Sr. Celso Varga, na época Presidente do Conselho de Administração do Grupo de Freios Varga e presidente de várias associações de vocação empreendedora, e foi lançado no dia 7 de dezembro de 1.996 em um evento denominado Feira de Criatividade, realizado em uma academia de Tênis.

Telefones para contatos 262-2877 e 214-0147, além dos endereços virtuais na Internet: **www.idph.com.br** e e-mail: **potencial.humano@idph.com.br**.

DEPOIMENTOS

Esta é uma parte do livro em que incluímos alguns depoimentos selecionados entre aqueles apresentados por escrito. Como será evidente, nem todos os participantes do programa **OLeLaS – FEEA** atingem exatamente os mesmos resultados diretos. Minha intenção de apresentar alguns destes depoimentos é enfatizar a natureza múltipla dos resultados associados à percepção de que, no universo da realização humana, muitos fatores podem concorrer para a conquista do sucesso em suas metas ou planos. Como exemplo disso, sem possuí-lo por escrito, entretanto, lembrei-me do depoimento de um cliente de Marília-SP que, na época, ao final do seminário, disse para todos os presentes algo como o seguinte:

"Eu vim para este seminário pela minha empresa. A finalidade era me proporcionar o aprendizado de idiomas mais rápido. De fato, em relação especificamente às línguas, eu não consegui me concentrar totalmente nesse objetivo, pois já, há algum tempo, estava vivendo sérios problemas de relacionamento conjugal. Neste final de semana, com a ajuda do curso, sinto que resgatei meu casamento. O clima, em casa, mudou, isso tirou um peso da minha vida... Eu já planejava timidamente uma separação, as coisas estavam insustentáveis. Pensando nisso, desocupou um "espaço" tão grande dentro de mim, que agora sou capaz de aprender qualquer coisa!"

As palavras não são precisas, essa ocasião foi em julho de 1.997, mantenho apenas uma lembrança das circunstâncias. Curiosamente, um cego acaba por desenvolver mecanismos de compensação, hipertrofiando os outros sentidos, ampliando sua percepção auditiva e tátil amplamente; uma pessoa que não possua suas pernas em ótimo funcionamento acaba ficando muito forte nos músculos do tórax e braços, quando se utiliza de muletas. No universo da flexibilidade e adaptabilidade humanas, muitos fatores conjugam-se em diferentes quantidades para a consecução de seus objetivos.

Acredito que numa mudança de atitude ou comportamento, sistêmica e saudável, a reorganização interna é condição básica para sustentar as mudanças decorrentes nos âmbitos objetivo e prático. Tenho observado isso, já há muito tempo, na dimensão da aprendizagem de gestos, movimentos e novos padrões motores. Uma reconstrução de um depoimento, como o apresentado, me faz concluir que estou seguindo na direção certa, pois "...muitos caminhos levam a Roma". Seguem-se, então, alguns depoimentos:

"Fui convidada a fazer o curso de 'Aprendizagem Acelerada de Línguas'. Inicialmente, a tentativa era melhorar minha vida profissional – aprendendo técnicas para falar inglês –, mas fui surpreendida quando encontrei minha energia interior, meu senso individual de missão no mundo e, através da intuição e da percepção adquiridas no curso, despertei de um estado de torpor. Um ano já se passou desde aquele encontro no curso 'Aprendizagem Acelerada de Línguas', onde aprendemos a acessar nosso inconsciente através de algumas técnicas aplicadas pelo Walther, que passo-a-passo ia nos dirigindo para o inconsciente em busca dos desbloqueios, do lado adormecido, mas cheio de sabedoria... improdutiva. No período em que fiz o curso, lembrei que as experiências das outras pessoas nos ensinaram muito. Fiquei prestando atenção nos meus colegas de curso e vi claramente quanto potencial cada um de nós temos e nem sabemos, ou

sabemos e não usamos. Por quê? Por medo? Medo não é a palavra certa para se usar. Essa palavra 'não existe', ela nos foi imposta como forma de justificar um sentimento obscuro (hoje posso afirmar que o Walther tinha razão, mas confesso que é muito difícil quebrar esse paradigma)."

Srª. Kátia Regina Monteiro

"Falar do curso do Walther é muito especial porque entra-se esperando algo e colhe-se quase tudo que se esperava e muito mais. Principalmente uma nova visão do funcionamento do 'eu' ao aprender e me comunicar, não só em língua estrangeira. Se você tiver um ou mais objetivos a obter ao iniciar o curso, esteja certo de que os obterá e terá ainda muitos outros satisfeitos como presente. Meu conselho é que você seja 'guloso' e vá com muitos objetivos em mente. Eu tive surpresas muito agradáveis e venho obtendo respostas ainda hoje (um ano após o seminário), que sei que foram plantadas durante o curso e só agora estão maduras para colher"

Sr. Amir Zoschke

"O curso foi muito amplo, ele não atingiu apenas os objetivos específicos, como melhorar o entendimento da língua estrangeira, mas resgatou muita coisa arquivada e esquecida na memória, como por exemplo, reativou a confiança em mim mesma e a vontade de vencer meus próprios limites.

Em suma, o curso levou-me a me observar melhor, ampliou a minha capacidade de percepção e de acreditar mais no meu próprio potencial. A vida nos leva aonde nós nos colocamos e somos os autores de nossa própria história. O curso passou rápido demais, eu ficaria muito mais tempo ouvindo, apreciando e aprendendo. Você é muito carismático e tem o dom de 'convencer'. Resultados (em números, como vocês gostam):

Inglês: melhorou a percepção auditiva em mais ou menos 80%;

Comunicação na língua inglesa: ainda não testei;

Dia-a-dia, mais leveza na rotina diária;

Pessoal: maior contato com os familiares e passei a observá-los mais e descobri coisas fantásticas;

Maior motivação no dia-a-dia;

Sonhei em inglês;

Já dei o primeiro passo para algumas mudanças que vinha protelando e agora é só aguardar os resultados.Segue também uma frase do Victor Hugo, de que eu gosto muito: 'Nada é mais tolo do que vencer, a verdadeira glória é convencer!'"

Srª. Zilda Iraci de Medeiros

“Eu percebi que nós podemos ser treinados para funcionar em freqüências cerebrais mais baixas, mais energéticas e mais estáveis, contribuindo não apenas para as pessoas se tornarem receptivas às informações, mas indicando também que cérebros, mente e inteligência funcionando nesses níveis possuem um tremendo potencial para formular soluções de problemas e aprender.

As mudanças apareceram de imediato, a minha audição aumentou 30%. O que mais me surpreendeu foi a concentração, que melhorou muito, passando para 60%. Hoje eu consigo separar as palavras de uma música cantada em inglês, permitindo melhor entendimento da língua inglesa.”

Srt[a]. Osiane de Sousa Rios

“Foi um momento muito gostoso e gratificante fazer o curso do Walther (Aprendizagem Acelerada de Línguas Estrangeiras), ele me surpreendeu desde o início com a sua forma especial e profissional de apresentar o curso. No final me senti mais leve e percebi que algo de bom tinha acontecido nos níveis inconsciente e consciente. No nível consciente, algumas crenças quanto ao aprendizado do inglês se dissiparam e o que mais me marcou foi a tomada de decisão em algo muito importante que precisava ser resolvido naquele instante e que mudou minha vida para melhor”

Sr. Valter Vieira Ribeiro

“Tenho quinze anos e para mim esse curso de inglês que fiz no IDPH foi muito bom para o meu rendimento escolar, ficou muito mais fácil ouvir e aprender o inglês! O melhor de tudo é que saí do curso com muita confiança, meus comportamentos mudaram e o meu jeito de ver a vida ficou mais simples e óbvio. Pude tomar decisões importantes com muito mais facilidade e da maneira correta. Adorei! Não vejo a hora da nova escola de línguas inaugurar! Dou meus parabéns e muitas felicidades para a equipe do IDPH, que por sinal é muito atenciosa!”

Srt[a]. Priscila Palomo

“Quando ‘descobri’ o curso acelerado para línguas estrangeiras, imaginei que resolveria todos os meus problemas, mas o que realmente aconteceu foi uma completa surpresa. Foi uma oportunidade única, pois eu realmente fui me descobrir, entrei em contato com coisas que não esperava encontrar, e o objetivo inicial foi radicalmente alterado, o aprendizado praticamente passou para segundo plano, foi fantástico.”

Sr. Márcio Camillo

“Sempre gostei do idioma inglês mas, apesar de já ter algum vocabulário, não me atrevia sequer a tentar me comunicar nesse idioma. Tive a oportunidade de conhecer o trabalho que Walther Hermann desenvolve para o aprendizado de línguas estrangeiras em janeiro de 1.997, quando participei de uma das turmas, e a partir de então pude viver uma série de experiências, como, mesmo durante o curso, ter sonhado uma noite toda em alemão, sem conhecer conscientemente a língua, mas tendo no passado uma longa convivência com amigos que falavam alemão entre si. Alguns meses depois, embora eu não tivesse cumprido os exercícios recomendados, surpreendi-

me ao iniciar um diálogo em inglês com uma senhora chinesa que tentava me atender numa loja, algo absolutamente impensável até então. Pude ainda observar que passei a preferir não utilizar tradução simultânea nas palestras em inglês e que durante um lançamento em que o autor se apresentava em francês, a minha percepção estava muitíssimo apurada. Hoje, dois anos depois, a minha inibição é infinitamente menor e inversamente proporcional ao crescimento perceptivo. Iniciei recentemente um grupo para estudo e prática do idioma inglês e é notória minha rapidez no aprendizado, bem como a facilidade na comunicação."

Sr[a]. Sônia Bonici

A INTERPRETAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES PELO SEU AUTOR

Novos desafios se estabelecem para nossa humanidade, o mundo se fundiu num amálgama e em um minuto estamos nós diante do mundo que fala em línguas que conhecemos dos filmes estrangeiros, mas aqui não há legendas (figura do cavalheiro no cavalo).

Uma legião que parecesse ter se reunido de novo para erigir a imensa Torre de Babel após um longo descanso. Um caos promovido pelos homens que querem chegar ao topo, numa onda de cacofonia, mas o esforço às vezes só resulta na concretização de um mundo estéril, ressecado e quebradiço no qual não podemos confiar. De todo este esforço, às vezes o único resultado é o barulho de uma multidão que deseja se comunicar, mas não consegue.

Mas então chega o maestro (é assim que vejo Walther Hermann com sua obra) e sugere a harmonia.

Mais importante do que aprender a falar outra língua é aprender a entender o ser humano, e essa é a pauta da melodia que toca em nossa alma: a busca de um auto-conhecimento, o encontro da consciência da nossa condição humana e a possibilidade de compartilhar desta experiência única e vertiginosa que é viver.

A Torre de Babel, esse é um tema que compartilho com o Walther desde o início dos nossos trabalhos, quando tive a honra de ilustrar a capa de sua primeira obra, talvez ela esteja tão presente em meu trabalho por ser tão atual. Na minha opinião, a torre está sendo erguida de novo, com muita pressa e ganância e isso preocupa: será que nosso desenvolvimento predominantemente racional poderá nos destruir? (figura abordagem cognitiva).

Podemos reverter, cabe a nós o entendimento mútuo, não mais este entendimento somente racional e superficial. O sentimento (figura abordagem intuitiva) sim, é o que importa, pois a razão impele ao domínio (da natureza, das pessoas etc) e um conseqüente e impotente desejo de posse (figura do cabo de guerra).

Mas a posse é concessão, o domínio só existe quando o mais forte subjuga o mais fraco, porém na natureza as coisas apenas se relacionam(figura do dragão e do homem pensando na mesma cena). Acredito que é muita pretensão pensar que podemos agir diferente, afinal somos sujeitos às mesmas leis.

E se alguém perguntar, horrorizado com tamanha crise de valores:

- Mas e o poder? Que fará o homem se nada possui?

Minha resposta é que a posse não soluciona e nem garante, o homem poderoso é aquele que tem possibilidades, recursos. Então se nada possuímos e portanto nada dominamos, o nosso livre arbítrio permite INTERAGIR (figura do dragão voando com o cavalheiro).

E interação é a palavra, mágica como “abre-te, Sézamo”, que destranca as portas cerradas dos grandes potenciais.

Alguém, ao comprar este livro, pensa que poderá obter mais. Ledo engano, caro(a) leitor(a), pois se alguém vendeu este livro usando esse argumento, proteste, isso é um embuste.

Atenção, você não obterá mais, mas será mais pleno de si, usará melhor o potencial que tem guardado e sequer suspeita.

Um monge budista disse em uma importante conferência sobre o futuro do planeta Terra e da humanidade:

- Não devemos maximizar, devemos, sim, otimizar.

Ele se referia ao desperdício da produção agrícola e à crescente fome mundial.

Mas isso se aplica também a nossa vida, sacrificamos muito de nossa vida à revelia de nossos sentimentos, desperdiçando o que temos de melhor.

Agora imagine desperdiçar o que se tem de melhor. Walther disse para mim que o dragão é o símbolo do conhecimento e sabedoria e que existem dois tipos de conhecimento (um que é imediato e fugaz e outro que é universal e eterno); o segundo é o que carregamos dentro de nós, que é muito anterior a nós e persiste muito além de nossa existência física. Agora, imagine você sacrificar esse nosso dragão, querendo dominá-lo, decepando-lhe as asas, degolando-o, suprimindo sua existência num véu de insensibilidade.

Contava Trilussa, um poeta português:

“O porco disse para o burro no abatedouro:

- Adeus, amigo!

Ao que o outro respondeu metafisicamente, a despeito de sua natureza e seu medo:

- Adeus não, até logo. Nos encontraremos na mortadela.”

Espero que você não permita que nesta história protagonize você e seu dragão, num triste fim. Pelo contrário, faça com que a força de seu dragão interno o faça “voar” junto, dando uma finalidade muito mais nobre à curta existência humana (dragão voando com o cavalheiro).

Tão curta quanto maravilhosa, que às vezes penso que se um anjo vivesse essa experiência humana, que é arrebatadora, talvez não conseguisse mais voltar ao seu estado anterior, pois já teria absorvido o sopro original, vivendo um Deus introjetado, num coração cheio de entusiasmo e olhos ofuscados de esperança.

Da grande sinfonia sou apenas uma nota...

Gilson Domingues